MUSA PUERIL

DEDICADA

A' EXCELLENTISSIMA SENHORA

D. IGNES FRANCISCA XAVIER DE NORONHA,

Viscondessa de Barbacena,

POR SEU AUTOR

JOAM CARDOSO DA COSTA

Cavalleiro professo na Ordem de Christo, Juiz dos Orfaõs da Cidade de Lamego.

LISBOA OCCIDENTAL.

Na Officina de MIGUEL RODRIGUES, Impressor do Senhor Patriarca.

M. DCC. XXXVI.

Com todas as licenças necessarias.

DEDICATORIA
A' EXCELLENTISSIMA SENHORA
D. IGNES FRANCISCA
XAVIER DE NORONHA,
Viſcondeſſa de Barbacena.

SONETO.

HOje a Voſſa Excellencia, alta ſenhora,
Buſcar a minha Muſa determina;
Pois ſe huns viſos tem eſta de divina,
Nas graças por deidade vos adora.
A ſeus pueris conceitos vos implora,
Por atalhar a critica ruina;
E ſe a ſorte o favor feliz deſtina,
Naõ quer mais ſorte, da que alcança agora.
Brilhar ao reſplendor deſſa grandeza
Minha Muſa diſcreta ſó procura,
Deſempenhando aſſim toda águdeza:
Que bem publicará tanta ventura,
O conſeguir ſenhora neſta empreza
Ter a gloria por vós ſempre ſegura.

Criado de V. Excellencia

JOAM CARDOSO DA COSTA.

PROLOGO
AO LEITOR.

SONETO.

LEitor, que has de julgar minha Thalía,
Hoje ta offerto, ſe he que tu piedoſo
A ſentenceas menos rigoroſo,
Quando humildades ſó meu verſo envia.

Se eſta minha ignorancia em ti confia,
Tal vez em teu conceito eu fique airoſo;
Se bem o eſtilo meu pouco engenhoſo
Naufrague em metros de outra valentia.

E ſe ſem arte achares ter defeito,
Arte eu naõ vi, e menos minha Muſa
Chegou a ter liçoens de algum ſugeito:

Mas ſe ler o teu goſto a naõ recuſa,
Levanta ó Muſa a voz do teu reſpeito
Contra o Zoilo mordaz quando te accuſa.

Deos te guarde.

ELO-

ELOGIOS
AO AUTOR.

Da ſenhora Dona Maria Caetana Aurelia Dáli.

SONETO.

NA puericia florece com ventagem
Voſſa Muſa diſcreta, alta, elegante,
Tanto, que já de Apollo rutilante
Eſcurecida deixa a ſacra imagem.

Naõ ſe offende de ver que aſſi o ultrajem,
Delle meſmo já vendovos triunfante;
Pois vê, que neſte imperio de diamante
Glorias lhe augmenta a propria vaſſalagem:

Se atégora lhe deo cegueira humana
Do doce coro a heroica preſidencia,
Já deſte erro fatal ſe deſengana:

Pois conhece admirando eſſa eloquencia,
Que ſó a voſſa Muſa ſoberana
He digna de ſer deoſa da ſciencia.

Do Excellentiſſimo Conde da Ericeira Dom Franciſco Xavier de Menezes.

SONETO.

ERáto he ſó a Muſa, que a puericia
Novo, e ſuave Orfeo, tanto te apura,
Que te alimenta da porçaõ mais pura
Da Caſtalia na armonica delicia.

Da injuſta inveja a perfida malicia,
Se contra a melódia ſe conjura,
Perde ao toque da lira a voz impura
Da diſſonante, e barbara impericia.

No arco te deo Cupido de ouro o plectro,
E para preſervarte ao mortal dano
Te banhou no Caíſtro, e no Pactolo:

E amor, que te inſpirou taõ doce metro,
Naõ foy filho de Venus, e Vulcano,
Que em Eráto o formou o ardor de Apollo.

Del Doctor Pedro de Azevedo Tojal.

SONETO.

NO más te encũbres,no, q̃ oy ha ſubido
El buelo de tu pluma preeminente
Más allá donde el ambito luziente
Raya eſſe numen de explendor ceñido.

Eſte pues, que en tu pecho te ha influido
El calor ſacro de ſu lumbre ardiente,
Al iman de tu armonica corriente
Pare el curſo entre aſſombros ſuſpendido.

Y eſſe arbol racional, vegetativa
Deidad, en verde tronco trasformada,
Eſmalte de laurel tu frente altiva:

Porque en más noble victima empleada,
La que del Sol fue gloria fugitiva,
Offrenda a ti ſe vea conſagrada.

Do Doutor Caetano Joseph da Silva Souto Mayor.

SONETO.

INveje o numen Delfico preciofo
Taõ fonóra harmonia, engenho tanto,
Que unir difcreta frafe ao nobre canto,
Só vós, e Apollo, fingular Cardofo.

Attrahis como Orfeo, vulgo frondofo,
Sendo do Pindo admiraçaõ, e efpanto;
Naõ baftou fer de hum modo raro encanto,
Dobrais hoje os prodigios milagrofo.

Da penna os rafgos, fe da voz o alento,
Como elegantes remoras do ouvido,
Sufpenfoens equivocaõ do talento:

Pois fó vós, tendo o doce ao fabio unido,
Para fazer fuave o entendimento,
Fazeis entendimento de hum fentido.

Do Doutor João de Coimbra e Andrade.

SONETO.

SUſpenda a voz o ciſne, que ſe admira
Clarim do boſque, adulaçaõ do vento;
Que neſtes rithmos teu canóro alento
Mais ſonoroſas clauſulas reſpira.

Paſme aſſombrado, ſe invejoſo aſpira,
A'gloria de imitar teu doce accento;
Pois cantando eternizas o concento,
Quando o ciſne infeliz cantando eſpira.

Tu canta, cale o ciſne, pois ſe apura
A voz, he riſo da corrente clara,
A tua he paſmo da Hypocrene pura:

Canta, e o ciſne te ceda palma rara;
Pois ſe a morte o alento lhe apreſſura,
Teu canto a eternidade te prepara.

De Manoel Pereira da Costa.

SONETO JOCOSERIO.

EU louvarvos Cardoso, isso he engano;
Naõ me quero meter nesses debuxos;
Se eu tivera os que vós lograis influxos,
Tal vez que vos vestisse de outro pano.

Naõ friza bem co humilde o soberano;
Só para vós Caliope os repuxos
Da Cabalina larga; e eu destes fluxos
Ando sequioso quasi todo o ano.

Mas eu já vou entrando no terceto,
E atéqui nada disse; está galante!
O discurso anda bem desinquieto!

Ora vá desta vez; guardem-se diante;
Porém que vejo! O assumpto no Soneto
Naõ me póde caber, porque he gigante.

Do Doutor Antonio Joseph da Silva.

ROMANCE HEROICO.

CArdoso, á vossa Musa peregrina
A minha hoje elogialla intenta;
Ouvi pois, que vos canto em canto puro,
Ou seja applauso, ou já tributo seja.
Para applaudirvos com canoro acerto,
Invoco agora a vossa Musa mesma;
Que buscar outra Musa, injuria fora,
Quando a vossa ás mais Delficas supera.
Esse livro, esse pasmo esse prodigio,
Que aos indultos do bronze dais á imprensa,
Gloria eterna será do vosso nome;
Será de vossa fama huma trombeta.
Nelle se admira com fecundo estilo,
Do serio, e do jocoso a copia alterna;
O util misturado coa doçura,
Por mais saborear da alma as potencias.
Diversos genios com distintas frases
Feliz recopilastes nessa idéa,
De sorte, que das Musas todo o coro
Gratas vos suggeríraõ nessa empreza.

Vendo

Vendo do voſſo plectro a melodia,
Quem naõ confeſſará que he a voſſa vea
Produzida da fonte de Aganipe,
Que do Pindo a delicia inunda, e rega?
Se víra eſſe volume o meſmo Apollo,
Harmonia mayor á lira dera;
Porque unindo eſſe livro ao inſtrumento,
Faria conſonancia mais perfeita.
Quando no heroico ſublimais o plectro,
Sobre o meſmo Parnaſo mais ſe eleva,
Erigindo nos doutos penſamentos
Outro monte mayor de voſſas prendas.
E ſe do jovial fazeis apreço,
Eſcrevendo em dulcificas cadencias,
Helicona ſe eſgota em puro riſo,
Formando nos criſtaes claras diademas.
Cupido, e Venus já de agradecidos,
Vendo delles falaſtes com modeſtia,
Offrecem deſſe livro ás doutas aras
Venus os ciſnes, e Cupido as ſettas.
O meſmo Apollo para vós olhando,
Em ſeu proprio docel já vos hoſpeda,
E do verde deſdem da Ninfa caſta
Na cabeça vos poem huma diadema.
Naõ receeis que os Satiros ſilveſtres
Vos notem eſta acçaõ por indiſcreta,
Que em fim Satiros ſaõ, e como rudes
O ſatirico tem por natureza.

Dei-

Deixai, deixai que falem, e murmurem
Em petulantes vozes entre as ſelvas,
Que como outro holocauſto dar naõ podem
Rendem por ſacrificio a meſma inveja.
Nem vós foreis feliz, inſigne, e ſabio,
Se eſſe monſtro da inveja naõ mordera,
Que dos dentes da fera mais horrivel
A Cadmo compoz as doutas letras.
Suba pois meu Cardoſo o voſſo nome
Do ſublime bicornio á verde esfera;
Ou cos pés ſoberanos deſſes verſos,
Ou com os vôos gentis da voſſa penna.

De Manoel Pereira da Costa.

DECIMA.

NO Pindo conventual
Da voſſa Muſa o primor
No diſcorrer, e compor
He ſó Muſa magiſtral:
Eſte nome lhe he cabal,
Naõ o que tem de pueril;
Pois na graça, e no ſutil
Tanto ás mais ſabe exceder,
Que bem ſe chega a entender,
Que he já Muſa varonil.

LICENÇAS DO S. OFFICIO.

VIstas as informaçoens, póde-ſe imprimir o livro intitulado Muſa Pueril; e depois de impreſſo tornará para ſe conferir, e dar licença, q̃ corra, ſem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental 13. de Agoſto de 1734.

Fr. R. de Lancaſtro. Teixeira. Silva. Cabedo. Soares.

Do Ordinario.

POde-ſe imprimir o livro de que ſe trata, e depois de impreſſo tornará para ſe conferir, e dar licença, para que corra. Lisboa Occidental 22. de Março de 1735.

Gouvea.

Do Paço.

QUe ſe poſſa imprimir; viſtas as licenças do ſanto Officio, e Ordinario; e depois de impreſſo tornará a eſtá Meſa para ſe conferir, e taxar, e dar licença, que corra, ſem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental 11. de Novembro de 1735.

Pereira. Teixeira.

VIſto eſtar conforme com o original, póde correr. Lisboa Occidental 12. de Junho de 1736.

Fr. R. de Lancaſtro. Teixeira. Silva. Cabedo. Soares. Abreu.

VIſto eſtar conforme com o original, póde correr. Lisboa Occidental 12. de Junho de 1736.

Gouvea.

TAxaõ eſte livro em trezentos reis em papel, para que poſſa correr. Lisboa Occidental 15. de Junho de 1736. *Pereira. Teixeira. Rego.*

ADVERTENCIA DO AUTOR.

Se acaſo algum erro achares,
Facil ha de ſer a emenda;
Pois nem o mayor cuidado
O pode evitar na impreŋſa.

INDEX
DA MUSA PUERIL.

SONETOS.

§§ *De-*

OITAVAS.

SILVAS.

ROMANCES.

ENDEXAS.

DECIMAS, E GLOSAS.

INDEX
DA MUSA PUERIL
Jocoſeria.

SONETOS.

OITAVAS, SILVAS, E ROMANCES.

Por boca de hum Esquelleto.

SONETO I.

TU, que vives no mundo descuidado,
Como eu vivi tambem,quando vivia,
Olha bem para mim se quer hum dia;
Porque quero que vás desenganado.

Já como assim te vês, fuy animado,
Corpo gentil de airosa galhardia,
Mas a morte levoume a bizarria,
E neste horror, que vês, fuy transformado.

Imprime na memoria esta lembrança,
Por boca destes óssos proferida,
E poem em Deos,q̃ he Pay, toda a esperãça:

Que se hũa eternidade te convida,
Este meu desengano a vida alcança,
Porque fujas aos danos dessa vida.

MOTE.

Momento, donde pende a eternidade.

GLOSA.

SONETO II.

CAminhante, que corres apreſſado
No caminho da culpa deſgraçada,
Poem já termo a eſſa vida depravada
No arrojo fatal do teu peccado.

Repara que o caminho eſtá acabado,
Poſto ignores o fim deſſa jornada,
Que nunca tarda a morte acelerada,
Quando menos a eſpera o deſcuidado.

E ſe vês, caminhante, he infallivel
Ser deſpojo da morte a humanidade,
Teme eſſe inſtante em tudo taõ horrivel:

E ſe queres achar felicidade,
Vê, que ſó tens agora o mais terrivel
Momento, donde pende a eternidade.

A' fragilidade da vida.

SONETO III.

DEsvela-se huma rosa, madrugando
Só para ver do Sol a formosura;
Porém tanto que o avista, com brandura
O mesmo Sol a vay amortalhando.

Da purpura o mais vivo desmayando,
Fica sem cor, sem alma, e sem figura;
Porque o que tinha bom, pouco lhe dura
No caduco prazer, que foy buscando.

Vio-se a rosa fragrante, e foy crescendo,
Mas em taõ breve vida perde o norte
Com a pompa infeliz, que vay perdendo:

Vê-se no homem louco a mesma sorte,
Pois do pueril estado vay correndo,
Para estrago do bem, ao mal da morte.

A' serenissima Senhora Infante D. Francisca, dado por huma minina indo beijarlhe a maõ.

SONETO IV.

INfante soberana, alta Princeza,
A quem do Sol se rende a magestade,
Tanto, que no Zenith perde a igualdade,
Eclipsandolhe a luz vossa belleza.

Eu, que prostrada estou, tanta grandeza,
Louvar pertendo aqui na immensidade
Do favor, que alcançou minha vontade
No real beijamaõ de vossa Alteza.

E se agora louvar podesse tanto,
Quanto a vosso esplendor vos he devido,
Meu louvor vos daria em outro canto:

Mas inda que outro fosse alto, e subido,
Como sois da belleza regio encanto,
Chegando a vós, pasmára de atrevido.

Chorou

Chorou lendo o estrago, e destruiçaõ de Hespanha quando a tomáraõ os Mouros.

SONETO V.

JAz cuberta de horror com triste manto
A grandeza de Hespanha, e galhardia,
Quando cortada ao golpe de hum só dia,
Fez esquecer de Troya todo o espanto.

Esta desgraça hoje inda o meu pranto
Lhe faz em triste mágoa companhia;
Pois tem razaõ, perdida a Monarquia
De hum catholico Rey, de hũ Reyno santo.

Lagrimas vinde na memoria tristes,
Correi lagrimas sempre bem choradas;
Pois vossa mágoa nesta perda vistes:

Sahi, sem que já mais fiqueis cansadas;
Fazei patente a pena, que encubristes
No centro de meu peito retardadas.

Saliendo Filis al prado.

SONETO VI.

VEnga en buena hora al prado tu belle-(za,
Venga mi bien, mi sol, y mi alegria,
Venga aumentar tu luz la luz del dia,
Venga hazer más durable mi firmeza.

Venga una vez, y muchas tu grandeza,
Pues que tu flor el campo appetecia;
Y si tu gala al suelo gloria embia,
Más gloria alcança una alma, q̃ está preza.

Toda el alma, que tengo, te he offrecido,
Toda mi libertad tienes segura,
Sin que llegue al estrago aun del olvido:

Llegue mil vezes, quien mi amor procura
Pues si miro que triunfas de un rendido,
Más me offrece el amor en tu hermosura.

A Filis vestida de branco.

SONETO VII.

APpareceo de tarde a formosura,
Vestida de candor, e sendo Aurora,
Inda de tarde he Sol, que o peito adora,
Quando em amor taes vistas me segura.

Naõ tem mais que buscar minha ventura;
Pois alcançando o bem, que tenho agora,
Como vivo de amor, gloria naõ fora,
A naõ trazella o Sol, que amor procura.

Dita mayor será, se o Sol constante
Da belleza, em que vivo transformado,
Me sustentar nas luzes, como amante:

E se he timbre do Sol dar seu agrado,
Hoje ao bello candor, puro, e flãmante,
Me dou tambem de hum Sol, q̃ amor me ha
(dado.

Dedicando-se unas Cantatas.

SONETO VIII.

A Ti sonora voz, que armoniosa
Endexas dulces, suavidades cantas
Con tal primor, tal gracia, que llevantas
En alto estilo rima prodigiosa:

A ti solo oy consagra arto gostosa
Mi voluntad en solfa estas gargantas,
Pues que a todos cantando nos encantas
Con tu dulce armonia más gloriosa.

Ampara pues altiva estos assentos
Muertos al libro, y en ti voz convida,
Entonando al cantar muchos portentos:

Y porque en ti la suavidad combida;
Gusto fue dedicar a tus alientos
La dulce gloria a tu plazer unida.

A Fi-

A Filis, que pidió un retrato echo solo de una tinta.

SONETO IX.

PEdísme, Cloris, el retrato mio,
Que solo de una tinta vá pintado;
Mas como negro soy de vuestro estado,
Echo de mi color aqui lo embio.

Negro el cabello, cejas de un desbio,
Noche la frente, campo trasquilado,
Ojos en blanco con su poco agrado,
Nariz de concha, todo expuesto al frio.

Labios grosseros, dientes en batalla,
En dos hileras blancos esquadrones;
Ancha la barba porporciones talla:

Las dós orejas son dós eslabones;
El negro cuello con cadena se halla,
Manos cautivas, plantas en grillones.

A mu-

A mulher de Isaac Eliote no tempo da sua morte.

SONETO X.

SUspende esposo o golpe á dura espada,
Que este sangue, que insultas homicida,
Se a correr lá me leva a doce vida,
Em meu peito me deixa a fé guardada.

Suspende, outra vez digo, a maõ armada
Pois esse mal, que emprende de atrevida,
Naõ me move a chorar de enternecida,
Quanto me obriga o verme desprezada.

Se cuidas te offendi, amor me ordena,
Que só de amarte alcance alta victoria,
Quando de ingrato aqui mais te condena:

Se me queres mandar já para a gloria,
Acabando no mundo a tanta pena,
Minha alma irá, mas naõ minha memoria.

Pedindo cantem de amor.

SONETO XI.

SE os affectos de amor cõ mil ſentidos
O coraçaõ inquietaõ nos cuidados,
Com razaõ tem aſſim os namorados
Certo alivio no canto a ſeus gemidos.

Os amantes em penas mais perdidos,
Que ſacrificaõ firmes ſeus agrados,
Tambem cantando vaõ em ſeus eſtados
Os delirios de amor mal repartidos.

Se tudo em fim cantando ſe alivia,
E com vozes ſe explicaõ os conceitos
De paixaõ, de triſteza, ou de alegria:

Qual ſerá, q̃ naõ cante entre os defeitos
Do meſmo amor a grande valentia,
Com que vence, e deſtroe tantos reſpeitos?

Declara a Filis o amor, que tinha occulto no peito.

SONETO XII.

HUm coraçaõ em penas suffocado
Cõ os tiros de amor mais combatido,
Amante se publica supprimido,
Antes que morra de outro amor vendado.

Hoje alívio pertende a seu cuidado,
Quando se vê sem alma, e sem sentido;
Que tal vez por falar seja attendido,
Ou tambem por chorar seja aliviado.

Chora cantando cisne descontente
Penas, sustos, delirios na impiedade
Dos effeitos crueis, que na alma sente:

Mas se busca de Filis a piedade
No publico, achará seu mal ausente
Nos creditos de amar huma deidade.

Pelos consoantes de hum Soneto de Camoens.

SONETO XIII.

SEte mezes de amante Enio servia
A Ismenia gentil, formosa, e bella,
Ardendo em vivo fogo só por ella,
Que em taes chãmas ser Feniz pertendia.

Eis que chegando o desejado dia,
Que entre os mais destinára para vella,
A amada prenda usando de cautella,
O bem lhe nega, que elle achava em Lia.

Vendo Enio porém, que havia enganos,
De quem imaginava fiel pastora,
Entendendo que a tinha merecida:

Começa a lamentar mezes por annos;
Querendo já matarse, se naõ fora
Para acabar já tarde a curta vida.

Nas

Nas falsidades de Anarda.

SONETO XIV.

ANdo enfermo de amores por vossé,
Vossé morre de amores por quẽ quer,
Se pirraças ainda quer fazer,
Eu para amar ainda tenho pé.

Como a vi com amor, claro se vê;
Que naõ posso deixar de lhe querer;
Pois deixalla será sempre morrer,
E naõ vella tormento, porque o he.

Desde que eu a vossé só me entreguei,
Meus olhos naõ buscando a mais ninguem,
Quer que agora se diga me enganei?

Ora senhora ingrata aqui me tem;
E se eu tanta firmeza lhe ensinei,
As mudanças, que faz, naõ dizem bem.

Epi-

Epitafio na ſepultura de Filis.

SONETO XV.

JAz aqui ſepultada a formoſura
Daquella, que foy Sol, quando vivia;
A qual hoje gozando a luz do dia,
Lá no Empyreo alcançou melhor ventura.

Vê, caminhante, como mal ſegura
A lindeza no mundo ſe avalia;
Pois eſta caducando ſe perdia,
Por caminhar taõ cedo á ſepultura:

Aqui contempla em funebre apparato,
Toda a pompa do mundo, todo o effeito
De tudo, a que ha de ſer fiel retrato:

E verás que naõ póde algum ſugeito,
Poſto pareça firme no ſeu trato,
Paſſar, ſem vir a dar neſte defeito.

A hum

A hum acampamento de Castelhanos, os quaes rechaçados pelos Portuguezes perdérão a batalha, morrendo muitos, e fugindo os outros.

Deraõ-se os consoantes forçados.

SONETO XVI.

VIeraõ petiscarnos no ferrolho
Os Hespanhoes cõ guerra, e cõ trabalho,
Mas leváraõ de nós hum grande talho,
Que a muitos fez cerrar depressa o olho.

Vendo que os affogava tanto môlho,
Mostráraõ forças ter só de espantalho
Com temor do fatal bellico orvalho,
Que ás costas lhe nadava como solho.

Fugiaõ, e morriaõ como milho,
E sem terem na morte outro aparelho,
Nas covas se deitavaõ como entulho:

Houve pay, que ao ficarlhe alli seu filho,
Nem a si pode darse a bom conselho,
Lamentando este mal no mez de Julho.

A hum

A hum amigo.

SONETO XVII.

SE o amigo Pereira aqui tornar,
Este Soneto meu logo lhe dem
Em paga de outro seu, que inda naõ vem,
Nem virá, senaõ quando elle o deixar.

Mais lhe diraõ tambem, que de o naõ dar,
Eu tornarlho a pedir naõ me convém;
Porque entre hum, e outro homem de bem
He força ao promettido naõ faltar.

E se elle tem feiçaõ, como atéqui,
Que naõ queira perder o que ganhou,
Pois tambem nunca perde para mi:

E se acaso entender, que me logrou,
Tambem lhe digaõ, que olhe para si;
Pois só logrado fica o que enganou.

Ao naſcimento de huma ſenhora.

SONETO XVIII.

Mudo em ſilencio o orbe de admirado
Aplaudirte naõ póde o naſcimento,
Reconhecendo indigno o ſeu talento,
Iá ſuſpende o louvor, fica paſmado.

-

A mayor ſuſpenſaõ do ſeu cuidado
Conhecida ſe vê neſte portento;
Logo ao naſcer Maria em tanto augmẽto
Aſſombro á terra, ao ceo ſol animado.

-

Razaõ o mundo tem de eſtar ſuſpenſo
A tal prodigio; ao naſcimento claro
Real ſol em ſua aurora mais intenſo:

-

Oh como certo he, ſe hoje reparo,
Zenith ſempre ha de ter por ſol immenſo
A que naſce do illuſtre, e do preclaro.

Ao

Ao mesmo assumpto.

SONETO XIX.

PAre o Sol suspendendo o ser luzido,
Tornem-se sõbras já seus resplẽdores,
Pois produzindo o Ceo novos favores,
Outro sol nos dá hoje renascido.

Das estrellas o illustre esclarecido
Naõ admire ao fulgor de seus ardores,
Quando já neste mundo superiores
Luzes confunde hum astro produzido.

Mas quem he este sol, q̃ o Sol esconde?
Quem eclipsa as estrellas nesta hora?
Quem ha de ser? Anarda nos responde:

E ella mesma será, pois nasce agora
Mais que estrella, e q̃ Sol no mundo, aonde
Os astros a celebraõ como aurora.

Despedida.

SONETO XX.

A Deos ingrata, a Deos, que a tyrannia,
Que vejo em ti, me obriga a retirarme,
E se tenho motivos de apartarme,
Mais que a razaõ, de ti já me desvia.

Já naõ sente meu peito, o que sentia
No principio, em q̃ amor veyo a abrazarme,
Mas se hoje teu intento he desprezarme,
Tambem deixarte agora he valentia.

Naõ poderei dizer, que naõ te amava,
Nem tu podes negar, que me quizeste;
Pois que amor nossos peitos dominava:

Mas se já taõ ingrata te fizeste,
Verás no meu retiro o que faltava,
Para ver no teu mal, quanto perdeste.

A's bellas maõs de Amarilis.

SONETO XXI.

ESses de neve assopros galantinhos
dedos, que as maõs animaõ delicados,
Se saõ bellos ladroens para os cuidados,
Alma, e vida tambem saõ dos carinhos.

Buscou a natureza esses caminhos,
Para em glorias nos dar vossos agrados,
Nos olhos luz em rayos transformados;
Porque as maõs naõ só fossem feiticinhos.

Mas se elles só prendem liberdades,
Bem se podem jactar nossas finezas,
Quando dívidas saõ nossas vontades:

E como tendes mais outras lindezas,
Quando nas maõs vos vejo divindades,
Vos confesso deidade entre as bellezas.

Em applauso de hum livro manuscrito das obras de Fr. Pedro de Sá, e Fr. Lucas de S. Catharina.

SONETO XXII.

LEvanta a voz, ó Musa, agora entoa
Com mais sonora voz verso elegante
Em louvor deste livro, que constante
Com applauso immortal na fama voa.

Circumde o teu louvor toda Lisboa
Desde o grande, e pequeno ao arrogante;
Porque ouvindo essa voz comtigo cante
Glorias de hum livro, q̃ hoje o mundo atroa.

Dalhe louvor, se queres achar gloria,
Que pois a seus authores lhe he devida,
Sirvalhe este padraõ para a memoria:

Dalhe louvor, e dalhe a mesma vida,
Que se tu queres, Musa, achar victoria,
Nestas obras a tens restituida.

Desengano.

SONETO XXIII.

QUando de amor fiei minha vontade,
Achei sempre enganada a fantasia;
E esperando de hum dia em outro dia,
Só no mal alcancei toda a verdade.

Naõ me trazia a sorte outra bondade,
Posto o prazer no bem mo promettia,
Que huma esperança, e outra me trazia
Em grilhoens, arrastando a liberdade.

Nisto os annos passava, e a esperança,
Nova vida augmentava a meu cuidado;
Sem que do mal já mais visse a mudança:

Mas como assim cheguei a estar cansado,
Tarde a fortuna achei, de quem alcança
Pela experiencia o ser desenganado.

Ao nascimento de hũa senhora.

SONETO XXIV.

VEja o zafir esfera mais radiante (do;
Ao nascer de hũ portẽto mais profun-
Saya o Sol a dar luz por todo o mundo,
Achará outro sol, que he mais constante.

Mas quem direi, que logra rutilante
Tal esplendor no alento mais jucundo,
Se a razaõ,que convence,e em'q̃ me fundo,
Em Beliza se vê de instante a instante?

Novo sol sem eclipse ao nascimento
Hoje se ostenta nos brazoens,que acclama,
Quando em grandeza vence ao pensamẽto:
(ma,
Mas se benigna em luz, ao mundo inflã-
Naõ tem mais que buscar este portento,
Pois que vence o louvor da mesma fama.

Diffinição do amor.

SONETO XXV.

(to,
HUm naõ sey q̃ de gloria, e de tormen-
Hum és, naõ és de gosto, e de alegria,
Huma paixaõ, que engana a fantasia,
Me traz entre o pezar contentamento.

Huma afflição cruel entre o lamento,
Huma doudice em hum, e outro dia,
Huma doce esperança, em que se fia,
Me dá conforto ao bem no pensamento.

Hum tal desassocego, que me rende,
Huma valente dor, que me naõ cança,
He, a que mais me mata, e naõ me offende:

Isto he amor, que posto em fiel balança,
Se a cousa amada com mais fé se attende,
Nunca se sabe o fim a huma esperança.

Na morte de Tirſe.

SONETO XXVI.

A Hum golpe fatal a formoſura
Chegou a delirar, ou a partirſe
Aquella, a quem amor ſabía unirſe,
Hoje lhe cobre a gala a ſepultura.

Que grande confuſaõ, triſte figura
No peito de Fileno ha de ſentirſe!
Pois ſe em horror contẽpla a meſma Tirſe,
Sem alma fica, faltalhe a ventura.

Chora Fileno, chora deſcontente,
Deſcanſa Tirſe lá no ethereo aſſento,
Pois naõ podeſte ſer cá permanente:

Mas ay Fileno, que no deſalento
Te vejo a mágoa, que o teu peito ſente,
Por perderes em flor, vida, e portento.

Ao estrago de Campo Mayor.

SONETO XXVII.

AQuella, cuja força inconquistavel,
poz ao forte Leaõ respeito, e medo,
Hoje a estrago fatal de alto segredo
Na ruina se vê mais lamentavel.

Foy de Campo Mayor praça admiravel
Na constancia Marcial alto rochedo;
E agora sem ter fórma, nem penedo,
Terror he de si mesma incomparavel.

Se o furor de hum só rayo tantas vidas
Levou á morte, em fogo rebentando;
Temaõ-se as mais, e vivaõ prevenidas:

E se no ar as pedras vaõ mostrando
Em seu destroço as culpas cõmettidas,
Portugal chore, a praça edificando.

Prégando S. Antonio aos peixes do mar Armino.

SONETO XXVIII.

PAsmo do mũdo Antonio entaõ florece,
Quando do povo Armino naõ ouvido,
Que do heretico peito o endurecido
Só com assombros deste mal se esquece.

Voltou-se ao mar Antonio, e reconhece
Entre peixes o fruto pertendido,
Que quando de homẽs he pouco attendido,
De irracionaes as attençoens merece.

Convertidos em fim de assombro tanto,
O racional confessa a divindade
Em milagres no mar, glorias do Santo:
Mas naõ me admiro aqui triunfe a ver-(dade,
Pois o que mais me admira, e causa espanto,
He ver de Santo Antonio a caridade.

Vendo

Vendo humas senhoras represen-tar os encantos de Medea.

SONETO XXIX.

SE póde a Musa aos ambitos do ouvido
Exprimir os assombros do elevado,
No que vio em bellezas transformado
Publique nos encantos do sentido.

Tudo prodigios ao mais bello unido
Leváraõ attençoens no equivocado,
Se de Medea a encantos no tablado,
Formosuras a assombros no attendido.

Nem Timantes com toda a valentia
Podéra debuxar em copia pura
Tanta, que ao Sol belleza escurecia:

Encantos já seraõ da formosura,
Pois que alcançou Medea neste dia
Tanto ceo, mayor sol, tanta ventura.

Castigando hũa senhora formosa a hũa filha formosissima.

SONETO XXX.

SUspende a maõ, ó bella formosura,
Que offendes a innocente gentileza,
Que se tanta te deve ter belleza,
Tanta agora te deva ter ventura.

O rigor só em sombras assegura,
E póde bem notarse essa estranheza;
Pois quem vê tal castigo a tal pureza,
Te julgará taõ bella como dura.

Se improprio vem a ser a huma deidade
Dar pena, e naõ perdaõ entre os favores,
A lindeza deslustra essa impiedade:

Suspende pois o impulso a teus rigores,
Que merece a innocente esta piedade,
Merecendo por tua os teus amores.

A' cele-

A' celebridade dos annos de hũa ſenhora.

SONETO XXXI.

DEſte illuſtre concurſo a gentileza
Celebra de Filena os claros annos,
Que fugindo da Parca, e de ſeus danos
Nas fortunas ſe alcançaõ da firmeza.

Hoje o bello da Corte em tal grandeza
Lhe annuncía nos cultos ſoberanos
Mil ſeculos de vida entre os humanos
Nos holocauſtos puros deſta empreza.

Neſte exemplo já todo o mundo unido
Applaudindo em Filena os reſplendores,
Puro ſol a contempla em ſeu ſentido:

Todos tributaõ culto a ſeus favores,
E ſe numéraõ annos no florido,
Ninguem póde izentarſe a ſeus amores.

Soneto, que se puso a un lado de un retrato de la muerte.

SONETO XXXII.

PAssagero, que vás para la muerte,
Repara un poco en el presente espejo;
Y si curriste mal con tu despejo,
Buelve los ojos, y hallarás tu suerte.

Por más q̃ huyas, has de hallar más fuerte
La dura muerte, con que te assemejo;
Y si aun no te vence mi consejo,
Lo mismo que tu eres te despierte.

Si naciste mortal, porque no miras
La breve duracion de tu contento,
Quando caduco a lo caduco aspiras?

Mas si entregaste tu plazer al viento,
Y no contemplas las eternas iras,
Assi tu fin será, mirale atento.

SAUDADES DE FILIS

POR SE APARTAR DE FILENO;

E DE FILENO,

SENTINDO A AUSENCIA DE FILIS.

PRIMEIRA PARTE.

I.

TU,que a cãtar me obrigas neſta idade,
(Muſa gẽtil)me inſpira hũ doce alẽto;
Porque amor hoje eſcreva com verdade
De dous peitos o grande ſentimento :
E ſe vencida tens minha vontade,
Ajuda-me a ſentir doce o tormento;
Pois ſendo de ſaudades a lembrança,
Eſcreva a penna, quanto a pena alcança.

II.

Naquella idade juvenil, que a vida
Alenta no calor dos tenros annos,
Quando a verdura por estar florída,
O melhor bem naõ vê nos desenganos:
Vivia Filis já de amor rendida,
E Fileno tambem entre os enganos,
Com que a varia fortuna lisongea
Os coraçoens, que amor mais senhorea.

III.

Entaõ viviaõ no prazer da gloria
Fileno, e Filis na melhor ventura,
Quando em recreaçaõ desta memoria
Parecia gozar da formosura:
Sendo os premios entaõ desta victoria
Os requebros mais doces da ternura;
Pois o placido tempo lhes mostrava,
Que em dous peitos o amor se eternizava.

IV.

Qual Rola meiga o ramo assim girando
Em torno da carissima consorte,
Os amantes sussurros espalhando,
Mostra em doces requebros amor forte:
Tal de Fileno, e Filis foy mostrando
Nos symptomas de amor felice o norte;
Pois mutuamente o gosto, que alcançavaõ,
Era feliz no bem, com que se amavaõ.

V.

Neste estado se achavaõ seus amores,
Sendo o gosto de hum do outro a vontade;
E sem verem a cara a desprimores,
Do cego deos naõ viaõ a crueldade:
Pois possuindo o bem, nunca os rigores
Se atrevéraõ a Filis por deidade;
Porque esta dita assim só se alcançava
Na esperança do bem, que se esperava.

VI.

Cada hum entendia, que durasse
Este mutuo prazer, esta alegria,
Sem que o tempo cruel os apartasse
Deste laço, que eterno parecia:
Mas como a sorte entaõ mais se indignasse,
Lhes fez novo tormento cada dia,
Dando os longes da ausencia á formosura
Desmayos n'alma, mortes na ventura.

VII.

Já se hia declarando este retiro
Contra o gosto dos dous, q̃ mais se amavaõ;
Mas vendo, que a fortuna dava hum giro,
Para o pranto cruel se preparavaõ:
Pondo a vida na pena, a alma em suspiro,
No desgosto fatal, em que se achavaõ,
Entrava cada qual no seu lamento
A chorar, mais que fero, este tormento.

VIII.

Assim como a avezinha, que cantando
Se acha em prazer, no ramo descuidada
Do cruel caçador, que a vay buscando;
Assim Filis vivia descansada:
Porém tanto, que o mal lhe foy chegando,
Achando-se sentida, e lastimada,
Rompe em soluços, falla desta sorte,
Como em pena do mal, perto da morte.

IX.

Ay querido Fileno, ay doce amigo,
Vida deste meu peito, alma da vida,
Que hoje o fado cruel, hoje inimigo
Contra o peito se oppoem fero homicida:
Sem reparar, que estando tu comigo,
Póde ser cousa estranha, e nunca ouvida,
Que dividir-nos queira esta crueldade,
Sem que já mais de nôs tire a amizade.

X.

Este cruel retiro, este tormento
Hey de sentir Fileno de tal sorte,
Que sem q̃ embargue a vida o meu lamento,
Compaixaõ hey de dar á mesma morte:
Pois em tormento tal meu sentimento,
Por ser injusto aqui, será taõ forte,
Que penhascos arranque de seu centro,
Ficando a terra compassiva dentro.

XI.

Naõ te pareça amor, que da ſaudade
Deixará de matarme a tyrannia;
Pois neſte doce amor minha vontade
Mais tormentos deſeja cada dia:
Porque a fineza, quando me perſuade,
Poſto que eſſa dor ſente, anda á porfia,
Buſcando nos tormentos mais horriveis
Nova gloria alcançar nos impoſſiveis.

XII.

Nem te pareça, que eu pertendo agora
Conſolaçaõ ao mal, que me laſtíma;
Pois ſe auſente has de eſtar, deſgraça fora
Buſcar conforto, quando o mal me aníma:
Que ſó no ſentimento ſe melhora,
Quando o amor de quẽ ſente, á fé ſe arrima;
E aſſim como te adoro neſte exceſſo,
Nunca alívio terei no que padeço.

XIII.

E ſe ſabes o amor, com que te eſtimo,
Se conheces, que a gloria de quererte
He doce bem, e bem, em que me anímo,
Qual ficarei na pena de perderte?
E ſe foges levando-me eſſe mimo
Entre o cruel rigor para naõ verte;
Como ha de ſer vivendo deſta ſorte,
Se com viver naõ vejo mais, que a morte?

XIV.

Ay doce amor, lhe reſpondeo Fileno,
Adorado feitiço, emprego da alma,
Que eſſe tempo ſerá forte veneno,
Em que da mayor dor eu leve a palma:
Se no meu coraçaõ já tanto peno,
Certo acharei em rigoroſa calma
Outro novo calor no meu lamento,
Que até mate minha alma no tormento.

XV.

Ay adorado bem, Filis querida,
Como queres, que viva hum deſgraçado,
Se ao meſmo tempo, que eſpera a vida,
Acho mil mortes no tyranno fado:
Pois na auſencia, que fazes, de homicida,
Levas o timbre, quando amortalhado
Deixas meu coraçaõ; e o teu amante
Neſta pena a morrer de inſtante a inſtante.

XVI.

Já ſe acabáraõ Filis as delicias,
Se he que chego, meu bem, hoje a perderte;
Nem já mais lograrei neſſas caricias
A gloria, que alcançava ſó com verte:
E ſe o mal taõ cruel neſtas ſevicias,
Maltratando-me a mim vem a offenderte;
Como vivo de amarte por extremo,
Neſta auſencia o meu fim já certo temo.

XVII.

XVII.

Se he teu intento experimentarme agora,
Foge cruel, mas ay, ſuſpende, e para;
Que naõ he juſto, que eſſa bella aurora
Me deixe em ſõbras,quando eſtá mais clara:
Que ſe o meu mal na ſuſpenſaõ melhora,
Naõ terá que temer, quando repara
Na ſuſpenſaõ do bem, que amor intenta,
Quando a gloria de verte a vida augmenta.

XVIII.

Se tu es o prazer,em que eu vivia,
Se comtigo vivia o meu cuidado,
Como he poſſivel, que huma tyrannia
Nos divída inquietando noſſo eſtado?
Mas ay amor, que a pena deſte dia,
Como traz o meu fim taõ apreſſado,
Já delirante em vozes, e em ternuras
Vejo fracas as ditas, e as venturas.

XIX.

Ay naõ chores Fileno, ay vida minha:
Tornava Filis a dizer choroſa,
Que como o peito laſtimado tinha,
O roſto eſtava convertido em roſa:
Tomava as cores, que á paixaõ convinha,
E como flor cobarde, e vergonhoſa,
Naõ ſabía no mimo de ſeu roſto
Tomar alento, onde achaſſe goſto.

XX.

Ay, Fileno dizia, ay prenda amada,
Que essa tua paixaõ mais me atormenta;
Pois quando assim te vejo a cor mudada
Vou vendo o mal, que a pena representa:
E se a pena, que tens, por elevada
No teu rosto se vê, já ella intenta
Dar a entender o mal, que nos procura,
Quando delle se eclipsa a formosura.

XXI.

Naõ entendas Fileno mais querido,
Que te póde deixar minha vontade,
Pois o Sol perderá o ser luzido,
Secará desse mar a immensidade,
Antes que vejas meu amor perdido;
Pois tanto hey de adorarte na saudade,
Que farei, que esses montes em ternura
Sintaõ meu pranto em tanta desventura.

XXII.

Já naõ duvido Filis, que entre dores
Passarás essa vida lastimosa;
Mas quando perco em ti tantos favores,
Como hey de estar em vida taõ penosa?
E se ficaõ em nós tantos rigores,
Naõ sofrerei que a sorte rigorosa,
Te lastime cruel na dura ausencia,
Fazendo-te o pezar, tal insolencia.

XXIII.

XXIII.

E menos sofrerei, vendo te ausentas
Para onde o fado quer, como inimigo,
Que posto tu ahi o verme intentas,
Inda que vá, naõ posso estar comtigo:
Pois neste mar de penas, e tormentas
Taõ crueis tempestades sempre sigo,
Que inda, que chegue ao porto desejado,
Nunca fico, chegando, descansado.

XXIV.

Bem sey q̃ o sentes, mas como he forçoso
Deixarte meu Fileno em tal partida,
Considera tambem como amoroso,
Que em teus braços te deixo a cara vida:
E que deixo tambem o gesto airoso
Do prazer de teus olhos nesta lida,
Vindo a ser hoje o mesmo, que me alenta,
Hum mal, q̃ fere, hum bem, q̃ me atormenta.

XXV.

Caminha hum rio para o mar seguro,
Porque cuida no mar achar socego;
Mas o mar prateando hum forte muro,
Como furioso em seu desassocego,
Lhe recebe em tormenta o cristal puro;
Assim meus olhos no meu pranto cego
Buscando alivio, topaõ nos pezares,
Mares de penas, penas a milhares.

XXVI.

XXVI.

Naõ posso, naõ, amor, nem he possivel
Achar hum breve alivio a meu tormento,
Que como o mal, que choro, he taõ terrivel,
Já mais póde esperar contentamento:
Porque hũa ausencia tal, sendo invencivel,
Além de ser pezada no lamento,
Traz por tua comsigo hum mal taõ forte,
Que he mais terrivel, q̃ o da mesma morte.

XXVII.

Ay meu Fileno, quando sinto a pena,
Mais me valêra naõ viver no mundo;
Pois quando o fado apartar me orden a,
Este tormento vejo taõ profundo:
A minha vida para o mal pequena
Venho a julgar, e com razaõ me fundo,
Pois hũ taõ grande mal dentro de hũ peito
Vida naõ deixa para o ter sujeito.

XXVIII.

Porém se o mal desta paixaõ me offende
Se me persegue a dor, que me atormenta,
Como alentarse o coraçaõ pertende,
Quando o sepulta pena taõ violenta?
E se o fado cruel matarme emprende
Na mudança, que o estado representa,
Com tudo a gloria nunca deixo agora,
Pois que a minha alma no teu peito mora.

XXIX.

XXIX.

Porém se hey de ausentarme em terra (alhea,
E te levo por alma de meu peito,
Certo has de estar, que encantos de Serea
Naõ te podem mudar noutro sujeito:
Pois mais depressa esse regato a area
Converterá em ondas contrafeito,
Do que te falte minha fé taõ pura
Na firmeza de amarte mais segura.

XXX.

Tu bem sabes Fileno, que à vontade
De quem me deo o ser, he que me ausenta,
Que eu naõ posso fugir desta impiedade,
Que o paternal dominio me accrescenta:
Mas chorando comtigo esta saudade,
Taõ grande mal o peito me atormenta,
Que mal posso fallar nesta partida,
Pois quasi sem alentos tenho a vida.

XXXI.

Ay minha Filis, alma da ventura,
Como he possivel, que a partida veja,
Quem fica ausente dessa formosura,
Quando meu peito aqui verte deseja:
E se a minha alma vio essa ternura,
Hoje o meu padecer he quem festeja
Ter tal pezar, tal pena em seu limite,
Só porque o mal mais a morrer me incite.

XXXII.

XXXII.

Naõ posso, naõ, que he lastima, e fereza,
Ver ausentar o bem, que mais se adora;
E menos, se em meu peito essa belleza
Por mais fortuna, e minha dita mora:
Naõ he possivel queira em tal grandeza
Cahir na pena dessa triste hora;
Pois na hora cruel dessa partida
Vida, e ventura julgo por perdida.

XXXIII.

Mas ay que chega, meu Fileno, o dia,
Em que me ausento, para só matarme
Desta pena constante a tyrannia,
Quando na ausencia vou a sepultarme:
E pois me ausento, meu amor se fia,
Que fé lhe guardes para naõ deixarme;
Pois inda que naõ vás onde eu te levo,
Amor te deixo, porque amor te devo.

XXXIV.

Fica-te embora, prenda mais amada,
Fica-te embora, luz da minha vida,
Que no transito só desta jornada,
A vida deixarei por ti perdida:
Mas naõ te esqueças de que já adorada
Fuy nesse peito em chãmas convertida,
Onde juntava amor para mais gloria
Palmas do bem, triunfos da victoria.

XXXV.

Já em teus braços deixo a gloria minha,
Porque a hora chegou do apartamento;
Mas oh, que gloria! Se ella me detinha,
Nelles naõ via taõ cruel tormento:
Pois neſtes laços toda a gloria tinha,
Neſte prazer mayor contentamento;
Mas ay que ingrata a minha ſorte ordena,
Que comtigo ficando, eu leve a pena!

XXXVI.

Vem cá Filis, eſpera, que homicida
Es de minha alma, quando aſſim te auſentas;
E ſe pertendes ſer compadecida,
Repara ingrata, que o teu mal alentas:
Pois ſe me levas por meu goſto a vida,
Vê que em teu peito aſſim mais á tormẽtas;
Pára, pára, ſuſpende a minha morte,
Já que ma dás, fugindo deſſa ſorte.

XXXVII.

Mas ó ingrata eſtrella, que indignada,
Te moſtras contra mim deſconhecida,
Como me levas a fortuna amada,
Como me tiras no prazer a vida?
Naõ te baſtava ſerme deſgraçada,
Sem que o meu bem levaſſes na partida,
Se naõ inda cruel, ſendo inſolente,
Queres matarme, quando fico auſente?

XXXVIII.

XXXVIII.

Ay de mim, que farei neste tormento
Como vida acharei nesta crueldade,
Se a lembrança accrescenta o sentimento,
Na perdida esperança da vontade :
E se o pezar vay tanto em crescimento,
Como posso ter vida, se a deidade
Me leva nas potencias os sentidos,
Entre o mal de naõ vela, já perdidos ?

XXXIX.

Já perdida de vista, ay doce prenda,
Que te naõ vejo, pois me vás fugindo,
Nem a meus ays já tenho quẽ lhe attenda,
Quando na dor os ares vou ferindo :
E como tu lhe foges na contenda,
Mayor mal o meu bem vay proseguindo ,
E naõ posso fugir a ardente frágoa,
Quando sem ti me deixas tanta mágoa.

XL.

Se te ausentaste amor, como estou vẽdo,
Daqui, onde te vi ultimamente ;
Por aqui me acharáõ sempre gemendo,
Formando hũ mar meus olhos na corrente :
Sendo os suspiros,em que fico ardendo
Padroens, que ensinem,quãdo passe a gente,
Que daqui te apartaste amada prenda
Por essa estrada para mim tremenda.

XLI.

E cõmovendo a laſtima os gemidos,
Suſpenderáõ ſeu curſo os paſſageiros,
Inquirindo o meu mal compadecidos,
Vendo os meus ays da morte pregoeiros:
E depois de ficarem advertidos,
Subiráõ com pezar eſſes outeiros,
E lá ſe te fallarem, onde habitas,
Só penas ouvirás quaſi infinitas.

XLII.

E ſe acaſo inda lá viva te acharem,
Só te peço perguntes, ſe eu cá vivo,
Que os primeiros diraõ quando chegarem,
Que eſte mal me matou fatal, e eſquivo:
Os ſegundos diraõ, ſe te álcançarem,
Que eu fico morto, e fico ſenſitivo,
Porque a inda ſem vida em qualquer ſorte
Meu peito te ha de amar depois da morte.

XLIII.

E ſe já eſte valle ſaudoſo
Chora ſentindo a auſencia,que fizeſte,
Se ſe murcha das plantas o frondoſo,
Com perderem a gala, que as reveſte:
Se tudo ſaõ ſinaes do rigoroſo
Tormento, que ao fugir tu ſó lhe déſte,
Elle comigo ſente, e ſe agonia,
Pois lhe falta eſſe ſol, em que ſe via.

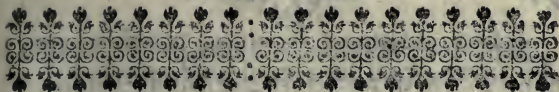
XLIV.

E se as plantas, e os valles vaõ sentindo,
Ay amor, qual será meu sentimento?
Que se o meu coraçaõ se vay partindo,
Como naõ será grande o meu tormento?
Pois se mal taõ cruel me está ferindo
Neste pezar da ausencia, que lamento,
Bem podes minha Filis sepultarme,
Se he que te foste para só matarme.

XLV.

E vós, montes, e valles, que isto vistes,
E com pena chorar tambem quizestes,
Nunca mais descanseis de viver tristes,
Já que Filis se foy, já que a perdestes:
Se sempre nas correntes proseguistes
O lamento, em que entaõ anoitecestes,
Dia naõ espereis entre os pezares,
Pois me sepulto dentro em vossos mares.

Fim da primeira parte.

SAU-

SAUDADES DE FILENO.

SEGUNDA PARTE.

I.

QUando eſta ſombra do funeſto alento
Pouco animava de Fileno a vida,
Pállida a fronte, moſtra o ſentimento
Quanto de Filis ſente a deſpedida:
E creſcendo o pezar, o ſeu lamento
Dava razoens no pranto ſem medida,
Que naõ era ſem cauſa a dor, que achava,
Quando auſente de Filis naufragava.

II.

Hum dia, ao outro dia ſuccedendo,
Nos pezares Fileno amanhecia,
Que como a mágoa lhe hia aſſim creſcendo,
Em noite lhe tornava o claro dia:
E porque em penas hia ſó vivendo,
Tudo em horrores ſe lhe confundia;
E até a meſma luz do Sol, que he louro,
Luz lhe naõ dava com ſeus rayos de ouro.

III.

Naõ porque falte ao dia o que he devido,
Nem tambem ao Sol o que lhe he dado;
Mas ſim, porque Fileno perſeguido
Vive em tormentos todo deſgraçado:
E por ſe ver das mágoas opprimido,
Nada o conſola no ſeu triſte eſtado;
Tanto que o Sol no meſmo luzimento
Lhe augmenta o prãto, dobralhe o tormẽto.

IV.

Qual cordeiro, a que o tigre deſpedaça,
Ballando pela mãy, que vay fugindo,
Que hum, e outro bradando, eſta deſgraça
Pelos valles ao ar vaõ referindo:
Aſſim Fileno aqui tormentos paſſa
No coraçaõ, que a morte vay ſentindo,
Soluçando com funebre harmonia,
Chamando a Filis, nada ſe alivia.

V.

Deſta ſorte paſſando a triſte vida
Na lembrança do bem, que hia chorando,
A mágoa em ancias toda convertida
Fileno achava ſempre ſuſpirando:
E a lembrança de Filis taõ querida
Os ſoluços mil vezes ſuffocando,
Lhe alentava no peito a ardente fragoa,
No vivo fogo, em que ſentia a mágoa.

VI.

VI.

Já condenando ao fado eſta crueldade,
Irado contra elle ſe tornava;
Pois ſe dado lhe tinha huma deidade,
Como aſſim lha eſcondia, ou lha tirava?
E ſe offerecerlha foy ſua vontade,
Qual era a cauſa porque lha roubava?
Que quando os Numes promettiaõ goſto,
Nunca o tornavaõ em fatal deſgoſto.

VII.

E ſe havia de ſer a tyrannia
Taõ contra o bem já de antes poſſuido,
Melhor fora naõ darlhe eſta alegria,
Do que verſe ſem ella deſtruido:
Que ſe elle agora a Filis já naõ via,
Mais lhe valera em nada ſer querido,
Do que alcançar, que o fado lhe uſurpava
A vida, e bem no bem, que lhe tirava.

VIII.

Como alheyo de ſi ſó nos tormentos
Trazia a vida taõ precipitada,
Que ſem topar de alivio os documentos,
Em cada pena achava a morte armada:
Porque como faltava a ſeus alentos
A preſença de Filis ſempre amada,
Deſmayava em delirios, e animado
Nos tormentos ſe via ſepultado.

IX.

Alguns dias paſſava amortecido,
Outros alguns inſtantes melhorava;
Mas naõ de ſorte, que ſe viſſe unido
O deſcanſo no bem, que lhe lembrava:
E quando hum accidente era vencido,
Outro novo accidente lhe tornava,
Sendo a lembrança do ſeu bem paſſado
O mayor mal no ſeu preſente eſtado.

X.

Muitas vezes ſe achava ſuſpirando
Na ſolidaõ, ſeus males proferindo;
Mas como as queixas ſe hiaõ remontando,
Ao longe os ays eſtavaõ retinindo:
E porque a voz os ares foy cortando,
A's esferas a mágoa hia ſubindo
Nas ſentidas palavras, que Fileno
Lançava em ancias de mortal veneno.

XI.

Aſſim dizia: Ay minha amada prenda,
Dize-me aonde eſtás, ou a que parte
Amor me ha de levar neſta contenda,
Sem que poſſa, meu bem, deixar de amarte?
Que ſe amor me ligou com doce venda,
Em quanto eu tiver vida, hey de buſcarte;
E ſe naõ me reſpondes ao que peço,
Ouve o meu mal, já que por ti padeço.

XII. (verte,

Mas ay de mim! Que naõ podendo eu
Tal vez naõ possas tu tambem ouvirme,
Que se hũ mal noutro mal mais se cõverte,
Vê meu mal qual será, sendo eu taõ firme!
Mas se lá, onde estás, entro a moverte,
Minha fé no teu peito se confirme,
Para que alcances no teu firme alento
Nas minhas vozes todo o meu tormento.

XIII.

Porém inda que eu queira referirte
Toda a mágoa, que chega a maltratarme,
Nunca posso de todo persuadirte,
Se naõ acerta a voz para explicarme:
Assim chego tal vez hoje a pedirte,
Me envies forças, com que possa darme
Nos alentos da voz a tolerancia,
Em que mostre do mal toda a arrogancia.

XIV.

E se tu onde estás, já lá te esquece
Hum amante, que em penas só deixaste,
Ouve o choro fatal de quem padece,
Que he daquelle a quem tu já tanto amaste:
Mas se compadecida te merece
Nova attençaõ a pena, que ignoraste;
Saberás que o meu peito só discorre
No pezar, em que vive, e no que morre.

XV.

Ouve, meu bem, da ſorte,que podéres,
Sobre os outeiros penetrando os montes,
Que inda nelles melhor ſe ouvir quizeres,
Ouvirás os meus ays nos orizontes;
E como ſey que tu tambem me queres,
De meus olhos verás correndo as fontes,
Que vaõ cobrindo os campos muitos mares
Na creſcente maré de meus pezares.

XVI.

Aſſim attende agora ao que te digo,
Se a compaixaõ te move a minha pena,
Já que o pezar taõ grande,em que proſigo,
Só por te amar, a mais ſentir me ordena :
E ſe neſte cruel forte inimigo
Tyranno fado a auſencia nos condena,
Naõ he muito que eu chore eſta ſaudade,
Quando te adoro, ſendo tu deidade.

XVII.

Mas como o ſentimento mais me obriga,
Mais o tormento na lembrança creſſe;
Porque o naõ verte faz que naõ conſiga,
Quanto de amarte ſó meu bem mereſſe :
E neſta grande mágoa de inimiga
Condeno a ſorte, que hum tormento déſſe
Contra meu peito, quando firme amante
Em ti ſó vive, e nelle eſtás conſtante.

XVIII.

XVIII.

Se este amor em nós vive taõ crescido,
Que já mais houve amor, que o igualasse,
Como hey de estar, andando aqui perdido,
Sem que este mal de mim já se apartasse?
Pois se com elle aqui sou perseguido,
Vê tu lá onde estás, se te chegasse,
Como he possivel, que essa luz vivesse,
Sem que o peito em mil partes convertesse.

XIX.

Olha (se ques) as lagrimas, que choro,
Entre os suspiros, que do peito exhalo,
Que como as ditas nesse peito adoro
Te dará pena a pena, com que falo:
Porque quando esse bem de longe imploro,
Com mágoa sinto em mim taõ grãde abalo,
Que naõ posso nos ays de meus delirios
Disfarçar penas, sem sofrer martyrios.

XX.

Assim Fileno se queixava ao vento,
Dando seus ays nas queixas, que fazia;
Imaginando que este seu lamento
A' presença de Filis chegaria:
Mas já desenganado em seu tormento,
Este engano tirou da fantasia;
Pois olhando já de hum, e outro lado,
Sómente a si se achava desgraçado.

XXI.

Neste tempo na ausencia discorria
Tambem Filis nas penas, em que estava;
Pois naõ vendo a Fileno, a quem queria,
Igualmente na dor se lhe igualava:
Porque o pezar, que o peito lhe opprimia,
Era o mesmo, que em lagrimas lançava,
Sendo o seu choro tal, que em duas fontes
Cobria os valles, e alagava os montes.

XXII.

Dos seus ays, e do pranto enternecido,
Que os coraçoens partia, o deos vendado,
Nas suas proprias azas conduzido,
Conforta a Fili em sonhos declarado:
E porque della fosse mais sentido,
Lhe tocava nas roupas namorado;
Que se naõ fora achar tal sentimento,
Tal vez mudára a frase, e o pensamento.

XXIII.

Ao coraçaõ de Filis se encaminha
O que a Troya levou taõ vivo fogo,
E como em Filis outra Helena tinha,
Sem a abrazar, lhe busca desaffogo:
Em sonhos lhe dizia o que convinha,
Que como ella o chamou, veyo a seu rogo:
Que naõ fora elle deos de amor taõ forte,
Se a evitarlhe naõ viera a morte.

XXIV.

Disselhe, que a Fileno inda veria
Junto a seus braços, como desejava;
E que á presente mágoa outra alegria
Mais duravel, que a pena, destinava:
Que elle hum prazer taõ grande lhe daria,
Com que esquecesse o mal, em q̃ se achava;
Porque faria que o prazer, de todos
Fosse invejado por diversos modos.

XXV.

Disse; e voando pela vaga esfera,
Deixa a Filis de todo já acordada,
A qual vendo a visaõ, que entaõ tivera,
Naõ cabe em si na gloria transformada:
E buscando com a vista, a quem lha dera,
Só nas azas lhe alcança a retirada;
Pois voando com pressa, Fili alcança
Na promessa do deos certa a esperança.

XXVI.

Mas naõ faltando amor ao promettido,
A buscar a Fileno se partia;
Que como elle chorava o bem perdido,
Já pelos ays Cupido o conhecia:
Assim descendo á terra o deos Cupido,
Com Fileno tratava, e lhe dizia:
Que deixando o lamento, em que se achava,
Naõ duvidasse o bem, que o esperava.

XXVII.

Bem ſey Fileno, que de amor levado
Tiveſte os braços da melhor ventura;
E que tambem contrario o iniquo fado,
De Filis te roubou a formoſura:
Naõ o pude eſtorvar, que deſtinado
Foy dos deoſes decreto, e foy loucura,
Que eu condenado tenho na alta idéa
Do tribunal da bella Citharéa.

XXVIII.

Porém inda terás neſſa ſaudade
Algum tempo de penas, e cuidados;
Porque Filis naõ tem livre a vontade,
Para voltar a darte os ſeus agrados:
Mas eu cedo a trarei com mais piedade,
Que o meu poder governa os namorados;
E ſeus pays de taõ longe aqui tornando,
Traraõ comſigo quem te eſtá matando.

XXIX.

Fileno paſma de contentamento;
Quando Cupido já deſapparece,
E pelos ares em ſuave aſſento
Faz que Fileno ouvindo-o enlouquece:
Que he de Cupido o doce movimento
Dar alentos no amor a quem padece;
Porque Fileno hum pouco deſcançaſſe
Quiz q̃ ás vozes do amor mais ſe abrazaſſe.

XXX.

XXX.

Alguns dias Fileno andou contente,
Transportado na gloria, que alcançára,
De tal maneira, que admirada a gente
Via transformaçaõ taõ nova, e rara:
E como naõ sabiaõ, que o potente
Deos Cupido tal gloria lhe deixára,
Diziaõ huns a outros cada dia,
Que era loucura, e gloria parecia.

XXXI.

Mas a gente, que a causa lhe ignorava,
Condenava a Fileno pouco amante;
E tal vez porque a Filis naõ chorava,
Claramente o notavaõ de inconstante:
Porém vendo Fileno que tardava
O promettido bem, já no semblante
Indo perdendo a cor, muda a figura,
Torna de novo ao mal, chora a ventura.

XXXII.

Queixa-se ao deos Cupido, sente a sorte,
Tem por penosa, e já pezada a vida,
Diz q̃ o tormento tarda em darlhe a morte,
Quando a alma busca a ultima partida:
E que o pezar que sente he já taõ forte,
Que lhe desmente a gloria promettida;
Ou que Cupido por lhe dar mais pena,
Com este engano mais pezar lhe ordena.

XXXIII.

Vaõ ſentindo os amigos a mudança,
Que em tormentos Fileno já fazia,
O qual perdendo a fé com a eſperança,
Da paſſada promeſſa deſconfia:
Deſta juraõ os amigos ſegurança,
Porque lhe abrande o mal, que padecia;
Mas naõ podem, q̃ hum mal já taõ creſcido
Nada o deſvia, ſe he de amor náſcido.

XXXIV.

Torna a ſentir mais forte eſte tormento;
Foge da Corte, vay para o deſerto;
Porque na ſolidaõ he ſeu intento
Ter prompta a mágoa, o pezar mais certo:
E porque Fili he cauſa a ſeu lamento,
A meſma cauſa buſca ter mais perto;
Que como a auſencia em Filis conſidera,
De ſi meſmo fugira, ſe podéra.

XXXV.

Pelos montes, e valles deſterrado
Quer Fileno acabar a triſte vida;
E por iſſo nas brenhas collocado
De ſi quaſi quer ſer triſte homicida:
Já nas concavas grutas ſepultado
Trazia a pompa, e vida amortecida,
E no líquido pranto, em que nadava,
Muitas vezes morria, e ſe animava.

XXXVI.

XXXVI.

Algumas vezes pelo monte andando,
Fncontrava paſtores namorados,
Que hiaõ de amor queixumes eſpalhando,
Cantando triſtes, como deſgraçados:
Mas Fileno eſtas queixas eſcutando,
(Em lugar de conforto a ſeus cuidados)
Só topava rigores na lembrança
De ver ſeu bem, perdido na eſperança.

XXXVII.

Muitas vezes nas fontes, que encontrava,
E no curſo dos rios ſuſpendido,
Contemplando ſeus males, ſe tornava
Novamente em pezar amortecido:
Que como todo o bem ſe lhe auſentava,
Vendo-ſe até nas aguas convencido,
Augmentava no curſo do lamento
De monte a monte o mal para o tormento.

XXXVIII.

Corre, ſonora fonte, ſe apreſſada,
(Dizia, tantos males lamentando)
Que ſe a tua corrente he celebrada,
Hoje meus males vás repreſentando:
Foyme fugindo a prenda mais amada,
E me deixou comtigo ſuſpirando;
Porque aſſim te igualaſſe na corrente
O pranto de meus olhos mais ardente.

XXXIX.

Se as de meu peito ſaõ perennes fontes,
Ceſſai, ó rios,de moſtrar vaidade,
Vendo q̃ em pranto vou cobrindo os mõtes
Neſte concurſo da mayor ſaudade :
E ſe ſabeis laſtímo os orizontes,
Ajudaime a ſentir com mais piedade ;
Que naõ he bem correndo de apreſſados,
Naõ façais companhia a meus cuidados.

XL.

Niſto eſtava Fileno , quando ſente
A voz de hum caçador,que ſe chegava ;
Fileno quiz fugir, mas de repente
O caçador cortez o ſaudava :
Voltou Fileno o roſto deſcontente,
Porém logo ſuſpenſo ſe admirava,
Pois quem o ſaudou, era hum amigo,
Com quem ſe alegra, vendo-o alli comſigo.

XLI.

Mil abraços ſe deraõ ſatisfeitos,
Confirmando em amor antigos laços,
E na grande firmeza de ſeus peitos,
Collocáraõ com goſto ſeus abraços :
Quando Almeno lhe diz : Se algũs defeitos
Nunca Fileno viſte nos meus braços,
Sabe, que neſſes teus tenho eſta vida,
A teu goſto , ou pezar offerecida.

XLII.

Sabe,que he vindo o bem de teu cuidado,
A tua amada Filis mais formosa,
E que já dá na Corte o seu agrado
Alma ao jasmim, alento á mesma rosa:
A qual vendo que andavas desterrado,
Sempre chorando vive saudosa,
Sem admittir alivio ao pensamento,
Por te julgar já morto em tal tormento.

XLIII.

Ay, Almeno,que dizes? Se isso he certo,
(Fileno lhe responde) das-me a vida;
Que em desmayos cahindo o peito aberto,
Nelle naõ cabe o gosto sem medida:
Nem eu posso do bem estar taõ perto,
(Posto que essa certeza me convida)
Que naõ duvide ainda em sustos todo,
O que queres,que eu creya de algum modo.

XLIV.

Certo podes estar, Fileno amigo,
No que te diz meu peito sem receyo;
E se tu queres ver, vem já comigo,
Para sahires do confuso enleyo:
Porque nesta verdade que prosigo,
A mentira seria hum caso feyo;
Nem cabia no termo da amizade
Dizerte hum bem, faltando-te á verdade.

XLV.

Dizem que lá na auſencia, onde eſtava,
Filis, ſempre chorava, e padecia,
E vendo os pays o mal, que alli paſſava,
Cauſandolhe deſgoſto quanto via;
Sabendo quaõ violenta alli ſe achava,
E que ás maõs do pezar acabaria,
Reſolvéraõ trazella para a Corte,
Só por livralla do poder da morte.

XLVI.

Com taes razoens Fileno cõmovido
Deixava os montes em deixar os prados,
E deſta ſolidaõ já deſpedido
Já naõ ſentia o mal de ſeus cuidados:
Lembrouſe entaõ, que o ſonho de Cupido
Eſte ſucceſſo lhe alcançou dos fados;
E caminhando toda a noite, e dia,
Entrou na Corte cheyo de alegria.

XLVII.

Logo buſcando a Filis de amor cego
Chega a alcançar o bem, que lhe fugira,
Tendo hũ, e outro á viſta o doce emprego,
Onde o deſpido amor ſó fogo inſpira:
Nos parabens do goſto achou ſoſſego,
Hum, e outro, narrando o que ſentira;
Diſcorre cada qual no bem, que alcança
Depois da tempeſtade entre a bonança.

XLVIII.

XLVIII.

Tu Fileno gentil, que em teus amores
Viste os crueis tormentos da saudade,
Logra já do teu bem novos favores
Para exemplo feliz da nossa idade:
E essa rara belleza em resplendores
Assim te dê lugar na eternidade;
Pois a amantes taõ firmes por mais gloria
Com razaõ se lhe deve esta memoria.

A UNA TEMPESTAD nocturna.

OCTAVAS.

I.

QUando en el ayre el luminar ſegundo
Rompia eſtrellas, eclipſava luzes,
Dominando ſu albor parte del mundo
En deshazer los horridos capuzes:
Nieblas brotaba el valle más profundo,
Produzian los ayres arcaduzes,
Amenaçando con funeſto aſſombro
Al globo, que ſuſtenta Atlante al hombro.

II.

Yá Latona ſintiendo oppoſiciones
De un opaco eſplendor, bolava en ſuſto,
Los Planetas en triſtes ſuſpenſiones
Yá miravan ſus luzes en diſguſto:
Con tales influencias las priſiones
De qualquier aſtro, ſiendo más robuſto,
No ſe apartavan, porque todo el Cielo
Determinava confundir el ſuelo.

III.

Toldado el ayre suspendió la Luna
Sus conturbados nitidos fulgores,
Y las aves nocturnas la importuna
Musica dexan, penetrando horrores:
Que aunque nó contrastan la fortuna,
Miran con todo de antes los rigores,
Porque la ave alcança la tormenta,
Quando del ayre con razon se ausenta.

IV.

Hasta los brutos viendo arrebatada
De sus ojos la luz de las estrellas,
Se confundian en la retirada,
Dando a sus grutas horridas querellas;
Y tal vez de sus huellas ni la entrada
Hallan confusos, procurando en ellas
Escapar al rigor, que le amenaça
Con el horror, que el coraçon le enlaça.

V.

Ya lo más denso de la nube obscura
Rompia fuego despediendo horrores;
Y por la tierra, siendo noche impura,
Temblava todo en rapidos furores:
Quando la fuerte torre, y mas segura
Ni resistir podia a los rigores,
Que el tremendo Aquilon, quando soplaba,
Torres, y muros por el suelo echaba.

VI.

Los hombres en confuso laberinto,
Dexando habitacion despavoridos,
Yá como fieras, sin tener distinto,
Buscan los valles entre sus gemidos:
Quieren gozar el tiempo más sucinto
Sin los susurros, que hazen los bramidos
De las ráfegas fieras de los vientos,
Que hazen a montes tantos sintimientos.

VII,

El ayre en torbellinos desatado
Baxava a tierra con horror profundo
Montes, y peñas, todo destroncado,
Rayos, coriscos, abrazando el mundo:
Todo en ruinas por el suelo echado,
Fuego exhala a diluvios furibundo;
Todo naufraga, todo se amedrenta
Con los estragos de cruel tormenta.

VIII,

El mar en la quietud, en que se hallaba
Mirando el fuego, y ayre descompuestos,
Por contrapuesto a ellos empeçaba
A alterar su furor con varios gestos:
Unas en otras ondas despeñaba
Montes de plata contra el ayre opuestos,
Todo en horrores, rayos sepultando,
Bramia en torno al mundo amenaçando.

IX.

Por las playas las peñas combatia
Cavando arenas con su curso horrendo,
Piedras, y conchas para el centro envia,
Con sus cristales montes deshaziendo:
Y repetiendo ya en cruel porfia,
Muestra Neptuno con furor tremendo
Yá puesto en armas en su Reino frio,
Que al viento, y fuego vence en poderío.

X.

Yá por la tierra con furor entrando,
De los rios confunde la corriente,
Que como és Rey, el agua dominando,
Por toda el agua empuña su tridente:
Siendo su intento ir luego amenaçando
A los más elementos diligente
En los imperios, que la tierra funda,
Quando su imperio a todos los circunda.

XI.

Los mismos rios profundaba en mares,
Preñes las nubes desatava en rios,
D'ellas lo obscuro, y denso a sus altares
En humo tributava inciensos frios:
Viendo Tritones ser cubiculares,
Que administravan estos censos pios;
Pues unos contra otros elementos
Combatian con horridos acentos.

XII.

Todo era assombros, todo confusiones;
Los mismos rios cobren la campaña,
Van anegando muchas poblaciones,
Con la soberba, y horrorosa saña:
Y hasta los montes llenan a montones,
Sin que resista firme la montaña;
Porque Neptuno con su fuerça irado
Ciudades rompe, montes lleva a nado.

XIII.

Por la indomable tempestad obscura
Yá Los vivientes sin consejo alguno
No hallan parte para si segura,
Pues los oprime con furor Neptuno:
Por otra parte el rayo los procura,
Sin escapar de su furor ninguno,
Que en torbellinos todo desatado
Corria el daño, sin mudar de estado.

XIV.

Los relampagos fieros, y los vientos
Hazen lo tenebroso más temído,
Pues unos dando luz a los tormentos,
De los otros inquietan el sonído:
Siendo conformes oy los elementos
Solo en dexar al mundo sumerguido;
Pues unos contra otros peleando,
El mundo gime, su destroço hallando.

XV.

El furibundo Boreas vá siguiendo
Con indomable curso la carrera,
Y el elado cristal se vió cayendo,
Inundacion del monte, y la ribera :
Ciegan los ojos, quando van corriendo
Los relumbrantes fuegos, de manera
Que de los elementos no se sabe,
A qual dellos mayor el daño cabe.

XVI.

A un mismo tiempo rayos fuzilando
Echaba el ayre inundacion tan fuerte,
Que parece que el mar vá despeñando
Por entre nubes la pezada muerte :
No respiraba el valle agonizando
Un solo instante con la fatal suerte,
Pues sepultado todo se desagoa
Al viento, y fuego,que un diluvio fragoa.

XVII.

Muchos rayos entrando en las montañas,
Saliendo fuera cruzan las florestas,
Penetrando frondosas las entrañas
De los troncos, y plantas bien compuestas :
Siendo el furor de sus ardientes sañas
Consumir las materias más opuestas,
Pues lo que más se opone a sus furores,
Buelto ceniza muere a sus rigores.

XVIII.

Gemia en este estado quasi el mundo,
Imaginando que perdido estaba,
Pues naufragando se iba a lo profundo,
Sin remedio en el mal, que lo inundaba:
Quando en un valle concavo, y rotundo
Un estallido se oye, que mostraba
Que con horror al mundo amenaçando
Bolava por los ayres rebentando.

XIX.

Al tremendo estallido suspendieron
Los animados cuerpos sus aciones,
Y los furiosos vientos recogieron
El curso, que açotava las regiones:
Los colebrinos fuegos se abstuvieron,
Las agoas igualmente en sus mansiones,
Y quedó todo en cáos entre lo obscuro
De un total daño el mundo ya seguro.

XX.

Esta es la tempestad, que se ha movido,
Este el furor al hombre tan molesto,
De los rayos el fuego más temido,
Horror del mar, estrago tan funesto:
Fatal daño en el mundo, si oprimido
Viene a quedar del ayre descompuesto;
Que todo llega a hazer una tormenta,
Quando los males en el mundo aumenta.

A HUMAS PINTURAS, QUE reprefentavaõ as eftaçoens do dia.

Eftaçaõ da manhã.

Huma Ninfa, que defpertava aos alvores da Aurora.

OITAVA.

A Manhã mais alegre o prado efpera
Com a pompa viftofa, que occultava,
Emulaçaõ da doce Primavera,
Para gloria do dia, que efperava:
Affim efte jardim a Ninfa impéra
Como aurora, e por flor melhor fe achava
Para lhes dar o alento que affegura,
No mais candido ceo da formofura.

Efta-

Eſtaçaõ do meyo dia.

Huma formoſa Ninfa deſpida em contrapoſiçaõ do Sol, e huma flor gigante, ou giraſol ſeguindo ao meſmo Sol.

OITAVA.

QUando no meyo dia o Sol ardente
Faz mais força, e penetra cõ ſeus rayos,
Entaõ delle ſe occulta toda a gente,
Porque vê dar nas flores mil deſmayos:
Sómente o giraſol, que he diligente
Para ſeguirlhe a luz, buſca os enſayos;
E eſta formoſa Ninfa, que ſe eſmera
Em competir com toda a Primavera.

Eſtaçaõ da tarde.

Huma Ninfa tambem deſpida, a qual fugindo aos rayos do Sol, corria indo a banharſe em hum apraſivel tanque de huma fonte criſtalina.

OITAVA,

NA tarde do Veraõ a calma obriga
A buſcar do criſtal ſua corrente
Para alivio do corpo, que mitiga,
Quando vay a banharſe, o fogo ardente:
Aſſim com ancia corre a Ninfa amiga
Para banhar ſeu corpo diligente,
E da ſorte que vês a formoſura,
Fica Venus nas aguas bella, e pura.

Eſta-

Estaçaõ da noite.
Huma Ninfa entre sombras recostada sobre a sua propria maõ.

OITAVA.

JAz a noite dormindo recostada,
De velar com cuidado já esquecida,
Para mostrar, que a noite mais pezada
Tambem dorme, se a noite he, que tem vida:
Assim dorme qual vês toda banhada
Do pallido licor, que a tem cingida;
Porque quer ser chamada pela aurora
Para com seu aviso irse embora.

A hũas pinturas, q̃ representavaõ os quatro tempos do anno com todos os seus effeitos.

Ao tempo da Primavera.
OITAVA.

NA manhã mais serena resplandece
Da Primavera a pompa, e galhardia
De tal sorte, que a aurora as flores tece
Dandolhe a galla o Sol, tocha do dia:
Ufano o campo entaõ mais se enlouquece,
Vestido de esmeralda, e de alegria
Para dar com seus frutos sazonados
Os manjares ao mundo costumados.

Ao

Ao tempo do Eſtio.

OITAVA.

O Eſtio, o calor, o ar flammante,
Que nos Caniculares ſe levanta,
He taõ forte, que embarga o caminhante,
E dá morte á cigarra, quando canta:
Entaõ a bella ſombra o doce amante
Buſca auſente da dama, que o encanta,
Para alcançar alivio entre a memoria
Do auſente bem, onde alcançou vitoria.

Ao tempo do Outono.

OITAVA.

JA no tempo do Outono os cāpos cheyos
Deſpoja o lavrador do bem, q̃ alcança,
E pezando eſte premio ſem receyos
Satisfeito contempla eſta eſperança:
Sem ceſſar da cultura, applica os meyos,
Aproveitando o tempo em fiel balança,
Pois recolhendo os frutos ſazonados,
Logo trabalha, tendo mais cuidados.

Ao

Ao tempo do Inverno.

OITAVA.

HE do Inverno o tempo rigoroso
Conjuraçaõ fatal, que nos maltrata;
Pois açoutando o tronco mais frondoso,
Faz congelarse a agua em fina prata:
A tudo o que tem vida faz medroso,
Pois tremendo com frio as maõs nos ata,
Precizando-a buscarmos refrigerio
Na quentura do fogo, e seu imperio.

Aos quatro elementos.

Agua.

OITAVA.

HE a agua elemento cristalino,
Que tem por natural ser inconstante,
Com o qual alterando o seu destino
Dá comsigo nas penhas de diamante:
Partindo o seu cristal, corre sem tino
Com indomavel força de gigante,
Açoutando na praya toda a arêa,
Que com seu grande braço senhorêa.

Fogo.

Fogo.

OITAVA.

HE o fogo elemento combuſtivel
Taõ faminto, taõ nobre, e taõ notavel,
Que ſe faz temeroſo por terrivel,
Sendo devorador do que he palpavel:
Chegando a quem tem vida he inſofrivel;
Porém dentro em ſi meſmo he agradavel;
Porque a luz, que do fogo ſe deriva,
He taõ bella, que a todos nos cativa.

Terra.

OITAVA.

HE a terra elemento taõ pezado,
Taõ fertil, taõ robuſto, taõ conſtante,
Que já mais ſe moveo deſde criado
Fóra do ſeu limite hum ſó inſtante:
He pela ſuperficie matizado
Com os frutos, que o fazem mais galante;
Pois ſe veſte de verde com mil flores,
Dando a tudo, o que dá, muitos ſabores.

Ar.

Ar.

O I T A V A.

ESte elemento do ar, eſte emisferio,
Que occupa tenue hũ termo ſẽ medida;
Pois ſe eſtende da terra até o Imperio
Onde ſe logra ſempre eterna vida :
He dominio das aves todo aerio,
E palacio da aguia eſclarecida
No qual cruza o milhano eſſe pirata,
Que outras aves cativa, fere, e mata.

A's quatro idades do tempo.

Idade de ouro.

O I T A V A.

FOy tal a idade de ouro, q̃ em bonança
Todo o mundo ſe achava deſcanſando
Com huma paz geral,que na lembrança
De pays a filhos ſempre foy ficando :
Foy tempo da ventura, em que a eſperança
Tudo o que appeteceo,foy alcançando ;
Pois era idade de ouro florecente
Para todos os homens geralmente

Ida-

Idade de prata.

OITAVA.

A Idade de prata proclamada
Foy do mundo em geral appetecida,
E tendo a prata todos bem guardada
Toda a terra abundava abastecida:
Era então a pobreza regalada,
Sem andar pelas portas tão despida,
Porque todos vestião de huma sorte,
E o sustento commum era até morte.

Idade de ferro.

OITAVA.

A Idade de ferro se numéra
Entre as outras do mundo rigorosa,
Pois tinha a boca aberta, como féra,
Para tragar a gente sanguinosa:
Mil enredos tecia huma quiméra,
Fazendo ser a culpa mentirosa,
Só para castigar toda a innocencia
Com os golpes horrendos da inclemencia.

Idade de bronze.

OITAVA.

NEsta idade de bronze a fortaleza
Se descobre mais forte,e mais segura;
Porém cobriolhe o tempo a gentileza
Pois tudo o tempo acaba, ou a ventura:
Foy sempre idade forte na destreza,
Em que empunhava o arco a formosura
Para feras, e homens juntamente,
A quem vencia logo em continente.

Em applauso de hum amigo, imprimindo as suas obras.

OITAVA.

ES em tudo taõ douto Autor jucundo,
Taõ doce em tua prosa, e no teu verso,
Que suspendendo ao pasmo todo o mundo,
Encheste de elegancia o universo:
E pois se o teu talento he taõ profundo,
Que alcançou pelo mundo andar disperso,
Eu naõ posso deixar de laurearte,
Vendo-te eternizar em toda a parte.

En aplauso de una voz cantando.

OITAVA.

QUando la voz cantando se desata
En tremulados quiebros alagueña,
Es más que fuente de cristal, y plata,
Su corriente dulçura más risueña :
Los sentidos eleva , y si no mata,
Cautiva libertades, si se empeña,
Porque es la voz dulcissima, y suave
Vida del alma, y del amor la llave.

SILVAS.

A humas ſenhoras na occaſiaõ do oitavario, que ſe celebrou em S. Roque de Lisboa na canonizaçaõ de S. Luis Gonzaga, e Santo Eſtanislao, dando noticias da feſta, e perſuadindo-as, para que vieſſem vella.

SILVA I.

POr naõ ter que fazer já neſta hora,
Invoco a Muſa, e venha muito embora;
Darei conta das feſtas á belleza
De humas ſenhoras de mayor grandeza;
Que tal vez a noticia
Lhe obrigue a galla da melhor caricia,
Para virem a ver, o que naõ viraõ,
Quando eſtas feſtas toda a Corte admiraõ.
Eu, ſenhoras, ſe o verſo
Componho facil, tambem faço hum terſo
Neſta feſta, e de mim ſó vos diria,
Que ando por fóra todo o ſanto dia,
Que como eſtes dous Santos ſe feſtejaõ,
Naõ ha feſta, em que nella me naõ vejaõ.

Vejo as festas alegre, oh quem me dera,
Que vervos nellas eu tambem podéra,
E assim mais contente
Fora o meu gosto vervos toda a gente;
Porque assim mais applauso se acharia
Ver entre o culto tanta bizarria;
Mas porque passe aos fios desta historia,
Vou resumindo em Silva tanta gloria.
He tal o alinho, tanta a gentileza,
Que até pasma de o ver a natureza;
Naõ fallando na Igreja,
Que essa só vista, logo o chaõ se beja,
Porque influe em grandeza tal respeito,
Que prostra a adoraçoens qualquer sugeito:
Mas fallando da humana arquictetura,
Nunca tal formosura
Meus olhos viraõ, taõ ayrosa, e bella,
Nem no Ceo de Lisboa tanta estrella.
Este concurso bello
Nunca olhos indignos podem vello;
Porque he indigno todo o que se preza
De ver do bairro alto a gentileza;
Sendo que de outros bairros por façanha
Vem formosuras com tal arte, e manha,
Taõ lindas, taõ gagés, com tanto brio,
Que nos roubaõ a todos o alvedrio.
Humas vem com donaire,
Sem elle outras vem, mas sem desayre,
Por-

Porque nisto a grandeza
He brilhar sem adorno a gentileza,
Por serem taõ garbosas,
Que inda sem o trazer vem mais formosas.
Vem algumas taõ bellas,
Que nos seus olhos trazem as capellas,
Em que se vê Cupido
Mais galante, mais bello, e mais luzido,
Com triunfos de amor mais celebrado,
Vencendo coraçoens com força armado;
Pois toma das mininas, onde habita,
Rayos, e frexas, com que o mundo incita.
Humas vem com desgarro,
Por virem com o amor no triunfal carro,
Com graça a tudo olhando,
Só por verem, que tudo vaõ matando;
Outras vaõ presumidas,
Por divindades serem mais subidas,
Tratando com desprezo,
A quem dellas mais prezo
Se vê rendido já sem liberdade,
Sem livre acçaõ, sem vida, e sem vontade;
E naõ falta quem diga
Nesta bella fadiga,
Que nada disto presta,
Vendo que vós faltais tambem na festa;
Mas eu razaõ lhe dou, e me admirava,
Vendo que cá ninguem vos encontrava.

Vinde ſe quer hum dia,
Por quanto he digna a feſta, e toda via
Onde eſtais vós, a fama logo entoa,
Porque ſois a lindeza de Lisboa.
Se vierdes, vereis a Igreja armada,
De mil galantarias adornada,
Com tal graça, primor, e valentia,
Que brilha mais, que o Sol em qualquer dia;
Que o ouro, a ſeda, e prata nella he tanta,
Que a viſta á viſta della ſe quebranta,
Porque brilha de ſorte,
Que a viſta ſe deſmaya, ou ſe dá morte.
Eſtaõ no altar dous Santos,
Que de precioſas joyas tem dous mantos;
Vendo-ſe tremular de inſtante a inſtantes
As riquiſſimas luzes dos diamantes;
Sendo os rayos, que eſparge eſta riqueza
Da gloria cá na terra a môr grandeza;
Pois ſe moſtra no firme do diamante
Ser a gloria dos Santos mais conſtante;
E deſcrever a que elles tem no Impyrio,
Já ſe vê, que ſeria graõ delirio;
Pois naõ podem humanos os ſentidos
A gloria penetrar dos eſcolhidos.
Dos ſermoens nada digo,
Por naõ ſer inimigo,
Porque huns fallaõ aſſim, outros aſſado,
Quando eu julgando niſto eſtou calado.

Huns

Huns conforme a affeiçaõ lhes parecia
Louvar alguns; e a outros na energia
Achavaõ mil defeitos;
Mas estes taes sugeitos
Mal podiaõ aqui julgar de cores,
Quando em letras naõ eraõ dos melhores;
Sendo q̃ em taes questoens eu muy callado
Como pexinho estava embasbacado.
Passo ás luminarias,
Pois me convidaõ já com cores varias:
Humas saõ encarnadas,
Outras verdes, e azues empapelladas:
Huns dias mais luzidas,
Outros ficaõ tambem ás escondidas:
A causa eu naõ a sey, porque ás escuras
Nenhuma luz mostravaõ estas pinturas.
Tal vez faltasse a gente,
Para se lhe applicar o fogo ardente,
Ou tal vez, que em descuido sumergidas
As deixassem sem serem accendidas;
Sendo que hontem brilháraõ
De tal sorte, que a todos alegráraõ.
De humas luzes furtadas
Tem pyramides dentro recheadas,
E capiteis galantes,
Que gosto daõ a muitos circunstantes.
Duas torres se achavaõ nas esferas,
Que verdadeiras quasi por quiméras

Eu as julgára, se na corpulencia
Naõ lhe apalpára no ambito a excellencia;
E estas taes de madeira fabricadas,
Tanto de luzes saõ bem adornadas,
Que parece, que ao Ceo tendo chegado,
As estrellas aqui tem collocado;
Porque neste confuso laberinto
Tantas estrellas como as luzes pinto;
E se as luzes saõ mais, do que as estrellas,
As mesmas luzes vejo aqui mais bellas.
  Differem pelas cores
Muitas luzes aqui nos resplendores;
Mas tambem ajustadas nos seus rayos,
Que humas a outras nunca daõ desmayos.
  Os repiques dos sinos
Fazem falar aos mudos, e aos mininos,
E disto satisfeitos
Já naõ tomaõ das mãys os brancos peitos,
Pois na festa elevados
Em mil carinhos se achaõ transformados.
  De noite andaõ as gentes
Por telhados, e ruas muy contentes,
Alegrando-se os tristes
Das palavras, que ouvem com mil xistes,
Pois saõ as luminarias
Das alegrias sempre perdularias;
E até as cozinheiras
Lá se sobem por sima das trapeiras,

Pois

Pois quem a pé naõ vem, e em carruage,
Tambem por vér lá toma outra parage.
Tem mais a Igreja de hum, e outro lado
Em cada banda hum globo fabricado,
Que andaõ á roda com impulso brando,
Muitas vezes girando,
Dando nas voltas mostras de alegria,
Gosto aos mirones toda a noite, e dia;
E estes tambem tem luzes
Com mil cores por dentro dos capuzes.
Na baranda da Igreja mais galante
Arde a luz em tres ordens muy constante,
Sendo para mais gosto a perspectiva
Em ser de cores tanta chãma viva,
E nos cubiculares
Cada janella faz dous mil altares,
Dando em tal proporçaõ bem repartidas
Luzes aos olhos, quando alento ás vidas.
Mas se mal retratada
Foy de S. Roque a festa celebrada,
Perdoayme, senhoras,
Que depois das tres horas
Da meya noite dey fim ao retrato,
Agora julguem lá se foy barato,
Porque o sono apertava,
Sem saber que acabei, quando acabava.

Pican-

Picando-ſe Filis em hum dedo com huma agulha, deo hum deſmayo no amante.

SILVA II.

PIcarſe Filis no ſeu proprio dedo
Me cauſa admiraçaõ, me mete medo;
Se naõ he que eu receyo,
Que o picar toda a gente he ſeu recreyo;
Tal vez foſſe deſcuido,ou naõ ſeria,
Sendo tyranno o golpe da ſangria,
Que como ás vezes mata de inhumana
Comſigo ſe exercita a ſer tyrana;
Ou póde ſer, ſe mata de engraçada,
Que a muitos quiz matar neſta picada;
Porque o ferirſe aſſim com valentia,
Quaſi julgando eſtou, que ella o queria,
Só para ver aſſim, ſe o ſeu amante
Se moſtra firme em padecer conſtante.
Por certo naõ entendo
Inda o meſmo, que os olhos eſtaõ vendo;
Porque Filis picarſe com a agulha,
Inquieta tanto, cauſa tanta bulha,
Que toda a admiraçaõ neſta deſgraça
Por vir com pena, quaſi a morte paſſa,
Deixando perturbados os ſentidos
A quem com ſeus gemidos

Chora

Chora eſte mal ſentido de tal ſorte,
Que no pezar taõ forte
Já com ancias deſmaya, já delira;
Pois no deſmayo, com que amor lhe atira
Por ver correr o ſangue fio a fio,
Fileno cahe como hum cadaver frio
Nos braços, ou no gremio da ventura,
Onde o ſuſtenta a meſma formoſura;
Porque a deſgraça quãdo o foy proſtrando,
Os braços lhe foy dando
Filis galharda com fatal lamento,
Vindo a achar mayor mal neſte tormento;
Mais ſentindo o deſmayo, que o proſtrava,
Que a ferida no ſangue, que ſoltava.
Mas parai a corrente
Deſſe dedo de neve tranſparente,
Formoſa Filis, pois ceſſando a cauſa,
Póde ſer o accidente faça pauſa;
Porque Fileno em quanto o ſangue corre,
Mais ſem alento nos tormentos morre;
E fugindolhe a cauſa, ſem demora
Achará neſſe bem toda a melhora;
Porque naõ he poſſivel que ſe alente,
Se vós ſentís o meſmo, que elle ſente.
Bem ſey que neſſes braços
Acha mais glorias em taõ firmes laços;
Mas tambem ſey que eſtando deſmayado,
Todo eſſe bem lhe fica ſepultado;
Pois

Pois deixando perdidos
Neſſa cruel picada os ſeus ſentidos,
Naõ he poſſivel tome firme alento
Em quanto a cauſa dobra o ſentimento.
Se elle ſe vê banhado
Nas gottas deſſe dedo nacarado,
Como quereis, ó Filis, que a corrente
O naõ ſuffoque neſte mal preſente?
Como quereis, ſe como o pede a ſorte,
Só neſſe mal pertende darlhe a morte,
Que eſſa picada quando vos laſtima,
Lhe toca na alma, quando o deſanima?
Vede que eſtá perdido o voſſo amante
Em quanto eſſe rubim corre conſtante;
Remedio lhe applicai mais diligente
Suſpendendo a corrente;
Pois hum dedo de prata
Tambem dá vida, quando acaſo mata;
E cauſa novidade
Naõ ſuſpender tal golpe huma deidade.
Naõ ſejais taõ tyrana,
Que contra vós ſejais taõ deshumana,
Que ſe hum deſcuido tanto mal procura
Em picar neſſe dedo a formoſura,
Pondelhe a venda, que eſſe deos vendado,
Tal vez no dedo fique transformado.
Suſpendei neſta mágoa
O fogo ardente neſta ardente fragoa,
Que

Que ſe amor a dous peitos atormenta,
Tambem amor intenta
Dar alivio a quem ama ,
Quando ſe buſca no prazer da châma.
Deixe já laſtimado
Eſſe dedo os tormentos de picado ;
Naõ vá de monte a monte
Accreſcentando mortes eſſa fonte ;
Pois Fileno naõ ſó ſente os deſmayos,
Quanto ſente tambem de ſangue os rayos ;
Mas todos ſentem hum pezar taõ forte,
Que he mayor o pezar , q̃ a meſma morte.
Todos os que iſto ſabem,
Dentro de ſi com o pezar naõ cabem,
Porque alcançando o mũdo eſte accidente,
Todo o ſenſivel , e inſenſivel ſente.
Agora vós, ſenhora,
Se pertendeis em nós achar melhora,
Ponde eſſes olhos neſſe dedo bello,
Que eu vos ſeguro, que chegando a vello,
A noſſa dita ficará ſegura
Só no remedio deſſa formoſura ;
Porque eſſa viſta todo o mal deſterra,
Poſto que mata, quando nos faz guerra.

Alegre manhã de Mayo na despedida do Inverno.

SILVA III.

Declinava a estaçaõ mais carregada
Em chuveiros, e nuvens desatada,
E os ventos mais indomitos, que alenta,
Hiaõ perdendo a força na tormenta.
  As fontes, e os ribeiros,
Que nas crescentes furias saõ primeiros,
Já nas suas correntes
Se mostravaõ mais claros, e contentes,
E o tenebroso da carranca fera
Tinha fugido á doce Primavera.
  Já falavaõ os troncos
Em verdes linguas seus conceitos broncos:
Os campos de boninas
Montes nos davaõ de cheirosas minas;
E sahiaõ da serra
Frutos de aromas a cobrir a terra.
  De vivas esmeraldas
Valles, e montes vestem mil grinaldas,
E traziaõ na cor toda a esperança
Do tempo alegre, da melhor bonança.
  Já naõ se achavaõ fuzilando os ares
O vapor encendido em seus altares;

Nem

Nem já ſe via pela nuve obſcura
Do medonho torvaõ triſte a figura;
Nem tambem aos ouvidos
Lhe chegavaõ dos ecos os bramidos;
Quando a terra ſe achava
Na Primavera, com que deſcanſava.
Huma manhã de Mayo
Vinha da Aurora a luz, fazendo enſayo
Por varios orizontes,
Lançando alvor nos valles, e nos montes,
Deſatando as esferas criſtallinas
No reſplendor das horas matutinas.
Vinha na madrugada
Dando com riſo a todos a alvorada,
E logo nas mantilhas tranſparentes
O Sol trazia, dando goſto ás gentes.
Vinhaõ de companhia
Hum, e outro contente neſte dia
Pelos montes ſaltando;
E por virem brincando,
Os valles mais contentes
Logravaõ as enchentes
De tantos reſplendores,
Por fecundarem mais neſtes favores.
Eu entaõ me animava
Vendo que a luz do Sol me deſpertava,
E por me achar contente
Para o campo caminho diligente

A ver

A ver de inſtante a inſtante
Da Primavera a galla mais flãmante.
Entrando pelos valles
Naõ me lẽbravaõ os meus proprios males;
Nem já chorava amores,
Nem da minha ſaudade os ſeus rigores;
Porque a ſerenidade
Me roubou de tal ſorte a liberdade,
Que já como eſquecido,
Por me ver divertido
Entendi que lograva
No paraiſo a gloria, com que eſtava.
Aqui correndo as fontes
Animavaõ a galla de alguns montes,
E na frondoſa rama, que eſtendiaõ,
A' viſta pareciaõ
Hum paiz animado,
Da cor, que entaõ veſtia meu cuidado.
O roxinol cantava
Na doçura, que a voz lhe organizava,
Mil parabens ao dia
Junto á conſorte, que em deſcanſos via,
E os paſſaros todos
Tambem cantavaõ por diverſos modos
Em naturaes agrados
Doces cantigas por diverſos prados.
Os brutos ſem diſtinto
Neſte confuſo, e doce laberinto
An-

Andando pela ſelva,
Tambem brincavaõ na viſtoſa relva
Em rebanhos contentes,
Fazendo corte irracional ás gentes.
Os frutos bem criados
Pelos ramos ſe viaõ pendurados;
Porque muitos á viſta em varias cores
Já ſe moſtravaõ ſazonar ſabores;
Suppoſto que cahindo
Muitos para comer ſe eſtavaõ rindo.
Nos ramos hum toucado
Tinha o pranto da Aurora congelado;
E ſaltando nas hervas o rocio
Era o campo de perolas hum rio;
De tal ſorte, que a viſta aqui podia
Joyas tomar no roſicler do dia.
As flores mais viſtoſas
Eraõ purpúreas entre brancas roſas,
Sendo os lirios do campo a cada paſſo
Das maravilhas hum formoſo laço,
E com as aſſucenas, que aviſtava,
Todo em jaſmins o campo ſe eſmaltava;
Servindo as margaritas
Ao realce das flores mais bonitas,
E os jaſmins nevados
De concertar as murtas, e os ſilvados.
Os troncos mais creſcidos
De folhas de hera eſtavaõ reveſtidos,

Levando mil abraços
No laberinto de taõ firmes laços,
Disfarçandolhe a idade
A folha de hera tanta eternidade,
Os penedos erguidos,
Já no musgo escondidos,
Dous mil globos formavaõ
Na verde cor, que sobre si tomavaõ,
E parecia cada qual na terra
Bella esmeralda, se elevada serra;
Tendo os bellos outeiros
Por entre o alecrim lindos loureiros.
Pelo comprido valle entre delicias
Se alcançavaõ mil fontes em caricias,
As quaes entrando nos jardins de Flora
Saudavaõ correndo a bella Aurora,
Dando a selva florída
Hum quasi racional recreyo á vida,
Igualando no campo, e na floresta
Do buliçoso ramo alegre a festa,
Fazendo os orizontes
Lindos aos olhos os vizinhos montes.
Eu aqui de elevado
Nem me lembrava do meu bem passado,
Porque aqui a memoria
Se convertia na presente gloria,
Ficandome os sentidos
Quando ganhados, nunca mais perdidos;
Por-

Porque em tantas delicias
Já suspendido ao som destas caricias,
Em tapetes de flores
Adormeci no bem destes favores,
E por todo este espaço
Perdi a vida neste breve laço
Com todas as potencias,
Até que as diligencias
Nas cantigas das aves lisongeiras
(Por serem as primeiras,
Que entráraõ nos ouvidos,)
Me despertáraõ todos os sentidos.
Estando já acordado,
Fiquei suspenso, quando já pasmado
Na musica, que em turbas discorria
Pelas florestas entre a luz do dia.
Corria hum brando vento,
Que das vozes levava o doce alento,
E se os brutos achava,
Os suspendia, quando os admirava,
Porque esta melodia
Todo o animal em gosto convertĩa.
Já quasi satisfeito
O insaciavel gosto de meu peito,
Indo mais adiante
Neste prazer constante,
Avisto hum tanque no matiz do prado,
Vistoso, e socegado,

E perto dous pastores
Chorando males, e cantando amores.
Chegandome mais perto
Lhe ouvi cantar de amor o desconcerto,
E concluia cada hum dizendo: (do!
Que o mesmo amor no amor os foy perden-
Eu nesta conclusaõ todo admirado,
Conjecturando assim meu triste estado,
Deixei prados, e flores,
E deixei meus amores
Neste exemplo fatal, que me annuncía
Morrer de amores, quem de amor se fia,
Dando a manhã de hum Mayo
Hum claro desengano, em que me ensayo,
Para fugir a amor, que me maltrata
No rigor com que atira, e com que mata.

Ao nascimento de huma senhora.

SILVA IV.

GRande dia, senhores, (dores
Pois vemos de hũa Aurora os resplen-
Na candidez do nascimento altivo
Desta deidade, ou desse Sol mais vivo,
Assumpto desta gloria
Que lhe tributa o culto por victoria.

Essa

Esta flor, digo, imagem destes cultos,
Acredora de Angelicos indultos,
Soberano portento,
Ramo animado do mais alto alento,
Cujo nome gravado nas estrellas,
As deixa puras, quando as faz mais bellas.
Esta, torno a dizer, Fili excellente,
Flor sem desmayos em seu bello oriente,
Cujos troncos produzem nestes ramos
Sem morte a galla, que perpetua achamos.
Se por perola neta hoje a diviso
A acclamo Aurora, quando nasce em riso;
E tambem se por filha a considero,
Com mayor luz seu resplendor venerò;
Porque accendentes tantos esplendores
Formaõ prodigios, deixaõ mil favores.
Flora prostrada a seus coturnos de ouro
Em aromas esparge o seu thesouro,
Que o portento, que adora neste dia,
Como nasce da illustre galhardia,
Toda a deidade, que o seu culto intenta,
Em lhe dar cultos mais seu culto augmẽta.
O mesmo Apollo Delfico, e luzido
Despindo a galla, e do Muséo descido
Adoraçoens tributa a numen tanto
Na doce lyra do Apollineo canto.
As Pallas, as Minervas, e os Silvanos
Tem por diadema taõ felices annos,

E cantando as Musas pelos montes
Em seu applauso vaõ trinando as fontes;
E geralmente tudo
Canta os brasoens de Fili, e eu fico mudo.

AO BREVE TERMO
da vida.

O D E.

FOgeme a curta vida,
Quando apenas no mũdo vou entrãdo,
Porque a Parca atrevida
Os fios em cortando,
O golpe lhe anticipa miserando.
Naõ só a mim succede
Esta fatal ruina decretada;
Qualquer vivente cede,
Inda que o desagrada,
Quando a tragica hora lhe he chegada.
Este mesmo destroço
Em tudo o que tem ser, se vê violento,
Pois o forte Colosso
Nem resiste no assento,
Pois se chega a perder no fundamento.

Esse

Esse Alexandre fero,
Pasmo do mundo em ser Marte da guerra,
E esse terrivel Nero,
Se essa Cloto os desterra,
Onde tem vida, se os esconde a terra?
Esses heroes da fama,
Que o seu nome graváraõ na vitoria,
Inda que esta os acclama
No templo da vangloria,
Já naõ tem vida mais, que na memoria.
A memoria fenece;
Que o tempo tudo acaba em desventura;
E se o que foy, se esquece;
Oh como mal segura
Tambem a vida está, que pouco dura!
A flor mais encarnada,
A vida em flor da candida assucena
Já se vê desmayada
Entre duas Auroras,
Perdendo a vida em flor em poucas horas.
Assim he esta vida,
Que anima o racional entre as potencias,
Quando a instantes perdida
Conhece por violencias,
O que evitar naõ póde em resistencias.
Como nuvem, que passa,
Esta vida contemplo irse acabando,
Sendo mayor desgraça

Ir o homem cuidando,
Que esta vida naõ vay seu fim buscando.
Se ella naõ acabára,
Nem desprazer tivera a seus intentos,
Feliz a contempláras;
Mas tendo mil tormentos,
Mais que infeliz a julgo em seus alentos.
Todos buscaõ na vida,
Preparaçoens fazer para adiante,
Mas ella consumida
Lhe mostra em hum instante
Pela morte, que vê, ser inconstante.
Esta vida, que digo,
Naõ a póde suster nenhum vivente;
E qualquer inimigo
Levado de hum repente,
Do teatro do mundo a poem ausente.
Oh vida desgraçada,
Quem se fia de ti, como se engana;
Se te está decretada
A morte taõ tyrana,
Abate as presunçoens menos ufana!
Foge dos precipicios,
Já que infeliz pareces no que aturas;
Livra-te já de vicios,
Se queres ter venturas;
Pois que existindo mal, taõ pouco duras.
Quan-

Quando te chega a morte,
Já naõ podes mercer por viandante;
E se tens esta sorte,
Naõ percas hum instante
De buscar melhor vida, e mais constante.
Ay miseravel vida,
Porque naõ choras, quando estás contente?
Repara-te advertida,
Fazendo-te clemente,
Quando alma levas, e o meu corpo o sente.
Se vás finalizando
Nesse mortal delirio, que experimentas;
Dize-me vida, quando
A melhor vida intentas,
Se na que agora tens, naõ te accrescentas?
Se vida naõ mereces
No mesmo ser, que tens, por isso morres;
E se de ti te esqueces,
Como taõ mal discorres,
Quando tu a ti mesma naõ soccorres?
Se te escrevo os instantes,
Suspende por meu bem tantas vaidades;
Segue as virtudes antes,
Sepultando maldades,
Para ter eu de vida eternidades.

RO-

ROMANCES
a varios aſſumptos.

Ao naſcimento de huma ſenhora no feſtejo de ſeus annos.

ROMANCE HEROICO I.

HOje hũ aſſombro,por naſcer taõ bello,
Já brota aſſõbros no pueril dos annos,
Porque os mais aſtros entre tantas luzes
Deixem as ſombras recebendo rayos.
Se como Sol pór naſcimento illuſtre
Naſce gigante entre brilhantes aſtros,
Bem póde Anarda luzes reprimindo,
Admirar tudo,ſem cauſar eſtragos. (prẽdas,
Pois como he Sol , ſendo immortal nas
Se naõ reprime da ciencia os raſgos,
Temo que o mundo neſta immenſidade
Por menos ſabio aqui fique ultrajado.

Eſte

Este prodigio, que nascendo em luzes,
Mais que esse Sol o mundo dominando,
Ha de ser para credito dos tempos
Firme izençaõ de seus caducos danos.
Nascei altiva desses troncos regios;
Sirvaõ de assombro nesse vosso ramo
Da grandeza os progressos mais illustres,
Pois na virtude já nascestes pasmo.
Nascei, q̃ o mundo,(se vos fica humilde)
Sendolhe affavel no prudente agrado,
Vos reconhece como ramo excelso,
Vos dará culto por divino astro.
Nascei da galla dessa flor mais bella,
Que soube darnos no jardim do prado
(Entre as mais flores, q̃ hoje o mũdo adora)
Nessa lindeza taõ divino parto.
Bem podeis blazonar nessa alta esfera,
Donde o feliz tributa a vosso estado;
Já que os solios tapetes dessas plantas
Saõ humilde lisonja a vossos passos.
Nessa Aurora,que o Ceo vos participa,
Nascendo Serafim mais celebrado,
Vereis já madrugando a luz Febêa,
Que vem trazendo a luz vossos agrados.
Muitas vezes nascẽdo em resplendores,
Vossos annos verá multiplicados
Entre as virtudes do mais alto exemplo,
Como exemplar de todos festejado.

Naõ

Naõ tendes,que temer tantos assombros,
Pois vos naõ desvanece altivo lauro;
E por vos ser devido o que contemplo,
He breve todo o tempo em vosso applauso.
Vivei por gloria deste dia excelso,
Mostrando a todos esse Sol mais claro,
Que se nasceo para o Zenith do culto,
Nunca já mais se eclipsaráõ seus rayos.
Assim lograi no vosso oriente as luzes,
Entre o culto immortal destes applausos,
Já que a dita por gloria vos destina,
Que vos erija o tempo simulacros.

Filis na companhia de Fabio obrigada a embarcarse chorou com o temor da tormenta; e embarcada se socegáraõ as ondas, e o vento se abrandou.

ROMANCE II.

EMbarcai, embarcai, Filis,
Entrai, entrai na falua,
Porque a maré nos convida,
Quando o fresco vento pulsa.
Vamos, vamos para a Corte,
Subi, subi, que segura
Esta monçaõ me parece,
Ainda que o ar se offusca.

Ponde,

Ponde, ponde na barquinha
Vossas, vossas plantas puras,
Que o sol da vossa belleza
Desfará do tempo a furia.
Olhai, olhai, que essa aurora,
Quando, quando assim madruga,
Promettendo-nos favores,
Mais prazer nos assegura.
Naõ temais, naõ temais hoje
O mar, o mar, que fluctua,
Pois tal vez em recebervos
Mostra riso nas espumas.
Alegre, alegre de vervos,
Em ondas, em ondas turvas,
Faz os assentos de prata
Para a vossa formosura.
Entrai, entrai, porque o Tejo
Já, já fugindo mergulha,
Só porque naõ tenhais medo
Na barca, que as ondas surca.
Chorais, chorais minha vida?
Naõ, naõ choreis, porque apura
O meu amor vosso choro,
Quando sentido se enluta.
Ay, ay amor dos meus olhos,
Como, como resoluta
Assim chorando quereis
Matarme com vossa angustia?

Dei-

Deixai, deixai de chorar,
Vede, vede que he injusta
Essa morte, que me dais
Em lagrimas, e ternuras.
Porém, porém naõ mereço,
Nesta, nesta triste luta,
Me mate o pranto da Aurora,
E me sirva o mar de tumba.
Eu naõ, eu naõ vos obrigo,
Posto, posto vos confunda;
Pois hum paternal preceito
Vos manda entrar na falua.
Cesse, cesse o vosso pranto,
Que assim, que assim mais se turba,
Aumentando a tempestade
Quem mais rios lhe acumula.
Amor, amor da minha alma,
Como, como taõ confusa
Desperdiçais tanto aljofar
Entre as correntes da chuva?
Ora naõ, ora naõ quero;
Cessai, cessai, que segura
Podeis estar do naufragio,
Quando só meu peito busca.
Eu só, eu só sinto a pena,
Vendo, vendo essa ternura,
E nos braços de minha alma
Vos salvarei como sua.

Como, como vou comvosco
Ao mar, ao mar por fortuna,
Nelle a ventura acharei,
Pois vay comvosco segura.
Vamos, vamos vento em poppa,
Vede, vede, que he loucura
Temer comvosco naufragio,
Indo comvosco a fortuna.
Olhai, olhai como o vento,
Brando, brando as vellas puxa;
Pois o seu furor quebrando,
Vay mostrando menos furia.
Vede, vede, que a tormenta,
Passou, passou a brandura;
Porque até os proprios mares
Nos annunciavaõ venturas.
Deixaõ, deixaõ a braveza,
Mataõ, mataõ já ceruleas
As ondas, que se sepultavaõ
Nas cavernas mais profundas.
Agora, agora, minha alma,
O mar, o mar nos procura
Conduzir, bellos amores,
A descansar desta angustia.
Ides, ides contentinha
Vendo, vendo taõ seguras
As esperanças, que eu dava,
No bem dessa formosura?

Falai, falai, porque agora
Nada, nada vos aſſuſta,
Pois junto ao cáis o deſcanſo
Já em delicias vos buſca.
Já, já chegamos á Corte;
Ponde, ponde o pé ſegura;
E daime a maõ, porque eu quero
Darvos a maõ nas venturas.

A huma ſenhora formoſa, e ingrata estando tomando o Sol ſobre hum telhado.

ROMANCE III.

COntente Anarda vos vejo
Lá por ſima dos telhados,
Dando máte á Primavera,
Tomando o Sol a pedaços.
Vós lá por ſima de tudo,
A tudo dais ſobreſaltos;
Quando até o Sol vos buſca
Como voſſo namorado.
Minina, a tudo namora
Sobre as telhas voſſo garbo;
E hum ſol outro ſol naõ buſca,
Quando o deixa envergonhado.

Deixais a tudo corrido,
Ou tudo fica paſmado,
Vendovos ſahir do roſto
Tantas luzes, tantos rayos.
Porém ſe rendeis a tudo,
Para que ſubis taõ alto,
Se cá por baixo das telhas
Deixais tudo enfeitiçado?
Porém ſe lá vos ſubis
A girar entre os mais aſtros,
Olhai, naõ eſcorregueis
Deſſe trono illuminado.
Que ſerá fatal deſgraça
Ver no chaõ poſto em deſmayos
O ſol, e dar entre eclipſes
Ao mundo hum total eſtrago.
E ſe goſtais ver ao longe,
Tanto os pertos deſprezando,
Sempre ſerá tyrannia
Deixar vidas, buſcar campos.
Olhai ſe quer para mim,
E fazei que affortunado
Seja algum dia quem morre,
Já que dos tiros foy alvo.
Se eſtou taõ perto de vós,
E ſe ſois ſol animado,
Porque razaõ naõ me aquentaõ
Tambem deſſe ſol os rayos?

Olhai, quem mais perto chega,
Mais a luz o vay queimando ;
Porém eu bebendo as luzes,
Inda aſſim fria vos acho.
Para que ſaõ contrapóſtos
No meſmo compoſto amado ?
Se me abrazais, ſeja em tudo,
Iguale o favor aos rayos.
De que vos ſerve, dizeime,
Render hum peito a deſmayos;
Se naõ lhe dando os alentos,
He o meſmo que deixallo ?
Ora mais compadecida
Vos moſtrai entre eſſes aſtros,
Pois ſe daõ alento em luzes,
Naõ permittais os eſtragos.
Aprendei a ſer humana,
Naõ ſeja o que he bello, ingrato ;
Que he mais que hũ fero deſdem
Deixar o mundo ultrajado.
As deidades, quando vivem,
Naõ ſaõ de ferro, nem de aço;
E ter o peito de pedra
Natureza he de penhaſco.
E ſe vós naõ ſois de pedra,
Poſto ſejais ſimulacro ;
Dizei, porque vos naõ movem
Os ſacrificios, que eu faço?

Eu

Eu bem ſey, tudo ſe deve
A voſſo culto bizarro;
Maş tambem abrazar tudo
He mais que hum tyranno eſtrago.
De que vos ſerve, meus olhos,
Ir almas tyrannizando;
Se quantas matais de hum golpe,
Tantas perde o voſſo agrado?
Ides perdendo na terra
O meſmo culto, que eu faço;
Porque aos voſſos reſplendores
Me alento, e ſinto deſmayo.
Fazeis com mil tyrannias
Os coraçoens em pedaços,
E vendo-os entre ſuſpiros,
Delles fazeis pouco caſo.
Certo, que ſois muito ingrata,
Naõ dando ſe quer hum paſſo
Para livrar na tormenta
Tantas almas do naufragio.
Naõ vedes, que tudo morre
A' viſta de voſſos rayos?
E vós cada vez mais fera,
Naõ vos move tanto eſtrago.
Ora ſuſpendei as iras,
Largai as maõs aos affagos,
Naõ queirais parecer outra,
Day mais de humana dous paſſos.

Basta que divino seja
Vosso luzimento claro;
Mas naõ tanto lá por sima,
Vinde cá mais para baixo.
Se vos naõ nego o attributo,
Menos approvo o tyranno ;
Que huma deidade bem póde
Ser divina, naõ matando.
Mas oh que ninguem se livra
Do vosso termo inhumano ;
Pois rendendo as almas todas,
Lá ficais dellas zombando.
Occultai mais essas luzes,
Naõ sayaõ tanto ao devasso ;
Pois corre perigo o mundo
Em ficar todo abrazado.
Entre-vos já em piedade
Vello taõ tyrannizado ;
Se acaso vós dais na conta
Desta carga, que vos faço.
Naõ deis tantas mortes juntas,
Daime a mim muitas,que eu pago
Por todos, pois que pertendo
Beber desse sol os rayos.

Pegando o fogo em a chãminé da cozinha de huma senhora; esta na inquietaçaõ da casa andava chorando, e perguntando sómente pelo cravo, em que tocava.

ROMANCE IV.

AGua vay, que péga o fogo
Na cozinha da belleza,
Sendo ella o bello incendio,
Que ateya as chãmas na terra.
Sem perdoar no voraz,
A todo o mundo faz guerra,
E tudo abrazando em chãmas,
De outro fogo he que se queixa.
Eu della por toda a parte
Vendo correr lavaredas,
Achei que deixava em cinza
Corpos, e almas nas fogueiras.
E tal vez seja castigo
Este fogo, que lamenta,
Para que deixe o das almas,
Ou dellas se compadeça.
Mas enternecido ao pranto
De Filis, por ser taõ bella,
Quasi para socegalla
Lhe falei desta maneira,

De que vos queixais, minina?
Porque chorais taõ de veras?
Se o fogo porque chorais,
Naõ he cousa que se tema?
Que he isso? Lagrimas tristes
Verteis? quando a causa dellas,
Por mais que corra o telhado
Nunca passará das telhas.
Calai o pranto, meus olhos,
Porque o fogo naõ se aumenta;
Por certo que á vossa vista
Fogo naõ ha que arder queira.
O mesmo fogo nem luz
Parece que representa,
Quando á vista dessas luzes
De que naõ queima se preza.
Converteis o fogo em agua,
E a agua em lavareda,
Pois mais abraza esse pranto
Do que o mesmo fogo queima.
Se chorais, sendo vos Rosa,
O voraz desta tormenta,
Alivio achareis no cravo,
Quando o procurais taõ terna.
Sabei que izento das chãmas
Mal naõ haverá, que o offenda;
Nem tambem o vosso pranto
Tem motivos para a pena.

Ca-

Calai, ſuſpendei o choro,
  Naõ queirais pareça teima
  Buſcar ſem motivo os golpes,
  Sem cauſa ter tanta queixa.
Filis, eſſe voſſo cravo
  Taõ izento ſe conſerva,
  Que na izençaõ, em que vive,
  O ſer voſſo repreſenta.
E ſe naõ foſſeis deidade,
  Por groſſeira vos tivera;
  Pois quem por taõ pouco chora,
  A' divindade ſe nega.
Naõ choreis já tal incendio,
  Chorai os que amor alenta,
  Cauſados da voſſa viſta
  Sem mais, nem menos offenſa.
Matais, e naõ vos laſtima
  Deixardes quem vos venera
  Sem vida para os alivios,
  E com alma para as penas?
Sois muito compadecida,
  Muito vos louvo eſſa prenda,
  E mais ſe eſſa compaixaõ
  Com tudo o mais vos diſſera.
Hum quaſi nada de fogo,
  Hum és naõ és de fogueira,
  Quatro dedos de ferruge
  Vos trazem taõ inquieta?

Ora suspendei o susto,
Deixai, deixai essa pena,
Que quasi passa a loucura,
Quando vós sois taõ discreta.

Achando a Filis colhendo jasmins ao amanhecer.

ROMANCE V.

BEm haja a sorte, minina,
Pois me trouxe a taõ bom tẽpo,
Que vos achei entre flores,
Colhendo jasmins taõ bellos.
Dizei como madrugastes?
Dizeime como taõ cedo
Sahistes quasi em camiza,
Trazendo o sol nos cabellos!
Se vindes a colher flores,
Mais flor eu vos considero,
Em cada planta hum jasmim,
Hum junquilho em cada dedo.
Largai as flores, minina,
Colhei o vosso respeito;
Pois se sahis ao descuido,
Eu com cuidado vos vejo.

Naõ

Naõ estranheis esta vista,
 Pois madrugando o desejo,
 Era justo nessa Aurora
 Já me fosse amanhecendo.
Que assim foy a sorte minha
 Buscar mais cedo o sereno,
 Que nesta serenidade
 Logra mais quem dorme menos,
Se vedes, que eu naõ descanso,
 He certo que vos espero;
 E nunca com mais fortuna,
 Que quando vos acho cedo.
Naõ cuideis, que dessa sorte
 Vos estranho o vosso aceyo,
 Pois antes assim mais bella
 Tal vez hoje vos contemplo.
Esperay mais hum instante;
 Deixaime chegar mais perto;
 Que quero tambem servirvos,
 Indo essas flores colhendo.
Ajudarvoshei, meus olhos,
 Com esses jasmins abertos,
 Pondovos nas vossas maõs
 Com elles os meus desvellos.
Que se estimais meus suspiros,
 Dando causa a meus tormentos,
 He justo, que achem descanso,
 Tendo tambem algum premio.

Ao nascimento de huma senhora.

ROMANCE VI.

OH lá, grande novidade
Me traz suspenso o séntido,
Quando as idéas mal podem
Desempenhar seus motivos.
Cá me sôou sempre alegre
Bem dentro de meus ouvidos
O festejo, que estou vendo,
E por plausivel admiro.
Pasmado fiquei de veras,
Pois em culto taõ altivo
Naõ póde ninguem por certo
Louvar bem o seu principio.
Se me naõ engana a idéa,
Parece nasce hum prodigio
Nesse brinco tudo assombros,
Sem sombras sol mais luzido.
Nasce, porque o mundo veja
Nesta Aurora o sol mais lindo
Para dar alento ás flores,
Para dar alma aos narcisos.
Tudo se converte em flores
Com a luz deste feitiço,
Fazendo gala do assombro,
Na gala fazendo mimos.

Parece pouco o feſtejo,
E he muito naõ ſer ſabido,
Que poſto o louvor ſe ajunte,
Paſma tambem nos motivos.
Ella naſce, e ſe feſteja,
Pois quando naſce, vem rindo,
Que iſto ſó ſuccede a Aurora
Nos prazeres matutinos.
Naõ traz o prazer limite,
Poſto que hoje tem principio,
Porque eſte ha de ſer eterno
No tempo, e no bronze eſcrito,
Naſcei, naſcei para os aſtros,
Porque o louvor he prefixo;
Que quando o motivo he grande,
O goſto he quaſi infinito.

A huma ſenhora, que eſtava bordando em ſeda.

ROMANCE VII.

POr divertir meus pezares
Fuy ver a Lizarda hum dia,
Achey-a bordando em ſeda
Flores ás mil maravilhas.

Entrei, levantouse logo
Fazendome a cortezia;
Pergunteilhe: Meus amores,
Como estais vós, minha vida?
Respondeo-me: Saudosa,
Ausente da vossa vista;
Mas agora que vos vejo,
Todo o meu mal se retira.
Sentaivos, minha alma, digo:
Ella o mesmo me dizia;
Porque mais me desejava
Junto de si esta minina.
Eu alegre, ella contente,
Tudo bem nos parecia;
Pois o mal já naõ lembrava
Da ausencia dos outros dias.
Hum galante bastidor
Junto da janella tinha;
Ella d'hum, eu d'outro lado,
Elle só nos dividia.
Fuy vendo, e fuy admirando
No laberinto, que ordia,
Pois cada hum de seus fios
Me fez confusaõ á vista.
Ainda mais que Ariadne
Mais fios distribuia,
Que com assombros do pasmo
Hiaõ só prendendo as vidas,

Mas aqui ninguem se perde,
 Antes aqui se avalia,
 Se tem a fortuna entrada,
 Ventura tem na sahida.
O didal posto no dedo
 Era admiraçaõ precisa,
 Por fazerem entre o pasmo
 A neve co a prata liga.
As maõs as flores regavaõ
 Ao tempo, que estas fabrica,
 Por darlhe alentos a neve,
 Quando o bastidór corria.
A seda, com que bordava,
 De Tyro diz que lhe vinha;
 E naõ era falsa em tiros,
 Pois atirava, e vencia.
Taes voltas dava nas flores,
 E com tal primor as tinha,
 Que depois de muy bem feitas
 Alma nellas lhe infundia.
Parecia qualquer rosa,
 Cravo, jasmim, ou bonina
 Huma suspensaõ do prado,
 Do prado hũa maravilha.
No bem tirado das folhas
 Qualquer ramo, que nascia,
 Nasciaõ mil suspensoens
 Em delicias para a vista.

Como achei tantos prodigios
Em cada ramo, que via,
Rompi falando em affectos,
Louvando a Lizarda minha.
Ay Lizarda, que me assombras,
Pois em tudo es taõ bonita,
Que me matas a diluvios
No mar de tanta gracinha.
Quem te deo, bello prodigio,
Armas taõ penetrativas,
Quando só nas perfeiçoens
Podes conquistar mil vidas?
Se te ris disto, que eu digo,
Naõ cuides que he zombaria
O cativar liberdades,
Ter tantas almas cativas.
Ora naõ sejas travessa;
Repara que he tyrannia
Matar a gente zombando
No riso dessa boquinha.
Mas nisso terei mais gosto
Morrer por ti, vida minha;
Pois entaõ he que mais vivo,
Quando me matas de fina.

A Filis.

ROMANCE VIII.

CONfeſſo-vos, lindo emprego,
Digo-vos, amada prenda,
Que em vos amar tudo amo,
Pois he tudo eſſa belleza.
Digo-vos que naõ pertendo
Outra deidade mais bella,
Pois ſe póde haver algumas,
Todas meu peito deſpreza.
Taõ contente eſtou comvoſco,
Que naõ póde haver na terra
Aurora,que mais me alente,
Sol, a quem mais favor deva.
Taõ ſugeito a voſſos rayos
Vivo, que ſerá dureza
Naõ eſtimar beneficios,
Quando eſſe favor me alenta.
He tanto quanto vos amo,
Que naõ poſſo neſta empreza
Declarar,nem inda em ſombras,
O amor, que meu peito encerra.
Hum quaſi nada de indicios
Sómente moſtrar quizera:
Mas he meu amor taõ grande,
Que inexplicavel ſe oſtenta.

Aſſim,

Assim nem pouco, nem muito
Digo nesta doce guerra,
Se naõ que vivo constante
Rendido á vossa belleza.
Mas agora se merece
Quem rendimentos confessa,
Bem podeis fazer favores
Largando as maõs ás finezas.
Que hum amante, que vos ama,
Naõ he bem que lhe succeda
(Depois de alcançar agrados)
Achar taõ tibia a belleza.
Nem se dirá do que he bello
Ser bello na resistencia,
Que amor he prompto em favores,
Tapando a vista ás offensas.

A Filis muito doente desmayada na sangria.

ROMANCE IX.

MInha Filis, vós doente!
Vós em perigo, eu com vida!
Morrerey, pois eclipsada
Vejo essa luz que me anima.

Se eu voſſos rayos ſeguindo
Fuy, e ſou eſtrella fixa,
Vede que o Sol deſmayado
Toda a minha luz retira.
He poſſivel meus amores,
Que vos vejo taõ fraquinha,
Sem poder formar palavra,
Quaſi em termos de agonia?
Ay meu amor, meu brinquinho,
Daime hum ar da voſſa viſta,
Abri, abri eſſes olhos,
Deixaime verlhe as mininas.
Ay que mal podeis abrillos;
Forcejai mais, vida minha,
Pois tal vez vendolhe a queixa,
Lhe ponha embargos á viſta.
Que he da voſſa formoſura?
Onde eſtá eſſa gracinha,
Que por dar alento ás almas
Tirava ás almas a vida?
Quem roubou eſſa lindeza,
Quem eſſa cor lhe retira,
Quem torna o purpureo em neve,
Amores, deſſa boquinha?
Meu feitiço, eſtou ſem alma
Neſſa queixa repentina;
Pois padecendo eſſe bem,
Todo eſſe mal me arruina.

Mostrai, mostrai, meu feitiço,
Mostrai o pé da sangria;
Mas ay, que vendado mostra
Eclipsada a gloria minha!
Com os assombros do susto
Quasi que distingue a vista
Entre rubins desmayados,
Que tem essa prata liga.
Ay que chega o sangrador,
Oh tyranna sorte impía!
Inda vos sangrais meus olhos?
Inda a lanceta vos pica?
Acabemos ambos juntos
No rigor dessa sangria;
Mas naõ, vós vivei, e eu morra,
Quando assim vos tyranniza.
Amor, que agua taõ quente!
Mandai lançar agua fria,
Porque a neve naõ padeça
Mais ruinas para a vida.
Oh que cruel lancetada,
E quanto me fere oh vida!
Recostaivos em meu peito,
Porque algum alivio sinta.
Ay amor, tomai alento,
Chegai mais perto minina,
Que o halito de meu peito
Por vosso, e meu vos anima.

Naõ fallais? Que he isto amores?
  Naõ ouvis, Filis querida?
  Ay que morro, ay que padeço,
  Tornai, tornai vida minha.
Graças a Deos, que já vejo
  Vos alentaõ as caricias;
  Pois já menos soçobrada
  Vos vejo essa cor mais viva.
Tomai, tomai mais alento,
  Que tal vez a cobardia
  Até no sol da belleza
  O seu resplendor eclipsa.
Dizeime, inda naõ estais boa?
  Olhai que passa hũa dita
  A ser tumulo de hũa alma,
  Que estes dous corpos anima.
Ay amor, como es cruel,
  Quando unes á tyrannia
  A triaga na doçura,
  Com que fero tyrannizas!
Já passado esse desmayo
  Vos vejo Filis querida;
  Mas eu naõ estou contente
  Em quanto a queixa lastíma.
Melhorai depressa amores,
  Tornemos á gloria antiga,
  Que amor nunca tem prazer,
  Se acaso em desgostos fica.

A Filis se deo castigo por faltar huma penna de hum tinteiro.

ROMANCE X.

DIzem Filis, que hoje hum caso
Succedeo em vossa casa
Naõ de gosto, mas sentido,
Tanto, que me ferio n'alma.
Dizem, mas ay, naõ sey como;
Sobre hũa penna furtada
Vos tratáraõ de tal sorte,
Que vos veyo a custar cara.
Dizem, que ahi vosso pay
Se queixou com pouca causa,
Só por faltarlhe hũa penna,
Só por dar penas em casa.
Tudo veyo a dar em vós,
Porque a sua maõ pezada,
Naõ pezando o que fazia,
Sobre vós cahio armada.
He possivel, que huma penna
De escrever dê tanta mágoa,
Quando fóra do tinteiro
Nunca podé dar pennada!

Ol

Oh naõ ſey como he poſſivel,
Minha flor, Filis galharda,
Que pelo que leva o vento,
Vos venha tal trovoada.
Por hũa couſa taõ oca,
Taõ ſeca, e taõ mal azada
Ha de haver tal reboliço,
Tanta furia, tanta raiva!
Eſſe voſſo pay, minina,
Sendo ſenhor deſſa caſa,
Acho, que parece hum Nero,
Pois taõ tyranno vos trata,
Ha mais barbara ouſadia!
Ha ſemrazaõ mais tyranna!
Naõ póde haver, naõ, naõ ha,
Nem acçaõ mais deſaſtrada.
Eſſa garganta de neve,
E deſſe roſtinho a graça,
Eſſes olhos, que enfeitiçaõ,
Eſſes beicinhos de nacar:
Eſſe corpinho, eſſas maõs,
E a cintura delicada,
Ha de haver quem tudo iſto
Deſpreze em darlhe eſſa mágoa!
Ora por certo o naõ creyo,
Porque ſe o créra, baſtára
Para me acabar a vida
Eſſa acçaõ mais deshumana.

Pois ſinto tanto eſſas penas,
  Sinto tanto eſſa deſgraça,
  Que ſó de imaginar niſſo,
  Suſpira, chora minha alma.
Penna, que tanto vos cuſta
  Me vem a cuſtar mais cara;
  Pois vôa dentro a meu peito
  Para eſcrever minha mágoa.
Para eſcrever ao amante
  Eſcuſaveis de furtalla,
  Quando os amantes no peito
  Tem muitas penas guardadas.
A ſuſpeita, que elle teve
  De vós, foy bem mal fundada,
  Pois naõ faltaõ aos amantes
  Nunca penas, nem palavras.
Com ſuſpiros, quando menos,
  Eſcrevem, ſe acaſo ha falta,
  Fazendo papel do peito,
  E até portadores d'alma.
Aſſim, oh meu feiticinho,
  Foy a acçaõ pouco acertada;
  Que ſe amor eſtá no peito,
  Do peito ninguem o aparta.
Nem voſſa pena ſe aumente
  Vendo hũa penna contraria;
  Porque depois da tormenta
  He certo vem a bonança.

Ale-

Alegraivos, já meus olhos,
Porque assim quem mais disfarça,
Vem a lograr em triunfos
O bem, que mais desejava.
Assim já nos consolemos
Ambos em tanta desgraça;
Vós sentindo, o que he forçoso,
Eu chorando a sorte ingrata.

A Franceliza, que naõ querendo cantar, rogada tocou cravo, tocou viola, e cantou.

ROMANCE XI.

HOntem vi a Franceliza,
Aquella, que o mundo espanta;
Pois de perfeiçoens compendio
He cifra de toda a graça.
Hontem a vi taõ formosa,
Hontem a vi taõ bizarra,
Que della aprender podiaõ
Flora, Venus, Juno, e Pallas.
Mais, que a essas tres em Ida
A maçã fora julgada,
Se Páris aqui estivera,
Se Páris aqui se achara.

Taõ galante estava o dengue
Desta formosa engraçada,
Que era respirar meiguices.
Quando dava alento ás almas.
Nos olhos toda brandura,
Toda riso nas palavras,
Toda na garganta assombro,
No rosto toda mil graças.
No prazer, que a gente tinha,
Entre o gosto, que se achava,
Que cantasse lhe pediraõ
Quantos estavaõ na casa.
Assim já para cantar
Foy Franceliza obrigada
Entre todos de Fileno,
Que em suspensoens a adorava.
Mas ella toda repudios,
Toda em sustos se escusava,
Dizendo: Ay Jesus que morro,
Naõ sey, e estou assustada.
Deixem-me, que isso he matarme,
Que entre estar desanimada,
Cantar naõ posso, nem quero,
Pois que naõ canto com graça.
Ay que tremuras! Que he isto?
Naõ posso, outra vez tornava,
Mostrando nestes affectos
Mais tentaçoens para as almas.

Tudo

Tudo ſuſpenſo na viſta
Deſta belleza ſe achava,
Até que a rogos de todos
Para cantar ſe prepara.
Lançando maõ á viola,
Muitas vezes a largava,
Com o tampo para ſima,
Pondolhe no eſpelho a cara.
Oh que fortuna, oh que dita!
Mas inda entaõ repugnava;
Atéque com mil exceſſos
De cantar dava palavra.
Em fim, para noſſo alivio
Cantou, tangendo a guitarra;
Mas no meyo das cantigas
Suſpendia a voz de prata.
Toda corrida de hum pejo
Nas cantigas ſe aſſuſtava,
Sendo de ſi propria aſſombro
Na cor do roſto mudada.
Aſſim a duas cantigas
Alma lhe deo com tal graça,
Que a todos deixou rendidos
No primor, com que as cantava.
Para nos deixar mais prezos
A ſuavidade animava
Com tal modo, que o dominio
Era abſoluto nas almas.

Mas porque aqui naõ paraſſe
A dita, que ſe lograva,
Quiz a fortuna, que foſſe
Mais adiante a mochacha.
Tocou hum cravo eſta roſa,
Tocando-nos alvoradas,
Pois quando a Aurora vem rindo,
A todo o vivente agrada.
Tocou porém de tal ſorte,
Que aqui toda a Muſa paſma,
Pois a Muſa canta humilde,
Onde o prodigio ſe exalta.
Tudo foraõ ſuſpenſoens,
Pois a todos admirava,
Que ſendo encanto a belleza,
Foſſe encanto a voz de prata.
Deſpedimonos alegres,
Poſto que com grande mágoa,
Por deixarmos o feitiço,
Que mais nos enfeitiçava.
Em fim ficou Franceliza
Onde vive, e donde mata;
Onde eu mais, que tudo quero
Sempre eſtar na ſua graça.

Parabens.

ROMANCE XII.

FIlis, parabem vos seja
Tanto gosto, tanto alivio,
Pois tratando de esponsaes,
Sey que alcançastes marido.
Naõ digo que o procurastes,
Que isso fora mais delito,
Que hũa taõ grande deidade
Só permitte o sacrificio.
Algumas ha que o procuraõ,
Mas saelhe o gado mourisco,
Pois muitas o naõ alcançaõ,
Outras naõ saõ para isso.
Porém vós sendo taõ bella,
Sendo taõ lindo feitiço,
Quem haverá entre os homens
Que naõ quizesse hum tal brinco?
Se de qualquer formosura
Todos buscaõ ser cativos,
A' vossa, que he singular,
Fariaõ muitos serviços.
Tendo vós taes perfeiçoens,
Naõ casar fora delirio;
E o mundo entaõ se acabara
A faltar quem désse filhos.

Este vosso estado he justo,
Por Deos sendo instituido,
E naõ póde haver por santo,
Quem lhe negue este principio.
Casarvos foy acertado,
Que o mais he cousa de riso;
Pois a perola engastada
Tem mais valor, tem mais brio.
Se sois perola da Aurora,
Ou da Aurora o melhor brinco,
Na joya dessa belleza
Com mais gloria vos distingo.
Mil parabens vos tributo,
E com mil parabens fico,
Se esse Adonis, que vos leva,
Chega a ser vosso Narciso.
Morrerá por vós de amores,
Só nisto ha de achar alivio,
Pois deve morrer a instantes,
Por vos ter sempre comsigo.
Vivei com elle, que he gloria,
Que lhe alcançou seu destino,
Sendo o fruto do Hymineo
Aumento do Christianismo.
E nós todos esperamos
No fim, como no principio,
Que as ditas sejaõ assombro
Sem dezar, sem precipicios.

A hum desmayo de Anarda.

ROMANCE XIII.

COm Anarda estava Fabio,
Porém naõ sey como estava,
Que naõ he bem, que se diga
O que em casa a gente passa.
Com extremos de alegria
Se achavaõ dentro de casa
Cumprimentando finezas
Na locuçaõ das palavras,
Já depois de alguns colloquios,
Com que amor só se explicava,
Suffocou hum só soluço
A voz partida de Anarda.
Fabio vendo-a sem alento,
Sem cor, sem vida, e sem fala,
A tomou logo em seus braços,
Pedindo o fim da palavra.
Mas vendo que naõ responde,
Com ancia torna a chamalla,
Dizendo: Anarda, que he isto?
Como me dás tanta mágoa?
Quem te eclipsou esse alento?
Quem te murcha tanta gala?
Quem te retira a lindeza?
Quem esse alento te aparta?

Mas

Mas oh naõ sey como o diga,
Pois só escrevello basta,
Para perturbar a idéa
Tratando de tal desgraça!
Fabio sem alma, e sem vida
Mais morto estava, que Anarda;
Vendo que nem tinha pulsos,
A que delle he vida, e alma.
Como Fabio de seus olhos
Muitas lagrimas lançava,
Ao rosto de Anarda bello
Cobria com fontes de agua.
Mas como Anarda naõ sente,
Supposto o pranto a banhava,
Fabio lhe diz: Minha vida,
Que he isto, que te maltrata?
Se estás viva, dame alentos,
Se estás morta, já me acaba,
Que a vida em nada me alenta,
Pois te vejo amortalhada.
Morra eu, e vive tu,
Porque he fineza, e mais paga,
Que morra amante quem vive,
Vendo-te em tanta desgraça.
Que respondes, vida minha?
Já naõ me ouves? Naõ me falas?
Porém oh como he possivel,
Se estás morta, dar palavra!

Naõ

Naõ ſey, naõ ſey como vivo !
  Nem ſey como tanta mágoa
  Me naõ parte o coraçaõ,
  Quando ſinto dores n'alma !
Acorda já do lethargo,
  Onde todo o bem naufraga,
  Vem acudir, ſe naõ morre
  Quem taõ laſtimado ſe acha.
Já neſte tempo ſeus olhos
  Anarda abria, e fechava,
  Dando ſinaes da melhora
  De Fabio taõ ſuſpirada.
Foy abrindo pouco a pouco
  A boca a ſuſpiros dada,
  Até que formou nas vozes
  Conſolaçaõ para as almas.
Fabio, já neſta melhora
  Todo contente ſe achava,
  Dando graças á fortuna,
  Vendo ſem deſmayo a Anarda.

Tendo cortado em hũa doença Filis o ſeu cabello, em melhorando logo o fez meter em anneis, ſendo ainda pequenino.

O que entaõ pareceo mal, agora ſe uſa por moda.

ROMANCE XIV.

Filis, ſeja parabem
A melhora, que haveis viſto,
E melhor ſe eſſe cabello
Fora, como foy, bonito.
Se as madeixas lhe cortaſtes,
Como hoje quereis por brinco
Ter bonitos na cabeça
Nos monetes retorcidos?
Ora deixai, minha vida,
Que iſſo parece delirio,
O qual ſubindo á cabeça,
Faz hoje eſſe deſatino.
Naõ ficaſtes com pezar
Perdendo de fio a fio
Em cada cabello o ouro,
E em tal ouro hum prodigio?
Como quereis inda agora,
Que tenha o valor antigo,
Se a inſtantes eſtá creſcendo
Nos minutos de curtinho?

Iſſo

Isso será impossivel,
Além de ser hum martyrio
Dar tratos nessa cabeça,
E porlhe papeis por brinco.
Dizeime como daõ volta
Esses anneis retorcidos?
E se inda naõ daõ nó cego,
Em laçada tem seu risco.
Por ventura crescem logo
Ao toque desses dedinhos?
Ou nos pertos dessa neve
Se encaracolaõ de frio?
Naõ por certo, que essas maõs
De rayos formaõ seus tiros;
E sem congelar objectos
Suspendem nos beneficios.
Eu cada vez mais confuso
Nesta vossa acçaõ me admiro,
Vendo prender com effeito
No cabello os papelinhos.
Com que os pegais meus amores,
Dizeime meu feiticinho?
Que se he por feitiço acaso,
Quero fugir desse brinco.
Ora certo prendeis muito;
E quem faz taes feiticinhos,
Mayores cousas he pouco
Quando prendeis com prodigios.

Até quanto está nas almas,
Que saõ potencias affirmo,
Que naõ ficaõ por izentas
Sem vós pagar donativo.
A tudo rendeis meus olhos,
E ninguem póde ir fugindo,
Que como he sol a belleza,
A todos toma o caminho.
Encrespai como quizeres,
deixai o cabello em riso,
Que assim alegrais a tudo,
Quando elle em tudo he taõ lindo.
E naõ temais que vos falte
No ar da gala o seu brio,
Que se vay crescendo à montes,
Monte de ouro he cada fio.

A huma senhora dando a ler as cartas do seu amante.

ROMANCE XV.

NAõ sey como hey de pagarvos
Minina tanta fineza,
Pois me descobris no occulto
O mais claro destas letras.

Este

Este favor naõ tem taxa,
 Nem limite em sua esfera,
 Quando fiais de meu peito
 O que o vosso peito encerra.
He taõ grande este favor,
 Que mayor nunca se espera,
 Pois daqui a mais que amante,
 Pouco vay, se vay de veras.
Vosso amante escreve fino,
 Vós lhe respondeis severa,
 Sendo que amor nunca busca
 Rodeyos para o que intenta.
Vós naõ vos facilitais
 Elle a facilitar entra;
 Vós mostraisme as suas cartas,
 Eu naõ sey o que isto encerra.
Que he grande mercé por certo,
 Certo he, ninguem o nega;
 Mas se eu naõ pago os carinhos,
 Como obrais tantas finezas?
E supposto que andais fina,
 Além de seres discreta;
 Naõ tenho com que pagarvos,
 Se o meu amor vos receya.
Vós com amorinhos novos,
 Quem ha de haver,que vos creya?
 Quem ha de esperar futuros,
 Quando o presente inquieta?

Eu ſim vos amára muito,
Porém com outro indiſcreta
Fora á minha fé medroſa,
Tímida a correſpondencia.
Que quereis ; ſe tanto ás claras
Continúa a ſua teima ?
Naõ ſerá louco hum diſcreto,
Quando a competir ſe meta ?
Guardai minina eſtas cartas,
Que amor naõ me repreſenta
Muita firmeza partido,
Inda que eſta acçaõ me alegra.
Vós vender bullas comigo ?
Vós comigo tanta treta ?
Iſto he tal vez maranha,
Que paſſa a ſer ſutileza.
Bem vos entendo meus olhos,
Poſto naõ aceito a idéa,
Naõ deixo de agradecervos
Eſta graça liſongeira.
Mas eu meu amor naõ poſſo
Andar cego na tarefa,
Como hum Cupido ſem arco,
Tal vez tendo arco ſem frexa.
Lá vos avinde com elle,
Se joga comvoſco ás cegas,
Que eu naõ quero bordoadas
De amor, quando amor naõ preſta.

A Fi-

A Filis depennando hum gallo vivo.

ROMANCE XVI.

NAs vossas maõs minha Filis
Vejo estar hum gallo vivo,
Dando por fortuna a penna,
E com pena dando gritos.
Elle tal vez ignorando,
Que fazeis isso por brinco,
Repugna darvos as pennas,
Quando vos quer dar o bico.
Quer antes no seu poleiro
Fazer de si sacrificio,
Porque alli canta contente,
Quando aqui grita opprimido.
O certo he, que naõ sabe
Estimar tal beneficio,
Pois mercé tal como essa
Outro gallo a naõ tem visto.
Taõ medroso está comvosco,
Que parece hum franganito,
Sem ver que nas vossas maõs
Naõ póde haver algum risco.
Eu sem ser gallo, nem frango
Vos dera todo o vestido,
E me deixára morrer,
Só por vos servir de alivio.

Folgára me depennasseis,
Estimára esse brinquinho,
Pois mais que fortuna fora,
Se eu me vira nesses brincos.
Largaravos toda a penna,
E ainda estando opprimido,
Para os alivios voara,
Mas que fora de hum saltinho.
Vede Fili dos meus olhos
Se o gallo troca comigo,
Que elle livrará das penas
Quando eu entre nos alivios.
Rogay-o por vossa vida,
Que se elle naõ gosta disso,
Eu acharei por mais gloria
O que elle achou por martyrio.
Ora sim, fazeime as partes,
Ajudaime a conseguillo,
Que eu deixarei de ser gallo,
Posto me deixeis hum pinto.
Mas se elle naõ quer, meus olhos,
Teimoso nesse delirio,
Depennai-o muito embora;
Dailhe esse cruel castigo.
Fique sem alentos todo,
Sem azas fique, e sem brio,
Sem que hum vôo possa dar,
Ande depennado, e vivo.

Pague essa gloria a pedaços,
Sinta o favor a suspiros,
E mortaes desmayos veja
Entre o bemdesses dedinhos.
Deyxai-o já, que assim corra,
Para o campo perseguido,
Sem pennas para o tormento,
Com penas para o alivio.
E vós senhora, a piedades
Inclinai o peito altivo,
Que naõ se casaõ desdens,
Com quem naõ busca desvios.
E se noticia de amores
Daõ exemplos infinitos,
Naõ queirais dar máos-exemplos
Na dureza dos martyrios.
Compadeceivos de hum peito,
Tornai em gloria o delicto,
Que he injusto, que as deidades
Dem penas, naõ dem alivios.

Ao desdem de Lucinda sahindo huma tarde ao campo.

ROMANCE XVII.

AO campo sahio Lucinda
Hum dia desta semana
Com hum toucado á Franceza,
E vestida de escarlata.
Hia publicando guerra
Pelo campo declarada,
Já matando com seus olhos
A todos quantos topava.
Como purpura vestia,
(Além do brio, e da gala)
Eminencias desprezando,
Mais que Rainha se achava.
No seu imperio absoluta
Dominava na campanha
A republica das flores,
E toda a izençaõ das almas.
Vendo-a já todos diziaõ:
Que era sol, e flor, que estava
Lançando rayos ao mundo
Quando nos prados fragrancia.

Ren-

Rendia a todos Lucinda,
E até o chaõ, que pizava,
A flor caindo dos ramos
Lho alcatifava com gala.
Mil desdens mostrava o rosto,
Vestidos com tanta graça,
Que a mesma izençaõ servia
De render mais quem passava.
Nos olhos, que saõ Cupidos,
Frexas Lucinda atirava
A certo Adonis, que a via
Dentro de seu peito, e alma.
Mas como feita a crueldades,
Se elle hum favor procurava,
Só achava tyrannias,
E em seu desdem mil desgraças.
Supposto taes desenganos
Vio Adonis tanto ás claras,
Naõ desesperou da empreza
Antes ficou na esperança.
Depois de estar divertida
Tornou Lucinda galharda
Para a Corte, donde existe
Taõ formosa como ingrata.

Fileno se ausenta satisfazendo hum arrufo.

ROMANCE XVIII.

SAbei adorada prenda,
Ouvi meu doce feitiço
De hum coraçaõ, que vos ama,
O seu mayor sacrificio.
Tenho por dita adorarvos,
Tenho por gloria o servirvos,
Posto que em alguns disfarces
Vou occultando o que sigo.
Naõ repareis nos desdens,
Pois com elles sou mais fino,
Que hũ desdem, quãdo he forçoso,
Vale mais, que mil carinhos.
Adverti que o vosso amor
Eu taõ extremoso o estimo,
Que nunca já mais presumo,
Que o meu possa ser fingido.
Nem devieis estranhar hoje
A politica, que eu sigo,
Pois em vós disfarço as veras,
Naõ cabendo em mim delictós.
Sabei que padeço muito
Amando-vos meu feitiço;
E quando estou mais presente
Naõ vos agradar só sinto.

Mas

Mas ſe vós quereis amores
Ter amor compadecido,
Reparai no que eu padeço,
Quando nos tormentos vivo.
Permittime, antes que eu parta,
Da voſſa graça o alivio,
Pois morrerei na eſperança,
Se me naõ fazeis hum mimo.
Ouvime antes da auſencia,
Que ſe hey de morrer meu brinco,
Naõ deixeis quem vos adora,
Em quanto por vós ſuſpiro.
Mas ay bem, ſe eu naõ mereço
Ver amor compadecido,
Bem podeis provar de ingrata,
Pois que matais com deſvios.
Compadeceivos meus olhos,
Olhai que á deidade unido
O amoroſo ſempre eſtá
Izento do vingativo.
Vede que vos quero amante,
Que por vós ſó peno, e ſinto;
E quem por vós tem tormentos,
Tambem por vós tenha alivios.

A huma

A huma ſenhóra vendo fazer anatomia no cadaver de hum ſeu irmaõ inda minino.

ROMANCE XIX.

GRande valor bella Anarda,
Grande coraçaõ por certo;
Pois quando á mágoa he taõ duro,
Se naõ he bronze, he de ferro.
Dizeime como he poſſivel
Teres valor taõ ſevero,
Vendo romper hum cadaver,
Que faz horror, mete medo!
Que empregueis formoſa a viſta
Em hum cadaver aberto;
Que ha de dizer todo o mundo
Deſſe valor indiſcreto?
Que quereis, que ajuize a gente
De hum taõ grande deſacerto?
Se naõ que ſois qual o tigre,
E mais fera, que elle fero.
Vede ſe as entranhas rompe
Eſſe Anatomico horrendo,
Que tambem a viſta obra,
Pois ver, e obrar he o meſmo.

Naõ

Naõ vos move a compaixaõ
 Eſſe corpozinho tenro,
 Por frio, todo de neve,
 Sem alma, todo de gelo?
Vendolhe raſgar as veyas,
 Goſtais, e eſtais a pé quedo,
 Quando já naõ deita ſangue
 Nas maõs á força do ferro?
Naõ póde paſſar a mais
 O voſſo tyranno genio,
 Do que até ver as entranhas
 Deſſe voſſo ſangue meſmo.
Que ha de eſperar quem vos ama
 Entre o ſeu deſaſſocego,
 Senaõ duplicadas mortes
 Na ingratidaõ deſſes dedos?
Deſpedaçais voſſo mano
 Aſſim da ſorte que eu vejo,
 Pois que lhe applicais a viſta,
 Quando outro lhe applica o ferro.
Naõ minina, naõ me agrada
 Tal tyrannia por certo,
 Nem póde agradar a outrem
 Quem deſagrada a ſi meſmo.
Quereillo levar á cova?
 Dizei? Será pio acerto,
 Que tambem lhe deite terra
 Quem aſſim folga de vello.

Ora

Ora deſviai os olhos,
Que naõ he eſte o objecto
Das deidades,ainda quando
Nos ferem, nos daõ tormento.
Aprendei a ſer humana,
Compadeceivos por dentro,
Naõ moſtrem voſſas entranhas
O que á viſta repreſentaõ.

Na morte de hum ſeu canario, que cantava tanto de noite, como de dia.

ROMANCE XX.

AY, que tendes meu canario,
Que andais cõ a morte ás lutas?
Dizeime, ſe iſſo he delirio,
Ou ſe he de eſtar ás eſcuras?
Dizei, ſe ficais fechado,
Como fica mal ſegura
A voſſa garganta de ouro,
Se alenta no que tributa?
Se dava cantando a vida
Mais alentos á fortuna,
Como naõ pedis ſoccorro
Neſſa mágoa taõ commua?

Che-

Chegaivos meu paſſarinho,
  Daime conta deſſa anguſtia,
  Se acaſo foy accidente,
  Ou ſe effeito foy da Lua.
Tambem vos chegaõ deſmayos,
  Tambem a morte vos buſca,
  Naõ ſois izento da Parca,
  Tambem o alento vos turba?
Certo que foy inhumana,
  E comvoſco mais ſe apura
  A crueza de ſeus golpes
  Neſſa crueldade, que uſa.
Por dardes alento ás vidas
  Agora a vida vos furta?
  Pouco dominio por certo
  Moſtra comvoſco em tal furia.
Hum paſſarinho taõ debil,
  Hum átomo de doçura,
  Huma vózinha de prata,
  E mais buſcada ás eſcuras!
Neſſe golpe, que vos deo,
  A fouce pouco aſſegura,
  Quando eſſa vida em aſſopros
  Nas pennas achava a tumba.
Entrou comvoſco de veras
  Eſſe horror, que a tudo aſſuſta,
  Eſſe eſqueleto pintado,
  Eſſa fórma ſem figura?

Mas oh, que os effeitos mostraõ,
Quando a gayola se enluta,
Que já naõ tendes alento,
Que essa vida está defunta.
Levantai esses pészinhos,
Day as azas á fortuna ;
Mas naõ podeis ! Oh crueldade !
Oh ingrata Parca escura !
Onde estaõ canario as vozes,
Onde acharei as ternuras
Do vosso taõ doce canto,
Da vossa lingua taõ pura ?
Naõ era o clarim da fama
Do vosso peito a ventura ?
Naõ corriaõ pelos ares
Em suavidade as fortunas ?
Naõ se admiravaõ as aves
Nas vossas vozes nocturnas ?
E o mesmo Sol, se vos via,
Naõ via a musica em turbas ?
Esses brutos sem distincto,
Ouvindo os ecos nas lutas,
Naõ se pasmavaõ no canto,
Naõ perdiaõ logo a furia ?
Sim por certo : tudo andava
Rodeando essa clausura :
Murmurando, que em prisoens
Se achassem tantas ternuras.

E ſe vós tantos applauſos
Lograveis entre creaturas,
Como naõ ſentirei hoje,
Perdendo tanta ventura!
E como tenho a razaõ
De eternizarvos na Muſa,
Naõ me parece que he muito,
Quando hum tal prazer caduca.

A huma viſita de Filis.

ROMANCE XXI.

VIeſteſme viſitar,
Meu amor, hum deſtes dias,
E diſto fuy taõ contente,
Que explicar naõ poſſo a dita.
Mais alegre, que humas Paſcoas
Andava com tal fadiga,
Que era ſofrego o deſejo,
Quando á viſta vos naõ tinha.
Quaſi que chorei de goſto
Na gloria deſta viſita,
Suffocando a voz no peito,
Quando o meu coraçaõ ria.
Foy tal o alvoroço em caſa,
Foy tanto o prazer, que eu tinha,
Que paſmava toda a gente
No effeito deſta alegria.

Mas naõ he muito em dous peitos
Se conheça a valentia,
Quando o nosso amor por grande
Já mais fugir póde á vista.
E muito menos se amando,
O mesmo amor determina
Dar creditos á fineza,
Dar indicios do que anima.
Vós vistes, e todos viraõ
Os excessos, que eu fazia,
Pois com só tervos em casa
Era o prazer,que eu só tinha.
Comvosco andei taõ contente,
Feitiço, prenda querida,
Que de mais me naõ lembrava,
Se naõ de vós vida minha.
Que hum tal bem quando se alcança,
Com tanta razaõ se estima,
Que naõ lembra mais que a gloria,
Quando esta naõ tem medida.
Se dais credito ao que digo,
Se vistes o que eu fazia,
Como fugistes meus olhos
Com o ar dessa gracinha?
Vós retirando-me o rosto,
Fazendo breve a visita,
Que he isto? Ou que novidade
Tanto de mim vos desvia?

Eu favores requerendo
Na ultima despedida,
E vós como se eu naõ fosse
Me mostrais tal tyrannia?
Dizei que motivo amores
Taõ depressa vos retira?
Ou com que razaõ de ingrata
Fazeis hoje a despedida?
Se vós viestes a verme,
Porque me perdeis de vista?
Oh ingrato amor travesso
Deixai essas tyrannias!
Se vos busco, vós fugisme,
Se vos deixo, me amofina,
Se vos naõ acho, padeço,
E tudo me tira a vida.

Filis no campo, atirando com pedras ao seu amante.

ROMANCE XXII.

AY, que he isto meus amores,
Vós ás pedradas comigo?
Que quereis, que de vós julguem
As mais flores deste sitio?

Que haõ de dizer eſtes campos
Vendovos armar com tiros,
Se naõ que ſois Amazona,
Ou que tal vez baſiliſco?
Para que ſaõ minha Filis
Em pedras tantos carinhos;
Se a quem ſe rende aos affagos
Saõ por demais eſſes tiros?
Parai, ſupendei as iras,
Que hum coraçaõ vingativo
Paſſa a ſer por deshumano
Hum fero algoz de delictos.
Se acaſo zombais meus olhos,
Ou ſe atirais ſó por brinco,
Tambem comvoſco brincando
Vos hey de dar com hum ſeixinho.
Chegai, chegaivos mais perto,
Atirai com mais ſentido,
Que he iſſo? Naõ me acertais?
Aqui eſtou, naõ me retiro.
Se acaſo ſou voſſo alvo,
Exercitaivos, que eu fico,
Que acertando eſſas deſcargas
Com tudo me deixeis vivo.
Eſſes tiros me daõ vida,
Nelles venho a achar alivio;
Pois como ſey darvos goſto,
Faço goſto do martyrio.

Ay amor, que já me déstes!
  Mas foy tiro taõ fraquinho,
  Que quasi naõ me chegava
  Se o naõ chamára hum suspiro.
Aqui estou, querereis que atire?
  Mas naõ, que amor suspendido
  Pasma vendo a quem adora,
  Perde o valor deixa o brio.
Vós se me obrigais, naõ quero,
  Quereis? Pois naõ estou nisso;
  Tomai, tomai essas pedras,
  Atirai mais meu brinquinho.
Aqui tendes o meu peito,
  Que de vós nunca o desvio,
  E tal vez se o desviára,
  Que chorára de fugirvos.
Daime outra, por vida vossa,
  Olhai, ouvis o que eu digo?
  Digo que atireis meus olhos
  A este vosso amorzinho.
Mas que he isso? Vós parais?
  Já me negais esse mimo?
  Naõ sabeis que só padeço,
  Quando por vós nada sinto?
Porém fazei vosso gosto,
  Que eu de toda a sorte estimo,
  Que seja a vossa vontade
  O prazer do meu alivio.

Fileno a Filis, entrando ambos em hum pequenino barco com dous rapazes aos remos.

ROMANCE XXIII.

VOs me obrigais meus amores
A que eu entre na barquinha,
Eu vou amor, pois que nella
Comvosco vay minha vida.
Mas que travessura he esta,
Meu bem, ou quem vos obriga
A navegar tantas ondas
Em taõ misera barquinha?
Olhai cá; eu vou comvosco;
Mas dizeime minha vida,
Adonde mandais os remos,
Donde guia o barco a quilha?
Ridesvos! Que graça he essa
Zombar das aguas minina,
Quando o vento está taõ crespo,
Quando o mar bate a marinha?
Mas se assim o quereis, vamos
Onde o gosto vos convida,
Que já sey com esse riso,
Que a mesma Tethis vos guia.

Lar-

Largai mininos os remos,
 Que amor com azas enſina,
 Que navegará ſem elles,
 Pois que voando caminha.
Se aqui vay amor no barco,
 Meu amor nada ſe arriſca,
 Que aonde o amor ſe alcança,
 Naõ póde haver quem reſiſta.
Se vamos com vento em poppa,
 Quando ſem vellas caminha,
 Certo que ſeraõ aſſopros
 Em que o meu amor ſuſpira.
Tal vez milagres de amor
 Façaõ eſta maravilha;
 Pois outra Venus nas aguas
 Só em vós entra mais linda.
Que he iſto? Olhai que as aguas
 Formaõ ondas infinitas;
 Naõ vedes hum riſo alegre
 Nas eſpumas criſtallinas?
Vede que batem no barco,
 Olhai que ſobem cá ſima,
 E daõ repoſtas confuſas
 Quando ameaçaõ ruina.
Que! Vós zombais do que eu digo,
 Por teres mais nobre a viſta?
 Naõ vedes ferver as ondas.
 Como em choreas as linfas?

Dizeis, que morrer comigo
Quereis, ſendo zombaria,
Quando vos rides ao ſuſto
Só porque ſois taõ divina.
Bem ſey que o mar muy contente
Como a Tethis vos eſtima,
E ſe eu vos naõ conhecera
Tal vez receara a vinda.
Mas bom he, que o Sol confunda
Tanta neve derretida;
E que faça arder as aguas
Em mais branda calmaria.
Naõ porque eu fuja aos ſoçobros,
Nem porque tema a ruina,
Se naõ porque huma deidade
Deve ſer bem recebida.
Porém como naõ temeis,
Iſſo, amor, he que me anima,
Até quando vós goſtares
De voltar para a marinha.
Goſtais amor dos meus olhos?
Ides muito divertida?
Ora para bem vos ſeja
De goſto tanta alegria.
Oh como volto contente!
Se quereis mais minha vida,
Andai, andai que eſtes remos
Puxaráõ pouco a barquinha.

Já quereis ir para a terra?
Bem vos entendo minina;
Eu mando voltar a proa,
Onde esse sol se encaminha.
Saltai, saltai que este sitio
Mais proprio aqui nos convida
A descansarmos na praya
Brincando com as conchinhas.
Ay amor, olhai que bellas!
Oh que pedrinhas taõ lindas!
Vede taõ diversas cores!
Olhai outras taõ branquinhas!
Ora sentaivos amores,
Antes que essa areya sinta,
Que no desprezo a deixais,
Quando a pizais com gracinha.

A huns zelos de Selinda.

ROMANCE XXIV.

O Vosso arrufo Selinda
Naõ posso já supportar,
Que como naõ cahe em culpa,
O sofrer parece mal.
Se vos parece, dizeime,
Porque causa me atirais?
Que se vos justificares,
Por força me hey de calar.

Mas

Mas andares nessa teima
  Quando culpa se naõ dá,
  Atirandome com iras,
  Naõ he tormento fatal?
Quem senaõ minha paciencia
  Vos póde tanto aturar?
  E inda assim eu naõ posso
  Nessa injustiça mortal.
Naõ sou eu quem vos adora?
  Naõ sou quem chorando faz
  No repetir das finezas
  A gloria mais singular?
Naõ sou o que mais procuro
  Ver essa luz immortal
  Nas mininas dos meus olhos,
  Sem mais nada desejar?
Ora naõ sejais teimosa
  Se taõ enganada estais;
  Deixai, deixai tantos zelos,
  Em fino amor descansai.
Senaõ diraõ nesta terra,
  Que enganado amor me traz;
  Que amor com amor se paga
  Sempre sem menos, nem mais.
E sejamos amiguinhos
  Em tudo o que amor mostrar;
  Porque sempre hey de ser vosso,
  Se acaso me naõ deixais.

A hum

Á hum amigo.

ROMANCE XXV.

SE saudades matassem,
Meu amigo, eu morreria,
Mas eu segurar vos posso,
Que morro sem vossa vista.
Naõ sou como os mais amigos
Quando tem penas fingidas,
Pois a minha he de tal sorte,
Que me dá morte inimiga.
Depois que dahi parti
Metido em hum barco á sirga,
Hum mar formáraõ meus olhos
Dous rios em cada bica.
No peito me suffocavaõ
Os soluços sem medida,
Sendo o tormento a materia,
Em que mais me sumergia.
Em fim eu cheguei á Corte
Já sem alento, e sem vida,
Donde he justo vos dê parte
Do mal, que me tyranniza.
Cheguei, mas ando pasmado,
Sem saber já onde habita
O descanso, que eu lograva
No regalo dessa quinta.

Já pela praya naõ corro,
Já naõ vejo a Franceliza,
Que me dava mil taponas,
Sem conta, pezo, e medida.
Já naõ salto nesses montes,
Nem comvosco vou á Missa,
Onde estaõ muitas madeixas
Penduradas pelas fitas.
Naõ vejo de S. Joseph
O que alcançar póde a vista
Em taõ dilatados mares,
Nem o dançar das mininas.
Boas noites foraõ estas,
E tambem foraõ bons dias,
Onde taõ bem se cantava,
Onde bem dançar se via.
Confesso que ha de lembrarme
Essa vossa companhia,
Pois só por estar comvosco
Eu toda essa gloria tinha.
Aqui ando pela Corte,
Sem que veja a bizarria,
Que andava por essas partes,
Que achei nesses poucos dias.
Vou chorando de continuo
A perda de tanta dita,
Que só quando se ella perde,
Entaõ he que se avalia.

Mas

Mas com eſperança breve
De ter hum ar deſſa viſta
Em recompenſa das penas,
Com que o meu amor cá fica.
E daqui vos peço agora,
Por ſer couſa muy preciſa,
Me ponhais lá na preſença
De huma, e outra companhia.
E vede ſe cá vos ſerve
De preſtimo a minha vida,
Que poſto morta ſe acha,
Quando a mandais, reſuſcita.

A hum amigo.

ROMANCE XXVI.

DOce amigo de meu peito,
Eu vos confeſſo, e naõ minto,
Que tenho na voſſa auſencia
Saudades de contino.
Todo o homem faz chorar,
He certo; mas eu vos digo,
Que choro mais, que mil fontes
Auſente neſte retiro.
Eſtou pará me romper,
Como arroyo criſtallino,
Nas pedras do ſentimento,
Nos valles do meu martyrio.

Em pontos de me rasgar
No peito com meus suspiros;
Pois nesta taõ justa causa
Já naõ acho lenitivo.
A cantiga está embutida
Nas coplas, porém affirmo,
Que nesta cantiga as coplas
Viraõ muitos precipicios.
Precipitado me vejo
Na ausencia, que agora sinto,
Pois faz saudades sem conto
A falta de hum tal amigo.
Ando pasmado na Corte,
A todos meu mal refiro;
Todos querem consolarme,
E a pena fica comigo.
He possivel, que esses montes,
He possivel, que esses riscos
Da Corte nos levem fóra
Quem he na Corte preciso!
Naõ o creyo, e o confesso;
E quando o confesso, digo:
Que só da Corte está fóra
El sabio en su retiro.
Vivei embora, que he justo,
Que tenhais muitos alivios,
Caçando por esses montes,
Examinando esses riscos.

Be-

Bebei por lá dessas fontes
Da Caballina os melifluos
Conceitos da consonancia,
Nos páramos desse sitio.
Subi ao monte de Apollo,
Onde sois o mais divino,
Pois nelle quando cantais,
Do mesmo Apollo estais rindo.
Divertivos nesses campos,
Entrai pelo mais florido
Desses bosques de Diana,
Onde sois bello Narciso.
Caçai á vista das Ninfas
Da mesma Pallas, que nisso
Se representa da guerra
Apparencia mais ao vivo.
Atirai, mas naõ mateis
As garças desse destrito;
Seja nas féras o estrago,
E ás aves o beneficio.
E se vós matais a tudo
Sem o rigor desses tiros,
Naõ dispareis tantas mortes,
Naõ seja estrago esse alivio.
Basta, que passeis contente,
Quando viveis divertido,
Lá nesses jardins de Bella,
De Flora vendo os prodigios.

E lograi lá nessa ausencia,
Quando vejo este retiro,
Desse Duque regias honras,
As mercés desse Cupido.
Que eu vos prometto sem falta
Depois de restituido
Irvos dar as boas vindas,
Pois dellas tanto sois digno.
E a Deos, que naõ posso mais
Escrevervos deste sitio,
E regalaivos na ausente,
Que eu gósto do vosso alivio.

A hum amigo.

ROMANCE XXVII.

MEu amigo dos meus olhos,
Naõ sey que vos diga agora,
Pois naõ sey se falle em verso,
Ou se vos escreva em prosa.
E com mais razaõ, pois passa
De hum quarto das onze horas,
Que por ser de noite, o sono
Me traz a cabeça á roda.
Depois de huma consoada
De espinafres, ou chicoria,
Que em sustancia me deixou
Com alentos de hũa abobra.

Mas he coſtume em vigilias
Serem ſempre matadoras,
E para mim mais que tudo,
Pois tenho muy poucas forças.
Mas inda aſſim como poſſo,
Poſto que eſtou deſta fórma,
Vos dou novas deſta caſa,
E taõ bem de alguem de fóra.
Toda a caſa eſtá contente,
Pois toda ſaude logra;
Porém ſómente os meus olhos
Hum ſe ri, e o outro chora.
Chora hum ſempre ſentido
Naõ vendo a voſſa pachorra
Em corpo, e alma preſente
Na voſſa eſtatura, ou fórma.
Iſto he, porque ſaudades
Quer ter da voſſa peſſoa,
E por iſſo chora triſte,
Quando a voſſa auſencia topa.
O outro olho ſe ri,
Vendo que a loucura voſſa
Faz goſto de eſtar auſente
Da melhor Corte de Europa:
Podendo eſtar divertido
Nas delicias de Lisboa
Entre os melindres de Anarda
Ardendo qual mariposa.

E que deixeis desta sorte
 Com taõ pouca ceremonia
 Gostos, que divertem tanto,
 Por viver lá n'uma choça?
Ahi naõ vedes ninguem,
 Pois ahi ninguem se mostra,
 Por ser taõ deserta a terra,
 Que só produz azeitona.
Ahi gente naõ se alcança
 Correndo-se as ruas todas;
 E só topareis por dita
 Bichos saindo das covas.
Isto no meyo do inverno!
 He loucura monstruosa,
 Sempre com tempos contrarios,
 Haver quem de Azeitaõ gosta.
Em tempo que o vosso dengue
 Taõ doente está de fórma,
 Que o menos saõ as sangrias
 Na molestia,com que chora.
O mais saõ as saudades,
 Que tem da vossa pessoa,
 Pois vossa Anarda na queixa
 Já delira como louca.
Está taõ desacordada,
 Que naõ sente qualquer cousa,
 Pois a sangraõ sem sentidos,
 Sem que á sangria responda.

Nem

Nem tambem, ſe a viſitaõ
Sente, nem tocar a roupa,
Porque a queixa he de tal ſorte,
Que a tem ſem ſentidos toda.
Outra ſenhora doente
Se acha mas taõ ſenhora,
Que he clara, timbre das claras
Das ſenhoras de Lisboa.
Eſta doença he mais leve;
Mas a todos ſentir toca,
Por quanto he mal empregado,
Que padeça qualquer couſa.
Eſtas ſaõ as novidades,
Que vos mando pela poſt a;
Senti agora tambem,
Que eu cá ſinto o que me toca.
Sinto pizar muita lama,
Sinto chover pelas coſtas,
Sinto recolherme tarde,
Porque ſe me fecha a porta.
Em fim muita couſa ſinto,
Pois ninguem ſe izenta á força
Do rigor, e ſentimento,
Que haſta lo inſenſible adora.

A' ingratidaõ de Filis.

ROMANCE XXVIII.

NAõ sey que razaõ meus olhos
Tendes hoje contra mim,
Para estares mal com quem
Por vós está fóra de si?
Naõ sey porque taõ contraria
Hoje quereis resistir
A meu amor, que finezas
Vos fez já mais de dez mil?
Eu naõ me achey ao sereno
Por vós? E naõ padeci
Mais de dous annos de penas,
Quando aos tormentos me fiz?
Naõ fuy buscando de noite
Pelos balcoens do jardim
Esse sol, que na janella
Entaõ tinha o seu zenith?
Naõ sahia da Cidade
Olhando a meyo perfil,
Quando sahieis da Corte
Para amante vos seguir?
Naõ tomava o Sol no prado,
E esses rayos taõ sutís
Naõ penetravaõ meu peito,
Eu naõ vos seguia assim?

Eu

Eu tinha entaõ outra vida
Senaõ a que entaõ perdi?
E ſe entaõ vós a ganhaſtes,
Inda a quereis perſeguir?
De que vos ſervem as iras,
Dizei ingrata? Ay de mim!
Pois vendo vós, que vos amo,
Razaõ tenho de ſentir.
Nem ſey o que hey de fazer
Neſte accidente, que vi,
Pois na voſſa ſemrazaõ
Tambem me vejo infeliz.
Acabai, que iſſo he loucura,
Deixai de matarme aſſim,
E ſe naõ quereis, que eu viva,
Morro, já que aſſim vos quiz.

ROMANCE XXIX.

FElizarda dos meus olhos,
A voſſa carta foy lida,
Poſto que com bem trabalho,
Porque vinha mal eſcrita.
Emendai a voſſa penna,
Pois que tanto eſpalha a tinta;
E naõ façais garatuzas,
Como faz qualquer minina.

Aſſentai na taboa a maõ,
Fazei letra comezinha,
E naõ tantos pés de aranha,
Com quem naõ ſe entende a viſta.
Pondes huma letra em França,
E pondes outra em Galiza,
Como ſe em Grego eſcreveſſeis
Para ſer mal entendida.
Ora perdoaime o chaſco;
Porém a letra he mofina,
Se bem terá culpa a penna,
E naõ a maõ, que he taõ linda.
Iſto naõ he offendervos,
Pois voſſa letra ſe eſtima,
Porque bem feita, ou mal feita
Saudades me alivia.
Mas vamos ao cumprimento,
Que delle já me eſquecia,
Paciencia, foy deſcuido,
Inda a tempo vay minina.
Recebendo a voſſa carta,
Com ella tal goſto tinha,
Que deſde os pés á cabeça,
Quaſi bem me naõ cabia.
Mais contente, que humas Paſcoas,
Fiquei com voſſas noticias,
Que á legria da ſaude
Dava mais ſaude á minha.

Tanto

Tanto a vossa festejei,
  Quanto deve ser de estima,
  Que se essa naõ fora boa,
  Boa a minha naõ seria.
Se o cumprimento está feito,
  Vamos ao caso minina,
  Por quanto a vossa encommenda
  Bem recommendada fica.
Huma roupa me pedis
  Com verdade, ou zombaria,
  Mas com huma condiçaõ,
  Naõ digna de ser ouvída.
Dizeis, naõ seja amarella,
  Cor de rosa, ou coxonilha,
  Nem roxa, porque quereis
  Outra cor mais exquisita.
Se vós a cor lhe naõ dais,
  Como ha de ser escolhida?
  Pois comprar, sem ser a gosto,
  Traz o naõ presta por sima.
Tiraislhe mais outras cores,
  Deixailla sem cor, nem tinta;
  E quereis, que seja acerto,
  O que naõ alcança a vista?
Se vo la compro de branco,
  Em branco a compra seria,
  E tal vez sendo de preto
  Seria a compra cativa.

Eu naõ sey bem na verdade
A que cor a sorte atira,
Que posto eu conheça o alvo,
Naõ lhe acertando se arrisca.
Discursei no pensamento,
Para ver se acertaria,
E achey, que azul celeste
A's estrellas bem lhe fica.
E posto sejais mais que ellas,
No brilhar quasi divina,
Fuy logo a seda comprar
Da cor do Ceo revestida.
Mandei cortalla depressa,
Vendo que taõ bem vos fica,
Guarnecida de ouro, e prata,
Huma cor, que he taõ subida.
Se acaso vos agradar,
Naõ quero mais, minha vida,
Pois sómente o meu desejo
No vosso gosto se firma.

ROMANCE XXX.

Cansado de huma esperança,
Maltratado de hum desprezo,
Chega com pena a falarvos
O meu grande sentimento.

Vaci-

Vacilando cuidadoso,
Tremo com tanto respeito,
Que naõ sey se vos procure,
Ou se he melhor escrevervos.
Mas em fim já que naõ posso
Explicarme em outros termos,
Contandovos minhas mágoas,
Sabereis quanto padeço.
Depois que vós me escrevestes
A carta com desapego,
Eu mordi as maõs com raiva,
E me enfadei com excesso.
E vendome maltratado,
(Sendo contra mim eu mesmo)
De sorte me castigava,
Que de mim naõ tinha medo.
Mas esse fero Cupido,
Esse rapaz, esse cego,
He quem tem culpa de tudo,
Pois forjou tal desconcerto.
Arrojeime contra elle,
Lancei-o fóra do peito,
E qual leaõ com as unhas
Lhe rasguei couro, e cabello.
Como tenrinho o rapaz
Movia lastima o vello;
Mas eu levado da furia
Mais lhe dobrava o tormento.

Deilhe infinitas pancadas,
Caſtiguei com tanto exceſſo,
Que desfeito o ſeu corpinho
Lhe via os oſſos por dentro.
Pela mãy chamava ſempre
Com huns gritos taõ horrendos,
Que ſendo rapaz no corpo,
Nos brados foy Polifemo.
A mãy como eſtava longe,
Lá em Chipre no ſeu templo,
Naõ pode evitarlhe o dano,
Por naõ lhe acudir a tempo.
Deixei o pobre minino
Deſcalſo, e nú ao ſereno,
Que quem nos deſpe a camiza,
Taõ bem naõ merece menos.
Em fim já chegando a mãy,
(A qual chamaõ deoſa Venos)
Achando aſſim a ſeu filho
Diſſe: Deoſes, que fazemos?
Como ſofreis, oh deidades,
Cá na terra tal exceſſo?
Pois perdéraõ em meu filho
A' divindade o reſpeito.
Vulcano, Marte, que he iſto?
Se me naõ vingais, confeſſo,
Ou que naõ ſois altos deoſes,
Ou perdeis o ſolio regio.

Ca-

Caláraõ-ſe os deoſes todos,
Nem palavra reſpondéraõ,
Ou por ſe acharem ſem armas,
Ou paſmados do ſucceſſo.
Quando Venus muy ſentida,
Vendo-ſe em tanto deſprezo,
O rapaz tomou nos braços
Para darlhe alguns alentos.
Entrou tambem a chorar
Com tanto deſaſſocego,
Que movia a compaixaõ,
A terra, o mar, e os rochedos.
Eu que eſtava vendo tudo,
(Aſſim como vê hum cego)
Dey para Venus dous trincos,
Tornandome ao meu intento.
Digo pois minha ſenhora,
Que foy tal do amor o exceſſo,
Que quando mais eſperava,
Eu entaõ recebi menos.
Eſperava muitas couſas;
Mas vós ingrata aos extremos
Me fazeis carga ás finezas
Com teſtimunhos horrendos.
Dizeis, naõ amo de veras
Deſſa belleza o portento;
Ou quando muito huma hora
Suſtentarei meus intentos.

En-

Enganaisvos, que eu sou firme,
Quando tenho amor cá dentro;
E ferve tanto no fino,
Que faz ponto em firme alento.
Se os peitos vissemos nossos
A peito bem descuberto:
No vosso eu vira inconstancias,
Vós no meu finos excessos.
Sou tal vez o deos do amor,
Que só comvosco ando cego;
Pois sómente por querervos
Ambas as mininas perco.
E se vós sois de meus olhos
Só as mininas, que eu quero,
Vinde morar nas capellas
Por seu idolo supremo.
Vinde já falarme á roda,
Vinde conjugarme hum verbo,
E seja o de Amo, amas,
Porq̃ he só com quem me entendo.
Contaremos mil historias,
Os livros revolveremos,
E verei vosso discurso
Igual ao rosto hum portento.

ROMANCE XXXI.

Vida, e alma de meu peito,
Senhora da minha vida,
Cá me veyo a vossa carta
Em tudo muy peregrina.
Estimei-a muy de veras,
Li-a com muita alegria,
Porque as letras, que saõ vossas,
Sou eu quem mais as estima.
Vinhaõ com tanto donaire,
Vinhaõ com tanta gracinha,
Que mais desejei que tudo
Ter essa ponta de lingua.
Naõ repareis no desejo,
Que sempre quem se cativa
Deseja o melhor bocado;
Por tudo o que he bom suspira.
Li como digo essas letras
Da vossa maõ cristallina;
Sendo improprio, que taes maõs
Escrevaõ com negra tinta.
Li na carta mil favores
Daquelles, que a idéa pinta,
Que naõ passaõ de palavra,
Quando fenecem em cifra.

Vi extremos da meiguice,
Vi exceſſos da mentira,
Pois ſó quando eſtou preſente
Nada entaõ ſe verifica.
Vi que formais muitas queixas
De huma ſemrazaõ fingida,
Sendo eu ſempre o queixoſo,
Deſſas voſſas tyrannias.
Vi que me pareceis ſempre
Deſſe Convento a mais linda,
A mais ingrata que todas
As que ſaõ Freiras xartifas.
Vi que chamais deſaſtrado,
Quem outro tempo queria
Servirvos de ſapatinho,
De ſervilheta, ou palmilha.
Servem de tudo os amantes,
Pois trataõ-nos as Freirinhas
Como baſculho da caſa,
Como trapos de cozinha.
Compadeço-me dos tontos,
Inda mais da minha vida;
Poſto que nada me tente
Pela rua das farinhas.
Tudo engano me parece
Quanto de mim ſe avalia;
Pois eu ſó ſey o que faço,
O mais he tudo mentira.

Nem

Nem menos guardo respeitos,
Por ser cousa, que me pica,
Pois ninguem sabe guardallos,
Nem Freiras sendo bonitas.
Tambem as cartas naõ mostro,
Que fora basbacaria
Mostrar as cartas a outrem,
Sendo a mim só referidas.
Mas he bem, que outros lhe façaõ
A vossé essa gracinha,
Para que agora conheça
Quem mais fino amante a estima.
Efique-se aonde está
Lá dentro da portaria,
Que eu me fico cá por fóra
Buscando descanso á vida.

A Filis peynando-se a la ventana.

ROMANCE XXXII.

EN una tarde de Octobre
Por la occasion más gloriosa,
Se peynava a la ventana
Filis sol, como ella sola.
Sus ebras de oro inquietava
Con impiedad prodigiosa,
Pues juntas las dividia,
Dexandolas juntas todas.

El

El peyne quando iba a ellas
Se assusta, porque las toca,
Jusgando al entrar ser mancha
En cabellos de la Aurora.
Y como eran de oro fino,
Y el Sol a ello se asoma,
Brillavan más que sus rayos
Los reflexos de sus ondas.
Esparcido por el cuello
Era cosa portentosa
Caer el oro en la niebe,
Sin que el oro hiziesse sombra.
Luz, y flechas disparava
Por todo el mundo esta diosa;
Pues tremolando el cabello
A unos mata, a otros dá gloria.
Cada buelta una alma enlaça
Con libertad imperiosa,
Pues dichosos los cautivos
En prision hallan su gloria.
Con la dicha de mirarla
Mas me rinde, y me aprisiona,
En dulces de oro eslabones,
De que el cabello se forma.
Quanto más tiempo la miro,
Cada vez más me enamora,
Pues como bella está siempre
Cada instante más hermosa.

Yá peynado este prodigio,
  Esta Venus, esta diosa
  Sube el cabello a su cielo,
  Sirbe a su sol de corona.

A' molestia de Marfiza.

ROMANCE XXXIII.

DIzem, que a bella Marfiza
  Se vê hoje enferma em casa;
  Taõ certamente, que a viraõ
  No travesseiro inclinada.
Dizem mais, que da lanceta
  Pagou tributo á picada,
  E que da neve mais pura
  Sahiraõ fontes de nacar.
Que era a queixa no peito
  De huma dor, que a maltratava;
  Repetindo muitas vezes
  Na duraçaõ muita mágoa.
Confesso fiquei sentido
  Com noticia taõ pezada;
  E fiquei mais que doente,
  Sem cor, sem vida, e sem fala.
Pasmei, vendo que se atreve
  Offensa taõ arrojada
  Tratar mal a hum serafim,
  A' flor mais linda, e mais guapa.

Houve lanceta taõ dura,
Que chegáſſe a dar picada
Onde ſe reſpeita a neve,
Onde o alabaſtro ſe exalta?
Oh naõ ſey como he poſſivel,
Que houveſſe hũa maõ ſem alma,
Que roubaſſe de taes veyas
Os rubins ás lancetadas!
(Se he certo) quem os roubou,
Que mais quer?Que mais lhe falta?
Pois ſe levou tal riqueza,
Já mais lhe faltará nada.
Naõ póde haver mayor dita!
Quem ſeria o da picada?
Que por certo, ſe o ſoubera,
A lanceta lhe comprara.
Hum milhaõ vale a lanceta,
E tal vez ſeja barata,
Pois lanceta em tal ventura
Com mil milhoens ſe naõ paga.
Mas em fim rotas as veyas,
Tambem o Romance acaba;
Porque a veya, com que eſcrevo,
De correr eſtá canſada.
E por concluſaõ em fim,
Da Muſa quando aqui pára,
Sirvaõ de coroa ao Romance
Melhoras multiplicadas.

A huma

A huma senhora sangrada, com o appellido Rubim, em occasiaõ, que lhe morreo hum seu irmaõ pequenino, chamado Pascoal, de que o pay se mostrou muito sentido.

ROMANCE XXXIV.

NAõ sey que rom rom me sôa
Nas orelhas estes dias,
Que me traz estupefacto,
Sem cor, sem alma, e sem vida.
Dizem, que se acha doente,
Naõ sey quem, por vida minha,
Que a sabello logo eu fora
Fazerlhe a minha visita.
Mas supondo sejaõ certas
Desta doença as noticias,
Ando mais morto, que vivo,
Pelo pezar, que me fica.
Sinto tanto estas molestias,
Que se acaso fossem minhas,
Naõ sentira tanto os golpes,
Antes em mim foraõ ditas.
E só por livrar do pay
O rigor, e a tyrannia,
Eu fora morrendo á cova,
Se Pascoal tornára á vida.

Mas oh! Naõ quero lembrarlhe
Prenda de tanta valia,
Porque aſſim lhe dobro as penas,
Quando nelle achava as ditas.
Naõ tem, que ſentir hum pay
Da Parca eſta ſorte iniqua,
Pois nos ſerafins, que alenta,
Mais gloria com elle fica.
Deixe já o ſentimento
Tanta funebre ouſadia,
Que hum Anjo nunca ſe chora,
Quando ſempre em glorias gira.
Que mais quer hum pay taõ ſabio,
Que pertende, ou que ſuſpira,
Se os que lhe deixa a fortuna,
Saõ da meſma jerarquia?
Quanto mais, que eu nada creyo
De eſtar doente a minina,
Porque entaõ ſentira o pay,
E eu com elle o ſentira.
E que ella eſteja de cama
Póde ſer ſeja mentira,
Que eu naõ julgo eſtar doente
Quem preſta alentos á vida.
E que a lanceta a picou
Tambem ha quem o affirma;
E que em tanques de criſtal
Rubins lançou a ſangria.

Mas

Mas quando a pedreira he boa
Tambem as pedras saõ finas,
Pois sendo rubins nas veyas,
Tambem o saõ na bacia.
A enriquecer a cristaes
He bem que a neve se fira,
Porque as pedras preciosas
Só se achaõ rompendo a mina.
Mas ay, naõ imagineis,
Que eu estimo estas sangrias;
Pois pouco vale a riqueza,
Se essa queixa vos lastima.
Nem vos pareça senhora,
Quando essa gala se eclipsa,
Que ha de haver Sol,q̃ me alente,
Nem gosto, que me divirta.
E assim melhorai, que he justo,
Quando esse sol nos anima,
Que naõ morra tanta gente
Aos golpes dessa sangria.

A' la hermosa Belliza.

ROMANCE XXXV.

AL prado, al prado Belliza,
Porque al prado Ismenio vá;
Y entrando yá por las selvas,
Por vós anda a suspirar.

Baxad Belliza del monte,
Dexad el ganado yá,
Se quereis ganar a Ismenio,
La pereza despreciad.
Advertid, que Ismenio busca
Anciosо vuestra deidad,
Y solo sê, que os aparta
La distancia del lugar.
Si bien os quereis a un tiempo,
A un mismo tiempo llegad,
Que el se vá moriendo a instantes,
En que nó os llega à mirar.
Junto a la fuente os espera
Con ancia, y susto mortal;
Y porque el alma le falta,
Haze otra fuente en llorar.
Bolad, bolad, ó Belliza,
Que se tarde lo alcançais,
Bien puede ser, que sin alma
Lo llegueis despues a hallar.

Ao nascimento de huma senhora.

ROMANCE XXXVI.

HOje descaõ do Parnaso
Com a doce melodia
Essa novena de Musas,
Essas bellas raparigas.

Ve-

Venhaõ descendo, e cantando,
Pois assim Clori as convida,
Para celebrarem hoje
Do seu nascimento o dia.
Em mim taes graças influaõ,
E inspirem em mim tal rima,
Que seja decente o verso
Em acçaõ taõ peregrina.
E sendo o assumpto taõ nobre,
Quando he taõ nobre o dia,
Confuso direi muy pouco
De quem nasce taõ divina.
Nascei, ó bello prodigio,
Nascei, que do mundo he dita,
Pois logra hoje hum portento,
Vendo em vós tal maravilha.
Se vós nasceis como Aurora,
Vinde, vinde, que as mantilhas
Vos tece o sol da belleza,
Com que vindes revestida.
Mas se como sol nasceis,
Justo he que o mundo diga,
Que a mesma Aurora vos manda
Nessa fórma cristallina.
E que flor, ou que assucena,
Qual rosa por mais xarifa
Se poderá vestir hoje
De purpura á vossa vista?

Confesso que me confundem
  Perfeiçoens taõ infinitas,
  Pois nascendo essa belleza
  A todas as mais retira.
Quando nasceis tudo morre,
  Ou tudo o que he bello espira;
  Por quanto da formosura
  Só vós sois alma, e sois vida.
Vinde ser na terra assombro,
  Já que nasceis taõ benigna,
  A ser no viver eterna,
  Quando sois estrella fixa.
Nada tem que compararse
  Comvosco desde este dia,
  Pois nasceis com predicados
  De Sol, e de Aurora linda.
Vivei caducando o tempo,
  Porque de viver sois digna,
  Que quem dessa sorte nasce,
  Nascendo, quasi he divina.
Vivei retumbando a fama
  Acclamaçoens repetidas,
  Pois se ella já vos venera,
  O mundo contente fica.

Em casa de huma senhora se mandou ao Autor por merenda varios bocadinhos de diversas iguarias.

ROMANCE XXXVII.

MAndastesme minha Filis
A merenda taõ bizarra,
Que naõ sey, se he bom comella,
Se será melhor guardalla.
Porém se o meu peito he vosso,
Já se vê ser razaõ clara,
Que lhe dereis vós papinha,
Quando alento lhe faltava.
Andava desfalecido,
Taõ sem alento se achava,
Que quasi á hora da morte
Só lhe dera vida hum Papa.
Suspirava por favores,
E este veyo com tal graça,
Que se naõ póde explicar
Em papel, tinta, e palavra.
Quiz contar tudo o que era,
Mas sahio a conta errada;
Pois em tantas cousas juntas
A memoria escorregava.

Immensas as iguarias
 Taõ sutís as numerava,
 Que me fugiaõ dos olhos
 Invisiveis cara a cara.
Contando tudo cõ a vista
 Via em tudo tudo nada;
 E vim a entender na conta
 Que a boca só governava.
Logo abri a minha boca,
 Porque o desejo mandava,
 Que favores como estes
 Só se guardaõ dentro da arca.
Dey logo exercicio aos dentes,
 E foy taõ basta a dentada,
 Que delles sómente o estrondo
 Toda a Cidade abalava.
Cahiraõ casas, naõ minto;
 E as mais ficáraõ com faltas,
 E naõ sey como essa vossa
 Naõ se prostrou de admirada.
A gente toda fugia
 De ouvirem taes mastigadas;
 E diziaõ entre dentes:
 Para tal fome taes papas.
Naõ lhe pude sofrer isto;
 Fechei a boca ás pancadas,
 Mas já depois de ter dentro
 A pansa hum pouco pensada.

Socegouse esta tormenta;
Naõ se ouviraõ mais dentadas;
E fuime safando á rua,
Por fugir da vossa vaya.
Encaminhandome á porta
Escorreguei pela escada,
Porque vinha de corrida,
Já de costas, já de ilharga.
Sahi mais depressa á rua
Do que tal vez eu cuidava,
Por quanto em sahir rodando,
Foy sahir com pouca graça.
Passei todo vergonhoso,
Metendo no peito a cara
Porque me naõ conhecessem
Por causa desta desgraça.
E quando me vi sem gente
Tomei de hum pulo a calçada;
Fechei logo a minha porta,
Temendo alguma devaça.
Peguei na penna confuso,
Para arrazoar a causa,
E achei que só em verso
Daria a prova mais clara.
Este foy todo o successo,
Sem no que digo haver falta;
Pois quem he vosso cativo,
Sempre com verdades trata.

Em huma queixa de Filis.

ROMANCE XXXVIII.

AMorzinho dos meus olhos
Dize como tens passado,
Pois vendo que tu padeces,
Já naõ vivo, morro, acabo.
He tal o meu sentimento,
Que bem naõ posso explicallo,
Porque hum sentimento grande
Naõ póde ser relatado.
E sendo tu meu alivio,
Meu bem, todo o meu regalo,
Certo terei nessa queixa
Hum tormento duplicado.
Naõ sabes o que padeço,
Nem tambem como me acho,
Que se tu bem o souberas,
Viras o que por ti passo.
Ando daqui para alli,
Já confuso, já pasmado,
Já naõ sabendo o que digo,
Já naõ sabendo o que faço.
Meus passos saõ mal seguros,
Meus suspiros taõ pezados,
Que o coraçaõ de sentido
Se desfaz em pranto amargo.

Com

Com ancia nada appeteço,
Tudo me parece aggravo ;
Vivo como se morrera,
Morro como desgraçado.
Naõ tenho acçaõ, que domine,
Faço tudo sem reparo,
Tenho hum frenesi continuo,
Ando como mentecapto.
Naõ como nada, nem bebo,
Nunca durmo,nem descanso,
Em cuidar, que estás doente,
He só todo o meu cuidado.
Passo nisto todo o tempo,
Nisto tenho o meu trabalho,
E só com esta lembrança
De nada mais faço caso.
Vê agora como vivo,
Se sou eu amante falso,
Pois tudo por ti padeço,
Quando es o meu agrado.
Nem reparo em padecer,
Em ti sómente reparo ;
E quando te vejo afflicta,
Entaõ de verte me enfado.
Só quizera ter vivido,
Para só verte em descanso ;
E morrer antes quizera
Que verte nesse lethargo.

Melhora já minha vida,
Naõ queiras padecer tanto,
Pois em quanto estás doente,
Eu mais que doente passo.

Contra a ingratidaõ, e crueldade de Amariles.

ROMANCE XXXIX.

FUgir da gente, e do mundo
Hum amante se persuade;
Porque entre a gente se perde
Quem no mundo quiz ganharse.
Entregouse ao deos Cupido,
Ao amor todo quiz darse;
E porque amava de veras,
Naõ quiz o amor, que alcançasse.
Andou metido na rede,
Assim como peixe, ou áve,
Com penas para o seu gosto,
Espinhas para os seus males.
Era o seu bem Amariles,
Formosissima deidade;
Tal que se Venus vivera,
Ficára posta de parte.

Este

Eſte amante já rendido
Quiz com razaõ lamentarſe,
E entre ſuſpiros lançou
Eſtas queixas pelos ares:
Porque rigoroſo amor;
Que mal fiz eu em buſcarte,
Para já mais ter ventura
Para tu tyrannizarme?
Se Amariles ſempre ingrata
Nunca quiz ſe naõ matarme;
Que culpa tenho em querella,
Para que taõ mal me pague?
He deſgraça amar de veras,
Porque ſe zombando amaſſe,
Tal vez lograſſe zombando
Tudo o que cuſta alcançarſe.
Porém amando eu taõ firme,
Sendo o meu amor taõ grande,
Inſofrivel me parece
Achar dura hũa deidade.
Naõ he mais que tyrannia
Ver hum coraçaõ de jaſpe,
Quando no ſemblante moſtra
Ser humana a divindade?
Naõ ſobrava o rendimento?
Naõ me baſtava inquietarme,
Para moſtrar merecerlhe
Algum favor ao disfarce?

Po-

Porém render sendo esquiva;
E pizarme a liberdade,
He mais do que ser ingrata;
Pois tyrannias só sabe!
Sempre para mim severa,
Sem haver diversidade,
Pois mais que tyranna sempre,
Nunca quer se naõ matarme!
Sofrerlhe tanta insolencia,
Quando vou sacrificarme,
E ella nos holocaustos
Fazer hum tyranno alarde?
Ora naõ se sofre tanto!
Nem tanto amor póde acharse!
Ella bronze na dureza,
E eu cera no abrazarme?
Certo que isto naõ he justo!
Tornemos atraz meus males,
Façamos pazes, que he tempo;
A' vista destas crueldades.
Fique contente Amariles,
Se acaso intenta deixarme;
Que nunca amor póde muito
Quando se encontra a vontade.
E viva sempre em descanso
De tempo huma eternidade,
Em quanto eu busco no tempo,
Deixando amor, aquietarme.

Con-

Contra o amor.

ROMANCE XL.

VInde cá meu pensamento,
Vinde cá, falai comigo,
Divertirei meus pezares
Junto ás margèns deste rio.
Dizeime meu pensamento:
Naõ he hum grande delirio
Amar a quem me naõ ama,
Quando o seu amor he riso?
Naõ he melhor andar livre,
Do que ser sempre cativo;
Topando mil tyrannias
De hum amor cego, e minino?
Que póde fazer hum cego,
Que póde dar hum minino,
Se naõ sempre pedir papa
A quem o quer ter comsigo?
Como he bom naõ ter amor,
Porque amor he cachorrinho,
Que ladra no coraçaõ,
Mordendo a todos no sizo.
Amor por amor sómente
Hoje de ninguem he visto;
Pois o amor destas eras
Prende, porém com seu risco.

O Quer

Quer andar ſempre ſaltando,
Subindo em throno de vidro,
Para em tudo ſer mudavel,
Como o vidro quebradiço.
Oh amor, como es engano!
Oh amor, como es tontinho!
Quem de ti ſe fia, pena,
Sempre morre andando vivo.
Entras como disfarçado,
E te vas introduzindo,
Porque o amor ſe he rapaz,
Nas forças naõ he minino.
Tudo rendes, tudo abrazas,
Nada foge de teus tiros,
Porque ſendo peſte, e guerra,
Fazes fome em laberintos.
Nunca bem te ſatisfazes,
Es dos peitos cocodrillo,
Que roendolhe as entranhas,
Sempre choras de faminto.
Fazes penar a quem ama,
Deixas o peito rendido,
E ſem que pareças tonto,
Tudo em ti he deſatino.
Em fim tu fazes taes couſas,
Que por grandes naõ refiro;
Pois tens diverſos empenhos,
Com trezentos mil ſentidos.

Se iſto vedes penſamento,
Buſcai, buſcai meus alivios,
E naõ tormento em lembrarme
Tudo o que agora naõ digo.
Vaite já tyranno amor,
Que inda que tu venhas rindo,
Já me auſento a teus affagos,
Naõ vendo a boca a teu riſo.
Já te naõ quero em meu peito,
Já te naõ chamo amorzinho,
Já naõ quero ter de penas
Na vida taes laberintos.
Em fim de ti nada quero,
Vaite, vaite, que aqui fico,
Sem querer mais teus favores,
Fugindo a teus precipicios.

Paſcoal doente de amor.

ROMANCE XLI.

PAſcoal amante de Nize,
Diz, que de amor eſtá mal,
E que ao creſcer da doença
Amor colirios lhe dá.
Alguma vez na eſperança
Lhe receita hum cordial,
Outra vez para o ſeu peito
Correr mais fogo lhe faz.

Entre o delirio, que ſente,
O pertende entaõ ſangrar,
Como ſe amor pelas veyas
Dera remedio efficaz.
Subindolhe para os olhos
O pertende confortar,
Sendo que á viſta de Nize
Paſcoal mais doente eſtá.
Mas como peccaõ nos olhos
Os ſymptomas, que amor faz;
Sangrias lhe applica a elles
Nas lancetas a chorar.
Tomalhe o pulſo de veras,
E ſe a febre dá ſinal,
O meſmo amor, que o apalpa,
Nem deſenganos lhe dá.
Paſſando já do ſeteno
Eſta doença mortal,
Em criticar os mais dias
Sempre vay creſcendo mais.
Dos ſeus grandes quatorzenos
Nunca ſe livra Paſcoal,
Que amor aqui muitas vezes
Sem remedio o quer matar.
Algum tempo lhe receita
Por papel deſabafar;
Mas no recipe,que torna,
Inda niſſo lhe faz mal.

A do-

A doença naõ lhe entendo,
Nem quizera entender tal,
Por quanto a mesma experiencia
Inda faz mais enganar.
Será molestia sem cura,
Se o tempo a naõ cura já;
Mas como o tempo se passa,
No tempo que ha que esperar?
Morra Pascoal, e he bem feito,
Já que á mor alentos dá,
Que amor quando toma forças,
Ninguem lhe póde escapar.

Hum trovaõ, que partio hum Cupido de esmeralda, foy assumpto Academico.

ROMANCE XLII.

PArecеme que ouço estrondo!
Valhame Deos, pois que he isto?
Como gemendo essas nuvens
Chovem sobre nós coriscos?
Vem rayos de aguas a montes,
Vaõ de monte a monte os rios,
E eu naõ sey qual seja a causa
Destes mares divididos.

Mas oh já ſey, que me lembro
Terme do aſſumpto eſquecido;
Porque temos neſta noite,
Trovas, trovaõ, e Cupido.
E ſe as trovas ſaõ as minhas,
O Cupido naõ o affirmo;
Pois ſe meu fora, o guardára,
Porque naõ foſſe partido.
Debaixo do meu loureiro
O tivera recolhido,
Que he perſervado dos rayos,
Dos trovoens, e dos coriſcos.
Sendo verde como as folhas
Do loureiro, em tal retiro
Eu o conſervara inteiro,
Para naõ ſer dividido.
Mas que digreſſaõ foy eſta,
Que cortou da hiſtoria o fio?
Naõ era melhor, que eu foſſe
Logo as nuvens inquirindo?
Naõ fora bom penetrallas,
Seus eſquadroens dividindo,
Para a cauſa mais ſabermos
Deſte acaſo repentino?
Sim fora, porém he tarde,
Tratemos ſó do minino,
Porque o tempo vay faltando,
Quando ſe parte Cupido.

Di-

Dizem, que hum trovaõ horrendo
Partira hum deos pequenino
De eſmeralda, e por ſer pedra
O fez em mil bocadinhos.
Se hum rayo partira a eſtatua,
Em tal caſo naõ me admiro;
Porém hum trovaõ ſem rayo,
Me faz perder o ſentido.
Reſta-nos ſaber tambem
Se tinha aljava o Cupido;
Pois ſe a tiveſſe, era força
Defenderſe com ſeu brio.
Se o ſeu poder he taõ grande
Como moſtra em ſer divino,
Porque razaõ hum eſtrondo
O proſt ra, e deixa partido?
Sem duvida, que he medroſo
Eſte, que nos faz cativos;
Pois ao tempo, em que nos rende,
De hum trovaõ fica rendido.
A nós ſey, que nos naõ rende
Hum eſtrondo, ou hum bramido,
E com ſettas elle armado
Perde a força, perde o brio.
Vence animados gigantes,
E aſſim, ſendo taõ divino,
Só ſe rende á trovoada,
E ſe deixa por vencido.

Mas oh pedra! Oh deos sem alma!
Oh miseravel Cupido!
Que nem por deos, nem por pedra
Escapais ao precipicio.
Agora fallo comvosco:
Vinde cá meu pequenino,
Chegouvos acaso o rayo,
Para seres consumido?
Como assim só de hum trovaõ,
Sendo deos, ficais vencido?
Vossas settas naõ penetraõ
Aos deoses, de quem sois filho?
Quem se livrou atégora
Do vosso rigor impío?
Quem se achou já solto, e livre,
Que se naõ visse cativo?
Hoje para nós victorias,
E só para vós martyrios;
Sendo bastante hum estrondo
Para seres sumergido?
Que he isto, que em vós se nota?
Que he isto, que em vós admiro!
Já naõ sois estatua firme?
Já quebrastes como vidro?
Onde estaõ as vossas forças?
Onde esse pulso divino?
Onde as penetrantes settas,
Com que empregaveis mil tiros?

Mas ó vós, nuvens, que foſtes
Deſte bem, ou mal motivo,
Dizeime porque quebraſtes
Eſſa eſtatua de Cupido?
Bem ſey, que me reſpondeis
Que lá do Ceo foy caſtigo;
Pois quem parte os coraçoens
He juſto foſſe partido.
Mas ſe he eſta toda a cauſa,
Partaõ-ſe dous mil Cupidos;
Que ſuppoſto houveſſe tantos,
Juſto fora o deſtruillos.
Hoje de luto os amantes
Viſtaõ todos ſeus ſentidos,
Pois o deos, que os governava,
Se acha morto a ſeus delirios.
E como bem laſtimados
Vejo eſtareis meus amigos,
Naõ pela morte de hum cego,
Sim por mal correſpondidos.
Já ſabeis como elle morde;
Fiaivos lá no bichinho,
Que quanto mais morto o fazem,
Entaõ póde eſtar mais vivo.
Requieſcat em tal caſo,
Neſte defunto minino;
Já que em couſas taõ divinas
Sou pouco, e mal entendido.

EPI-

EPITAFIO.

AQui jaz sepultado
Hum Cupidinho,
Que sendo de esmeralda,
Morreo partido.
Sejalhe a terra leve,
Por ser minino,
E em paz sempre descanse,
A Deos, Cupido.

Retrato a Filis.

ROMANCE XLIII.

ARda el mundo en alegria
En dia tan singular,
Quando el prazer es imenso,
Quando el gusto es sin igual.
Oy que el mundo te celebra
Por Venus en la beldad,
Quiero en un lienço de niebe
Tu belleza retratar.
El cabello acrisolado,
Aun que es oro, vale más,
Y haziendole trono el Sol,
Vibra rayos, muertes dá.

Tu

Tu frente es riza del alba,
  Fino campo de criſtal,
  E tu cejas arcos de oro
  Con officio de flechar.
Las niñas de tus dós ſoles
  (Valgame Dios) que ſeran?
  Son dós Cupidos en niebe,
  Que viven para matar.
Tu nariz divide hermoſo
  Todo un Cielo de beldad,
  Tan perfeto, que es imenſa
  La perfecion, con que eſtá.
Son clabeles tus dós labios
  De carmin, aun que es verdad,
  Ser admiracion lo breve
  En coſa tan ſingular.
Dentro en la concha las perlas,
  Tanta admiracion les dá,
  Que nó hallo por lo hermoſo
  Quien ſe las pueda pintar.
Las mexillas quien pudiera
  En verdad bien delinear,
  Más no puede ſer, que abſorto
  Me dexa el original!
El cuello de ſu alabaſtro
  Tan perfilado ſe eſtá,
  Que es proporcion en lo bello,
  Que dá luſtre al natural.

Tus

Tus manos, oh quien pudiera
A su belleza igualar!
Pero si estan en tu cuerpo,
Lo que son, el lo dirá.
El pié, todo alli se pierde,
Porque puede naufragar
De niebe tanta coluna
En atomos de cristal.
Lo más, que occulto se dexa,
Color nó puede tomar,
E a si lo dexo en lo escuro,
Aun que tenga claridad.
En muerte colór te embio
Filis el retrato yá,
Por ser tanta tu hermosura,
Que no se puede copiar.
Y las sombras que mirares,
Tu las puedes desculpar,
Que al mirarlo tu belleza
Sombra todo se hallará.

Romance, que recitou huma Noviça a outra, que professava em dia da Senhora dos Prazeres, ficando a que recitou esperando pela idade para tambem professar.

ROMANCE XLIV.

GRaças a Deos, que este dia
 Em fim chegou promettido,
 Quando mais altos prazeres
 Nos trazem prazer, e auxilio.
Neste mesmo dia grande
 Esse Ceo nos mostra fixo,
 Que nas estrellas da terra
 Acha melhor sacrificio.
Saõ as estrellas da terra
 As que no mundo em retiro
 Se recolhem á clausura
 Em desposorios divinos.
Hoje com tantos prazeres
 Naõ nos faltaráõ motivos
 De applaudirmos a victoria,
 Que Anna hoje ha conseguido.
Até os Anjos na gloria
 Vejo que estaõ applaudindo,
 As glorias deste himineo
 Em canto, e louvor continuo.

Mas

Mas oh que felicidade,
Que até hoje o mesmo Christo
Se quiz render como esposo
A quem lhe fez sacrificio.
Vós Anna déstes a Deos
No voto solemne, e fixo
Alma, vida, e liberdade,
Obras, palavras, sentidos.
Hoje a clausura se alegre,
E às demais irmãs com isto
Vos cantaõ muitos louvores,
Quando vos vou applaudindo.
Todas contentes em vivas
O louvor vaõ proferindo,
Pois sobre Pascoas felices,
Tem prazeres successivos.
Eu quizera na verdade
Causar o mesmo incentivo
De gosto, mas os meus annos
Andáraõ pouco advertidos.
Vieraõ muito mais tarde
Que o meu desejo, pois nisto
Ha muito que eu professára,
Se me fora permittido.
Oh quem tivera este gosto;
Mas de hoje em diante fico
Esperando em tal fortuna
O desposorio com Christo.

Se vos imito na vida,
Com razaõ ſentida fico,
De naõ ir ao deſpoſorio,
De tardar neſte ſerviço.
Voem os tempos depreſſa,
Eſſes dias venhaõ vindo,
Pois que já tarda ao deſejo
A gloria, que mais ſuſpiro.
Vós paſſais a ſer ſenhora,
Eu humilde eſcrava fico,
Até que o meſmo himinéo
Seja o bem do meu alivio.
Contemplai ſempre elevada
Eſſe globo criſtallino,
A mereceres por juſta
Teres nelle o domicilio.
Vós deixando o mundo todo
Venceis o mayor perigo;
Pois paſſandolhe hoje as rayas,
Pezais o mayor conflito.
Paſſais a ſer melhor aſtro,
Já no mayor epiciclo
Donde dareis luz a todos
No exemplo edificativo.
Quando já eſta clauſura
Em vós contempla hum prodigio,
Vendo, que na ſantidade
Sois monte, e ſois obeliſco.

Ao nascimento de Bellizano festejo de seus annos.

ROMANCE LXV.

BElliza hoje os teus annos
 Todos dizem tem chegado,
 Quando eu sey, que o mundo todo
 Naõ se atreve a festejallos.
Tem varias cousas o mundo,
 Em que está sempre occupado;
 E com razaõ, que este dia
 He de tribunal mais alto.
O mundo he pequena esfera,
 Ou muy pequeno theatro
 Para celebrar a gloria
 De numen taõ soberano;
Porque hoje o teu nascimento
 He Belliza comparado
 A's divindades celestes,
 Nessa aurora de teus rayos.
E se te acompanhaõ deoses
 No teu nascimento claro,
 He razaõ, que os teus obsequios
 Toquem aos brilhantes astros.

Assim invoco, e convido
De todo o globo estrellado,
Essas luzidas deidades,
Para hum taõ luzido parto.
Naõ invoco as nove Musas
Em dia taõ decantado,
Pois humildemente bebem
Nessa fonte do Parnaso.
Só como deos esse Apollo
Venha qual Sol com seus rayos
Formar de luz as mantilhas
A Belliza, aurora, e pasmo.
Nasce tu bello prodigio,
Nasce, que o mundo admirado,
Vendo-te nascer taõ bella
Te levanta simulacro.
Já saõ quatorze Dezembros
Neste circulo dourado,
Em que venturoso o mundo
Em ti vê prodigios raros.
Prodigio no nascimento,
Prodigio em belleza, e tanto,
Que ao mesmo Sol, quando nasce,
O deixas tu desmayado.
Prodigio pois de Joanna,
Tambem prodigio, foy dado
Esse bello nascimento
Para gloria, para pasmo.

Prodigio pois desse tronco
De Moraes foy procreado,
Taõ nobre,que em todo o mundo,
Leva de todos o applauso.
Prodigio, mas que prodigio,
Se todos juntos eu acho,
Que sómente em ti nascéraõ
Neste nascimento raro!
A ti só Belliza bella
Com as estrellas comparo,
Pois tu sendo estrella fixa,
Sempre giras nos teus annos.
E como estrella nascida
Contra os tempos inhumanos,
Alcançarás a victoria,
Contra os caducos estragos.
A ti todas as estrellas
Te daraõ tributos claros,
Por quanto es melhor que todas,
No nascimento, e nos rayos.
Esses convertidos deoses
Em constellaçoens, ou astros
Saõ só em teu nascimento
De luminarias applausos.
Esse cristal inconstante,
Que o Tejo leva ao mar largo,
Te rende humildes tributos,
Que es Clara,mais que elle claro.

Essa

Essa Rainha das flores,
A rosa, já naõ tem garbo,
Pois tambem Rosa nascida,
Tu lhe augmentas os desmayos.
Só tu meu bello prodigio
Vive, vive, pois que es astro,
E mereces por deidade,
Que eternos sejaõ teus annos.

A Filis.

ROMANCE XLVI.

MInha Filis, meus amores,
Meu brinquinho, minha prenda,
Quero escrevervos em verso,
Tende agora paciencia.
As letras, que hoje vos mando,
Vaõ sem vos pedir licença,
Porém disfarçaime o erro,
Se tal erro vos contenta.
Nem eu posso condenarme,
Se a carta vos naõ molesta;
Pois hum erro affortunado
Naõ tem crime, se se aceita.
Isto he tendo eu fortuna,
Que he tal a que me sustenta,
Que em tudo sou desgraçado,
Em tudo quebro a cabeça.

Em fim será o que for,
Que eu naõ sey o que me espera,
Se for dita, estou contente,
E se o naõ for, paciencia.
Terei mais que padecer,
Quando he tal vossa belleza,
Que até quando mal me trata,
Me faz favor ás maõs-cheas.
Naõ tendes que censurar,
Que eu dê principio á contenda,
Pois quem naõ morre por vós,
Pouca fortuna o alenta.
Posto que experimentei hontem
Do manguito a resistencia,
Achei que só por ser vosso,
Minhas haõ de ser as penas.
Mas estas se faraõ glorias,
Sem que em mim se note offensa,
Porque nunca hey de deixarvos,
Inda na mayor tormenta.
Day credito ao meu amor,
Exprimentailhe as finezas,
E alcançareis, que o meu peito
Sempre adorou vossas prendas.
E a Deos meu amorzinho,
Porque estou com tanta pressa,
Que naõ me cabe no peito
Dar já mais rasgos a penna.

Em

En applauso de D. Jayme de la Té, y Sagau, quando compuso en metro, y solfa su libro de Cantatas jocosas, sirviendo tambien de assumpto el Prologo de su libro.

ROMANCE XLVII.

YA con la pluma en la mano
Casi me veo indeciso;
Pues no sê, si alabe el metro,
O' si la solfa del libro.
Metido entre dós extremos
Me veo, pero que digo!
Si el prologo está llamando
Al señor, no sê quien dixo!
Passan a tres los extremos,
Y aun que todos tres son hijos
De un mismo parto de Jayme,
Tienen tres cuerpos distintos.
De prologo, solfa, y letra
Se halla compuesto esse libro;
Al prologo, eya, vamos,
Que no ay nada sin principio.
Ven a cá señor D. Jayme,
Ven a cá D. Jayme amigo,
Que sueño, ó que fantazia
Te robó todo el sentido;

O' que cavallero andante
Te ha inquietado en tu retiro
Con sus parleras matracas,
Con sus nescios desperdicios?
Si es sueño lo que refieres,
Nora buena, que es indicio
Del humor bueno, que gastas,
Como el prologo es testigo.
Yo me admiro, y lo confiesso,
Sea qual quiera el motivo;
Pues si finges, yo te alabo;
Si no finges, más me admiro.
Que a ti consejos te diessen,
Ni lo sufro, ni lo admito;
Pues enseñas ex professo
Aun el más remoto sitio.
Y como el prologo prueba,
Yo lo confiesso, y lo affirmo,
Pues sabio, como D. Jayme,
No es facil haverse visto.
Hasta en el prologo suyo
Fué sabio como ello mismo,
Porque en pratos limpios poné
Admiraciones al siglo.
Agudissimo el discurso
Habla en diversos sentidos,
Que solo alcança el enigma,
Quien alcançó los motivos.

Nadie

Nadie puede reprobarlo,
Pues en ſu poſada el miſmo
Deſcanſaba en ſu quietud,
Quando a eſto le han movido.
Prueba tanto lo que dize,
Que nó pueden los ſentidos
Deshazer con evidencia
Lo que ſu pluma ha exprimido.
Diganlo tambien los metros,
Lo ſonoro, lo melifluo;
Con que gracia los adorna
Lo gracioſo de ſu eſtilo!
La ſolfa une a la letra,
Todo tan bello, y tan lindo,
Que mejor nadie lo hará;
Y tambien yó nó lo he viſto.
Vivas mil ſiglos D. Jayme;
Porque es gloria de los ſiglos
Eternizares tu nombre
Entre harmonicos prodigios.
Y la embidia ſe deſtierre
Del mundo en ſus parociſmos,
Pues nó ſe halla en todo el mundo
Un Jayme como tu miſmo.

A Celinda tomando novos empregos.

ROMANCE XLVIII.

AY, amor, naõ sey que he isto
Nas novidades, que vejo,
Pois claramente me mostraõ,
Que hey de chegar a perdervos.
Se me jurastes amores
De amarme em todos os tempos,
Como certo naõ fazeis
Hum taõ grande juramento?
Por certo naõ presumi
O que já vou conhecendo,
Pois que esses amores novos
Saõ do vosso amor objecto.
Algum dia meu brinquinho
Eu fuy todo o vosso emprego,
Mas hoje por mais desgraça
Naõ ser vosso me conheço.
Vós a primeira em favores,
E agora fazeis desprezos?
Dizei, naõ he offenderme,
De mim fazer pouco apreço?
Que causa vos dey meus olhos,
Para tanto desapego?
Ou dizei, com que razaõ
Já naõ quereis, o que eu quero?

Que ha de dizer quem nos vio
Fazer de amor mil exceſſos,
Se agora achar ſe dividem
Já entre nós os extremos?
Naõ deis que falar ao mundo,
Deixai outros penſamentos,
Que andar de amores mudando
Corre a fama, e vale menos.
Já vos viſtes em trabalhos,
Naõ lhe augmenteis os progreſſos;
Olhai que nunca ſe unio
O louvor nos deſacertos.
Naõ pezára eſtas offenſas
A' viſta do que vos devo;
Mas como ſey o que importa,
Todo o voſſo mal ſó temo.
Bem ſey, que a vontade he livre,
Mas iſto em vós naõ he certo;
E por iſſo neſſe eſtado
Com mais razaõ vos receyo.
Ay amores, mil cuidados
Me eſtaõ no peito batendo,
Pois amandovos em tudo,
Com tudo heyde ter tormento.
Como naõ góſto liſonjas,
Falo claro no que entendo,
Que he ſó fazervos memoria
Do bem, e do mal a hum tempo.

Con-

Conſidero tantas couſas,
Que eſcrevellas naõ me atrevo;
Se advertis no que eu calo,
Obrai com melhor acerto.
E naõ tomeis por deſpique,
O que ſó dou por conſelho
Que quem vos deſeja o bem,
Querervos mal fora erro.

A Filis quando queria auſentarſe.

ROMANCE XLIX.

HE tal o bem, que te quero,
O' minha Filis, meu brinco,
Que cuidando que te auſentas,
Baſta para meu martyrio.
He poſſivel, que me foge
Da minha viſta o feitiço,
O alento deſte meu peito,
Eſſe amor, porque ſuſpiro?
Por certo que eu o naõ creyo,
Porque ſe o crera, hum delirio
Me partira o coraçaõ,
E me tirára o ſentido.
Se tu es todo o meu bem,
Se tu es o meu alivio,
Vê como poſſo ſem ti
Viver, ſe de verte vivo?

Mas

Mas oh cruel tyrannia!
  Da Parca rigor iniquo!
  Eu me considero morto,
  Se me foge o meu brinquinho.
Se sabes quanto te adoro,
  Se sabes quanto te estimo,
  Naõ me tragas nesta ausencia
  Tantas mortes num desvio.
Como ficarei sem ti?
  Considera lá comtigo,
  Se eu me ausentara, qual fora
  A pena do teu martyrio!
Ou tu me naõ queres bem,
  Ou he teu amor fingido,
  Pois se amaras mais de veras,
  Conheceras o que eu sinto!
Vem cá, vem para meus braços,
  Antes que o cruel destino
  Me tire toda a fortuna,
  Me roube a gloria, em que vivo;
Mas oh se isto me succede,
  Bem podes ter entendido,
  Que tudo já se acabou,
  Pois tudo acaba comigo.
Como estou já quasi morto,
  Em fim deixo advertido,
  Me ponhaõ este epitafio,
  Para memoria dos vivos.

EPI-

EPITAFIO.

DEbaixo desta pedra jaz metido
Hũ fino amãte em cinzas transformado;
Que na ausencia de hum bem foy destruido,
Ardendo em chãmas desse deos vendado:
E por seguir de amor o seu partido,
Seu alento deixou no ultimo estado;
Onde descansa o nada da vangloria,
Achando só por premio esta memoria.

A Filis apanhando das maõs de Fabio hum Romance, que se tinha feito a outra senhora, o qual Romance tambem fallava de Filis.

ROMANCE L.

VOs me pedis minha vida
O Romance, que acabei;
Naõ sey naõ com que motivo,
Com tal gosto o pertendeis?
Se em alguns, que vós já vistes,
Naõ mostrais empenho ter,
Como a este taõ mal feito
Tanta estimaçaõ lhe vem?

Se

Se he porque fala comvosco,
  Por isso mais o estimei,
  Que tudo o que a vós vos toca,
  O guardo mais que ninguem.
Sendo que em vós de passage
  Lá só traz hum naõ sey que,
  Que se com graça vos pica,
  Nunca vos chega a offender.
Vós o quereis, e eu naõ quero
  Agora o que vós quereis;
  Pois em algum tempo eu vi,
  Que o naõ quizestes tambem.
Mas tomai lá minha vida,
  Porém naõ, naõ póde ser;
  Largai, largai meus amores,
  Deixai, deixai, que cruel!
Como quereis ter comvosco
  Obra tal, ou para que?
  Se saõ dous rabiscos negros
  Em dous dedos de papel.
Quereillo meter no seyo,
  Por ventura se eu quizer,
  Ou para lançallo ao fogo
  Do vosso cruel desdem?
Tendes muy bella maneira
  Para obrigar quem naõ quer;
  Mas já quasi o estou largando
  Na força, que lhe fazeis,

Ah

Ah ingrata, como assim?
Vós teimosa haveis de ser?
Naõ sabeis, que he contra o brio
Ser teimosa a toda a ley?
Se vedes, que he obra minha
Como assim a pertendeis?
Se em nada vos fuy de agrado,
Como agora agradarei!
Mas ay que naõ posso mais,
Lá vos avinde meu bem,
Que a obra já será vossa,
Pois que vencido me achei.
Reparai bem nos quartetos,
Se he que aos pés assentos dey;
Porque eu naõ sey como os faço
Sem aprender de ninguem.
Vede se vaõ bem medidos,
Ou se em elles mais se vê,
Que eu renuncio o mal feito;
O mais dê por onde der.

Satisfaçaõ aos zelos de Amariles.

ROMANCE LI.

ANdaõ comigo apostando
Senhora vossos desvios,
Como se eu falso vos fora,
Ou vos naõ amara fino.

A tempo que as vossas letras
Eu taõ amante as estimo,
Que vendo-as meu coraçaõ,
Lá dentro da alma as confirmo.
E sendo assim, meu amor,
A fé, que vos sacrifico,
Hoje vos estranha o peito,
O que me foy respondido.
Dizeis que da vossa carta
(Como tenho outro bemzinho)
A reposta posso darlhe,
Quando os seus agrados sigo.
Quem vos meteo na cabeça
Que eu fizesse tal delirio?
Eu havia de deixarvos,
Sendo vós o meu feitiço?
Póde haver cousa no mundo,
Que iguale a esse rosto lindo,
Essas maõszinhas de neve,
E esses braços nos alivios?
Aos lindos arcos dos olhos,
Dos olhos esse brinquinho?
O attractivo da garganta,
E da vossa boca ao riso?
Ora se isso foy zombando,
Deixai minina esse brinco,
Que sendo falso o supposto,
Naõ quero certo o castigo.

Nem saõ justos os acintes
A' fé, com que vos estimo;
Que dar pena aos innocentes,
De quem a dá, saõ delictos.
Naõ cuideis, que estou zombando,
Se acaso zombais comigo;
Acabai de darme a gloria,
Já que me dais o martyrio.
Eu a outra meus amores!
Eu posso ser fementido!
Eu hey de dar minhas letras
Se naõ a vossos carinhos!
Se manda amor vos responda,
Como lhe ides resistindo,
Profanais do templo as áras,
Suspendeisme o sacrificio?
Ora naõ sejais tyranna,
Quando amante vos dedico
Toda a verdade de hum peito,
E toda a fé, com que vivo.
Inda vos naõ compadecem
Tantas penas, tantos tiros?
Inda vos mostrais de pedra
Sendo animado feitiço?
Naõ vos obrigaõ ternuras?
Naõ vos movem meus suspiros?
Naõ basta hum amor taõ grande,
Para vos unir comigo?
Que-

Querereis, quereis, que me aparte,
Perdendo esse vosso mimo,
Que já por antigo o logra
Por mais gloria o meu destino?
Naõ posso, naõ, nem eu quero
Deixar de amarvos meu brinco;
Pois esse bem porque morro,
Me traz o bem, com que vivo.

A huma ausencia.

ROMANCE LII.

Minina, naõ sey que he isto,
Que o meu peito me maltrata;
Certo que as vossas saudades
Devem de ser minhas mágoas.
Sinto forcejar no peito
Meu coraçaõ ás pancadas,
E soluçando a minutos,
Dar por horas mil desgraças.
Se a minha maõ levo ao peito
Por me acompanhar nas ancias;
Meus dedos demonstradores
Lá me apontaõ para a causa.
Como nos tormentos vivo,
Olho, mas naõ vejo nada,
Que como o mal está dentro,
A vista menos o alcança.

E ſuppoſto que conheça,
Que dentro eſtais retratada,
Como vos vejo por ſombras,
Mais meu tormento ſe exalta.
Olhando a todos os lados,
Naõ acho ſocego na alma,
Que como ſó buſca vervos,
Já ſem alivio me trata.
Vede como andarei triſte,
Se eſta auſencia taõ tyranna,
Quanto mais triſte atormenta,
Tanto mais de vós me aparta.
Se foy forçoſo o retiro,
E no tempo ſe dilata,
Vede que pena me afflige,
Sabei que mágoa me alcança.
Cuidava eu minha vida,
Que a ſorte naõ foſſe avara
Deſſa viſta nos favores,
Nos alentos deſſa graça.
Porque ſe eu tal preſumira,
Que em vervos houveſſe falta,
Eu vos ſeguira meus olhos,
Já mais meu bem vos deixára.
Mas agora em hum repente
De huma auſencia, que me abraza,
Que hey de fazer, ſe o tormento
Já me vay entrando na alma?

Bem

Bem ſabeis vós que o meu peito,
Pelo muito que vos ama,
Ha de andar quaſi ſem vida
Neſta voſſa retirada.
E aſſim ſe póde ſer pouca
A dilaçaõ, que me aggrava,
Tornai, tornai meus amores,
Vinde, que a vida ſe acaba.

A huma ſenhora, que ſendo pertendida para caſar na Corte, ſe caſou fóra della.

ROMANCE LIII.

SEnhora toda eſta Corte
Com muita razaõ ſe admira,
Vendo que vós tanto ao longe
Ides buſcar companhia.
Se outra feiçaõ vos deſterra,
Tambem neſta Corte havia
Outras feiçoens de bom goſto,
Tal vez mais engraçadinhas.
Ora dizeime (ſe acaſo
Voſſo goſto já ſe anima)
Vós quereis neſſe retiro
Fazer nova Paleſtina?

Quereis ser Diana dos bosques,
Ou das selvas maravilha?
Se caçadora vos vejo,
Nada ficará com vida.
Quem os arcos vos prepara,
Quem as settas vos afia,
A tempo, que os vossos olhos
Vibraõ tantas tyrannias?
Quereis que ajuize a gente,
Com ver delles as mininas,
Que se transformaõ em feras,
Sem que deixem de ser lindas?
Estais paga desse emprego?
Gostais muito dessa vida?
Sim, naõ duvido, que a mágoa
Só para mim se encaminha.
Eu naõ quizera meus olhos
Perder já de todo a vista,
Pois me foge a luz, se foge
Da Corte tanta gracinha.
Quereis, que vos acompanhe?
Gostareis de huma visita?
Mas eu naõ quero, se agora
Vos considero perdida.
Dizeime vós, será justo
Deixar da Corte as amigas,
E amortalhar esperanças
De quem com fé vos servia?

Na Corte haverá quem creya,
Que haja em vós tal tyrannia?
Se a gritos todos vos chamaõ,
Porque nos fugis da vista?
He justo, que aquella aldea
Chegue a lograr tanta dita,
E que toda a nossa Corte
Fique de vós preterida?
Por ventura a vossa patria
Vós ensina as tyrannias?
Amor, que mora mais perto,
Com mais fé se qualifica.
Buscais domicilio estranho,
Vós sabeis se nesse clima
Esses astros saõ benignos
A deidades peregrinas?
Esses cabellos dourados,
Essa testa cristallina,
Esses taõ formosos olhos,
Que tem prezas as mininas;
Esse nariz delicado,
Essas faces peregrinas,
Esses beicinhos de nacar,
Que encerraõ perolas lindas:
Essa garganta nevada,
Essas maõs, que a prata liga,
Essa cintura sutil
No meyo dessa gracinha:

Eſſes pés, que a terra adora,
Atomos de alcorça fina,
Haõ de achar noutro hemisferio
Throno, que bem lhe condiga?
Ora ſe iſto vos naõ baſta
Por deſenganos á vida,
Lá vos avinde, e ſe he goſto,
Já neſſe o meu ſe confirma.

A huma ſenhora, que diſſe, que amava, e naõ tinha amor; e que era tyranna ſem ſer ingrata.

ROMANCE LIV.

Bella Filis dos meus olhos;
Mas tá, que falto ao aſſumpto,
Pois tem prohibido amores
Quem a amor paga o tributo.
Eu naõ ſey ſe vós de veras
Tendes amor, mas preſumo,
Que como ſois engraçada,
Tereis amor de rebuço.
Se amor ſe pinta vendado,
Falando em vós o deſcubro;
Pois vendavel tanta graça,
Vendo-ſe, lá deixa huns fumos.

Se

Se a Lua ao Sol em eclipse
Sempre deixa hum claro obscuro,
Bem póde a vossa candura
Brilhar, inda em tempo fusco.
Sendo, que amor lá se encobre
Muitas vezes sendo adulto,
Mas com ser grande, ou pequeno
Lá traz inquieto o pulso.
Se dizer quero vos amo,
Isso tambem difficulto,
Porque nem a voz já mostra
A certeza do que julgo.
Bem póde amarvos meu peito,
Mas naõ, que tal naõ presumo,
Que amarvos seria offensa,
Naõ adorarvos insulto.
Naõ vos entendo por certo
Na faculdade o discurso,
Que hũ sim, e hũ naõ contradizem
O bem, e o mal tudo junto.
Se vós amais dessa sorte,
Quem fiará desse indulto,
Se amor de affectos diverso
He vario, e tem pouco fundo?
Se sois tyranna, o naõ creyo,
Que isso o declarais no assumpto;
Mas tambem disto o contrario,
Naõ crelo estou resoluto.

Nem eu ſey bem a que parte
Voſſo amor mais aſleguro,
Pois ſe pende a ſer cruel,
Deſcuidos tambem lhe julgo,
Mas que ha de ſer a izençaõ
De laço taõ diſſoluto,
Se ao meſmo tempo naõ podem
Taes contrarios ſer conjuntos?
Se em ſofiſticos conceitos
Formais a idéa no obſcuro,
A candidez, que os anima,
Só póde chegarlhe ao fundo.
Porém ſe iſto em vós foy graça,
Ou tal vez brinco de junco,
Brincai, que eu tambem já brinco,
Mal formando o meu diſcurſo.
Sois amante, ſois ingrata,
Amor tendes mal ſeguro;
Matais, e dais vida a hum tempo,
Sciſma de amor ſois no mundo.

Fabio

Fabio se queixa a Marfiza, o qual busca novo emprego: enfadada Marfiza o pertende desviar.

ROMANCE LV.

QUe he isto ingrata Marfiza,
Sempre arrufada comigo?
Eu por ventura offenderte
Intentei, sem ter motivo?
Naõ es tu a que os acintes
Fazes sempre a meus carinhos
No variar dos objectos,
Falsificando os alivios?
Esses olhos os mais bellos
Em que amor tomou mais brio,
Naõ fazem favor a outro,
A outro naõ fazem mimos?
Se isto assim he, e o confirmas,
Como hoje, ingrato feitiço,
Só me dispensas carrancas,
Mal aceitando os carinhos?
Tu fazendo tanto mal,
A mim me dás o castigo!
Que mais me fizeras tu,
Se eu tivera delinquido?

Inda

Inda te moſtras ingrata,
  Inda me fazes beicinho?
  Naõ queres ſer agradavel,
  Quando em agrados te ſirvo?
Ora ſe tu es tiranna,
  Buſcarei outro brinquinho,
  Que tal vez logre favores,
  Se acaſo mudar de ſitio.
Naõ te parece Marfiza,
  Que farei bem o que digo?
  Por certo que nunca zombo,
  Quando me vejo offendido.
Nem me tomes iſto a mal,
  Se he que bem te eſtá meu brinco
  Lograr de Almeno os agrados,
  Ter elle em ti ſeus alivios.
Naõ te dás por ſatisfeita,
  Nem baſta a razaõ que digo,
  Para convencerte falſa
  Deſeſtimando o meu brio?
Eu com effeito já buſco
  Amor mais compadecido,
  Onde naõ veja as offenſas,
  Onde faça amor ſeus tiros.
Amor poſto que gigante
  Naõ póde andar dividido,
  Que em hum peito dous ſugeitos
  Naõ tem aſſentos diſtintos.

Se

Se buſcas a Almeno amante,
Elle fique preferido,
Que eu diſſo naõ tomo pena,
Tendo taõ perto outro alivio.
Nem entendas, que em deſpique
Sigo agora eſte caminho;
Porque hũa deidade falſa
Outra moſtra no amor fino.
Nos olhos, com que eſta anima,
Tambem vive o deos Cupido,
Rayos deſpedindo em ſettas
Dos ſeus arcos negros, lindos.
Deixa, deixa que eu a buſque;
Pois naõ te importa eſte brinco:
Se me deixas por Almeno,
Naõ perturbes meu deſtino.
Tu queres que eu tudo perca,
Por ventura naõ ſou vivo?
Naõ hey de achar por ſenſivel
Hum deſaffogo ao martyrio?
Fique comtigo outra ſorte;
Deixame a ſorte, que eu ſigo,
Que naõ he bem, ſe es ingrata,
Por penas deixe os alivios.
Acaba com eſſa teima,
Ceſſa com eſſes deſvios;
Depois de tantas offenſas
Inda te canſas comigo?

Ora

Ora he justo te naõ sofra,
Que hum coraçaõ fementido,
Como nunca se arrepende
Já mais deixará os delictos.

Ao nascimento de huma senhora.

ROMANCE LVI.

QUe hoje vem nascẽdo ao mũdo
Huma senhora direi,
Mas quem será, naõ declaro,
Pois a naõ conheço bem.
He toda feita de neve,
E he melindre a toda a ley,
Que por naõ ter leys de humana
Quasi divina ha de ser.
No primeiro de Janeiro
Vem fazer dia de Reys,
Pois nascendo neste dia,
A todos nos faz mercés.
No mesmo dia, em que hum Deos
Se circuncida na ley,
(Grande dia) entaõ vem ella
Com Deos nascendo tambem.
Naõ vos parece fortuna
Em dia santo nascer?
Sim, porque tambem seus dias
Guardados parecem bem.

Tam-

Tambem dá principio ao anno
Neste, com que agora vem;
Sendo que os mais na ventura
Os domina como quer.
Mas eu já que chego a vella,
Sem ter sigana direi
A este bello prodigio
Os prodigios, que em si tem.
Mostraime a maõ meu feitiço,
Porque assim entenderei
Pelas rayas da ventura
As fortunas, com que vem.
Jesus, yá por vuestra mano
La buena estrella os miré,
Y jasmin por vuestras plantas,
Como en los labios clabel.
Teneis ojos? No lo dudo,
Mas como son nó lo sê;
Que si juntos son dós soles,
Son dós Cupidos tambien.
Los cabellos por lo claro
Dan visos de rosicler,
Pues hilo a hilo dividen
Rayos, y luz al desden.
Las cejas en claro obscuro
Algo en ellas os diré;
Pues son dós arcos, que esgrimen
Flechas una, y otra vez.

Nó tengo más que diziros,
Pues que lo más ignoré;
Siendo que a tan buena dicha
Mas que dichas han de ser.

A Belliza tomando novos empregos.

ROMANCE LVII.

OUveme falsa tyranna,
Se acaso inda tens ouvidos,
Depois que ingrata me deixas
No desamparo, que sinto.
Ouve as culpas dos teus olhos,
Do teu variar os delictos,
Pois a quem mais te adorava,
Lhe dás o mayor castigo.
Ouve ao mayor desgraçado
De quantos foraõ nascidos,
Pois nos males todos juntos
Hoje se vê sem alivio.
Que mayor mal, que deixarme
Esse bello feiticinho,
Depois de serme em favores
O non plus ultra do mimo!
Naõ eras tu nos extremos
Quem chorava o meu retiro,
E se acaso te faltava,
Naõ pelejavas comigo?

Naõ

Naõ fazias mil exceſſos
Por mim, e eu por teus carinhos
Naõ vivia de adorarte,
Para teus braços fugindo?
Naõ chorei, e naõ choraſte,
Sendo nós no amor por finos
Hum coraçaõ em dous peitos
Sem já mais ſer dividido?
Ou he, que tu me enganavas;
Mas ay, naõ póde ſer iſto;
Porque entaõ verdades puras
Logravaõ noſſos alivios.
Naõ inclinaſte hum punhal
Sobre o peito criſtallino,
Para moſtrar, que me tinhas
Dentro do peito eſcondido?
Naõ diceſte tantas vezes
Entre diverſos carinhos
Que eu logrando os teus favores
Era o teu melhor feitiço?
Eſtas eraõ as promeſſas
Dos teus amantes eſcritos,
As firmezas, que juravas
Nos proteſtos repetidos?
Quantas vezes me fizeſte,
Inda em publico os teus mimos,
Dizendo naõ ſe te dava,
Pois fazias goſto diſſo?

Ah ingrata, quaõ tyranna
Te tornaste em meu martyrio;
Pois naõ mais que por quereres
Me matas de hum golpe ao fio!
Fica-te embora, mas ay!
Que bem fiques, tal naõ digo,
Pois praza a Deos, que tu sintas,
O mesmo, que eu vou sentindo.

A hum amigo, que pedio ao Autor lhe mandasse hum Romance dos seus versos.

ROMANCE LVIII.

AMigo, neste Romance
Versos te mando em verdade,
Inda que a Musa naõ mostre
No sublime seus quilates.
Claudicando o entendimento,
Ou ser nescio nesta idade
Me faz escrever cantando
Ao som pueril, que me attrahe.
Mas já para ver se acerto,
Cantarei por outra clave,
Ditandome a Musa hum pouco
Do homem desde que nasce.

Sahe

Sahe o tenro infante ao mundo,
Entra logo a lamentarſe,
Pois vê, que a primeira culpa
Vem com ella ao triſte valle.
Do clauſtro perde os alentos,
Onde chegou a animarſe;
E como o ſeu corpo ſente,
Do humano chora a vaidade.
Vive ao ſoccorro do peito,
E a providencia o perſuade,
Que buſque em quẽ lhe deo corpo
O preciſo a conſervarſe.
Vive, aſſim como lhe he dado,
Sem diſcurſo, e com vontade,
Com intelligencia rude
Muito antes do que fale.
Entende-ſe, mas naõ póde
Aos adultos declararſe,
E aſſim com o tempo alcança
Vozes ſem formalidade.
Já balbucia com vozes,
Porque o entendaõ em parte,
Dando provas evidentes
Nos conceitos, que perſuade.
Acena, brinca, e ſe ſente
Já do aggravo, que lhe fazem;
Pois encontrandolhe o goſto,
Chora, e naõ quer aquietarſe.

Já paſſa a outra eſtaçaõ
No melhor tempo da idade;
Pois aqui faz quanto quer
Sem que crime poſſa darſe.
Já nas palavras o entendem,
Inda que a razaõ lhe falte;
E cauſando goſto a todos,
Oh quanto a innocencia vale!
Oh vida atéqui ditoſa!
Ditoſa ſe naõ paſſaſſes
A ver em ti os delictos,
Que neſta idade ignoraſte?
Já deſte bem ſahe o homem
Subindo a mayor idade,
E já perdendo a innocencia,
Tudo nelle ſaõ maldades.
Rendendo-ſe a poucos paſſos,
Do mal vay fazendo alarde;
E fazendo quanto quer,
Diz que tem livre a vontade.
Se cuidaſſe o bem, que perde,
E o mal, a que chega a darſe,
Oh como embargára os paſſos,
Quanto ſe juſtificaſſe!
Mas como ſegue o engano
Do mundo nos desbarates,
Corre pelo que appetece,
Sem do mais querer lembrarſe.

Re-

Repete hũa, e outra offensa,
Foge ao caminho, á verdade,
Pois sendo terra vivente,
Naõ vê que ha de ser cadaver.
Se he tudo horror, tudo inferno,
Onde vay a sepultarse,
Porque naõ procura antes
De vida hũa eternidade?
Como naõ procura o homem
Os meyos só de salvarse?
E que queira arder no inferno
Por sua livre vontade!
O' lastima, ó cegueira,
Deixa de seguir teus males,
Pois tantas almas sepultas
Nas tristes profundidades!
Isto he amigo o homem;
Agora a moralidade
A tirarás do Romance,
Se tu tens de que emendarte.

Ao senhor S. Gonçalo em o dia da sua festa.

ROMANCE LIX.

Este dia, meus senhores,
Seja muito bem chegado,
Quando já passáraõ outros
Vestidos com o mesmo garbo,

De anno a anno se festeja
Este nosso S. Gonçalo,
Fazendo certo o tributo
Do nosso alvoroço guapo.
Naõ tem que esperar de nós,
Se naõ louvores a saltos,
Pois a alegria por grande
Vay por sima dos telhados.
E naõ he justo que eu fique
(Sendo versista) pasmado,
Sem que diga alguma cousa
Entre tantos convidados.
Louvores ao Santo applico
Por todos os quatro lados,
Pois os mesmos, que o festejaõ
O circulaõ com seus passos.
Louvaõ-no por muy festeiro,
Pois gosta de saltos varios,
Sendo as folias, que estima,
Danças, violas, e cravos.
Naõ ha ninguem, que naõ chame
Santo seu a S. Gonçalo,
Porque todos querem tello
No seu peito, e nos seus braços.
Todos contentes o buscaõ,
E todos querem achallo,
Como Santo no que querem,
Como nos prodigios pasmo.

Muitos o chamaõ por grande,
Mas outros do noſſo bairro
O chamaõ caſamenteiro,
Santo ſó dos namorados.
Porém eu digo, que he tudo
Eſte Santo, e tambem acho,
Que caſa moços, e velhos,
Por lhe caſar ſeus agrados.
Naõ vi Santo mais galante,
Nem vi Santo mais bizarro,
Pois ſempre alegre nos moſtra,
Mais que prompto, o ſeu amparo.
He eſte a gloria dos Santos,
Pois encerra em ſeu cajado
Mais poder, que todos juntos,
Nos prodigios de mil caſos.
Quem bem ſe pegar com elle,
Naõ tem que temer naufragio,
Porque he Santelmo das vidas,
He vida nos deſamparos.
Que mais querem deſte Santo,
Quando tudo clauſulado
Tem dentro do ſeu dominio
Mares, rios, montes, prados?
Além de ſer taõ bonito,
He no corpo agigantado,
Pois por gigante da gloria
Chegou á gloria de hum ſalto.

Eſte meſmo ſe celebra,
Eſte ſerá celebrado
Dentro das almas de todos
Com affecto extraordinario.

A duas irmãs igualmente formoſas.

ROMANCE LX.

A Vós, ó lindas deidades,
Cujo luſtre em galla, e premio
Se em Ida vence a tres deoſas
No campo arraſta os alentos.
Se ſois dous ſoes irmanados,
Se ſois dous aſtros taõ bellos,
Inſpirai alento á Muſa,
Day alma doce a meu metro.
Voſſa belleza no campo,
Ou na Corte, como vemos,
Vay apoſtando triunfos,
Porque leva os vencimentos.
Os luzeiros deſſes olhos
Saõ ao reſplendor de Febo,
Quem lhe empreſta os vivos rayos,
Quem lhe dá vida aos reflexos.
Naõ vos póde competir
Por certo nenhum portento,
Pois naõ ſe acha formoſura,
Que vos faça parallelo.

Tan-

Tanto dominais nas almas,
Quanto nas vidas o vejo,
Para dar alma aos rendidos,
Para render os objectos.
Se á vista dos vossos olhos
Amor se rende discreto,
Vós o tornais louco em tudo,
Sem que caya em desacertos.
As almas trazeis rendidas,
Quando ganhadas as vejo,
Pois tributando holocaustos,
Fazem gosto dos incendios.
Todo o rendimento, e culto
He pequeno em vosso obsequio,
Que os cultos naõ vos inculcaõ,
Nem vos declaraõ respeitos.
Nem a eloquencia he bastante
Para mostrar no universo,
Que póde prestar louvores
A tantos merecimentos.
Gozai altivas as prendas,
Lograi devidos festejos;
E já que sois taõ divinas,
Aceitai meus rendimentos.
Naõ desprezeis os meus cultos,
Pois se adorarvos só quero,
Quantos sacrificios faço,
Tantos holocaustos devo.

Filis arrufada arguia falsidades, tendo a culpa em seus delictos.

ROMANCE LXI.

A Que d'ElRey, que hum feitiço
Me traz taõ enfeitiçado,
Que porque eu fosse seu negro,
Contra mim conjura os astros.
De seus olhos a viveza,
E a formosura, que he pasmo,
Me enfeitiçáraõ de todo
No cintilar de seus rayos.
E naõ contente este assombro
De me ver todo prostrado,
Achou, que victima eraõ
Diminutos meus estragos.
Tornou a esgrimir de novo,
Por modos extraordinarios,
No que victima já tinha
Por premio deste holocausto.
Fazendo mil bruxarias,
Cresceo nos delictos tanto,
Que quasi publicos foraõ,
Nas mexidas os encantos.

De-

Depois de me ter cativo
  Como negro, ſendo eu branco,
  Convocou diverſas furias;
  Por me accumular mais danos.
Eu innocente nas culpas,
  Qual ficaria em tal caſo!
  Fiquei, mas oh, que naõ poſſo
  Dizer quanto em mim ſó paſſo.
Vem cá mulher, ou feitiço,
  Dize, que crimes, que aggravos,
  Que injurias te tenho feito,
  Ou que attençoens te naõ faço?
Se foy delicto o quererte,
  Tu a culpa me tens dado;
  Em ti caſtiga os delictos,
  Em mim ſuſpende os eſtragos.
Tu naõ ſabes que em meu peito
  Naõ cabem delictos tantos?
  Bem ſabes tu quanto eu folgo
  Da prudencia em qualquer caſo.
Naõ te confundem as obras,
  Naõ te obrigaõ os affagos,
  Naõ te moſtraõ meus ſuſpiros,
  Que tu me argues de falſo?
Ao deſengano já chega,
  Entre na razaõ, que eu acho,
  Que tu a culpa de tudo
  Terás por diverſos caſos.

Naõ crimines a innocencia,
 Nem por sonhos em tal caso;
 E se naõ cres, o que eu digo,
 Bem podes crer, o que eu faço.

A huma ausencia.

ROMANCE LXII.

DEpois que me vi ausente
 De teus olhos no desterro,
 Sem luz fiquei ás escuras,
 Quando de amor fiquei cego.
Se cá onde estou, me viras,
 Souberas o que eu padeço,
 E deitaras com teus olhos
 Logo a fugir meu tormento.
Ando taõ dado a loucuras,
 Taõ dentro dellas me vejo,
 Que de mim já naõ sey parte,
 Pois que só por ti me perco.
Taõ perdido ando por ti,
 Que nem cuido no que escrevo:
 Razaõ, porque nos escritos
 Taõ desconcertado chego.
Dos favores de hontem á tarde
 Com mil saudades me lembro,
 Mas depois que te ausentaste,
 Mais as tyrannias temo.

Que huma ausencia mil mudanças
Póde dar ao mesmo tempo;
Pois nada se acha seguro,
Quando está distante o objecto.
Porém de ti naõ presumo
O mal, que argue o receyo,
Que quem se mostrou taõ fina,
Naõ será falsa aos effeitos.
E assim amor dos meus olhos
Desta ausencia, em que me vejo,
Só posso apostar firmezas,
Quando te busco, e te quero.
Vou da sorte que he possivel,
Se naõ estou em teu peito,
Mas se he certo, fuy comtigo,
Nisso mais favor te devo.
Dame aquelles feiticinhos,
Negros soes de teus luzeiros,
Ou as rubicundas rosas
Que o rosto tem por mais bello.
Dame a neve da garganta,
Pois mais á vista a desejo,
Como das maõs o alabastro,
Dessa formosura extremo.
E se te obriga o que eu digo,
E te commove o que eu quero,
Naõ te dilates na ausencia,
Pois nella está meu tormento.

Ar-

Arguindo a Filis de falsa.

ROMANCE LXIII.

ANdar daqui para alli
He no mundo cousa certa,
Porém amor, que he vadio,
Mais mudanças representa.
Naõ sey que amor tive hum tempo,
Que foy amor destas eras,
Pois jurava eternidades,
E durou como quem era.
Com ver tal fatalidade,
Nunca vi menos firmeza;
Razaõ porque já naõ fio
De juras, nem de promessas.
Tantas cousas me dizia
Filis, (huma boa pessa)
Que quem vira tantas cousas,
Mais que por firme a tivera.
Inda mais que Enone a Páris,
Dizia que amava terna,
Que qual Dido por Eneas
Seria a qualquer ausencia.
Tantas juras me fazia
Esta Esfinge, esta Medea,
Que enganar podéra hum santo,
Quanto mais quem o naõ era.

Disse

Disse que seria firme
No amor, a que estava preza,
Que antes a hum punhal mil vidas
Daria nesta defensa.
Filis naõ juraste tudo?
E naõ foste tu a mesma,
Que julgaste enfeitiçada
Por mim a tua lindeza?
Onde vaõ esses feitiços,
Onde estaõ essas finezas,
Que he feito dos teus extremos,
Entre meiguices taõ bellas?
Onde passou essa graça
Que o donaire tanto preza?
Onde existem essas maõs
Tanto de neve ás maõs cheyas?
Onde a luz desses teus olhos
Se ausentou por mais severa,
Para deixarme sem vida
No mal, que me desalenta?
Naõ eras tu, ay amores!
Naõ eras a que em cadeas
Me trazias por cativo
Na fé das tuas firmezas?
Tu eras, pois se o naõ foras,
Nem eu prezo me tivera,
Pois só de ti me obrigava,
Só tu minha Filis eras.

Mas agora que desculpa
Darás a minhas finezas,
Se como ingrata, e mudavel
Taõ criminosa te ausentas?
Reposta naõ podes darme,
Que te justifique a offensa,
Pois o ser falsa comigo
A ti mais falsa te deixa.

A hum amigo.

ROMANCE LXIV.

HA dias, meu grande amigo,
Que o naõ acharvos me assusta,
Ficando o Teixeira a solo,
E a solfa sem vossa ajuda.
Faltaõ vossos documentos,
Tambem vossas letras xulas,
No certamen armonioso
Onde alma buscaõ as Musas.
Neste banquete ordinario
De iguarias taõ conjunctas,
Já no pratinho do gosto
Nenhum conceito se chupa.
Já todo o dengue dos bichos,
Sendo o que agora se usa,
Naõ o vemos na palestra,
Pois deo em andar á tuna.

Aquella chistosa graça,
Que raciocinais adulta,
Na loquela dessa lingua
Falta, naõ sey porque culpa.
Nem do Machado as historias
Já temos, sendo commuas,
Pois como vós as contais,
Ninguem contallas presuma.
Porém daime já licença,
Que com pezar vos argua
As faltas do vosso termo
Entre o mal, que nos procura.
Dizeime vós, que Nordeste,
Ou que furacaõ vos muda
Da nossa sociedade
Na lyra, que Antonio pulsa?
Que mixella vos perverte,
Ou que santaõ vos oculta?
Deixais os divertimentos,
Como se elles fossem culpas?
Vós andais allucinado?
Tendes algumas loucuras,
Ou tendes os pensamentos
Dados taõ sómente a xullas?
Exi foras, meu amigo,
Se acaso tal vos sepulta;
Fugi de congressos femeas,
Arrenegai dessas juntas.

Se algum máo divertimento
  Anda comvoſco ás eſcuras,
  Abri os olhos, e vinde
  Ver no monte as nove Muſas.
A Clio, que para a fama
  De altos varoens mais ſe apura,
  Eternizando as memorias
  Contra o tempo, que as inſulta.
Polimnia os máos coſtumes
  Condenando em tal figura,
  Que dá documento ao mundo,
  Na rectidaõ, que o illuſtra.
Melpomene, que da morte
  Tragicas cantigas uſa,
  Fazendo durar nos bronzes
  Tudo o que o marmore occulta.
Erato, triunfos de amor,
  Que em douradas ſettas curſa,
  Moſtra no plectro, e cadencia
  Mais que armonioſa a doçura.
Terſicore, que picante
  Tresborda de graça a infuſa,
  Onde moſtra que da fonte
  Domina o nectar, que apura.
Thalia no jocoſerio,
  E no burleſco abſoluta,
  Moſtrando com mil donaires
  Da gracioſidade a chuva.

Nos ſeus conceitos Euterpe,
Que nas vozes,que articula,
Expreſſa de amantes cultos
Moralidades profundas.
Caliope em tudo régia
Obtendo o laurel das Muſas,
Soltando o ſeu metro heroico,
Moſtrando o que difficulta.
Urania, que a vós vos toca,
Pois ſacros fructos illuſtra;
Venerandovos Apollo
No louvor, que vos tributa.
Tudo iſto vos commova,
Tudo vos convoca em chuſma,
Porque torneis á paleſtra,
Onde Apollo ſois das Muſas.

A huns olhos verdes.

ROMANCE LXV.

MInina dos verdes olhos,
Tal graça nos olhos tendes,
Que inda mais do que a eſperança
Dais, a quem morre por elles.
Se ambos no ſeu firmamento
Saõ dous ſoes, que mataõ gente,
Naõ he com morte tyranna,
Pois ſó com as luzes prendem,

Se fulminaõ verdes rayos,
Mais assombro se vê nelles,
Pois a delicia nas cores
Com mais força as almas rende.
Quem tem a gloria de vellos,
Já mais apartarse atreve,
Pois teme a morte nas sombras,
Foge ao delicto de ausente.
Cultos lhe tributaõ todos
Os mais olhos reverentes,
Huns amantes aos incendios,
E os mais com seguillos sempre.
Por certo, que os vossos olhos
Saõ dous idolos ardentes,
Que os holocaustos em chãma
Dentro das almas acendem.
Sem elles ninguem tem vida,
E se a vida existe nelles,
Daime a vida nesses olhos,
Pois que a minha lhe pertence.
E se acaso desprezais
Quem nessa vista se rende,
Naõ tendes que condenarme,
Em vós sim, que a culpa tendes.

Amor ausente.

ROMANCE LXVI.

COmo he possivel, meus olhos,
Que te ausentasses cruel,
Deixandome na saudade
Mais que tyranna a morrer!
Tu naõ viste que a teu peito
Fielmente me entreguei,
Pois como assim nesta ausencia
Me dilatas tanto bem?
Quantos dias te dilatas,
Tantos te julgo infiel,
Pois me enganaste inconstante,
Sendo falsa a toda a ley.
Mas como me queixo, ingrata!
Como mostro querer bem,
Se me offendes nessa ausencia,
Tantas vezes, quantas sey?
Como te vay lá de amores?
Observaõ de amor as leys?
Dize, tem muitas meiguices?
Doçuras, e agrados tem?
Folgo que elles te divirtaõ,
Supposto o sinto tambem,
Pois naõ quer, quem mais te adora,
Tanta liberdade ver.

Foy isso o que prometteste,
Quando triste aqui fiquei?
A fé, que tu me juraste,
He desta casta tambem?
Como habitaçaõ naõ mudas,
Se em tomar recreyos tens
A falsidade por timbre,
E o morgado de infiel?
Naõ me trates já de amores,
Pois carinhosa has de ver,
Que sey sentir desacatos
De hum amor falso, e cruel.

Pedindo Anarda humas flores.

ROMANCE LXVII.

REmetto as flores, meus olhos,
Com admiraçaõ de ver,
Que huma rosa peça flores
Tendo os jasmins a seus pés.
Se ellas saõ para o toucado,
Andais errada, porque
Quem tem ouro nos cabellos,
Basta a riqueza, que tem.
Se a formosura bem póde
Sem mais nada apparecer,
He superfluo buscar flores,
Crime o pedillas tambem.

Se para o peito as pedis
  Tambem esponjas vereis,
  Que faraõ sahir com gala
  A flor, que esse peito tem.
E se tal vez para dares
  Estas flores pertendeis;
  Isso sim, que o vosso garbo
  Dar flores mais proprio he.
E se para nada disto
  Saõ as flores a meu ver,
  Desenganaime, meus olhos,
  Para o que saõ, me dizei?
E se eu de tudo me admiro,
  Tambem de vós me admirei,
  Pois pedis o que nascendo
  Nas vossas palmas trazeis.
E se eu podéra andar nellas
  Com a firmeza, que eu sey,
  Todos os jardins do mundo
  Desprezára de huma vez.
Mas como sois taõ formosa,
  E alguma vez sois cruel,
  Temo que as minhas venturas
  Morraõ ao vosso desdem.

Nas semrazoens a hum retiro.

ROMANCE LXVIII.

NAõ sey, amor dos meus olhos,
No laberinto, que vejo,
Se he vida, a que vou passando,
Ou se he morte, o que padeço.
Vendome em tantos cuidados,
Metido entre taes extrémos,
Nem acerto no caminho,
Nem descanso no meu centro.
He possivel, que inda atire
Contra mim vosso desprezo!
E que de vós eu me ausente,
Quando, se fugis, me offendo!
Como he certa a tyrannia,
Em mim, nem em vós a quero,
Pois se em vós mal me parece,
Em mim naõ parece menos.
Bem sey, que a paixaõ, meus olhos,
Tem lançado este veneno,
Que esta, quando he mais valente,
De tyranna busca extremos.
Mas se o racional me anima,
Bem posso humano dizervos,
Que os delictos, que me dais
Só saõ em vós pensamentos.

Mas

Mas nisso já vos naõ falo,
Que seria pouco attento
Supporvos como indiscreta,
Consideraresme em tal erro.
Porém no que me arguis,
Conheço mayor tormento,
Pois onde naõ ha delicto
Injusta a pena contemplo.
Assim vendo vosso enfado
Na semrazaõ, que exprimento,
Até meu sangue nas veyas
Naõ circula já de medo.
Fiquei, (naõ sey como o diga)
Que explicallo naõ me atrevo!
Perguntai-o a vossos olhos,
Pois que sabem quanto eu peno.
Mas se acaso inda teimosa
Andais sustentando enredos;
He improprio nas deidades
Dar calor a desacertos.

Em huma ausencia.

ROMANCE LXIX.

NAõ sey, ó meu lindo emprego,
Quando te adoro, e te estimo,
Como foges de meus olhos,
Ou naõ buscas meus suspiros.

Se estes ausente te chamaõ,
Se he a ausencia o meu martyrio,
Vem ver quem por ti só morre,
Naõ te detenhas, meu brinco.
Naõ te commove o meu pranto,
Naõ te obrigaõ meus carinhos?
Naõ es tu a que apostavas
Firmezas a todo o risco?
Agora vendo o que eu choro,
Agora vendo o que eu sinto,
Já me naõ buscas amante,
Quando com mais fé te obrigo?
Se por ti larguei amores,
E desprezei tantos mimos,
Assim me pagas ingrata,
Dando assim de falsa indicios?
Ay como temo meus olhos
Me faltes aos sacrificios,
Pois vas buscando pretextos
Por disfarçar teus retiros.
Quantas vezes, quantas vezes
(Dize falsa) a meus ouvidos
Me prometteste constancias,
Vendome de amor rendido?
Mas ay de mim! Esta pena,
Em que morro, em que deliro,
Te condena por ingrata
No tormento, com que vivo.

Nem eu sey, se enfeitiçado
Me rendeste o alvedrio;
Pois que de ninguem me lembro,
Quando só por ti suspiro.
Acode depressa, amores,
Soccorreme, pois te affirmo,
Que se mais hum dia tardas,
Achas sem alma o teu brinco.
E se alguma cousa obriga
O amor, em que amante vivo,
Repara nesta firmeza,
Vem ver o quanto te estimo.

Curar Santo Antonio a hum doudo estando prégando. Foy assumpto Academico.

ROMANCE LXX.

NAõ me admiro, que por gosto
Santo Antonio per si só
Cure a hum doudo de pedras
Por milagre, por favor.
Admirame, que prégando
Tire de hum louco o furor;
Este caso para mim
Só por grande me admirou.

Dei-

Deitoulhe o cordaõ ás furias,
Com palavras o casou;
Encaixoulhe entendimento,
Milagre foy o mayor.
Quem tal dissera, que o Santo
Havia de dar por bom
Hum homem, que naõ tem ciso,
Hum doudo, que naõ tem dó!
Porém isto saõ milagres,
Que só Santo Antonio obrou,
Que elle obra quanto quer
Com palavras, com favor.
Tomára eu que este Santo
Inda a mim, louco, e peyor,
Me dera o que naõ mereço,
Metendome no seu rol.
Se entendimento me dera,
E me fizera melhor,
Eu lhe fizera mil versos
Cantando: U re mi fá sol.
Mas tornandome ao assumpto,
Diz o louco, que já foy
Ver jurar as testimunhas,
Nas loucuras, que deixou.
Dá gloria ao Santo obrigado,
Confessa que o Santo só
Obrára taes maravilhas
No milagre, que alcançou.

O tu lingua benedicta,
Lhe cantou com tal fervor,
Que confessou, que incorrupta
Era mais pura, que o Sol.
Que Antonio era sal da terra,
Taõ justo, que nunca foy,
Senaõ Santo dos milagres,
Dos Santos sempre o mayor.
Acabando em seus louvores
Taõ alegre se ficou,
Que conta por hum milagre
Mil prodigios a huma voz.
Mas eu tambem acabando,
Dou principio a seu louvor,
Pois me parece impossivel
Dizer o que o Santo foy.

A hum amigo enriquecido de prendas, que passou para o Brasil, donde era natural.

ROMANCE LXXI.

NAõ posso, meu doce amigo,
Deixar de mandarvos queixas,
Pois saõ tantas as que vejo,
Como as que hoje pinta a idéa.

Sa-

Sabei, que deſtas ſenhoras,
Ou das voſſas ſemideas
Brotaõ rios as mininas,
Sentindo as voſſas auſencias.
Entregaſtesvos aos mares,
Eſcapaſtes das tormentas,
Mas naõ com tudo fugiſtes
Das memorias deſta terra.
Lá neſſa America aduſta,
Patria, que hoje vos alenta,
Vos haõ de chegar de Europa,
E de Liſia novas freſcas.
Aquellas deidades Liſias,
Que ſe illuſtraõ mais nas prendas,
Suſpiraõ por vós aos mares
Na dor, que amor lhe accreſcenta.
Choraõ as que tocaõ cravo,
Gritaõ as que cantaõ bellas;
E as que dançaõ nos barulhos,
Naõ dormem na voſſa auſencia.
Todas de luto veſtidas
Nem brincos poem nas orelhas,
E o rubicundo das faces
Se torna em cor macilenta.
Algumas comem por onças,
E muitas neſta Quareſma
Tomaõ varias diſciplinas,
Porque torneis a eſta terra.

Naõ

Naõ ha Santo pela Corte,
Que naõ buſquem por novenas;
Pois como o ſeu bem lhe falta,
Pedem que volte depreſſa.
Tem deſſe corpo ſaudades,
No qual toda a natureza
Reçopilou com aſſombro
Hum paſmo cheyo de prendas.
Até os voſſos amigos
Vaõ ſentindo muitas penas,
E eu mais que todos ſe choro,
Meu pranto o mar accreſcenta.
Todos geralmente querem
A voſſa bella preſença,
Pois como ſois guapo em tudo,
Sentem todos voſſa auſencia.
Vinde, pois para quem vive
He eſta a melhor vivenda,
Que naõ póde ter bom goſto
Quem deſta Corte ſe auſenta.
A Deos, que ſe parte a frota,
E a minha Muſa já ceſſa
De eſcrever, pois vo la mando;
A Deos, que já vay á vela.

Cele-

Celebra os annos de Anarda.

ROMANCE LXXII.

HOje celebrarte os annos
Anarda quero, porque
A Musa te cante em coplas,
E tas cante em Portuguez.
Se for breve, naõ repares,
Pois longa naõ póde ser,
Quando tu maxima cantas
Em fuga os annos, que tens.
Vinte e seis auroras contas
Na gala, e flor, com que vens,
Dando mate ás Primaveras,
Abris prostrando a teus pés.
No resplendor desse oriente
O mesmo Sol se revê,
Como pedindo emprestada
A luz para amanhecer.
E depois que em seu Zenith
Vê teus annos renascer,
Pasma suspendendo os rayos,
Por ti perde a luz, que tem.
Se tu dominas a tudo
Na flor dos annos, que tens,
Que cultos póde prestarte
Quem se assombra de te ver?

Affe-

Affectos, como a divina,
Rende esta Musa a teus pés,
Dando por culto a teus annos
O eterno, em que has de viver.
Se affectos no teu applauso
Indicaõ hum querer bem,
Anarda, quem te festeja,
He certo, que bem te quer.
Seraõ eternos teus annos,
Quando tu perpetua es,
Que flor, que naõ perde a gala,
Dezar naõ chega a temer.

A huma senhora muito formosa, e ingrata.

ROMANCE LXXIII.

BEllo adorado feitiço,
Já que tens tanto de linda,
Naõ fujas dos meus agrados,
Pois com os teus me cativas.
Se es de perfeiçoens compendio
Taõ bella, como divina,
Porque de meus sacrificios,
Como de mim, te retiras?
Se eu dedico a teus altares
Toda a fé, toda a caricia,
Inda assim te naõ abranda,
Nem ver que te offereço a vida?

Se para ti vou chegando,
Te apartas como inimiga;
Eu naõ te offendo nos cultos,
Tu sim, pois me desestimas.
Se te conhecera izenta
Com todos, naõ me sentira,
Nem te condenara ingrata,
Nem te buscara benigna.
Porém sendo os teus carinhos
Attractivo de outras vidas,
Ao mesmo passo te estranho
Ver, que de mim te desvias.
Se aos domesticos naõ amas,
Como aos estranhos cativas?
Olha, que tal vez te engane
O que de longe acaricias.
Se conheces que te adoro,
Paga hũa fé, que te estima,
Que mais vale hum amor firme,
Que outro, que na fé delira.
Se com esses lindos olhos
Tantas almas enfeitiças,
Naõ queiras dominar tantas,
Se he que te merece a minha.
Mas se eu tivera esse bem,
Que grande gloria seria
Para a fé, com que te adoro,
Para huma alma, que te estima!

Mos-

Mostra-te menos severa,
E muito mais compassiva,
Se he que te obrigaõ tormentos
De quem só tu tyrannizas.
E se naõ mostras piedade
A quem de amor se cativa,
Passa de ingrata a ser féra,
Ou deixa já de ser linda.
Que naõ he bem, se te perco,
Perder juntamente a vida;
Que amor com amor se paga,
Amor com amor respira.
Naõ queiras entre as deidades
Passar a ser taõ esquiva,
Que o divino naõ despreza
A quem a fé lhe dedica.
O ser ingrata, e tyranna
Se só comigo o acreditas
He hum erro sem desculpa,
E tu mais culpada ficas.
De que te serve hum desprezo
Com taõ grande tyrannia?
Eu por ventura em amarte
Mereço perder a vida?
Se a fé, que te dou, me arrastas,
Quaes haõ de ser as caricias,
Que fiem dos teus extremos,
Se taes extremos desvias?

Ora naõ sejas ingrata,
Que se a belleza me incita,
Hey de adorarte severa,.
Hey de buscarte inimiga.
E verás nos teus desvios,
Quando amor me sacrifica,
Que naõ bastaõ desfavores,
Para que este amor desista.

A Tisbe sahindo ao campo.

ROMANCE LXXIV.

DIvina Tisbe, naõ posso
Deixar de vos celebrar,
Que a Musa manda que eu cante,
E eu de vós naõ canto mal.
Vendovos sahir a campo,
Ninguem duvida que vay
Comvosco o dengue da Corte,
Guerra fazendo ao lugar.
De branco sahis vestida,
E inda assim negais a paz?
Ou vos vesti de encarnado,
Ou de luto, pois matais.
Suspendei Tisbe esses passos,
Nos estragos reparai;
Que essa deidade bem póde
Dar vida, se alentos dá.

Se fazem guerra esses olhos,
Por força haõ de triunfar;
Quanto mais que todo o mundo
Já delles rendido está.
Se para ostentar rigores
Tem força, e luz efficaz,
Escusado he ir ao campo,
Se em casa podeis matar.
Deixaivos ficar em casa,
Tisbe, que melhor será
Naõ fazeres taõ commua
A lindeza, que ostentais.
Nem vós achareis exemplo
Em deidade singular,
Pois a quem sahe tantas vezes,
Pouca estimaçaõ se dá.
E naõ estranheis agora
O canto, que a Musa faz,
Pois canta divinamente,
Quando lhe dais que cantar.

Em huma desconfiança.

ROMANCE LXXV.

MInha Filis, se ás deidades
Renderlhe culto he forçoso,
Mal podes fugir aos cultos,
Quando já vês que te adoro.

Se foy ventura adorarte,
E gloria ver os teus olhos,
Deixa lograrme as venturas,
Se em ſacrificios me proſtro.
Poſſaõ já os meus ſuſpiros
Entre os diluvios, que choro,
Abrandar teu duro peito,
Moverte a quererme hum pouco.
De que ſerve a tyrannia,
Meu bem, ſe vês que já todo
Chego a adorarte rendido,
Quando deixarte naõ poſſo.
Ay meu amor, meu feitiço,
Se o adorarte he forçoſo,
Naõ deſprezes quem te adora,
Quando vês, que por ti morro.
Se dentro em meu coraçaõ
Acendeſte hum vivo fogo,
Aceita, aceita os incendios,
Que ateya o teu lindo roſto.
Se te parece que eſtimo
Outro objecto, naõ o ſofro,
Quando ſó tua lindeza
He todo o bem de meu goſto.
Nem olhar outra deidade
Póde ſer crime a teus olhos,
Pois naõ offende huma viſta,
Quando a ti meus cultos voto.

Como no meu peito vives,
Só nelle, meu bem, te encontro;
Nem póde ser que outro amor
Viva, onde o teu está posto.
Naõ dês credito a hum engano,
Só dá credito ao que choro,
Pois a cada izençaõ tua
He hum suspiro, em que morro.
Mova-te, minha alma, o pranto,
Deixa, deixa o rigoroso,
E em lugar dos teus desprezos
Vida me dem já teus olhos.
Naõ ateimes com rigores,
Respondeme, que he forçoso,
Dandome alivio ao tormento,
Ou me mata, se he teu gosto.

A huma senhora irmã de outra, morena, e muito formosa, e esta amiga de apparecer. Viviaõ apartadas.

ROMANCE LXXVI.

DEraõ-me aqui por noticia,
Que os meus versos sabeis ler;
Versos feitos naõ sey como,
Ou tambem a hum naõ sey que.

Donde vos vaõ estes versos,
Isto quizera saber;
Pois nunca manda hum cativo
Versos, que pareçaõ bem.
Se eu aqui vivo em masmorras
Nos cativeiros, que achei,
Quem lá resgata os meus versos,
Só leva versos de Argel.
Eu cativo em Barbaria,
Naõ sey o que hey de fazer,
Pois se escapo de Marrocos,
Nunca fujo de Salé,
Se me volto para Tunes,
Acho lá Turcas tambem,
Que vaõ a venderme ingratas,
Como se eu fora infiel.
Se das prisoens naõ me aggravo,
Quero me deixeis viver,
Arrojando o duro ferro,
Que trago prezo a meus pés.
Nos meus tristes calabouços
Tenho tormentos crueis;
Se em que cuidar naõ me falta,
Naõ me deis mais que fazer.
Que eu se por cá versos faço,
E alguns lá forem correr,
Póde haver lá olhos vesgos,
Que os queiraõ ler ao revés.

Po-

Porém tornando ao assumpto,
Aqui neste Argel achei
Muitos prezos de Cupido,
Que estes toda a terra os tem.
Muitas vezes passeando
Vaõ certa Moura, que vem,
Morenita, mas formosa,
Mais que nenhuma a meu ver.
Aqui pasmaõ meus sentidos
Ver tanto Mouro novel,
Dictar de Cupido as cartas,
Inda mal sabendo ler.
Naõ cuidei, que na Mourisma
Se anticipassem as leys;
Mas como Cupido he cego,
Muito mais póde fazer.
Alguns saõ menos bizonhos,
E a linda Moura se os vé,
Para chegar ás janellas
Dá mil voltas com seus pés.
Mas oh, se isto se evitasse,
Quanto lhe estaria bem
Naõ ter tanto barbarismo
Moura, que taõ linda he.
Se passa por ser minina,
Já naõ póde ser, pois tem
Entendimento muy claro
Nos annos, que manda a ley.

Nem eu lhe noto defeitos
Neste Romance, a meu ver,
Pois a Moura he sol taõ bello,
Que nem hũa sombra tem.
Porém passaõ alguns loucos
Só por ver, se este sol vem,
E como na luz se elevaõ,
O Sol se deve esconder.
Os que passaõ, naõ offendem,
Os que paraõ, naõ o sey;
Mas sempre era bem tocasse
Este sol a recolher.
Mas naõ cuideis, que com zelos
Agora chego a escrever,
Pois só o zelo me obriga,
Que a vós vos toca tambem.
Dizeilhe (se vos parece)
Que a formosura só tem
A fortuna no recato,
No modesto, e no cortez.
Dizei, que bichos naõ faça,
Que o veneno, que estes tem,
He só proprio de outros bichos,
Della naõ, pois que o naõ he.
E que se a sua viveza
Em si naõ póde conter,
Repare, que a formosura
Mais grave parece bem.

E baste o que agora escrevo,
Que eu naõ posso discorrer
Mais no Romance, que he tarde;
No mais vós lá discorrei.
E perdoaime a matraca,
Que cá deste Argel vos dey,
Onde amor me tem cativo,
Pois que amor meu peito tem.

ENDECHAS.

A la ausencia de Filis.

PRIMERAS ENDECHAS.

OId, robustos troncos
De aquesta altiva sierra,
Los suspiros, que exhala
Un triste, antes que muera.
De una ausencia cruel
Mi coraçon se quexa,
Sin hallar en los montes
Alivio a mi tristeza.
Nó puedo en tal tormento
Oy supportar mi pena,
Y assi lloro dexando
Mi vida en estas selvas.
A mi coraçon triste
Mas su dolor aumenta
Ver que nó sepa Filis,
Que muero en esta ausencia.

Y assi entre mi llanto
Las rusticas simplezas
De aquestas peñas duras
Más dura hazen mi quexa.
Nó tengo más alivio
(Por las concavas breñas)
Que el gimir de las aves,
Que el silvo de las fieras.
Los paxaros nocturnos
Haziendo sintinelas,
Murmuran lo que lloro,
Assi lloran mis quexas.
Hasta compadecidas
Hallo las plantas tiernas,
Y frondosos los ramos
Con mis suspiros suenan.
Todo en fin me acompaña,
Quando mi mal se aumenta,
Sirviendo, hasta las fuentes,
De murmurar mis penas.
Pero alivio no tengo,
Por más que me despierta
El curso de los rios,
El ecò de las peñas.
Todo mi ser confunde,
Porque todo me inquieta,
Ver tantas confusiones
En soledad tan fiera.

Nó deſcanço, ni duermo
Nó como, ni me alienta
Mirar del Sol los rayos
Rompiendo las floreſtas.
Cançada la eſperança
Yá mi dolor no eſpera
Ver el contento mio,
Ver la deidad más bella.
Y aſſi baxo a los valles
Buelbo a ſubir las ſierras,
Sin hallar más contento,
Que ruſticas malezas.
Continuamente gimo,
Solloço a las esferas,
Y ſolo me reſponden,
Suſtos, males, y penas.
Nó hallo más alivio
(Si alguno me conſuela)
Sinó de vozes varias
En aves liſongeras.
Aqueſta auſencia triſte
Me afflige tan ſevera,
Que Fili en mi memoria
Mil muertes repreſenta.
Y paſſan los tormentos,
Por mi tanto de veras,
Que haziendo tiro al alma
En el coraçon quedan.

Mas ay, id mis ſuſpiros
A Fili, antes que muera,
Porque ſepa, que acabo
En montes, valles, ſelvas.
Que nó es razon que ignore,
Quando es la cauſa meſma,
El fin, que me ſepulta,
El mal, que a hirirme llega!
Y dizidle que á priſſa
Venga a hazer las exequias
A quien acaba amor
En doloroſas quexas.

Llorava Almeno una auſencia ſobre las agoas de un eſtanque.

SEGUNDAS ENDECHAS.

CRiſtalino eſtanque,
Que faliſte fuente,
Vive en tu repoſo,
Nada te inquiete.
El pez, que navega
En tu centro alegre,
Nó reſpira al ayre,
Ni turbado muere.

Ena-

Enamorado Almeno
Tu criſtal contemple,
Y quede Narciſo
En ſu mal tan fuerte.
Que ſi en vida llora
De ſu amor deſdenes,
Tenga ſin conſuelo
Doloroſa ſuerte.
Y ſi eſtaba libre
De Cupido aleve,
Como a Menga ha viſto,
Es juſto que pene.
Y no viva al mundo
Quien al mundo offende,
Pues con malos ojos
Al ſol ſeguir quiere.
Y tus dulces agoas
Sean oy ſu albergue,
Porque nó reſpire,
Quando amor conſiente.
Quede el nombre ſolo,
Yá que en flor ſe pierde,
Muſtia con los golpes
Del fatal Deziembre.
Aſſi triſte Almeno
Se quexava ſiempre
A las manſas agoas
De una dulce fuente.

Mur-

Murmurando amores
De ſu infeliz ſuerte,
Condenava a Menga
Con ſu mal preſente.
Y ſin querer vida
En rigor tan fuerte,
Se matava a inſtantes
De ſu amor auſente.

A's aguas doces do Tejo.

TERCEIRAS ENDEXAS.

AGuas criſtallinas
Do ſoberbo Tejo,
Naõ caminheis tanto
Para o mar taõ cedo.
Reparai (ſe doces
Eu vos conſidero)
Que em chegando á Corte,
Salgareis rochedos.
Pois alli contrarios
Em profundos centros
Vos faraõ tormentas
Os altivos ventos.
Porque alli taõ largas
As marinhas vendo,
Tomareis da terra
O perverſo exemplo.

Anda-

Andareis inchadas
Repetindo os ecos
Nas mais crespas ondas
Do desassocego.
Porque em terra grande
Sem temor, nem medo
Se permitte sempre
Todo o desconcerto.
E até nas aguas
De Neptuno horrendo
Fervem os naufragios
Entre os passageiros.
Voltai, doces aguas,
Para o nascimento,
Que mais valem riscos
Que soberbos seyos.
Vivei pelas serras,
Correi os desertos,
Que he melhor ser rio,
Do que mar taõ feyo.
Regai as florestas
Com doces requebros,
E day vida ás plantas
No mais fresco enleyo.
Da humilde herva,
E do alto freixo
Sejaõ vossas aguas
Cristallino espelho;

Onde os ramos touquem
O mais lindo alento,
Da cor, que conserva
O frondoso cedro.
Tendo as vossas aguas
Entre o lirio bello
Das flores o mimo,
E da rosa o cheiro.
Dando aos passarinhos
Pelo valle ameno,
Cristaes ás gargantas
Dos mais doces quebros.
Servindo ás seáras
De melhor refresco,
Dando em taes productos
O melhor sustento.
De vossos favores,
De tantos acertos,
Quereis ir fugindo
Para o mar taõ cedo?
Ora suspendei,
Naõ fujais, ó Tejo,
Buscai manso Estio,
Naõ sejais Inverno.
Olhai, que o Oceano
Sorve o nascimento,
Donde altivo vindes,
E o ficais perdendo.

Até vosso nome,
Sem vos ter respeito,
Leva para o fundo
Do mais alto pégo.
Naõ sejais taõ simples,
Já que sois soberbo;
Fundai outros mares,
Deixai de ir correndo.
E se Isabel santa
Fez em vós portentos,
Retrahi o cristal,
Fazei outro exemplo.
Voltai para os campos
A dar mais alentos,
Pois no precipicio
Vosso mal he certo.

Retrato a Filis.

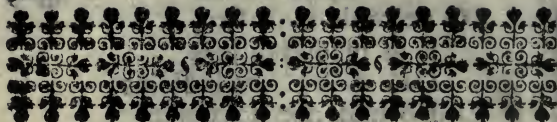
SEGUIDILHAS.

Retratarvos pertendo,
Filis querida,
Mas naõ posso, que pasmo,
Pois sois taõ linda.
Como hey de pintarvos
Se faltaõ tintas
Para tanta belleza,
Tanta gracinha!

Esses louros cabellos
Postos em rima
Saõ ouro do mais fino,
Montes, e minas.
Qualquer fio enlaçado
Tanto se estima,
Que vale mil thesouros,
Mais que os de Midas.
Já deitado ao descuido
Rigor suaviza,
Prendendo coraçoens,
Almas cativa.
Quando está mais prezo,
Tanto domina,
Que toda a liberdade
Deixa sem vida.
Essa frente, essa testa
Taõ alva, e linda
He hum riso da aurora
Mais cristallina.
Esses arcos, que atiraõ
Frexas distintas,
Vaõ desparando mortes,
Dando mil vidas.
Os olhos, que saõ alma
De humas mininas,
Saõ Cupidos sem venda
Da gloria minha.

Quando eſtaõ mais ſeveros,
Mais ſe decifra
Nelles a mageſtade
Quaſi infinita.
Saõ formoſos, taõ bellos
A toda a viſta,
Que eſcurecem do mundo
As maravilhas.
O nariz he taõ lindo,
Que ſe avalia
Benjamim da belleza
Mais peregrina.
A boquinha he de nacar,
Taõ pequenina,
Que toda a perfeiçaõ
Nella ſe cifra.
Muitas perolas cobre,
E he maravilha
Ver em concha de nacar
Perolas finas.
Duas roſas as faces
Saõ, taõ divinas,
Que de purpura, e neve
Saõ as mais lindas.
De criſtal a garganta,
Por taõ bonita
A todos faz paſmar
Depois de viſta.

O pei-

O peito de alabaſtro,
  E as maõs pollidas
  Daõ mais claros indicios
  Do mais que fica.
Os pés formaõ dous pontos,
  Em que ſe eſtriba
  Junta toda a belleza,
  Que mais ſe admira.
Mas perdoai ſenhora
  Minha ouſadia;
  Que ſe groſſeiro andei,
  Faltoume a tinta.
E naõ póde eſta copia
  Ser taõ divina,
  Pois lhe faltaõ as cores
  A' voſſa viſta.

DECIMAS.

Motes dados ao Autor.

Quien muere de amor, zagales,
Quien de amor muriendo eſtá,
Quien vive de lo que muere,
Que hará para deſcançar?
Arder, morir, e callar.

GLOSAS.

I.

NO puede amor inhumano
Dexar de tyrannizar,
Que es proprio ſolo en amar
Hallar ſu rigor tyranno:
Pero en amor ſoberano
Hallo affectos deſiguales,
Que ùno amando, huye a ſus males,
Otro, como amor le inſpira,
Penando ſufre, e ſuſpira
Quien muere de amor, zagales.

II.

El que amor llega a tener,
Tiene por dicha el rigor,
Que quien se entrega al amor
Haze gloria el padecer:
Nó siente llegando a arder,
Aun que muriendo se vá,
Porque dulce amor le dá,
Sin que mire en tal fatiga,
El ver que a morir se obliga
Quien de amor muriendo está.

III.

Assi amor en rigor
Es un ardor apacible,
Tan dulce, como terrible,
Que eclipsa con su fabor:
Ama, y nó siente dolor
El que fino amante quiere,
El fin dando adonde diere,
Siendo en amar tan vehemente,
Que la muerte, y aun más nó siente,
Quien vive de lo que muere.

IV.

El que es verdadero amante,
Entre muchas ſuſpenſiones
Trahe dudoſas ſus acciones,
Aun que ſea más conſtante:
De un inſtante a otro inſtante
Mas dudoſo viene a eſtar,
Si agradó, ſi ha de alcançar
Entre penas, y entre guſtos;
Y girando en tantos ſuſtos,
Que hará para deſcançar?

V.

Amor ha de padecer?
Nó; porque rigor no ſiente,
Y aun que amor ſea inclemente,
Aſſi nó puede offender;
Pues quien offende en ſu arder?
Offende al que llega a amar,
Que amor haze ſolloçar,
Tyranno dios, monſtro infiel!
Que ſolo ſe alcança en el
Arder, morir, y callar.

A hum amigo ausente.

MOTES.

Saudades de contino
Todo o homem faz chorar,
Estou para me romper,
Em pontos de me rasgar.

GLOSAS.

I.

SE ahi nessa terra amena
Sentis saudoso o retiro,
Tambem eu por cá suspiro
Sem alivio á minha pena:
Mas se a minha sorte ordena,
Que eu sinta, no que imagino,
Será justo este destino,
Pois topo o mal na insolencia,
Só por achar nesta ausencia
Saudades de contino.

II.

He fineza o padecer,
Até entre os animaes,
Que inda ſendo irracionaes,
Niſto ſabem-ſe entender:
Mas a vós, ſe vos vaõ ver
Lá neſſa auſencia cantar,
Todos vem a concordar
Aqui, vendo o meu tormento,
Que em ter por vós ſentimento
Todo o homem faz chorar.

III.

Tanto me vejo opprimido
Neſta auſencia, que a clauſura
Do tormento mais me apura
No rigor de eſtar ſentido:
Mas vós lá pouco offendido
Meu peito vindes bater,
Quando eu chego a padecer
Já deſte tormento o effeito,
O qual quando o tomo a peito
Eſtou para me romper.

IV.

IV.

Nos meus triſtes penſamentos
Encontro as voſſas memorias,
Já contrapezando as glorias
Que perdi neſtes tormentos:
E aſſim todos os momentos
Vejo os ſentidos variar,
Pois andando a ſuſpirar
Por vós, fico pouco a pouco
Sem juizo, como louco,
Em pontos de me raſgar.

MOTES.

Se lagrimas aliviaõ,
Como padece quem chora?

GLOSAS.

I.

CHorava Almeno ſentido
Na auſencia de ſeus amores,
Buſcando alivio aos rigores
Em lagrimas convertido:
Mas eu vendo-o combatido
Das lagrimas, que corriaõ,
Julguei que alivio achariaõ
Neſta corrente a melhora,
Se naõ padece quem chora,
Se lagrimas aliviaõ.

II.

O sentimento era tal,
Que dava indicios por quem,
Quando Tisbe era o seu bem,
Donde lhe vinha este mal:
Mas elle amante, e leal
Chorando assim cada hora,
No pranto achava a melhora
De tal sorte, que sabia,
Que chorando naõ sentia
Como padece quem chora.

Reposta a huma senhora, que fez huma Decima ao Autor com muitos erros, e lha mandou tratando-o nella com o nome de Fr. Joaõ.

DECIMAS.

I.

QUem quizer versos fazer,
A huns lhe dará toantes,
E a outros consoantes
Conforme os versos que quer:
Varios aõ meu entender
Saõ os nomes, que lhe daõ;
Porque alguns Decimas saõ,
Como verbi gratia agora,
Os que escreve nesta hora
A Musa de Frey Joaõ.

II.

II.

Romances devem mostrar
Conceito em cada quarteto,
Sendo no estilo faceto,
Na elegancia singular:
Toantes só se haõ de achar
Na sua composiçaõ,
Que assim o pede a razaõ,
Porque assim o traz a historia,
Que imprimio já na memoria,
A Musa de Frey Joaõ.

III.

A Sylva he muy copiosa,
O Soneto muy summario,
As Trovas saõ calendario,
As Decimas para glosa:
Oitava he muito formosa,
O Esdruxulo tem feiçaõ,
Pois cada pé enche a maõ
Nos saltos, que dá no fim,
O que tudo ensina assim
A Musa de Frey Joaõ.

IV.

Saõ boas as Redondilhas,
E Endecassylabos mais,
Sendo que estes, e outros taes,
Quasi saõ como as Sextilhas:
Alguns de graças tem pilhas;
Quintilhas muy boas saõ,
Mas Tercetos com razaõ
Saõ de outro melhor feitio,
Se he que acaso o sabe, e vio
A Musa de Frey Joaõ.

V.

Muitas mais castas de versos
Ha, se os quereis fazer;
E fazendo-os, heis de ver,
Que huns dos outros saõ diversos:
Fazey-os menos perversos,
De quem digaõ com razaõ:
Estes saõ de boa maõ,
Pois de huma maõ taõ divina
Nunca verá cousa indigna
A Musa de Frey Joaõ.

VI.

Se verſos fazer quereis,
Fazei deſtes, e outros taes,
Porque em todos acertais
Na mercé, que me fazeis:
A mim vos peço os moſtreis,
Pois naõ he juſto, e razaõ,
Que as obras da voſſa maõ
Fujaõ de mim por Lisboa,
Quando as tem por couſa boa
A Muſa de Frey Joaõ.

VII.

Aſſim perdoaime o chaſco,
Se com elle vos offendo,
Que eu já me vou recolhendo
De Damaõ para Damaſco:
Só em mim caſtigo caſco,
Porque he juſto, e he razaõ
Me caſtigue a propria maõ
Que verſos quer eſcrever,
Quando os naõ ſabe fazer
A Muſa de Frey Joaõ.

MU-

MUSA PUERIL
JOCOSERIA.

MUSA PUERIL JOCOSERIA.

Consoantes forçados.

SONETO I.

JA naõ quero,nem tomo mais tabaco;
Naõ meto em tabaqueiro já meu bico;
Pois que deixei com elle de ser rico,
Quando me fiz por elle hum ladraõ Caco.
Guardo já meu nariz,guardo o meu saco;
Naõ quero já furtar em Celorico;
Pois com furtos tambem me crucifico
Numa forca a dançar como hum macaco.
Antes já quero o nome ter do meco,
Do que verse, que eu tenho tal descoco,
Quando em furtos,e em culpas tanto pecco:
Fujo deste contrato, e deste troco;
E pois he falsa a dança de hum boneco,
Eu com medo fugindo,fico hum coco.

A hum amigo; pelos mesmos consoantes forçados.

SONETO II.

No nariz tens amigo o teu tabaco
Por caixa,q̃ tens nelle de hum só bico;
E nos dous sorvedouros ès mais rico
Do que em hũa só cova o ladraõ Caco.

Já de rollo, e de pó te vejo hum saco,
Sendo tu borrachaõ de Celorico;
Mas se te enfadas, e eu te crucifico,
Tu a causa me dás, porque es macaco.

Tu por ventura aqui serás o meco,
Que o lugar atropellas com descoco?
Mas tá boca! Isso naõ! Calte, q̃ eu pecco:

E assim por acabar eu faço hum troco,
Eu ficando no mundo por boneco,
Tu por mono, e mandú, já feito hum coco.

A dous Doutores faltos de letras, inclinados ao vinho, e á Poeſia.

Conſoantes forçados.

SONETO III.

DOus amigos Doutores muy fataes
Vejo nas letras pouco bachareis,
Que eſcrevendo, nas maõs tem caſcaveis,
Quando nas bocas copos garrafaes.

Sómente deſtas letras daõ ſinaes,
E das outras naõ daõ nem duas leis;
Porque deſſas ſó ſabem quatro reis
Nas ſentenças, que daõ ſempre reaes.

Ambos em verſos moſtraõ ſer tafuis,
Porque lançando ás letras ſeus anzois,
As doutrinas, que tiraõ, ſaõ azuis.

Hũ bõ par de obra he qualquer dos dois,
Que em cabeças de vento, e ventos Suis
Nenhuma luz nos moſtraõ ſeus farois.

Fileno pastor buscando a sua pastora.

Consoantes forçados.

SONETO IV.

BUsca Fileno a Fili em hum xaparro
Pelo faro de caõ tornado em zorro,
E a cada tóca, ou mouta applica o gorro,
Para lhe dar licor do amado tarro.

Naõ a achava, buscando-a cõ desguarro,
Té que lançou dos olhos hum tal chorro,
Que inundando ao seu gado, o seu cachorro
Lhe fugio ao horror de hum só escarro.

Mas Fileno sem gado feito hum burro,
Alça o rabo, e dá saltos, como hum perro,
Ao som do seu lamento, e do seu zurro:

E correndo por hum, e outro serro,
Achou a Filis, e cheiroulhe a esturro,
Porque ao falar lhe deo hum fatal berro.

A hum corcunda achado em huma galhofa.

Consoantes forçados.

SONETO V.

FAzendo a sua festa com cairel
No chapeo, e nas maõs tẽdo hũ gomil,
Hum corcunda se achava de pernil,
Que era macho formoso de azemel.

Gritava o peitoral com o cascavel,
E já de quando em quando o chamboril,
Por vaqueta tocava o tamboril,
Como quem toca o tampo de hum tonel.

A este som cantava por bemol,
Solfa, que dentro tinha de hum baul,
Que lhe deixou o autor da maõ do gral:

Mas vendo-se elle feito hum caracol,
Por corcunda se fez de todo azul,
E grunhindo cantou como hum pardal.

A huma negra vendo-se a hum espelho.

Consoantes forçados.

SONETO VI.

VEm cá negra mofina bujamé,
Que falar quero aqui comtigo só,
Já que es tal, que de ti naõ tendo dó,
Intentas em cristal porte ao cumbé.

Quem te pingára negra de Guiné!
E a cára te fizera em negro pó!
Quando no espelho queres, sendo tó,
Ver tambem o que tens de negra, e né.

Vaite já para o Reino do Pará,
Aonde atraz de hum negro todo nú
Melhor te podes ver sempre por lá:

Pois para tal negrura como tu,
Nesse lugar he bem que verse vá
Lá nos Reinos escuros do Gandú.

Reprehende, e adverte a hum amigo.

Conſoantes forçados.

SONETO VII.

LEmbre-te amigo o nome de Jeſus,
E naõ vás a fazer cheſmeninés;
Pois que de dia em dia, anno, e mes
Naõ te emendas de eſtar como aveſtrus.

Do chaõ levanta os olhos para a lus,
Naõ te faças já mais porco montés;
Deixando as immundicias de Irlandes,
Buſca ſó agua clara de alcatrus.

Que ſe tu feito eſtás chiſgaravíz,
Deſſa ſorte naõ queiras achar paz,
Quando comes taõ mal o teu arroz:

E ſe o texto naõ mente, no que diz,
Quem faz mal, tem por certo ir para traz,
Exemplo toma em ti, que em ti ſe poz.

A hum livro manuscrito de entremezes.

SONETO VIII.

MUsa burlesca, hoje entertenida,
Se offrece neste livro a seus leitores,
Porque o cheiro suave destas flores
Tempéra o gosto da melhor comida.

Mas se o riso he pratinho, e te convida,
Só aqui o acharás entre os favores;
Pois nestes entremezes seus autores
Ordiraõ chanças em prazer da vida.

Lê sem desdouro, ou represẽta em parte
Tudo quanto aqui vês, porque he galante,
Quando tudo aqui está cõ primor da arte;

Naõ te pareça mal o que he farfante,
Porque aqui o burlesco ha de ensinarte,
Se nos enredos queres ser constante.

Ao eſtado do tempo.

SONETO IX.

QUe diabo quereis! Que mũdo he eſte?
Deixaime farças, loucas fantaſias,
Que de vós já naõ quero as iguarias,
Que temperadas vem com tanta peſte.

Tudo nada em dous pratos ſe reveſte,
Tudo delirios, tudo valentias,
Tudo em amores, tudo em monarias,
Todo em ficoens o ambito terreſte.

Farçólas todos, todos preſumidos,
Huns muy patetas, outros bonifrates,
Muitos em riſo, e outros em gemidos:

Huns carpinteiros, outros calafates;
Mas ay, ó mundo, deixa os meus ſentidos;
Já que prendes em ti tantos orates.

Despedindo-se do amor.

SONETO X.

NAõ quero naõ, amor, jogar comtigo,
Pois no bollo mayor sẽpre me ganhas,
E quando assim de gorra mais me apanhas,
Entaõ te fujo a ti como a inimigo.

Metendo-me á baralha naõ te sigo,
Mas assim he melhor nessas maranhas,
Que se falso me trucas com taes manhas,
Eu mais bem te retruco, e já to digo.

Voute logrando, quando assim te zombo;
Chamo-te ingrato, porque já te deixo
Nesse jogo infiel, porque te arrombo.

E se sem ti de ti nada me queixo,
Vayte jogar agora com hum Mazombo,
Que eu já fico imitando a Santo Aleixo.

Em applauſo de D. Manoel Baraõ de Aſtorga, quando compoz, e imprimio hum livro de doze Cantatas com letras em duas linguas, Italiana, e Caſtelhana.

OITAVAS.

I.

NAõ eſcrevo das armas as façanhas,
Nem mares nũca de antes navegados;
Naõ eſcrevo de Orlando mil patranhas,
Nem de Quixote os tranſitos ſonhados:
Eſcrevo de hum Baraõ couſas tamanhas
Aos vindouros, preſentes, e aos paſſados;
Que paſmaráõ de ver, que a taes furores
Minha Muſa ſe exalta em ſeus louvores.

II.

Escrevo deste livro a melodia
Com as notas formadas nos accentos,
Como já se tem visto cada dia,
Quando a voz lhe dá vida a seus alentos:
Escrevo com razaõ desta harmonia
Aos mirones, e ouvintes taes portentos,
Que se esqueça o que a antiga Roma cãta,
Quando aqui mayor gloria se levanta.

III.

E tu, ó minha Musa, aqui me entoa
Hum elevado metro sonoroso,
Que de hum a outro polo de Lisboa
Seja doce pratinho ao mais guloso:
De tal sorte, que algum Zoilo sem croa
Naõ condene o meu verso rigoroso;
Pois taõ alto será, taõ arrogante,
Que contente ao leitor, e o deixe amante.

IV.

Mas como póde ser, ó minha Musa,
Que taõ grande promessa desempenhe,
Se a cabeça,que tenho, he a de Medusa,
De serpentes conceitos hoje prenhe:
E se já nesta empreza está confusa,
Mal póde ser que assim seu verso engenhe,
Sem que caya nas maõs dos criticantes,
Quando a todos condenaõ, de ignorantes.

V.

Mas supposto a poema se encaminha,
O que discorre a Musa nesta empreza;
Como tem liberdade, e a obra he minha,
Jocoserio concedo esta grandeza:
E se a critica á obra se avizinha,
Esta naõ se lhe dá dessa estranheza;
Pois farei hum poema em hum só canto,
Falando de hum heroe, que em solfa canto.

VI.

Escreverei em fim, e naõ me engano,
Sem que dê fim total a esta historia,
Mostrando em breve termo o fio ao pano;
Porque isto só me basta para gloria:
E conforme o que emprendo agora ufano,
Basta intentar com animo a victoria,
Que posto naõ se alcance o que se aspira,
Nunca perde o louvor quem alto atira.

VII.

Assim por naõ perder minha carreira,
Já confio, e começo desde logo,
Pois a Musa me obriga taõ lampeira
Nesta obra fatal com tanto fogo,
Que tudo quer meter numa joeira;
Mas eu a tanto impulso, a tanto rogo
Tomo salvoconducto, porque he certo,
Que quẽ bẽ naõ cuidou, foy pouco esperto.

VIII.

VIII.

Escreverei Cantatas? Naõ he justo,
Que escrevaõ de Cantatas os Poetas;
Porque quando em cantallas metem susto,
Em descrevellas saõ como as Gazetas:
Tem muitas novidades, e algum custo;
Hũas airosas, e outras muy patetas,
Tantas, e taes, em solfa taõ danadas,
Que hũas saõ Turcas, e outras Mouriscadas.

IX.

Hũas vem lá das ópras Italianas,
(Estas por boas saõ mais estimadas;)
Outras sem cruz, nem cunhos, Castelhanas,
Saõ aqui já de muitos reprovadas:
Entre boas, e más ha soberanas,
Se saõ como ellas devem ser cantadas;
Porque toda a naçaõ tem seus autores,
Humas peyores saõ, outras melhores.

X.

Porém das deste livro he só que trato,
Que eu naõ posso das mais julgar de cores,
Porque se estas ouvi, seria ingrato
Naõ lhe dar no meu verso algũs louvores:
Estas por brandas, doces no seu trato,
Em duas linguas cantaõ das melhores,
Taõ uniformes ambas nos assentos,
Que ambas navegaõ sem contrarios ventos.

XI.

De contente a primeira eſtá cantando
Como embalando ás mais, que vaõ diante ;
E todas ſuavidades vaõ moſtrando
Com applauſo do eſturdia, e do tunante :
Naõ faltando tambem de quando em quãdo
Deſpertador na letra ao fiel amante ;
Porque aqui acha affectos repetidos
Quem amante padece em ſeus ſentidos.

XII.

Mas já deixando a letra, eſſa harmonia
Paſſo a louvar por couſa taõ ſuave,
Que a todo o de bom goſto he covardia
Naõ procurar da Muſica o concláve :
E quem della naõ goſta noite, e dia,
Racional naõ ſerá, he bruto, ou ave
De rapina feroz, monſtro ſylveſtre,
Caranguejo do mar, bicho terreſtre.

XIII.

Se a Muſica na gloria he repetida ;
Se a Deos cantaõ os Anjos mil louvores,
Bem ſe póde dizer, que neſta vida
He o canto melhor para os melhores :
He holocauſto da alma convertida,
Por ſer aceito a Deos nos ſeus favores ;
E ſe a Deos tanto agrada a voz no canto,
Naõ ter o noſſo agrado já me eſpanto.

XIV.

Naõ digo já, nem louvo a q̃ he profana,
Que nos perverte ao mal nossos sentidos;
Porque esta totalmente, quando engana,
Se lhe devem tapar logo os ouvidos:
E se a que he boa, mil proveitos mana,
Tambem a que he perversa, destruidos
Deixa os affectos finos, e galhardos
Transvertidos em perfidos bastardos.

XV.

A boa melodia, a que he louvada,
He a que eu louvo, he a que eu desejo
Ter sempre nos ouvidos collocada,
Sem ser mofada, como algũa vejo:
Pois a que he justa, he mais estimada,
Sem mais resabio, porque naõ tem pejo,
Quando cadente sôa em toda a gente,
Que deixa na alma o coraçaõ contente.

XVI.

Tambẽ naõ louvo aquelles, q̃ a louvando,
Naõ lhe daõ a attençaõ, que lhe he devida,
Porque quando se toca, ou está cantando,
Mais que nunca parolaõ sem medida:
Outros vaõ tal sussurro levantando
Com tal disformidade, que perdida
A Musica parece entre a tal gente,
Sem creaçaõ, sem modo impertinente.

XVII.

Taes ha que naõ ſabendo ſol, nem mim,
Tambem fazem compaſſo ao que ſe canta
Com pés, cabeça, e momos de ſáguim,
Monaria, que a todos nos eſpanta:
Mas eu ſó julgo, e me parece a mim,
Que a loucuras hum deſtes ſe levanta,
Pois ſe fazem farçolas preſumidos,
Bonifrates em momos convertidos.

XVIII.

Mas quem me mete a mim cortar o fio
Do que primeiro expuz em verſo toſco?
E ſe a eſtes mal digo, em que confio?
Como naõ fujo, como naõ me emboſco?
Louco devo de ſer, ſe de outros rio;
Mas fugindo á pancada, já me enroſco;
E a ti Baraõ me volto, pois te eſcrevo,
Suppoſto he pouco, quando mais te devo.

XIX.

Eſcrevo-te os louvores, que adquiriſte
Neſſa liberal arte, que praticas,
Que tambem ſaõ proezas, e conſiſte
Nas obras o valor, que ratificas:
Se a caſo o meu louvor mais tardo viſte,
No applauſo univerſal tu ſempre ficas;
Pois já para exaltar tua memoria,
Baſtaõ teus cantos para eterna gloria.

XX.

Naõ he fabula, naõ, quando te canto
Por singular nos cantos, e doçura;
Pois se tu dos sentidos es o encanto,
Tambem á voz dás alma, e formosura:
Eu só de riso sou, pois te decanto
Em jocoseria Musa mal segura;
Porém ella, qual seja, de cantarte
Naõ deixará já mais em toda a parte.

XXI.

Doze portentos, maravilhas tantas,
Nestas Cantatas meu Baraõ fizeste,
Quantas vezes na fama te levantas,
Em outras muitas, que tambem nos déste:
Estas eternas na impressaõ decantas,
Imprimindo no bronze, que as reveste,
Tanta graça no estilo, e na doçura,
Como o louvor, em que a tua fama dura.

XXII.

Bem te podes jactar do melhor gosto,
Com que dás alma ás Musas do Parnaso,
Sem que Apollo por ti tome desgosto
Na mais doce corrente do Pegáso:
E pois nem Ariaõ te dá de rosto,
Nem o que em Tébas fez o muro acaso;
Canta mil vezes recreando ao mundo,
Mostrando a todos teu saber profundo.

Ele-

Elogio a Thomás Pinto Brandaõ imprimindo no ſeu primeiro vôo as ſuas obras Poeticas.

ROMANCE I.

HEROICO.

QUero cantarte, ó Pinto renaſcido,
Se he que poſſo cãtar, ou ſe te agrada
Eſta Muſa jocoſa, que me anima,
Tomando em teu louvor tal confiança.
A ti a venia peço, porque fique
Minha Muſa de todos deſculpada,
Que ſe louva hum tal Pinto renaſcido,
Gallo a ti dos Poetas ſó te canta.
Naõ te chamo ave Fenix, que eſtá dito,
Quando renaſces Pinto, e nos eſpantas,
Que tudo he ave, ou ſeja nos aromas,
Quando em piras teus verſos nos derramas.
Se o teu primeiro vôo tem chegado,
Onde muitos naõ tem levado a palma,
De elevado o ſegundo te promette
Levar de Febo as luzes, e as grinaldas.

Ao mesmo Febo vences na carreira,
E em campo de zafir te abaixa a cara,
Dando tumulo a si nos seus occasos,
Quando tu renascido mais te exaltas.

Das suas luzes faltaõ os thesouros,
Quando as tuas auroras vê taõ claras;
E porque o Pinto perde as nove Musas
Ficaõ já de contentes admiradas.

Se tu sabes levar do monte os cultos,
Se tu fazes correr fontes de prata,
Já me parece, que a Castalia fonte,
Por se ver turva, de corrida pára.

E se esses vôos, com que te remontas,
Naõ fossem gloria do Parnaso em aras,
Nem te entregára o mesmo Apollo a lyra,
Nem tu subiras ás ethereas salas.

Mas por naõ ir distante do teu genio,
Quero meterte o jocoserio em casa,
Com que tu picas por diversas gentes,
Sem fazer sangue, pois que dás com graça.

Tanto no grande, como no pequeno
Commum de dous te mostras nas picadas,
De tal sorte, que a todos geralmente
Vendes igual o fruto pela taxa.

Quem o toma por mal, por besta o toma,
Porque a verdade ao q̃ he prudente, agrada,
Pois ao pessimo Zoilo enfurecido
Naõ ha cousa, que bem o satisfaça.

Mas

Mas ſe teu metro tanto tem voado
Entre os applauſos da melhor bonança,
Deixa roſnar, que nem por iſſo a gloria
Te ha de uſurpar a lingua da ignorancia.
Se ſem ſoberba tocas eſſa lyra,
Mais que ninguem a tocas affinada,
De tal ſorte, que roubas os ſentidos,
Quando no goſto dás as bordoadas.
Ninguem ha que te iguale no chiſtoſo,
Nem quem imite o vôo deſſas azas;
Se te querem tocar alguma penna,
Tu com ella a todos os deſancas.
Todos te querem a fecunda veya,
Ou de Aganippe a fonte, em que te lavas;
Mas ſe a buſcalla vaõ ſubindo o monte,
Se affogaõ no diluvio da Caſtalia.
Bates as azas, tornas a aſſoprarlhe,
Dandolhe á viſta muitas reboadas;
Mas muitos deſtes com os olhos longos
Movendo os pés, ſó vem a dar patada.
Vê com que verſos, com q̃ pés taõ curtos
Querem medirte a ti neſtas pulgadas;
Mas já delles naõ fallo, que eu ſó quero,
Que Apollo ſejas, quando Pinto cantas.
Nem he juſto que cuidem, ſe te louvo,
Que eu tambem pico, quãdo ſó me agradas,
Pois nas obras, que fazes, como tuas,
Por mais bem feitas, com tempero as ſalgas.

Digaõ-no as Rimas, com q̃ ao Pindo vôas,
Da Cabalina as flores, que desatas,
Que se brilhaõ seus ramos no florido,
Cheiros no suco pelo monte exhalas.
Vive, ou renasce, pois te cobre a penna
Com que eternizas duplicada gala,
E o coro das Musas por seu mestre
Só te celêbre nas Cançoens mais gratas.
E perdoa, se ficas mal contente
Da Musa te cantar desafinada,
Que eu mal posso louvarte nesses vôos,
Quando á Musa, em que canto, faltaõ azas.

Approvaçoens, que deo o Autor a hum livro manuscrito de varias castas de versos, e de diversos Autores, intitulado Flores do Parnaso.

SILVA I.

Petiçaõ ao deos Apollo.

SENHOR

DOm Apollo, e senhor do excelso mõte,
Archiducto da altiva, e clara fonte,
Deos de todo o Parnaso, e da Poesia,
Pay das ancias nos partos de Thalia,

Febo

Febo cheyo de verſos, e de rayos,
Onde as Muſas ſe abrazaõ ſem deſmayos;
Da corrente Aganippe olho primeiro,
Deſſa doce Caſtalia taverneiro,
Ou da Pegáſia fonte mais ſuave
Ferradura melhor, da fonte chave.
Attende á petiçaõ juſtá, e ſerena,
Que te faz com furor minha Camena;
Pois ha muito que eu buſco diligente
Dar em verſo outro tomo a toda a gente;
Aſſim juntando Autores,
Pertendo aó prelo dar muitas mais flores.
Eſtas, ſenhor, achei tambem creadas,
E por taõ doutos cacos ſemeadas,
Que logo lhe julguei por indecencia
Andar diſperſa nellas a excellencia;
Aſſim para acertar, como eu queria,
Ajuntei eſtas flores de Thalia,
Porque em folhas achaſſe a gente hũ pomo
Com diverſos ſabores neſte tomo.
Aſſim, ſenhor, ſe poſſo reverente
Pedirvos hum favor com ancia ardente,
Vos peço deos do monte, e da Poeſia
Me concedais licença neſte dia,
Para que imprimir poſſa por memoria
No duro bronze a gloria
Deſtas fragrantes flores,
Para eterno brazaõ de ſeus Autores;
Para

Para que o mundo veja o voſſo amparo
Neſtas flores mais claro;
Pois vós meſmo mandais de flores bellas
Coroar aos Poetas com capellas.

Por tanto
Neſte canto

Joaõ vos pede Cardoſo,
Deſtas flores goſtoſo,
Eſta dita licença por vitoria
De conſeguir ás flores mais memoria
Contra o rigor do tempo, que apreſſado
Tudo quer deſtruir do tempo armado.
Aſſim declara que
O ſupplicante receberá mercé.

Deſpacho.

Vejaõ os dous Luizes eſtas flores,
Pois que ſaõ do Parnaſo Conſultores.

Apollo.

Approvaçaõ do illuſtriſſimo, preclariſſimo, e ſereniſſimo Luis de Camoens, Principe dos Poetas Luſitanos.

OITAVAS. I.

SENHOR.

AS armas, e os Varoens aſſinalados
Lá no meu Portugal cantei ſonoro;
Mas agora me mandaõ os altos fados,
Onde Poeta eſtou, e aonde moro,
Que veja de outras pennas bem limados
Os conceitos, que em verſos naõ ignoro;
Pois como Rey, e Principe conheço
Qual dos verſos he mais, qual de mais preço.

II.

Agora que me mandaõ altas deidades,
Inda aqui lhe obedeço diligente,
Porque o mundo conheça as realidades
Do lugar, em que vivo preeminente:
E que eſtando entre as meſmas divindades,
Inda ſey eſcrever ao mundo, a gente;
Pois chega a ſer meu voto procurado
No tribunal de Apollo ſublimado.

III.

III.

Assim obedecendo ao que he pedido,
Ou por satisfazer ao que he mandado,
Digo, que vi das flores o escolhido
Nas flores deste tomo celebrado:
Taõ prodigo em conceitos, taõ polido,
Que he prodigio em doçura, e no elevado;
Tanto a elegancia a si mais se transcende,
Que hũ furor mais q̃ humano aqui se entẽde.

IV.

Neste ramo de flores taõ bem feito
Póde achar sem fastio o mais gulloso
Hum alivio fiel para seu peito
No tormento do amor mais lastimoso:
Ou se acaso do tempo algum defeito
Nos acasos lhe for mais trabalhoso,
Póde achar no suave destas flores
Alivio a si, remedio a seus amores.

V.

Saõ as obras, que tem, as mais gostosas
No arrogante, no grave, e no amoroso;
Que sendo todas flores, mais que as rosas,
Cada huma o quer ser pelo mimoso:
Saõ parto das idéas mais gloriosas,
Em que se vio Apollo luminoso,
Pois lançando seus rayos té ás estrellas,
Por filhas estas flores saõ mais bellas.

VI.

VI.

Aſſim ſenhor a eſtampa merecida
Tem o bello jardim deſtas taes flores;
E ſó no forte bronze darlhe vida
Será premio devido a ſeus louvores:
E pois eſta mercé tem adquirida,
Concedeilhe ſenhor neſtes favores,
Que ſe imprimaõ, e vaõ de polo a polo,
Com a mercé tambem do meſmo Apollo.

O Principe Luis de Camoens.

Approvacion del Eſcuriſſimo, y Illuſtriſſimo D. Luis de Gongora, Poeta Heſpañol, uno de los de la fama.

OCTAVAS. I.

SENHOR.

POr decreto, ſeñor, me haveis mandado,
Que mire aqueſtas flores, y que dellas
Os informe mi pluma, y mi cuidado,
Del palacio, en que eſtoy, de las eſtrellas:
Razon es que obedeſca, ſe he encontrado
Algo, que ſea malo en todas ellas,
Y os diré lo que ſiento de algun modo,
Sin affecto, ó paſſion lo diré todo.

II.

II.

Motexado en el mundo ſoy de eſcuro,
Pero aqui moſtraré, que ſoy más claro,
Que pues me tiene el mũdo aũ oy por duro,
Yá confuſo nó ſoy, yá me declaro:
Porque lo que oy alcanço entre lo puro,
Al mundo lo deſeo en fiel reparo;
Porque conoſcan, que entre las eſtrellas
Pondré los metros de Camenas bellas.

III.

Eſtas flores, ſeñor, tan elevadas,
Tan ſuaves, tan bellas, y oloroſas,
Igualmente entre ſi tan concertadas,
En ſu gala ſe miran más glorioſas:
Porque ſon con razon tambien halladas,
Que otras como ellas nó las ay guſtoſas,
Pues ſon eſtas de Autores eſcogidos,
Dulces al paladar de los oidos.

IV.

No puedo, nó, ſeñor, dexar de hazeros
Lo que debo a mi ſer, y a mi conciencia;
Aun que ſoy eſcritor de los primeros,
A eſtos miſmos les hago reverencia:
Pues ſus Autores ſon otros Homeros,
Que de más grandes llevan la excelencia
Entre lo ſerio, y entre lo burleſco
Al pacato Virgilio, a Horacio freſco.

V.

Efta nacion en todo es aplaudida,
(Pues Portugal al mundo reprefenta)
En las armas, y ciencia efclarecida,
Que leys puede poner en quanto intenta:
Y fi aqueftos Autores dan la vida
Al feliz metro, que a mi gufto alienta,
Bien podeis vós feñor licencia darle
Al que fuplica, y juntamente amarle.

VI.

Affi digno parece lo que implora,
Que le deis la licencia es acertado,
Nó folo yá una vez, más cada hora
Que fe imprima efte tomo decantado:
Porque fi el tomo es tal, que me enamora;
Nel hallareis feñor un fiel treslado
Del divino furor más eminente,
Que del mundo admirar haze la gente.

D. Luis de Gongora.

Defpacho.

Cõ parecer dos Vates do Parnafo,
Se dá licença ao livro em todo o cafo.

Apollo.

De-

Dedicatoria do mesmo livro.

SILVA II.

A Ti leitor amigo, e soberano,
Ou como quer que es,se es inhumano,
Tambem te offereço o livro,
Porque offerecendo-o a ti, tal vez o livro
De lhe dares dentadas,
Ignorante tal vez nas mastigadas,
Pois quem morde aos Autores neste estudo,
De ordinario naõ sabe, ignora tudo.
Aqui te offerece hum animo galhardo,
(Naõ em verso bastardo)
O legitimo parto dos Autores
Nestas fragrantes flores,
Porque o teu gosto seja naõ remisso
Em aceitar tal bem neste serviço.
Em ti merecimentos
Póde haver, se procuras teus augmentos
Em ler, ou escrever de quando em quando,
Sem que cayas no mal de ir murmurando;
Pois murmurar dos mais he vilania,
Que naõ cabe no ser da cortezia.
Mas se a Silva te pica,
Ou se o remoque a ti mais bem te fica,

Eu o mando picado,
Vendo o remoque em ti tambem logrado;
Mas eu já me deſvio,
Fazendo verſos já de outro feitio.

DECIMA.

Dedica minha vontade
A ti leitor eſte tomo,
Porque aſſim o comas, como
Nos ſeus verſos te perſuade:
Se o tratas com caridade,
Elle ficará contente,
E tu por douto entre a gente
Avaliado, e ſeguro,
De letras hum forte muro,
E elle nos verſos corrente.

ROMANCE II.

Mas ſe a Decima naõ preſta
Como couſa do meu caco,
Vamos agora em Romance,
E do mais naõ faças caſo.
A quem dedicarei flores,
Se naõ ao leitor mais guapo,
Que as trate com carinho,
Que as traga ao peito de aço.
A hum taõ forte Mecenas,
A hum Ceſar todo calvo,
Que ſendo liſo com todos,
Tambem naõ ſeja madraço.

A vós leitor as dedico;
Pegailhe muito de manso,
Naõ se desfolhem nas unhas
De algum máo gato pingado.
A vós, ou a ti senhor,
Como a fidalgo estirado,
Porque em ti tenhaõ patrono,
E hum Alexandre por magno.
A ti, mas ay que o Romance
Tambem vay tal, e quejando,
Deitando por esses trigos,
Trepando pelos carrascos.
Mas cansado de subir,
Ou de discorrer cansado,
Quero buscar outro verso
A ver se fica mais claro.

SONETO XI.

A quem as flores désse, andei buscando
Por ambas as Cidades de Lisboa,
E achei que acertava em cousa boa
Dando-as só ao leitor benigno, e brando.
Com razaõ acertei, pois este, quando
Sem alma as lê, he certo que as magôa,
Que como está senhor, naõ lhe perdoa,
Quando as vay pouco a pouco mastigando.
Assim para que fossem estimadas,
Por suas lhas dedico, porque he certo,
Que por taes só seraõ bem festejadas:

Que

Que como he qualquer delles muito eſ-
Claro eſtá, q̃ ſeraõ mais exaltadas (perto,
No louvor dos Mecenas, com que acerto.

SILVA III.

Oh lá, forte doudice!
De pedra, e cal formoſa parvoice!
Grande Soneto!
Porém ſe naõ me engano, eu já prometto
Naõ fazer mais Sonetos deſta caſta,
Pois para parvoice huma ſó baſta.
Perdoe meu leitor, ou meu amigo,
Se em Oitava acabar tudo o que digo.
Se no Prologo meu naõ achas graça,
Vay adiante lendo eſſes Autores,
Huma vez olha, e outra vez os paſſa,
Pondo a memoria neſſas bellas flores:
Porque eu ſeguro, que o ſeu cheiro faça,
Que lhe dediquem ſempre os teus favores
Entre as áras do tempo, e da victoria
Eterna duraçaõ para a memoria.

Licença do Deſembargo do meyo dia de Apollo.

Eſte livro eſtá conforme
Com o ſeu original;
Póde correr pelo mundo,
Se acaſo naõ andar mal.

Flora Preſidente.

Thalia. *Urania.* *Erato.*

Approvaçaõ, que deo o Autor a hum livro manuſcrito de varias caſtas de verſos.

PArecer dos Papagayos,
E tambem dos Perequitos;
Pois huns falaõ com enſayos,
Outros falaõ com ſeus gritos.

DIALOGO.

Papagayo. Papagayo real,
Para Portugal.
Perequito. Quem paſſa?
Papag. Paſſa eſte livro com graça.
Pereq. Para onde?
Papag. Para a caça;
Pois caçando as attençoens,
Acha os louvores na praça.

ROMANCE III.

Pereq. Toca papagayo, toca?
Papag. Toco tanta couſa rara
No livro, que he maravilha
O que em cada folha ſe acha.
Pereq. De graça deves eſtar
Papagayo nas palavras,
Pois tendo ſal nos teus verſos,
Louvas verſos deſta caſta.

Papag.

Papag. Calte, calte perequito,
Pois eſte livro de paſta
Se ao bom juizo dá paſto,
Dá luz tambem á ignorancia.

Pereq. Tó carocha papagayo!

Papag. De carochas Deos o livre,
E tambem de algumas garras
De alguns tolos perequitos,
Que lhe queiraõ dar unhada.

Pereq. Ora deixa papagayo,
Naõ temas, que alguma vaya
Lhe pertendaõ dar os neſcios,
(Como eu) pois já me agrada.
Já confeſſo nos ſeus verſos,
Que a Muſa tem melhor alma,
E ſe eu me portei ſem ella,
Foy para puxarte a fala.

Papag. Bem dizes, porque aos ſeus verſos
Ninguem tem que dizer nada,
Pois cada verſo do livro
Tem ſal, aſſucar, e nata.
Nem deſcéraõ do Parnaſo
Verſos de taõ boa raça,
Pois ſendo em ſi taõ diverſos,
Se uniraõ com gloria tanta.

Pereq. Dá cá o pé papagayo.

Papag. O pé naõ darei por certo:
Meus pés naõ ſaõ para graças;
E ſe mais bons pés tu buſcas,
Neſte livro em verſo os achas.

Pereq. Bem ſey que o livro tem pés,
E tem maõs encadernadas;
Mas eu por brincar comtigo,
Quero verte em calças pardas.

Papag. Perequito te enganaſte,
Que os meus pés tẽ unhas brãcas,
E do louvor deſte livro,
Nem por brinco me deſcalças.

Pereq. Muito te agarras a elle,
Sabendo que naõ eſcapa
Qualquer Autor de defeitos,
Pois ninguem perfeito ſe acha.
Muitos mentem pela hiſtoria,
E affectaõ verdades claras;
E algũs por mais que peſquizem,
Mais lhe paſſa pela malha.
Iſto ſe nota em proza,
Em verſos mais ſe repara;
Porém no verſo a mentira
Sempre tem preciſa entrada.
Outros defeitos lhe notaõ
Os ſatiricos ſem alma;
Pois lhe parece ſó elles
Saõ Principes da Caſtalia.

Po-

Porém ſaya o que ſahir :
O Dialogo naõ para,
Quando já louvo comtigo
Eſſe livro, que te agrada.
Papag. Com razaõ louvo eſte livro ;
A razaõ diſſo eſtá clara ;
Pois os ſeus verſos bem podem
Croar deſſe Apollo as áras.
Pereq. Se os dás ao ſacrificio,
Olha que em chãma os abrazas ;
E ſe elles naõ entraõ puros,
Até o meſmo Apollo enfadas.
Papag. Por certo muito me admiraõ
Perequito eſſas palavras :
Se tu entendes de verſos,
Naõ negues ao livro a graça.
Pereq. Nem eu fujo da razaõ,
Em que o meſmo livro ſe acha ;
Pois em verſos manuſcrito
Tem nos verſos quanto baſta.
Papag. Graças a Deos que confeſſas
O que ha pouco me negavas ;
O certo he que á verdade
Nem tu lhe voltas a cara.
Pereq. Sendo eu da meſma eſpecie,
Como tu, que tambem falas,
Mal poſſo contradizer
O que eſſa lingua me canta.

Comtigo já concordando
Nos passos dessa garganta,
Tambem digo, que este livro
Tem dos versos toda a nata.
Todas as Musas se uniraõ
Em suaves consonancias,
Para darem num só tomo
Os assombros para a fama.

Papag. Agora sim perequito,
Quando tu bem delle cantas,
Ninguem lhe nega os louvores,
Ninguem lhe dará patadas.
Com a nossa approvaçaõ
A publico o livro saya,
Que he razaõ, que veja o mũdo,
O que a todo o mundo agrada.
E se houver algum salvage,
Que neste livro desfaça,
Tido, e havido por nescio,
Morra de morte macaca.
Que eu, e mais o perequito
Vamos affiando as garras,
Para tirarmos os olhos
A quem de versos se enfada.

Papag. e Pereq. Feito no nosso concelho,
Sem sello pendente valha;
Perequito Rey me assino.
E eu Papagayo Monarca.

Peti-

Petiçaõ, que fez o Autor aos fulioens do Parnaso, para estes verem, e darem licença para correr hum livro manuscrito de varias castas de versos de Fonseca.

ROMANCE IV.

DIz o senhor destes versos,
Que elle naõ quer sem licença
Imprimir taõ douto livro,
Se he que a approvaçaõ lhe resta.
Que os fulioens do Parnaso
Se dignem já sem detença
A mandar, que o seu concelho
Dê voto nesta materia.
Que desçaõ em seu favor
Da Cabalina com pressa,
Para verem se estes versos
Tem lugar em qualquer festa.
Se saõ daquelles, que a Musa
Fez produzir pela relva,
Onde o Pegaso descança,
Quando deixa de ser besta.
Se saõ daquelles, que o monte
Pendura pelas florestas,
Para espelho dos mais sabios,
Se he que todos saõ Poetas.

Se

Se ſaõ medidos a palmos,
Ou ſe aos pés mais ſe lhe augmēta
Alguns dedos nos conceitos,
Para andarem ſobre a terra.
Se ſaõ dos que toca a gaita
Pelos campos de Minerva
Entre as verdes chularias,
A quem ſempre ſe faz feſta.
Se ſaõ em utroque jure
Em geral de boa teſta,
Ou ſerios, ou bem maganos,
De iguarias para a meſa.
Iſto he para o goſtinho
Dos tafues, que o verſo engendra,
Que ſó goſtaõ dos bocados,
Que o ſeu paladar ſuſtenta.
Se ſaõ daquelles, que o vulgo
Applaude com reverencia,
Que para elle ſó vale
O que em ſuſtancia naõ preſta.
Se tem, como digo, o livro
Sonetos machos com rédea
No deduzido, e fechado,
Como Fonſeca nos préga.
Se tem Decimas a montes,
E gloſas de legoa e meya,
Que he o tributo que pagaõ
As nove irmans por caterva.

Se tem em ſuſtancia tudo
Quanto ſe acha pela ſerra,
Que ſaõ diverſos licores
Com que a Cabalina rega.
Se tem, como he coſtume
Ter hum livro deſta esfera,
Approvaçaõ dos tonantes,
Para ſe imprimir na teſta.
Se ſaõ daquelles, que os homens
Entre a golodice meſma
Goſtaõ de ler em patranhas,
Como fazem cõ as novelas.
Se ſaõ conſtantes Florindas,
As que eſta idéa celebra,
Ou ſe alivio para triſtes,
A'quelles,que amor faz brecha.
Se ſaõ formados diſcurſos
Em couſas lindas, e ternas;
Ou ſe ſaõ ſeus verſos machos,
Inda que falaõ em femeas.
E ſendo aſſim, quer ſeu dono,
Que o tribunal dê licença,
Que ſe imprimaõ, e que corraõ
Eſtas obras de Fonſeca.
E ſe o mundo, como as ſuas
póde ſer, que nunca as veja,
Corraõ obras deſta caſta,
Pois tudo o que he bom, ſe preza.

E re-

E receberá mercé
O ſenhor, que as appreſenta,
Deſejando ao tribunal,
Saude, e paz para a feſta.

Dom Quixote no monte Parnaſo, invocando o favor de Apollo, para poder exercitar a Poeſia.

PRIMEIRAS ENDEXAS.

A Viver no monte
Venho cavalleiro,
Andante nas forças,
No valor ſupremo.
Quero aqui por gloria
De correr mil reynos
Achar o deſcanço
Dos aventureiros.
Já de Dulcenea
Naõ buſco os reflexos,
Buſco ſó de Apollo
O favor mais bello.
O monte Parnaſo
Por morada quero,
E gravar nas pedras
Os meus vencimentos.

E por

E por ſer andante
Cavalleiro excelſo,
Só Apollo intenta
Invocar meu metro.
As antigas armas
Penduro no templo,
Quando ſó das Muſas
Buſco já o reſpeito.
Quero já das letras
Outros documentos,
Quando as duras armas
Já hoje deſprezo.
E ſe a Dulcinea
Foraõ meus progreſſos,
Hoje ſó a Minerva
Lhe dedico affectos.
De entre as nove Muſas
O feliz congreſſo
Buſca o meu deſtino
Por altivo emprego.
Se militei ſempre
Por diverſos Reynos,
Hoje aqui ſoldado
Quero ſer em verſos.
E tu grande Apollo
Dame hum regimento,
Com que brilhe em letras
Dom Quixote meſmo.

Se o serviço de armas
  Vale para os metros,
  Tu Apollo attende,
  Ouve os meus progressos.
Eu girei as terras
  Do globo terreno,
  E venci combates,
  Seis mil e trezentos.
No Monomotápa,
  Imperio soberbo,
  Destrocei cabeças
  De gigantes feros.
Lá na Trapizonda
  Por certos respeitos
  Triunfei mil vezes
  Dos seus cavalleiros.
No Reyno de Lidia,
  No Reyno de Cresso
  Venci dous mil homens
  Em terreiro aberto.
Para lá dos muros,
  No Tártaro Imperio,
  Cortei quatrocentos
  A' força do ferro.
Para cá nos Chinos
  Montado em murzelos
  Pizei mil cabeças,
  Cortando-as eu mesmo.

O Reyno dos Perſas,
E o Arabio denſo
Confuſos paſmáraõ
Dos meus vencimentos.
No Turqueſco Emporio,
Neſſe Egypto horrendo
Venci mil turbantes,
Penetrei mil peitos.
Triunfei em Troya;
E o dominio Grego
Foy para meu braço
Gloria a meus progreſſos.
Cavalleiro andante
No Germano Imperio
Naõ me reſiſtio,
Tudo fuy vencendo.
Eſſa Libia ardente
Victorioſo deixo,
E na Tranſilvania
Obrei mil portentos.
França, e Dinamarca,
Quanto nella emprendo,
Eu ſahindo em campo,
Fiz deſtroços feros.
A força Heſpanhola,
E a Moſcovia eu meſmo
As poſtrei por terra
Só com meus alentos.

De huma Lusitania
Sahi por exemplo
Para todo o mundo
Ver os meus excessos.
Essa Asia o diga;
Da America dentro
Se ouve a minha fama
Em sonoros ecos.
Do que obrou meu braço,
A Africa espero,
Seja testimunha,
Sem suspeita de erro.
Essa mesma Europa
Meu valor supremo
Confessa nas lutas,
Em que obrei portentos.
Digaõ, se sou eu
No valor excelso,
Quando glorias deixo
Ao correr do tempo.
Sou hum tal prodigio,
Sou hum cavalleiro,
Em que o tempo todo
Acha o desempenho.
Entrei nesta Corte,
Sendo aventureiro,
Na qual vós Apollo
Sois senhor do cetro.

Neste vosso monte,
  Que fazer naõ tenho,
  Mais que fazer versos
  Por divertimento.
Como a deos Apollo,
  Ao vosso respeito
  Peço esta licença,
  Por favor, ou premio.
Busco a gloria firme
  Neste vosso imperio
  Quando por fortuna,
  De Aganippe bebo.
Se de Dulcinea
  Naõ vi hum reflexo,
  Já nos vossos rayos
  Outra gloria quero.
E por tanto agora
  Fazeime o que eu peço,
  Dandome licença
  A novos progressos.
Com a circunstancia
  Em o real decreto,
  Que mais ninguem possa
  Igualarme em versos;
Porque aqui á sombra
  Do vosso respeito,
  Obrarei prodigios,
  Farei mil excessos.

Despacho.

Dou por admittido
Dom Quixote ao gremio,
Como a Presidente
Do nosso concelho.
E que dê licença,
Que se inprimaõ versos,
Em quanto o contrario
Disto naõ queremos.

Apollo.

Approvaçaõ do senhor Sancho Pansa, flor dos Escudeiros dos Cavalleiros andantes; a qual deo a hum livro de varias castas de versos, intitulado Flores do Parnaso.

ROMANCE V.

TU me mandas, Dom Quixote,
Pelo teu grande Senado,
Que reveja destas flores
O que contém pelo olfato.
Tu me mandas, como amo,
Que eu fale, como criado,
Que te diga quanto vejo,
Quando eu naõ vejo hum quarto.

Tu

Tu me mandas (por andante)
Ser Cavalleiro eſtirado,
Que te dê meu parecer,
Tendo em verſo os pés quebrados.
Tu queres, que eu te reſponda,
Quando eu de forças fraco,
Ando de tripas vazio,
Comendo idéas de ſalto?
Se tu, como a companheiro
Me tratáras, outro gallo
A mim melhor me cantára,
No poleiro de fidalgo.
Porém correr ſéca, e méca,
Valerte nos teus fracaços,
E comer ſempre por onças,
Se he bom, nunca foy louvado.
Eu naõ faço penitencia,
Nem ſou ſanto deſtripado;
Pois ſou eſcudeiro andante,
Devo comer bons bocados.
Como hey de louvar teus verſos,
Dize, Quixote esforçado,
Se tu me naõ dás á boca
Couſa, com que encher o papo?
Se acaſo he por vencerte
Entre os andantes acaſos,
Dou graças á minha eſtrella,
Pois naſci mais eſtrellado.

A minha Tereſa Panſa,
Mulher de bom calendario,
Naõ goſta que eu morra á fome,
E diſto tem murmurado.
Bem ſabes tu, ſe eu naõ fora,
Naõ ſerias celebrado,
Pois quando muitos venceſte,
A mim os louvores davaõ.
Viſte o quanto fiz no mundo?
E viſte o que obrou meu braço?
Pois ainda mais, por ſonhos
Desfiz tambem mil encantos.
Lá viſte no meu governo
Como me portei taõ guapo;
Pois no throno Sancho Panſa,
Era chança dos fidalgos!
Porém vamos ao aſſumpto,
E perdoame eſte chaſco,
Pois ſendo taralhaõ ſempre,
Te canto como canario.
Mandas, como tenho dito,
Veja o livro do Parnaſo:
Deſde os pés até a cabeça
O vi deſencadernado.
Porém na maõ de hum livreiro
Achou logo taõ bom trato,
Que depois de bem cozido
Ficou mais bem adubado.

De boas flores composto
Foy por Apollo ourinado,
Pois elle faz os seus versos,
Quando ourina no Parnaso.
Tambem todos os Poetas
Ourinaõ de Apollo o carro,
Quando bebem nas correntes
Os influxos dos seus rayos.
Porém o livro, que eu vejo,
Mostra os versos bem limados,
E o natural de bem feitos
Me diz, que saõ do Parnaso.
Só nelles hum erro achei,
Naõ ser nelles celebrado
O valor de Sancho Pansa
Nos seus andantes fracaços.
Tudo o mais he fonte limpa;
Tudo aqui he celebrado;
Pois nestes versos se contaõ
Com graça trinta mil casos.
Tambem trazem mil meiguices;
Tambem contaõ mil trabalhos;
Porém das minhas façanhas
Naõ acho nelles hum rasgo.
Estes Poetas só loucos,
Estes Poetas marmanjos
Mereciaõ que eu lhes désse
Nos bigodes hum sopapo.

Cada loco con su tema,
  E eu já nelles razaõ acho
  De escreverem os seus feitos,
  Deixando os mais sepultados.
Mas eu me vingarei delles
  Com versos de esfollagato,
  Dandolhe pelas cabeças
  Muitas unhadas de hum salto.
Assim traraõ na memoria,
  E em todos seus calendarios
  Deste Sancho mil proezas,
  E os progressos deste pasmo.
E sou já de parecer
  Nesta approvaçaõ, que faço,
  Que os vossos, e os mais versos
  Faraõ do livro hum mórgado;
Pois he tal o valor delles,
  Que renderáõ para Março,
  Por terem taõ bellas flores,
  Os frutos mais sazonados.
Assim me parece agora,
  Meu Dom Quixote esforçado,
  Que vos deis a fazer versos,
  Fugindo dos encantados:
Tambem me parece a mim,
  Dediqueis o livro raro
  A outro tal cavalleiro,
  Como vós, se for Thebano.

Lá vos avinde com elle,
Que eu já de verſos me ſafo;
Pois ſou eſcudeiro andante,
A Deos, porque já me aparto.

Criado de voſſa Altèza,

Sancho Panſa dos Macacos.

Deſpacho.

Póde correr eſte livro,
Por Sancho Panſa approvado;
E mandamos que os Poetas
Façaõ delle muito caſo.

D. Quixote do Parnaſo.

Dedicatoria das flores do Parnaſo ao Illuſtriſſimo, e ſempre invictiſſimo Monarca dos cavalleiros andantes Hercules Thebano:

De Dom Quixote de la Mancha.

R O M A N C E VI.

SEndo eu hum cavalleiro
Em todo o valor muy guapo,
Andei buſcando patrono
Para hum terceiro parto.

Buscava no meu discurso
Quem fosse o seu Mecenasso,
Que o defendesse forte
De alguns mal intencionados.
E me occorreo á memoria,
Por eu ser taõ esforçado,
Lhe devia dar patrono,
Que em valor fosse o mais alto.
Como faço inda proezas,
Quiz que fosse do meu pano
O seu Mecenas muy forte,
Para ter seguro lauro.
Deiteime a dormir hum dia
Andando neste cuidado:
Quando em sonhos me apparece
Apollo, deos do Parnaso.
Vinhaõ com elle os Poetas
No mundo mais celebrados,
Fazendo Corte a seu Rey
No resplendor de seus rayos.
Trazia por diadema
Na cabeça o Sol parado,
Donde os Poetas bebiaõ
Nos reflexos espalhados.
Trazia na maõ hum cetro
De louro, em prata engastado,
Copado com muitas folhas,
Por trazer de Daphne o garbo.

A ci-

A citra na maõ eſquerda
Sem toque vinha ſoando,
Que adormecia hum ſentido,
Deixando os mais acordados.
Vinha ſentado em hum trono,
Ornado de verſos varios;
Sendo luz ſeus caractéres,
Mudos com alma falavaõ.
Fiquei confuſo, e ſuſpenſo,
Vendo hum prodigio taõ alto;
E Apollo conheceo logo
Toda a cauſa do meu paſmo.
Deo com o cetro no ſolio;
Fez ſinal para eſcutado,
E rompendo eſte ſilencio,
Começou aſſim falando:
Por ti cavalleiro excelſo
Eſta fineza hoje faço,
Pois deſço da minha Corte
A tirarte o teu cuidado.
Dedicarás eſſe tomo,
Eſſe livro do Parnaſo
A hum forte, e andante homem,
Chamado Hercules Thebano.
Pois tambem foy cavalleiro
No valor mais esforçado,
Mayor que quantos a fama
Levantou nos ſimulacros.

E lou-

E louvo-te nesta acçaõ
O teu gosto, o teu trabalho;
Pois tambem dedicar versos
He para Apollo de agrado.
Disse: desapparecendo
Dos meus olhos este pasmo;
A tempo que hum gran pezar
Senti em terme deixado.
Acordei espavorido,
E confuso neste caso,
Sem saber parte de mim,
Na minha cama deitado.
Vestime, fuy logo ao templo
Do mesmo Hercules Thebano,
Para dedicarlhe o livro,
Que Apollo tinha mandado.
Com elle alli falei tremulo,
Suffocando a voz no gárgalo,
Dando nas palavras fragiles
A conhecer o meu animo.
Eu lhe disse: Senhor, sofreme,
Pois te vejo estar taõ placido,
E por falarte em esdruxolo,
Talvez te ache magnanimo.
Quero dedicarte bellico
Estes versos escolasticos;
Se tu os aceitas unico,
Naõ serei nisto fantastico.

Se

Se foste nas forças célebre,
Na ciencia cathedratico,
Este livro celeberrimo
Toma, e defendeo dos gárrulos.
Dedicoto por pulcherrimo,
Para que fique no talamo,
Sem que algum Zoilo pestifero
O tenha por calendarico.
Tu es o patrono Hercules
Deste meu verso palratico,
E do livro mais belissimo
O mais fortissimo oraculo.
Apollo em sonho benefico
Me mandou, que eu venha árdigo
Offerecerte as flores célebres,
Taõ cheirosas como balsamo.
Tem muito verso patêtico
Este livro pouco lazaro;
E tem muitos jocosericos
Por divertimento zangano.
A Musa he Lusitanica,
Onde naõ ha verso barbaro;
Pois as Musas mais pulcherrimas,
Sendo daqui, saõ do Parnaso.
Já lá foste muito trefogo,
Quando no mundo volatico
Vencias emprezas celebres
Nos vencimentos muy rapido.

Assim perdoame o frivolo
Das minhas razoens,pois pallido,
Por chegar aqui estou tremulo,
Se na offerta, pouco pratico.
Este livro celeberrimo
Te dedico em bellos parrafos,
E perdoa grande Hercules
A confiança de hum parvulo.
Vosso escolar integerrimo,
Que deixou de ser fantastico,
Hoje das Musas tarantula,
D. Quixote do Parnásoso.

A hum amigo, que cantou em hum noivado; chamava-se a noiva Pascoa.

ROMANCE VII.

Endecassyllabo.

VA y de Romance, e eu quizera,
Para escrevello com graça
Ter da cauda do pavaõ
Huma penna com olhos aparada.
E sendo comprida a penna
Lançára boas pennadas,
E mais sendo de pavaõ
Lograria o Romance a pavonada.

Po-

Porém com penna de pato
  Pagarás o pato, e a pata;
  Pois vou deſcrevendo a feſta,
  Onde em cantar mereces pateada.
E ſe me pedes Romance,
  Eu to mando de tal caſta,
  Que tu pedindo-o o naõ goſtes,
  Pois te canta hũa Muſa arrenegada.
Foy neſte dia, que viſte,
  Paſcoa muito bem caſada,
  Pois ſe recebeo alegre,
  Como quem tinha em ſi cara de Paſcoa.
De Paſcoa foy eſte dia,
  Onde o Sabbado naõ falla,
  Pois tendo taes Alleluias,
  Eu as naõ tive nunca deſta caſta.
E ſendo a feſta taõ grande,
  (Sem ſer em praça da palha)
  Tu cantaſte de tal ſorte,
  Como canta hũ jumẽto em contrabaixa.
Mas dado que bem cantaſſes,
  O cravo naõ te ajudava,
  Porque era hum rapaz da eſcola,
  Quem nelle naõ ſabia dar chincada.
Conſumia-te a paciencia
  A preſunçaõ da alimaria,
  Pois naõ tocando por ſolfa,
  Quiz moſtrar q̃ os papeis acompanhava.

Mas

Mas a ſenhora Maricas
Quiz rompeſſes a alvorada,
E nas maõs para eſſe fim
Te encaxou para logo hũa cantata.
Tu meteſte maõs á obra
Duas vezes a cantalla,
Até que viſte o inſtrumento, (das.
Que hia de monte á mõte ás trambolha-
Ouvindo o tal fundamento,
Tu diſſeſte com voz alta:
Toque voſſé, que eu naõ quero,
Porque aſſim naõ me ſerve cantar nada.
Logo fechaſte a boquinha
Dando-te agua pela barba,
Por fugir de algum ſabaõ,
Que de todos cantando receavas.
E depois ſem inſtrumento,
Poſto que com boa traça
Cantaſte humas bacatellas,
Mas com muita alegria as expreſſavas.
Depois tambem as mininas
De todos foraõ rogadas,
Para dançar minuetes,
Com quẽ já poſto em campo as eſperava.
Dançáraõ os contratempos
Sem diminuiçaõ na galla,
E como dançáraõ juſtas
Dos mirones ficáraõ bem louvadas.

Huma

Huma moça (aqui por velha)
 Entrou logo corcovada,
 Fazendo mil galanteyos,
 Por ter nos fingimentos muita graça.
Galante o marido vinha
 Com bigodes pela cara,
 E ſendo tambem fingido,
 Por dentro de huns calçoẽs trazia a ſaya.
Fizeraõ muy boa feſta
 Com galanteyos, e graças,
 Dando grandes, e pequenos
 De riſo muita infinda gargalhada.
Foiſe concluindo a feſta
 Com doces de boa caſta;
 Sendo que a alegria em todos
 Era muito melhor, que doce, e agua.
Foiſe pondo aquillo em termos
 De os noivos ſe irem á cama,
 A tempo que os mais ſe ſurraõ
 Pela porta, deſcendo toda a eſcada.
Hum alegre ria a noiva,
 Outro ſentido a chorava,
 Pela verem já rendida,
 Muito antes de a verem eſtar deitada.
Sendo que ella por formoſa,
 No filis tem tanta graça,
 Que ſe for furioſo o noivo,
 Temo fique com medo traſpaſſada.

Deſ-

Despedimonos contentes
Com huma esperança larga
Em que Deos nosso Senhor
Tambem nos dará bodas melhoradas.
Esta foy toda a funçaõ,
Amigo, mais celebrada,
Que entaõ vimos ambos juntos
Com os mais,q̃ alli foraõ vendo a Pascoa.

A hum amigo ausente, no qual deo hum desmayo a tempo em que estava recebendo ordens de Epistola.

ROMANCE VIII.

DEos vos salve meu amigo,
Principia a minha escrita,
E porque vay hoje feita
Inda leva fresca a tinta.
Naõ sey como vos escreva,
Nem sey que desculpa fica
Mandandovos letra tal,
Letra,que parece grifa.
Se a letra fora melhor,
Ou garrafal como ginjas,
Entaõ com melhor vontade
Fora a letra comezinha.

Mas

Mas ſendo de taõ má raça,
E ſendo taõ mal eſcrita;
Eſcrita, parece arenga,
E á renga parece minha.
Porém naõ ſey já ſe acabe
De lançar tanta rabiſca,
Porque ſe naõ valem nada,
Só vem á cabar em cifra.
Que importa que vos eſcreva
A donde eſtais neſſa quinta,
Se fazendovos madraço
Nunca reſpondeis ás minhas?
Que importa que eu cá me canſe
Em ſaber de vos noticias,
Se vós onde deſcanſais
He como na voſſa quinta?
Eſtais na quinta do Pegas,
Sempre eſtando de perninha,
Sem teres pena, nem gloria,
Pois nada vos amofina.
Eu vos gavo o voſſo bojo,
E aſſim tomára huma pipa
Cheya de muito bom vinho,
Para beber á ſordina.
He tal o voſſo deſcanſo,
Que até ides tarde á Miſſa;
E por iſſo ao tomar ordens
Vos daõ deſmayos nas tripas.

De fraqueza, já ſe entende,
Que eſſe deſmayo ſeria,
Pois ſe a tripa fora forra,
Forrado lhe eſcaparias.
Mas era juſto eſtiveſſes
Mais que fraco neſtes dias,
Por quanto ao mudar de eſtado
Todo o homem titubia.
Se de Epiſtola as tomaſtes,
Podeis reſponder ás minhas,
Por naõ faltares á ordem,
Que o caracter vos intima.
Bem podeis já ler de ponto
As aos Corinthios eſcritas;
Ou ler tambem ad Epheſios,
Como fazeis neſſa quinta.
Se he que o dito do villaõ
Hoje em vós ſe naõ pratica;
Pois quando eſtá com ſeu ſogro,
Entaõ eſtá de perninha.
Naõ ſey como eſtais taõ magro,
Nem com a cor taõ perdida;
Pois nada tomais a peito,
Porque nada vos laſtima.
Invejo a voſſa pachorra
Quando eſtou na freneſia,
Que nada ſofro impaciente,
Nem paciente ſou por mirra.

Em

Em fim dizei como estais;
  Como estaõ essas mininas;
  Se corre o Tejo, ou se deixa
  Nos areaes prata fina?
Se vaõ lá por Saõ Joseph
  Da Corte muitas visitas;
  Ou se por Boa Viage
  Vay gente de boa vista?
Porque eu estou cá na Corte,
  De lá naõ sey cousa viva,
  Pois até noticias vossas
  Nunca cá chegaõ com vida.
Assim cá vamos passando
  Com bacalhao, e sardinha,
  Por quanto deraõ á costa
  Junto ao pontal de Cacilhas.
Nada ha de novo na Corte,
  Tudo vay de costa assima,
  Os montes vaõ para baixo,
  Os valles vaõ para riba.
As fontes chorando aljofar
  Formaõ cristaes na fugida;
  E sendo prata no campo,
  Vem fazer nas bolsas liga.
Inda vem os aguadeiros,
  Inda trazem carros pipas,
  Inda vaõ pretos dançando
  Pelas ruas em folias.

Inda fazem sua festa,
Ao Rosario no seu dia
Com as Rainhas de Angola
Toucadas as carapinhas.
Tudo está como era de antes,
E he isto o que mais me admira;
Pois se mais vivendo vemos,
Eu nada vejo que diga.
Só morreo Dom Alexandre,
Bello Infante, de bexigas,
E por novidade jaz
Debaixo da terra fria.
Tudo o mais, meu amiguinho,
Eu pergunto cada dia;
Porém naõ me dizem nada
Já desta Corte as valias.
Huns para baixo nas ruas,
Outros vindo para sima,
Huns se saudaõ com pressa,
Outros vaõ sem cortezia.
Hum acolá escorrega,
O outro já cá se alimpa;
Pois quer Veraõ, quer Inverno,
Saõ as lamas infinitas.
Muitas carroças navegaõ,
Com estrondo, que arruina;
Humas com mullas da terra,
Outras cavallos de Friza.

Tudo vay pela agua abaixo;
O dinheiro vayſe em pilhas;
Pois todos ſe veſtem de ouro
Sem pezo, conta, ou medida.
Nada ſe faz com acerto;
Deſacertar he a ſortilha,
Donde todos metem lanças,
Que lhe chegaõ té a barriga.
Tambem ſe come por onças;
Porque a pobreza faminta
Se naõ trabalha,naõ come,
Nem tem com que encher a tripa.
E por iſſo muitas vezes
Vemos muita bizarria,
Que entraõ tanto pelo alheyo,
Até tirarlhe a camiza.
Por certo, que deſta gente
Tem eſta Corte infinita,
Que anda de dia moſtrando,
O que de noite ſe pilha.
Muitas couſas mais diſſera,
Mas ſendo a carta comprida,
Póde talvez enfadarvos,
E mais com taõ má letrinha.
Com que amigo me deſpeço,
De eſcrever com taõ má tinta;
E day ſaudade a todos,
Se for couſa muy preciſa.

E ſe naõ me dais repoſta,
Eu vos mando huma Paulina;
E vos excõmungo logo,
Para abſolvervos á viſta.

A huma negra cativa, e muy preſumida.

ROMANCE IX.

VEm cá páo de chocolate,
Minha Cloris de cachimbo,
Como te fazes ſenhora,
Se em cativeiro te ſinto?
Naõ es a meſma, que em Congo
Tiveſte o primeiro ninho,
Por pay hum negro da terra
Neto de hum monobogio?
Naõ he tua mãy aquelle
Medonho caçaõ roliço
Com olhos como marmellos
Na peſca do graõ de milho?
Naõ tens as pernas cambayas,
Naõ tens os pés retorcidos,
Com orelhas de morcego,
Dentes pelo branco liſos?
Naõ tens os braços disformes,
E em cada dedo hum chouriço?
Naõ tens carapinha negra,
Naõ tens os peitos cahidos?

Naõ es dos pés á cabeça
Hum caramujo comprido,
Hum mexilhaõ encaſcado
Na meſma cor do teu brio?
Naõ es graõ cachorra em tudo,
A quem de teus pays tem vindo
O ſangue, que ſó ſe compra
Em quanto negro cativo?
Naõ es a que vás á praya,
Naõ es a que vás ao rio,
E por mais que lá te laves,
Naõ fica o negro comtigo?
Naõ es hum demonio em carne,
Mais feya do que te pinto?
Monſtro de pés, e cabeça,
De peitos até o embigo?
Naõ es aquella, que em rancho
Faz forgamenta ao Domingo,
E eſſe tambor do Rey Miná
Naõ he o teu melhor brinco?
Naõ es aquella carranca
De coca para os mininos?
Naõ tens os olhos em branco,
Sombra da noite dormindo?
Naõ es hoje neſta Corte
Mondongueira do deſtricto;
Calcanhar de pé de cabra,
Unhas ſem nenhum feitio?

Naõ vieste em trabuzana
Parida á maré do mijo?
O manicaca teu pay,
Naõ te fez, sendo bugio?
Tua mãy por bujamé
Naõ foy canzarrona nisto?
Naõ te deixou nesse couro
Esse infame sobrescrito?
Leve-te o diabo a pelle,
O demo fuja comtigo,
Para que nunca te enfronhes
Em taõ grandes desatinos.
Arre lá com a cachorra!
Ha de haver quem sofra isto?
Querer presumir de branca
Quem tem de negra o vestido?
Hey de ver se assim te emendas!
E se naõ te emendas disso,
Por certo, que de outra sorte
Te hey de dar segundo aviso.

A hum amigo.

ROMANCE X.

Meu amigo dos meus olhos,
Já que ahi falto estes dias,
Vos quero dizer a causa
Com penna, papel, e tinta.

Foy o caſo: Quinta feira,
Que paſſou ha cinco dias,
Eſtando na voſſa caſa
Fazendo a minha viſita;
Vi hum fumo, que fugindo
Se ſahia da cozinha;
E vendome aberta a boca,
Dentro della ſe metia.
Mas tanto que nella entrou,
Naõ uſou mais cortezia;
E deſcendome á garganta,
Logo alli diſſe ao que vinha.
Comecei logo a tuſſir,
Por quanto naõ me convinha,
Que paſſaſſe da garganta
Quem na boca me offendia.
Muito mal cheirava o fumo,
E cuidando o que ſeria,
Me pareceo ſer de negra
Fumo, que taõ negro vinha.
Como a negra he cozinheira,
Claro eſtá, que ella o faria;
Pois quem aſſopra a fornalha,
Muito mais o fumo aviva.
Levantei banco, e ſafeime
Pela rua nova acima;
A's onze cheguei a caſa,
Segundo o que parecia.

Fui-

Fuime logo pôr á mesa ;
Mas oh, naõ sey como o diga !
Porque achei tristes bocados
Para a minha golozina.
Qualquér bocado,que empurro,
Qualquer sopa,que comia,
Era triaga ao meu gosto
No tormento, com que vinha.
Nada me passava o estreito,
Que eu naõ tivesse agonia ;
Mas sempre comendo á força,
Que assim mo pedia a tripa.
Logo tomei mil remedios
De limaõ, e outras bebidas
Com sal, que era mais que o fumo,
E nenhũa graça tinha.
Puz hũa noite suada
Na garganta huma palmilha,
Por me dizerem que boa
A' minha queixa seria.
Pela manhã fiquei tollo
Vendo em mim tal gargantilha,
Sem que me tirasse a queixa,
Sendo isso o que eu queria.
Nenhum effeito fizeraõ
Trinta e duas mil mézinhas,
Até que se resolveo,
Que me déssem as sangrias.

Já fe me picou a veya ;
Tres vezes lançou a bica
Rubins em tanques de prata,
Como fe eu tivera minas.
Naõ fey donde chegará
Efte remedio que tira,
E naõ dá, fenaõ fraqueza ;
A quem nelle fe confia.
Em fim tirandome o fangue,
Naõ tem que tirarme a vida ;
Pois fem elle acaba tudo,
Como eu acabo a cantiga.

A huma fenhora querendo joyas, e brincos para fe adornar em hum dia de feftejo.

ROMANCE XI.

MAriquita dos meus olhos,
Meu brinquinho, minha prẽda ;
Alegre pompa da Aurora,
Sobre copia de Amalthea.
Pax tecum minha Maria,
Salve Deos effa lindeza,
O Sol vos coroe de rayos,
E vos dem luz as eftrellas.

A

A terra vos ſeja leve,
O mar com as aguas creſpas
Vos faça chorêas doces,
Vos cante na voſſa feſta.
Troncos, penhas, plantas, brutos,
Volantes aves, e feras,
Sapos, lagartos, e cobras
Vos ſirvaõ,pois ſois taõ bella.
Mas ſe pequeno o rompante
Foy a taõ alta grandeza,
Permitti, que o accreſcente
Com novos raſgos a penna.
Tenhais, ſenhora, pendentes
Por brinquinho das orelhas
Trinta mil torcidos buzios,
Que toquem como trombetas.
No cabello, que he adorno
Melhor da voſſa cabeça,
Tenhais com vozes diſtintas
Por joyas mil caſtanhetas.
Se faltarem ao toucado
Mais algumas borboletas;
Caracoes de muitas hortas
Vos dou por melhores peças.
Para a cara, que he taõ linda,
Sejaõ ſinaes alforrecas,
Por quanto he proprio da neve
Ter por ſinaes couſa freſca.

De

De cor vos dou para as faces
Tinta branca, e mais vermelha,
Pofto que a branca naõ firva
Onde he taõ clara a lindeza.
Todas as Oftras do mar,
Mexilhoens de cafca negra
Vos firvaõ para a garganta
De gargantilha fuprema.
Perfeves no voffo peito
Se agarrem com tal prefteza,
Que pareçaõ brincos de ouro,
Tremula pompa das tetas.
Camaroens, e caranguejos,
Caramujos, e Lampreas
Vos fubaõ por todo o corpo,
Vos adornem pés, e pernas.
Mas perdoaime meus olhos
Se cuidais fallei de veras;
Porém naõ defejo vervos
Com brinquinhos de outra esfera.
Naõ eftranheis efte adorno,
Que no mar deffa belleza,
Por fer mar de formofura,
Quem lhe dá peixes, naõ érra.
E já que dey os brinquinhos,
Veftirvos tambem quizera,
Sem cortarvos de veftir,
Mas bem talhado de veras.

Sem

Sem descozer o fiado,
  Naõ póde ser, senaõ de hervas:
  De Anacoreta vestirvos
  He melhor, se vos contenta.
Eu bem sey, que o naõ pedis,
  Mas aqui o pede a letra;
  E já que puz maõs á obra,
  Hey de acabar esta empreza.
Cortaremos pela rama
  Por naõ partirmos a sepa,
  Que eu já disse, que o fiado
  Descozer naõ me contenta.
Preparai esse corpinho,
  Porque o vestido começa,
  Que eu vos chego a roupa ao couro,
  Vestindo a vossa lindeza.
Mas despida a formosura,
  Quem tal vira, ou tal dissera!
  Sendo, que para ser vista,
  Despida será mais bella.
Mas indo conforme ao uso,
  Camiza vos ponho nella,
  A qual vos virá de Hollanda
  Tecida de folhas de hera.
Para a camiza os botoens
  Seraõ de bisnaga seca;
  Feitos com á remosquinhas,
  Pela melhor costureira.

Para anagoa, ſaramagos
Cozidos com beldroegas;
Com entremeyos de ſalſa
Verde, como de antes era.
O peitilho ha de ir viſtoſo,
Sendo de eſparto, ou de eſteira;
Com ſeus bordados á moda
Pois a moda he ſó quem reina.
Os voſſos pulſos de neve,
Teraõ punhos á Franceza,
Feitos de abobra minina,
Na fórma da melhor renda.
Tereis por guarda donaire
Avenca de huma ciſterna,
Que como naſce entre as aguas,
Mais freſca andareis com ella.
E tereis, como he coſtume,
Hum donaire, arco da velha,
Com barbas até á cintura,
Timbre da mayor grandeza.
Mas de que hey de formar panos
A tanta circunferencia!
Se gaſto ſó na medida
De fitas, trinta mil peças?
Porém eu lhe corto os panos
A' monſtruoſa caverna
Das folhas, que a couve cria
Em Portugal, e Caſtella.

E por

E por ser tal vos seguro,
Que o donaire em sua esfera
Póde servir de barraca
A hum exercito em guerra.
Por saya, ou por guardapé,
Vos dou para qualquer festa
Hum seiraõ feito de palma,
Pois que triunfais da belleza.
Para mantó vos offereço
As hervas, que a Primavera
Deita com flores no campo
Da redondeza da terra.
Para atarvos a cintura,
Vos dou da serra da Estrella
Hum cinto de herva salvage,
Com a qual o gado berra.
E como o cinto he taõ lindo,
Tambem ha de ter fivella,
Que virá do mesmo monte,
Composta de muitas pedras.
Por luvas, duas borrachas
Vos dou com suas torneiras,
Para se prender a neve
Dessas maõs lindas, e bellas.
Para meyas eu vos dou;
Mas porvos de meyas era
Arriscar dous alabastros,
E assim ficareis sem ellas.

Tam-

Tambem vos naõ dou çapatos,
Por ſer do pé tal a esfera,
Que naõ dá lugar á forma
Pé, que em hum ponto ſe encerra.
Porém ſe dá fim o adorno,
E o veſtido vay com preſſa;
Perdoai, porque he de graça,
Quem dá de graça,naõ erra.
E aſſim ficai contente
Na grandeza deſta offerta,
Que quem vos dá tudo iſto,
Muitas mais couſas vos dera.

Em hum feſtejo entre huns amigos.

ROMANCE XII.

DEos vos ſalve meus ſenhores,
Neſte dia taõ preclaro,
Sem que eſtranheis vos ſaude
Hum Poeta esfrangalhado.
Porque em acçaõ como eſta,
E em dia de tanto applauſo,
Até os gatos da caſa
Se alegraõ dando mil ſaltos.
E com mais razaõ agora
Sendo eu da caſa hum criado,
Porque naõ moſtrarei goſto,
Quando o moſtraõ caens, e gatos?

Mas se acaso me estranhais
Este estilo, com que fallo;
Sabei que o contentamento
Me enlouqueceo neste caso.
Por quanto he tal o prazer;
Com que nesta casa me acho,
Que faço mil tontarias
De repente a cada passo.
E assim qual vós me vedes,
Louco, tonto, e mentecapto,
Hey de applaudir jocoserio
Assumpto taõ relevado.
Que assumpto he, vos naõ digo,
Porque a todos he bem claro,
E quando vós o sabeis,
Dizello eu, he escusado.
Se vós todos festejais,
Eu tambem; porque em tal caso,
Sendo de todos o gosto,
Naõ hey de estar agachado.
Mas saltando nesta casa
Com alentos do Parnaso,
Quero dizer maravilhas,
E fico esmaravilhado.
Vou proferindo os meus versos,
Na minha idéa formados;
Mas vendo o pouco que digo,
Fico qual toucinho em saco.

Quero dizer desta festa
Trinta mil prodigios raros,
Porém a Musa, que invoco,
Naõ sabe bem explicallos.
Bato com força na testa,
Ella fugindo ao trabalho,
Em lugar de vir á boca,
Vay para traz do cachaço.
Quando a chamo, naõ me acode,
Faz de mim gato sapato,
E correndome ás avessas,
Me deixa ficar pasmado.
Mas he bem feito, que a Musa
Me dê tanto esfollagato,
Pois me meto a fazer versos,
Sem ser Poeta formado.
Tenho eu cá de Camoens
Algum osso no espinhaço,
Ou de Gongora o estilo,
Para fazer versos machos?
Tenho eu de Caldeiraõ
Todos os versos no caco,
Ou do celebre Bahia
Os Romances engraçados?
Naõ; porque agora naõ sou
Caldeiraõ, bacia, ou tacho,
Para retumbar nos versos,
Como estanho, cobre, ou aço.

Sem duvida meus ſenhores,
Que outro Poeta naõ acho,
Que faça mais parvoices,
Do que faz eſte madraço.
Viſtes vós já huma pipa,
Quando lhe tocaõ no tampo,
Que reſponde, que tem vinho
No eco, que faz ſoando?
Aſſim eu concordo agora
Com ella em genero, e caſo,
Pois tambem tocando em verſos,
Sem duvida eſtou borracho.
Bebedo eſtou, mas de goſto,
Neſte dia taõ preclaro,
Que naõ ſey parte de mim,
Por querer mais celebrallo.
Viſtes vós a carapeta,
Que dá ſaltos como hum gamo?
Pois eu aſſim ſalto, e brinco
Em dia de tanto applauſo.
Viſtes as ondas de hum rio,
Quando o vento he mais pezado,
Que humas cõ outras ſe encreſpaõ
Suſſurrando mil agrados?
Aſſim eu taõ teſo, e creſpo
Aqui me vejo eſtacado,
Que me encreſpo de contente,
E ſuſſurro quando fallo.

Viſ-

Viſtes dançar a Baruna,
Eſſa ſigana, eſſe rayo,
Que abraza, dançando, a tudo,
Quando dança o oitavado?
Aſſim eu neſte feſtejo
Eſtou taõ embasbacado,
Que ſem que a Baruna dance,
Tambem com feſta me abrazo.
Viſtes deſſe campo as flores
Em huma manhã de Mayo,
Que abrindo as purpureas bocas
Bebem deſſe Sol os rayos?
Aſſim eu agora bebo
Entre as luzes deſte fauſto
Os alentos, que reſpiro,
Como as razoens, com que fallo.
Vede ſe tenho bom goſto
Em dia taõ decantado,
Quando eſte dia excede
Aos grandes dias de Mayo
Na galla, no luzimento,
Na pompa deſte apparato,
No viſtoſo, na riqueza,
Na alegria, e no preparo;
Nos veſtidos, nos veludos,
Nas ſedas, e nos bordados,
Nas cabelleiras da moda,
Nos chapeos, e nos çapatos;

Nas paredes bem vestidas,
 Nas flores, nos cortinados,
 Nos tapetes do Japaõ
 Alcatifas do sobrado;
Na mesa, no apparador,
 Nas bebidas, e nos pratos,
 Nas iguarias diversas,
 Nos cozidos, nos assados;
Nos sorvetes, nas geléas,
 Nos friquassés de retalhos,
 Nos doces de tantos modos,
 Nos leites mais celebrados;
Nas varias frutas de gosto,
 Nos meloens mais estimados,
 No mellifluo,no cheiroso,
 Nas colheres,e nos garfos;
Na sobremesa os cafés,
 Nos palítos prateados,
 Tudo illustre, tudo pompa
 Deste gosto eternizado;
Tudo para nosso alivio,
 Tudo para o nosso agrado,
 Quando até este Romance
 Tambem tem gosto no applauso.

A huma

A huma dama, que estando fazendo sonhos para mandar ao amante, lhos comeo hum gato. Foy assumpto Academico.

ROMANCE XIII.

TEmos hoje por assumpto,
Oh que lindo assumpto trago!
Huma dama primorosa,
Muitos sonhos, mais hum gato.
Porém eu sinto que agora
Seja este assumpto pintado,
Pois se verdadeiro o visse,
Melhor cuidára em provallo.
Emfim o caso foy este:
Fili se achou com cuidado
Fabricando muitos sonhos,
Por ser de amantes regallo.
Eraõ para o seu amante,
A quem queria mandallos,
Sem que Filis advertisse,
Que os sonhos saõ mal fadados.
Hum gato estava presente,
Taõ attento, que era hum pasmo,
Pois os olhos naõ tirava
De fazer dos sonhos rapto.

Filis, que tudo isto observa,
Presumindo algum fracasso,
Foy fazendo sempre os sonhos,
E dizendo para o gato:
Sape gato, naõ me apanhes
Os sonhos do meu amado;
Que se estes sonhos me levas,
Me levaráõ meus peccados.
Elle deo para estes sonhos
O dinheiro de contado;
E tu sem pezo, e sem conta
Os queres meter no papo?
O gato por ser caseiro
Disto naõ fazia caso,
E de quando em quando á unha
Hia tirando hum bocado.
Tornou Filis: Passa fóra,
A dizer, mofino gato;
Deixa os sonhos que saõ doces,
Naõ os faças taõ salgados.
Recolheo o gato a maõ,
Mas logo estendeo o garfo,
Para comer de huma vez
O que tinha começado.
Filis acode depressa,
Dando gritos, dando saltos;
Porém ao gato, que he tuna,
Nada lhe fazia aballo.

Che-

Chega Filis deſcompoſta,
Taõ ardente como hum rayo,
Já quando o gato eſtá cheyo,
E por cheyo recheado.
O gato lambia os beiços,
Filis os tem abrazados;
O gato pedio mais ſonhos,
Filis lhe quiz dar hum dardo.
Brigáraõ ambos com furia,
Mas reparando no eſtrago,
Temeo Filis, por ſer fraca,
As unhadas do ſeu gato.
Começa a ralhar com elle
Filis; porém a ſeu ſalvo,
Porque de longe era a lingua
O deſpique neſte caſo.
Vem cá maldito animal,
Diſſe Filis, ſempre ingrato;
Se eſtás agora com ſonhos,
Como te vejo acordado?
Porque me comeſte os ſonhos
De minhas maõs fabricados,
Se ſabes, que ao meu amante
Eu ſó com ſonhos lhe pago?
Queres que quebre comigo
Vendo, que ao mimo lhe falto,
Quando ſou eu, a que quebro
Nos requebros, que lhe faço?

Qués

Qués que elle falte aos carinhos?
  Qués que eu lhe falte aos affagos,
  Fazendo faltar por ſonhos,
  O que logra ha tantos annos?
Certamente es gato negro,
  Negro gato entre nós ambos!
  Que hũ gato negro entre amantes
  Comſigo traz mil eſtragos.
Gato tambem entre ſonhos,
  Sonhos entre dous amados,
  Inda ſendo os ſonhos doces
  Haõ de ſer por ſonhos falſos.
Dando fim o gato aos ſonhos,
  A dama o deo ao trabalho,
  Aſſim como eu no Romance,
  No fim lhe prégo o gatazio.

A hum amigo.

ROMANCE XIV.

HOntem indovos a ver,
  Encontrei na voſſa caſa
  A Luiza Collareja,
  Dando alento á voſſa graça.
Toda de graça veſtida
  Vos vinha buſcar com manha,
  Trepandovos pela porta,
  Entrandovos pela eſcada.

Vinha

Vinha apregoando a fruta,
Com a giga muito inchada,
Como ſe naõ fora velha,
Ou como ſe fora guapa.
Huma velha de cem annos!
Que vos parece a muchacha?
Querer lhe compre hum Adonis,
He aſneira deſmarcada.
Ora louvolhe a pachorra!
Mas a voſſa naõ me agrada;
Pois tendo frutas na Corte,
Quereis fruta da comarca.
Que maçans, ou que limoens
Vos offrece eſta caraça
Mais velha, que a meſma ſerpe,
E mais que dragaõ de farça?
Que buſcais, ſe no ſeu peito
Parece já naõ tem alma;
Pois além de ſer disforme,
Nas acçoens he deſaſtrada?
Reparailhe bem nos olhos,
Vede aquella boca larga;
Nos olhos vereis cavernas,
Na boca huma grande lapa.
Póde engulir meyo mundo,
Inda que a tenha fechada;
Por ſer tal ſua grandeza,
Que por grande he mais da marca.

Vede

Vede a graça de seu rosto,
Olhai a cova da barba,
Que póde enterrar mais gente,
Que o Cemeterio em Santa Anna.
Mata, mas naõ de formosa,
Pois de feya tem as armas
Para poder defenderse
De hum regimento em campanha.
Vedelhe bem dos seus braços
Toda a fórma descarnada,
Toda nervos, ossos toda
Só cubertos de pilhancra.
Olhai os dedos torcidos,
Pois tem dedos de tal casta,
Que saõ dedos caranguejos,
Com cabeças de borracha.
Que vos parece o seu corpo?
Parecevos que tem graça?
Naõ vos parece huma pipa,
Huma cuba avinagrada?
Nos pés com mais fundamento
Duzentos pontos só calça,
Sendo hum dos seus çapatos,
Como no mar, hũa barca.
Se quereis comprarlhe a fruta,
Essa fruta naõ me agrada,
Por trazer laranjas verdes,
Limoens de muito má casta.

Bo-

Botailhe a giga na rua,
Pondelhe os limoens na praça;
Day parte aos Almotaceis,
E ſaya bem condenada.
Que eſſa fruta, com que vem,
Por ſer má, naõ vale nada,
E nunca deis pela fruta,
Quando naõ dais pela albarda.

Romance, no qual ſe offereceo a fazer verſos para hũa Academia Roque Bandalho, bebedo por vicio, e pobre por officio.

ROMANCE XV.

GRaças a Deos, que chegou
Neſta tarde o feliz prazo
Para acharſe em Acadêmia
Tantas letras, tantos ſabios.
He poſſivel! Naõ o creyo!
Que tambem Roque Bandalho
Queira ſeus verſos fazer
Mal naſcidos do ſeu caco!
Poſſivel he, pois que pobre
Se mete como borracho,
Falando em toda a materia
Com olhos avinagrados.

Aſſim

Assim já pede o perdaõ
De chegar taõ confiado
A trazer este Romance
Feito com pés de bagaço.
Mas se mendigando vive
Monsiur Roque Bandalho,
Quer aqui pedir esmola,
Pois está de letras falto.
Que he o mal de qualquer pobre
Naõ ter com que encher o papo;
E muitas vezes sabendo,
Naõ o buscaõ por letrado.
Porém Roque das tavernas
Hoje deo hum grande salto,
Pois subio aquella escada,
Com hum Romance do seu caco.
He muy fraco da memoria,
E nas letras mentecapto;
Que se vay a dizer duas,
Perde na segunda o passo.
Mas Vox populi Vox Dei
Sempre foy o seu mórgado;
Pois com isto brada á gente,
Como de ciencias falto.
Mas que ha de saber hum pobre
Com olhos ensanguentados,
Se andando sempre pedindo,
Anda sempre carregado?

Po-

Porém eu digo o que he,
　Para ser bem ensinado;
　Porque os Mestres da Academia
　Fazem dos mais nescios sabios.
Quer aprender quatro letras,
　Para em tudo falar claro;
　Pois como elle bebe muito,
　Quer comer os cartapacios.
Aqui aprenderá tudo
　Posto inda seja donato;
　Que se chegar a saber,
　Tal vez chegue a ser coroado.
Mas se leigo se contempla,
　Com tudo naõ he madraço;
　E se entra a pegar no copo,
　Ha de ver o fundo ao frasco.
Como anda em busca das letras
　Este congresso taõ sabio,
　Bem póde desculpar erros
　De quem vay engatinhando.
Eu cheguei ao A, B, C,
　E já por sentença passo
　A fazer meus quatro versos,
　Pois quem faz cinco, faz quatro.
Por oitavas faço alguns,
　E por decimas, que lanço,
　Sendo que tal vez por onças
　Alguns Sonetos preparo.

Sil-

Silvas, que arranhaõ, componho,
Que tambem picaõ no rabo,
Que por ferem muito azedas,
Sabem a rabo de gato.
Em fim faço quanto quero;
Porque hum Poeta novato
Faz tudo o que lhe parece,
Inda que de forças fraco.
Mas por naõ enfadar muito,
Já quero ficar pasmado,
Pedindo, que quero ouvirvos,
Finis coronat laudatus.

Reposta a humas senhoras, que em occasiaõ de entrudo mandáraõ ao Autor versos burlescos.

ROMANCE XVI.

JA de jogar ao entrudo
Por letra me acho cansado,
Pois tenho escrito mil cousas,
Desta casa, em que me acho.
Despedi varios Romances,
Mandei varios cartapacios,
Huns em verso, outros em prosa,
Obras tudo do meu caco.

Agora

Agora por deſpedida
Eſte Romance ſó faço,
Já por fugir dos chuveiros
Deſſas Ninfas do Parnaſo.
As quaes me molháraõ hoje
Com os ſeus verſos borrachos;
Por ſerem Ninfas de Apollo,
Rayos ſobre mim lançáraõ.
Choveome como na rua;
Eu qual pinto deſazado,
Do ſuſto fiquei medroſo,
E mais que medroſo fraco.
Hontem borrachas, e odres,
Hoje cheyos ſeringaços;
Mas de tudo me defendo
Cá por detraz do cachaço.
Naõ vos baſtou eſtes dias
Deitarme caldeiras, tachos,
Se naõ inda aqui por letra
Me deitais pulhas, e dardos?
Comei o que me offreceis,
Abri a boca ao que eu faço;
Pois quem offrece o monturo
Tambem come eſſes bocados.
Defendome deſta ſorte,
Que o entrudo me ha enſinado,
Pois quem mais dá, mais atira,
Mandandovos tudo ao papo.

Naõ me achais ſem prevençaõ
Para defenderme ao largo;
Pois que dahi eſtes dias
Eu ſahi gato pingado.
Sahi aſſim, como ſempre
Coſtuma ſer em tal caſo;
Pois que entre Ninfas o entrudo
He o meſmo que entre charcos.
Confeſſo me vi de entrudo
Com o corpo enfarinhado,
E a meſma cara, que eu tinha
Vendia pós de çapatos.
Deixaſtes-me de tal ſorte,
Que fiquei feito num trapo;
E molhado eu parecia
Ser ſegundo mare magno.
E ſe quereis, que eu lá torne,
Naõ goſto ſer mergulhado,
Nem tambem, q̃ os voſſos brincos
Me façaõ trapo fragalho.
Baſta o que me tendes feito,
Que eu a vós mal naõ vos faço,
Que os brincos para comvoſco
Saõ de mim mais reſpeitados.
Sois deidades, e iſſo baſta
Para ficarmos atados;
Pois hum ſexo taõ ſublime
Inda no brinco he ſagrado.

Naõ

Naõ eſpereis lá por mim;
Ide jogar ao mar largo,
Se tendes azas de peixe,
Ou ſe de lagoſtas rabo.
Que eu cá me deixo ficar
Entre paredes fechado,
Zombando do voſſo entrudo,
Enchendo muy bem o papo.

Corrida de patos na rua dos Calafates.

ROMANCE XVII.

CHegue toda a maganaje,
Venha ver todo o carêta
Na rua dos Calafates
Huma riquiſſima feſta.
Todos preparem ſeus olhos,
Fiquem com a boca aberta;
Paſmem a todas as viſtas,
Arqueando as ſobrancelhas.
Vejaõ que já entra o Neto;
Atraz delle as Colarejas
Com a dancinha dos arcos,
Voltas dando a pés, e pernas.
Vede que bonitas caras,
Que galantes, e que bellas!
A galla ſaõ dos pomares,
Sendo ſoes pelas gadelhas.

Naõ vedes aquella dança,
Que ſe diz das Regateiras?
E que cordoens de ouro trazem,
E que aljofar nas orelhas!
Saõ ſerpes do mar ſalgado,
Pois trazem peixe por terra,
Dizendo: Sem ſal de poſta,
Trazendo ſal, que afugenta.
Aquella Maria Antunes,
A Ambroſia, e a Xilreta;
Aquella dos olhos grandes,
E eſta de boca pequena.
Mas lá vem com outra dança
Muita ſigana de guerra,
Fazendo trinta mil bichos,
Lagartos de legoa e meya.
A Barúna nas mudanças
Com graça moſtrando as pernas,
Que ſó deſtas ſiganices
Fazem taõ grandes michelas.
Mas oh que grandes gigantes!
Fugí mininas á preſſa;
E como ſaõ cabeçudos,
Em braços, pés, corpo, e teſta!
Ay filhas, fugí do touro,
Do Roncaõ parece a beſta;
Sendo touro dos rapazes,
Lá rompe a guarda Tudeſca.

Ay que enveste aos dos forcados!
Ay que lhe daõ na moleira!
Guarde touro dessa gente,
Em forcados naõ se meta.
Mas ay, que vay para o Neto,
Lá lhe levou a carépa!
Meteolhe a ponta no rabo,
Deitou-o fóra da sella.
Tenhaõ lá maõ nesse touro;
Pois que o cavalleiro entra;
E como vem gentilhomem!
Deos te ajude, e te defenda.
Olhay que tres cortezias
Tornando atraz á Franceza;
E como brinca o cavallo,
Como salta nas corvêtas!
Oh que lindo cavalleiro!
Ninguem mais guapo se ostenta;
Vede o ayroso do corpo,
E o compostinho das pernas.
Eylo vay, já busca o touro;
Deolhe o rojaõ pela testa;
Boa sorte, boa sorte;
Lá cahe o bruto ás avessas.
Temos corridos os touros,
De canastra nesta festa;
Agora as cavalgaduras
Entraõ juntas cos carêtas.

Huns cavallos, e outros burros
 Tudo misturado entra,
 Huns com a lança por sima,
 Outros por baixo com sella.
Porém boa gente tudo,
 Porque nos patos he regra
 Correr toda a frandulage
 Descalça de pé, e perna.
Gallos, gallinhas, e pombos,
 E gatos dentro em panellas
 Levaõ á ponta da lança,
 Ou da espada ferrugenta.
Nesta tal semsaboría
 O concurso mais se alegra;
 Pois sobre o miar de hum gato
 A rizada lhe pespega.
Tambem panélla com agua
 Atada na corda espera,
 Para que chova nos hombros
 Do que ao correr lhe faz brecha.
Como festa taõ aguada
 Por isso mais se celebra,
 Correndo por patos pombos
 A cavallo quatro bestas.
No fim de taes cavalladas
 O arreburrinho entra;
 Porque os rapazes naõ fiquem
 Sem voltas, e sem curvêtas.

Eylo vem de rayos grandes,
Eylo vay de roda e meya,
Dando voltas para o vento,
Dando couces para a terra.
De cavalleiro os rapazes
Se armaõ nesta grã contenda;
Huns lá por sima dos outros
Com algazarras diversas.
E para isto se armáraõ
Rua, portas, e janellas!
Ora tem muito bom gosto
Mordomos, que saõ taõ bestas.
Por certo, que as cavalhadas
De patos, pombos, panéllas
Eu desterrara da Corte,
Por pardas, russas, e negras.

Reposta a hũas Freiras, que fizeraõ ao Autor huns quartetos burlescos, e lhos mandáraõ com erros na mediçaõ, e tambem nos consoantes.

SEGUNDAS ENDECHAS.

Minhas lindas Freiras
Lá desse Convento,
Que andais como loucas,
Vadiando extremos.

Recebi de vós
Huns galantes versos,
Que por serem vossos
Vinhaõ muy travessos.
Confesso, senhoras,
E bem o confesso;
Naõ os entendi
Sendo eu taõ esperto.
Sem pés, nem cabeça
Acho que saõ feitos;
Pois saõ sem medida,
Todos ao avesso.
Trazem consoantes,
E toantes feros,
Vem muy fóra da arte
Todos os quartetos.
Trazem pés muy curtos,
E compridos dedos;
Porque maõs de Freiras
Naõ saõ para versos.
Fez falar a hum mudo
O temor de hum ferro,
Vendo que matavaõ
A seu pay Rey Cresso.
Prodigio fatal
Este o considero,
Que fallasse hum mudo
Em grilhoens do aperto.

Ou-

Outro tal prodigio
Em vós hoje vemos,
Pois sem ser Poetas
Dais em fazer versos.
Quem vos obrigou,
Ou que punhal fero
Vos moveo taõ duro,
Para tanto excesso ?
A falta de amantes
Sem duvida creyo
Fazem taes prodigios
Com taõ grandes erros.
Alli a hum Rey
Dá vida o successo,
E outro Rey aqui
Vos dá vida ao verso;
Pois tira os amantes,
Pois tira os extremos,
Em que antes vivieis
Correndo esses ferros.
Já ninguem vos ama,
Fogem deste erro;
Porque amar a Freiras
He só para nescios.
Nós se vos servimos,
Fazeis de nós pretos,
E se vos amamos,
Pagais com desprezos.

Sem-

Sempre abominei
O trato fradeſco,
E fugi de ſer
Burro com cabreſto.
Poſto alguns cavallos
Tem o noſſo termo,
Que inda daõ mil couces
Lá neſſes deſertos.
As albardas tomaõ
Em oſſo, ou em pello,
Sem que á ſilha aperte
Favores de preço.
Trinta mil aſneiras
Tem por bom refreſco
Nas poucas vergonhas
De que naõ tem medo.
Andaõ cõ as cabeças
Dando pelos ferros;
Moſtraõ no que fazem
Pouco entendimento.
Entraõ pela Igreja,
Olhaõ para o tecto,
Como para o Coro,
Com dous mil requebros.
Vaõ-ſe á Portaria;
Recadinho temos;
Vem a Freira abaixo,
Falla hum dia inteiro.

Tudo ſaõ collóquios,
Tudo ſaõ extremos;
Nada ſaõ verdades,
Tudo fingimentos.
Mas que digreſſaõ
Foy a que fizemos?
Torno-me ao aſſumpto,
Só por reprehendervos.
Quem vos mete a vós
A fazer quartetos,
E a dizerme graças,
Em verſo burleſco?
Mas paciencia agora,
Que eu ſou teſo, e creſpo,
E haveis de aturarme
Já que vos eſcrevo.
Quem me a mim procura,
Ha de acharme certo,
Que eu naõ fujo a Freiras,
Nem taõ pouco a verſos.
E a Deos que ſe acaba
A carta, que eſcrevo;
Perdoaime agora,
Se he que o perdaõ peço.

Pescaria de Cupido.

TERCEIRAS ENDECHAS.

HUma vez Cupido
Nú, e crú em pelle
Foy pescar ao Tejo
Feito magarefe.
Naõ levava venda,
Hia de escabeche,
Cum barril de frexas,
E no arco a rede.
Cansado dos homens,
Tambem das mulheres,
Mudou de sistema,
Foy pescar perseves.
Por anzol levava
De ouro hum alfinete
Revirado á moda
Para qualquer peixe.
Huma grande fisga
Levou sobre a frente,
Porque naõ fugisse
Nenhum salmonete.
Tambem muita boya
Levava pendente,
Para os picapeixes,
Que pescar pertende.

Com eſte apparato
Chegou á corrente
Do formoſo Tejo,
Que eſtas prayas enche.
Convocou as Ninfas,
Das aguas Nereides,
Para que ajudaſſem
A lançarlhe as redes.
Depois de lançadas
Duas, e tres vezes,
Tirou caramujos,
E alforrecas treze.
Queixaraõ-ſe as Ninfas
De taõ pouco peixe;
Reſpondeo Cupido,
Que naõ ſe offendeſſem.
Mandou, que outro lanço
Foſſe ao Naſcente,
Porque eſtava o rio
Todo hum mar de leite.
Logo as Ninfas todas,
Em peſcar contentes,
Dando mil ſorriſos,
Deſpediraõ redes.
Entanto Cupido
Noutro bordo eſteve,
Fiſgando lagoſtas,
Caranguejos verdes.

Já nadando as Ninfas
Pescáraõ serpentes,
E lagartos da agua,
Dos que mataõ gente.
O que vendo as Ninfas,
Fugíraõ das redes,
Tremendo com medo
De peixes,que offendem.
Cupido enfiado
Navegando sempre,
Subio a hum penedo
Muito descontente.
As Nereides chama,
Já naõ lhe obedecem,
Queixou-se a Neptuno,
Nem reposta teve.
Socegado hum pouco,
Naõ buscou as redes;
Antes quiz perdellas,
Do que a si perderse.
Do penedo abaixo
Se deitou tres vezes,
E ficou na praya,
Onde se deteve.
Chorou, porém logo
Outro pouco esteve
A buscar conchinhas,
E pedrinhas verdes,

Que como he minino,
Quiz nisto entreterse,
Seu carcás largando
Junto da corrente.
Neste tempo hum Fauno
Lá do mato agreste
Tocando o seu buzio,
A Cupido enveste.
Deolhe surriadas,
Chamoulhe imprudente
Em meterse ao mar,
Sem ser guruméte.
Disselhe que em terra
Caçadas fizesse;
E que o mar deixasse
Ao deos do Tridente.
Cupido fugindo
Já desapparece;
E o Fauno em seu mato
Logo foy meterse.
E se a minha Musa
Teus agrados perde,
Ao Leitor.
Desculpada fica,
Pois naõ teve mestre.
Se ficou Pueril,
Natural foy sempre;
Nunca foy furtada,
Só foy dada á mente.

Tu,

Tu, se queres, julga
Sabio, ou prudente,
Que eu louvor naõ busco,
Pois me naõ compete.
Eu te deixo em paz,
E se mais pertendes,
A Deos pede a gloria,
E essa busca sempre.

Satisfaçaõ do Autor.

OITAVA.

Se esta Musa Pueril em seus accentos
Divindades cantou com fórma humana,
Ficçaõ pura só foy para os alentos,
Com que o metro se adorna, e naõ engana:
Se amorosos formou seus sentimentos,
E em parte recitou com voz profana,
De hum tal descuido aqui (se he q̃ se nota)
Justo canto adiante a Deos já vota.

FIM.

MUSA
SACRA.

MUSA
SACRA
DEDICADA
A' MUITO REVERENDA MADRE
SOROR JOANNA DO APOCALYPSE,
Religiosa da Santissima Trindade no Convento de nossa Senhora dos Remedios em Campolide.

POR SEU IRMAM, E AUTOR

JOAM CARDOSO DA COSTA

Cavalleiro professo na Ordem de Christo, Juiz dos Orfaõs da Cidade de Lamego.

LISBOA OCCIDENTAL.

Na Officina de MIGUEL RODRIGUES, Impressor do Senhor Patriarca.

M. DCC. XXXVI.

Com todas as licenças necessarias.

MUSA SACRA

DEDICADA

A' MUITO REVERENDA MADRE

SOROR JOANNA DO APOCALYPSE

Religiosa da Santissima Trindade no Convento de nossa Senhora das [illegible] em [illegible].

POR SEU IRMAM, E AUTOR

JOAM CARDOSO DA COSTA

Cavalleiro professo na Ordem de Christo, Juiz dos Orfãos da Cidade de Lamego.

LISBOA OCCIDENTAL.

Na Officina de MIGUEL RODRIGUES, Impressor do Senhor Patriarca.

M.DCC.XXXVI.

Com todas as licenças necessarias.

DEDICATORIA
A' MUITO REVERENDA MADRE
SOROR JOANNA
DO APOCALYPSE,

Religiosa da Santissima Trindade no Convento de N. Senhora dos Remedios em Campolide.

SONETO.

POis tributais a Deos devotos cultos
Na clausura, que a sorte vos tem dado;
Estes, que a Musa sacros tem dictado,
Meu peito vos consagra nos indultos.
Se algũ tempo de humanos cãtou vultos,
Hoje como a dedico a vosso estado,
Em vós tem hum espirito inflãmado
A' protecçaõ nos criticos insultos.
Já por vossa esta Musa se eterniza;
Pois como ahi viveis com Deos segura,
Em seu canto a memoria faz preciza:
Se a Musa tem por vós tanta ventura,
Já por minha, e por vossa simboliza
O proveito, que em Deos só nos procura.

Vosso irmaõ, que venera as vossas muitas virtudes.

JOAM CARDOSO DA COSTA.

LICENÇAS.

Do ſanto Officio.

EMINENTISSIMO SENHOR.

EM todas as ſuas obras he admiravel, e relevante o enthuſiaſmo, com que eſcreve Joaõ Cardoſo da Coſta; porque no ſagrado, e no profano cantaõ com relevancia as ſuas Muſas, ſendo ſempre em hum, e outro metro admiraveis os poemas lyricos, moraes, e jocoſerios, com que deixa eſquecidos os Oraculos da Poeſia; e porque emudeceſſem os Zoilos, que quizeſſem criticar ſer nos primeiros tomos a ſua Muſa pueril, pertende agora, que appareça no theatro do mundo eſta ſagrada, em tudo pura na fé, e util aos bons coſtumes: pelo que ſe faz digna de ſe immortalizar no prelo. V. Eminencia mandará o que for ſervido. Lisboa Occidental Convento da Boa Hora dos Agoſtinhos deſcalços 13. de Março de 1736.

Fr. Antonio de Santa Maria.

EMINENTISSIMO SENHOR.

POr ordem de V. Eminencia vi o livro, de que trata esta petiçaõ, e posso affirmar a V. Eminencia, que naõ tendo cousa alguma contra a fé, ou bons costumes, antes sendo todo encaminhado a promover a sua pureza, se faz muito digno da licença pedida; e seu Autor com este devoto testimunho do seu furor poetico se faz mais digno dos applausos, que tem merecido com outras composiçoens, como saõ a sua Musa pueril, e a Musa pueril jocoseria. Lisboa Occidental 13. de Abril de 1736.

D. Caetano de Gouvea C. R.

VIstas as informaçoens, póde-se imprimir o livro de que se trata, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental 14. de Abril de 1736.

Fr. R. Lancastro. Teixeira. Silva. Cabedo. Soares. Abreu.

Do

Do Ordinario.

ILLUSTRISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR.

COm naõ menor impulſo do goſto, que da obediencia, que devo aos preceitos de V. Illuſtriſſima Reverendiſſima, examinei a Muſa ſacra de Joaõ Cardoſo da Coſta, e nada ſe me offerece que arguir, muito ſim, que admirar, naõ ſó no verſo, que he o mais polido, mas na converſaõ, que he a mais perfeita. Trocou a Muſa do Autor a verdura de ſeus primeiros annos, e obras lyricas, e jocoſerias, em que ſe oſtentou pueril na madureza de frutos, e aſſumptos taõ ſagrados, como aqui expoem, e divinamente diſcorre, podendo jactar o meſmo, de que ſe gloría S. Paulo ad Cor. 13. *Cum eſſem parvulus, loquebar ut parvulus, ſapiebam ut parvulus, cogitabam ut parvulus; quando autem factus ſum vir, evacuavi, quæ erant parvuli.* Neſtes termos, nem eu poſſo deixar de approvar taõ ſagrada Muſa, nem V. Illuſtriſſima Reverendiſſima de lhe facultar licença para ſe imprimir. S. Roque 21. de Abril de 1736.

Bartholomeu de Vaſconcellos.

Viſta

VIsta a informaçaõ, póde-se imprimir a obra, de que se trata, e depois de impressa tornará para se conferir, e dar licença, para que corra. Lisboa Occidental 22. de Abril de 1736.

Gouvea.

§ §

Do Paço.

SENHOR.

LI o livro intitulado: *Musa sacra*, escrito por Joaõ Cardoso da Costa, Cavalleiro professo na Ordem de Christo, e Juiz dos Orfaõs da Cidade de Lamego, que quer imprimir, para o que pede licença a V. Magestade, e porque a materia, de que trata, como sacra, pertence ao Ecclesiastico, (de que tem as licenças necessarias) me parece que tambem V. Magestade lha deve conceder com mayor razaõ, depois que se lhe deo para imprimir a Musa pueril, e jocoseria, porque nesta segunda obra faz huma retractaçaõ da primeira, e sem emenda da Arte reforma a materia por ser mais util á moralidade de suas idéas, e

ao

ao exemplo dos que nas obras profanas invocaõ Musas fabulosas, quando nas sagradas podem achar auxilios verdadeiros, com que chorem as suas culpas, e cantem em verso mais sublime louvores a Deos, para que foraõ creados, como diz Cornelio à Lapide Eccles. 44. vers. 5. *Deus veterum ore Poetarum, legem gentibus ferens, per aurem blande lapsus in mentem suavitate carminum, imperium invasit animorum, ut cœli delicias, amoremque numinis amantissimi raperet.* Este he o meu parecer. V. Magestade mandará o que for servido. Lisboa Occidental 27. de Abril de 1736.

Joaõ Couceiro de Avreu, e Castro.

QUe se possa imprimir, vistas as licenças do santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará a esta Mesa para se conferir, e taxar, e dar licença para correr, sem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental 28. de Abril de 1736.

Teixeira. *Bonicho.*

DES-

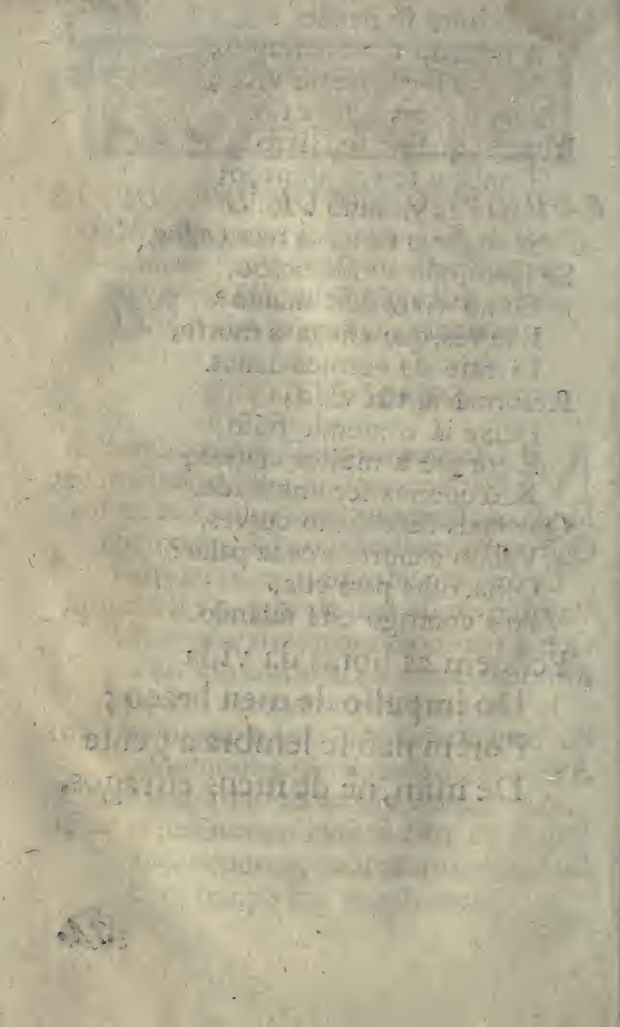
DESPERTADOR
para o relogio da vida.

PREFAÇAM.

MOrtal, que deſcuido he eſſe,
Com que vives deſcanſado?
Olha que naõ tarda a morte,
Pois vay para ti voando.
Infallivelmente morres,
Porém naõ ſabes o quando;
Deixa, deixa já loucuras,
Eſtá ſempre aparelhado.
Quando menos o cuidares
Entaõ te irá deixando,
Já deſpojado da vida
Por decreto ſoberano.
Attende aos golpes, que atira,
E eſtá ſempre diſparando,
Sem que huma vida lhe eſcape
Aos rigores do ſeu braço.
He triunfo quanto emprende,
Num minuto executado;
Pois tendo horas a morte,
Sem tempo faz os eſtragos.

Da

Da ſua hora ſó pende
A hora do teu naufragio;
Mas tu loucamente vives,
Sem fazeres diſſo caſo.
Repara, que no ſeu livro
Tambem te vês aſſinado;
E tal vez virando a folha
Se acabe o termo a teus paſſos.
Se ſabes, que a vida acaba,
Como vives deſcuidado?
E ſe vês, que chega a morte,
Livrate de eternos danos.
Reforma já tua vida;
Deixa já o mundo falſo;
E porque a muitos engana,
Naõ queiras ſer enganado.
Que mais deſengano queres,
Vendo a morte a cada paſſo?
Olha, olha para ella,
Pois comtigo eſtá falando.

Pendem as horas da vida
Do impulſo de meu braço;
Porém naõ ſe lembra a gente
De mim, nẽ de meus eſtragos.

SAHINDO O AUTOR DO PUERIL estado de seus annos, invocou a sua Musa, para chorar os seus erros, pedindo-lhe, que cessasse de dictar versos humanos, constituindo-se sacra.

SONETO I.

MUsa, que no pueril pouco advertida
Cãtaste enganos, loucos pensamẽtos,
Muda os assumptos, sobe os teus accentos,
Que outro melhor furor já te convida.
Deixa descuidos teus, e convertida
Vay formando teu canto entre lamentos,
Que a sentidos impuros, sentimentos
Minoraõ danos de hũa incauta vida.
Já teu sacro furor exprime orando,
Por bem do racional (se he que advertido)
A teus ecos attende aqui chorando:
Ajuda-me a mudar de outro sentido,
Pois se eu mais, q̃ ninguem em culpas aṅdo,
Eu te quero attender já convertido.

SONETO II.

QUiero yá de mi vida hazer mudança,
Pues errando haſta aqui fue ſin govier-
Quiero huir del tormento del infierno; (no,
Y del Cielo tener buena eſperança.
(cança
Quiero bolverme a Dios, pues Dios no
De me dar en ſu gloria un guſto eterno,
Y pues devo a mi Dios amor paterno,
Como hijo he de amarlo en fiel balança.

Deſpreciar quiero al mũdo mi contrario,
Y no mas que a mi Dios ſervir aſpiro,
Dexando de offenderlo temerario:

A mi bolved mi Dios, que en vós reſpiro,
Que en mi pecho hallareis un fiel ſacrario,
Quando muere por vós, quando os ſuſpiro.

SONETO III.

CHoro, meu Deos, sentido de naõ verte,
E naõ quero já mais, senaõ servirte;
Como animoso vou, quando a pedirte,
Se a minha vida foy sempre perderte!

Ay meu Deos, minha vida, q̃ o offenderte
Foy o mal, que de mim fez dividirte;
Duro sou! Mal andei em naõ seguirte,
Mandame tu, Senhor, para que acerte.

Tudo fóra de ti he dura sorte,
Quem te naõ busca a ti, nem sabe amarse;
Pois se perde em seu mal, buscando a morte.

Minha alma em ti, meu Deos, só quer (acharse,
E pois já busca em ti felice o norte,
Permittelhe esse bem para salvarse.

Por ser o Autor de fraquissima memoria, a deprecou á Virgem N.Senhora.

SONETO IV.

O Poder de Maria sempre valido, (rimo
Para cõ o filho humano Deos pulcher-
(Porq̃ he refugio ao peccador miserrimo)
Me soccorra, e dê cor, pois vivo pallido!

Vós conheceis Senhora quanto invalido,
Tenho por pouco entendimento acerrimo,
Pois me naõ fica quanto impigerrimo
Eu pertendo adquirir no estudo calido.

Por vós Virgem, e Mãy do Unigenito
Espero ainda ser sapientissimo,
Glorificando ao vosso Primogenito:

Se sou filho de vós (já meretissimo)
Me day o entendimento ainda incognito,
Para darvos louvor mais felicissimo.

Ao peccador.

SONETO V.

O'Tu ſe por deſgraça te arrojaſte
A quebrantar de Deos a ley ſegura;
Chora perpetuamente em quanto dura
O breve fio á vida, que alcançaſte.

Se tu, bem conhecendo o quanto erraſte,
Chorares do caſtigo a deſventura,
Deos ouvirá teus ays na gloria pura,
Repetindote a graça, que deixaſte.

Porém ſe te naõ does do que fizeſte,
E te eſqueces de Deos, que eſtá chamando,
Bem podes entender, que te perdeſte:

Ay de ti miſeravel, dize, quando
Tornarás a teu Deos, pois o offendeſte?
Tornarei logo, e já, pois vou chorando.

A qualquer estragado peccador.

SONETO VI.

O'Tu, que em vida corres delatada,
Suspendelhe esse curso taõ malino,
E acharás (suspendo-o em teu destino)
O breve fio á vida mal lograda.

Naõ te fies já nella, que estragada
Te faz da eterna assim perder o tino;
E se tu nessa vida es peregrino,
A mesma vida em ti foy desgraçada.

Se pouco dura ao mundo a formosura,
E taõ pouco da neve os seus alvores,
E a melhor flor tambem taõ pouco dura:
Se assim vês tudo, ó homem entre os (peyores,
(Como fias em vida mal segura)
Mais que tudo, de Deos teme os rigores.

Morte.

SONETO VII.

ESta horrenda figura, q̃ aqui vês (ser;
Te mostra em triste sombra o q̃ has de
Poemlhe esses olhos teus, e a torna a ver,
Que eu seguro no teu proveito dês.

Nessa vida que tens, dá hum revés,
Teme da horrivel morte seu poder;
E vê que te ameaça, e que has de ter
Muito peyor a sorte da que qués.

Naõ desprezes aviso taõ fiel,
Quando a mesma em horror a ti te vê
Nessa vida que tens, sendo infiel:

E pois se es quasi o mesmo que ella he,
Representa na vida outro papel,
Em que a morte depois morte naõ dê.

Juizo.

SONETO VIII.

(roso
HUm pasmo horrendo, hum dia teme-
Haõ de ver os meus olhos no juizo;
Mas tendo agora a tempo hum fiel aviso,
Já naõ temo este dia tormentoso.

Se entaõ me ha de julgar Deos rigoroso,
Eu me preparo já como he preciso,
Para achar, como em premio, hum Paraiso,
Que me promette Deos como piedoso.

Tudo gloria será, sendo a esperança
Entre o merito meu a que me envia
Premio, e favor no bem, que alli se alcança:

E pois o meu querer em Deos confia,
Já naõ temo ao meu bem fatal mudança,
Se o Juiz me avisou para este dia.

In-

Inferno.

SONETO IX.

OH tu eterno fogo! Oh prizaõ dura!
Quem te vê taõ cruel, taõ rigorosa,
Como póde pintarte,em verso, ou prosa,
Se vê que em ti se cifra a desventura!

Mal te póde pintar quem já procura
Fugir de ver em ti sombra horrorosa;
Pois só em contemplarte, já pasmosa
A idéa se vê nessa pintura!

Rigor mayor será, magoa excessiva
Perder o ver de Deos a face clara,
Para só verse arder em pena viva!

Mas oh! Se o homem nisto bem cuidára,
Logo largára a culpa taõ nociva;
Só nos braços de hum Deos só se entregára.

Inferno.

SONETO X.

TU, que vês nesta quéda a sepultura,
Que a teu corpo ha de ser em fogo hor-
Na tua vida má poem logo emenda, (renda,
Pois vês aqui o rigor, e a desventura.

Fugir destes tormentos só procura,
Já recorrendo a Deos, porque te attenda
Naquella triste hora taõ tremenda,
Em que julgada he qualquer creatura.

Olha a desgraça nos que abraza a chãma,
Olha em horrores, aos que o mundo via
(Quasi adorados) na mais branda cama:

A ti te vê tambem, que aqui te envia
Essa perversa vida, que te inflãma,
Quando perdes da graça o claro dia.

Inferno.

SONETO XI.

FOge deste profundo lago estreito,
A que o peccado leva eternamente,
E te póde abrazar seu fogo ardente
Com furor immortal todo esse peito.

Vê nestes condenados teu defeito;
E se te causa horror mortal serpente,
Os teus passos emenda diligente
Pondo este tormento em teu conceito.

Se naõ fenece a dor dos que atormenta,
Como queres mortal, que naõ te alcance,
Quando o peccado aqui trazerte intenta?

Oh que mal, que temor! (terrivel lance)
Terás, vendo-te aqui, se naõ te izenta,
E o contemplar no inferno naõ te cance.

Paraiso.

SONETO XII.

DO Paraiso em Deos gloria descança;
Immensa a gloria he, e em Deos con-
Como gloria taõ grãde eterna existe, (siste;
De explicar gloria tal perco a esperança.

Tal gloria satisfaz, naõ faz mudança;
E se posto esta gloria nunca viste;
Desta gloria, peccando, tu fugiste,
Quando a gloria por bẽ só bem te alcança.

Busca a gloria immortal, q̃ aqui te espera;
Contempla a gloria aqui de alta ventura,
Como gloria de Deos, que a reverbera:

E sendo a gloria em Deos excelsa, e pura,
Todo o justo na gloria he primavera,
Toda a gloria com Deos só está segura.

A Christo Senhor nosso no Calvario.

SONETO XIII.

COm sentimento as pedras se partíraõ,
E o vêo se rasgou com sentimento;
Mas eu vendo a Jesus em tal tormento,
Sinto mal quanto as pedras mais sentíraõ.

Se em vossa morte os valles se atordíraõ
E o claro Sol perdeo seu luzimento;
Como resiste á dor meu duro alento,
Se contra vós peccar tambem me viraõ?

Concorri para a dor, que ellas acháraõ,
(Morrendo vós por mim, amante fino)
Quãdo pedras no amor de mim triunfáraõ:

Se estas pedras na dor tem seu destino,
E a mayor sentimento me ensináraõ,
Meu sentimento já seja divino.

A Christo crucificado.

SONETO XIV.

MEu amado Jesus, quem dessa sorte
Vos tẽ posto na Cruz taõ maltratado?
Quem vos rasgou, meu bem, puro esse lado?
Que barbara naçaõ vos deo tal morte?
(forte?
Quem cravou nessa Cruz a hũ Deos taõ
Quẽ seria? Ay de mim! Que o meu peccado
A mim me accusa só como a culpado
Nas offensas, que fiz errando o norte!

Eu o tyranno fuy desconhecido,
Eu dobrei os tormentos a essa vida,
Multiplicando os golpes de atrevido!

Mas porém, já minha alma convertida,
(Como chora o havervos offendido)
Em vós busca o perdaõ de arrependida.

A Chriſto crucificado.

SONETO XV.

EU meu Senhor,meu Deos,eu q̃ atrevido
Cruel vos offendi na Cruz cravado,
Venho fugindo a vós, do meu peccado
Taõ graviſſimamente perſeguido.

Se atégora de vós andei fugido,
Naõ ſahirei já mais de voſſo lado;
Porque ſó neſſe peito taõ raſgado
Quero fazer morada convertido.

Reparai meu Senhor,que a vós recorro;
Naõ deſprezeis meu Deos quẽ vos procura,
Para alcançar de vós alto ſoccorro:

Se buſco em voſſas maõs vida ſegura,
E ſe já por vós vivo, e por vós morro,
Naõ me negueis, meu Deos, tanta ventura.

ESPEJO DE LA MUERTE.

Dictamenes ſobre los terminos de la dolencia eſpiritual, y corporal del hombre.

O C T A V A S.

I.

MIra hombre, que enfermo te avizinas
A tu lecho, doliente en los delitos;
Y ſi aora las culpas nó terminas,
Muy preſto te hallarás con los percitos:
Eſſa condenacion, que te fulminas,
La deshecha de ti en llanto a gritos,
Antes que mires con la muerte fiera
El termino infeliz de tu carrera.

II.

Nó ſe tarda la hora de la muerte
Con qualquiera dolencia de la vida;
Y ſi infermo te hallaſte en mal tan fuerte,
Al alma atiende expueſta a la partida:
Mira, ſi pierdes la dichoſa ſuerte,
Que nó puedes cobrarla, pues perdida
Solo hallarás en el profundo abiſmo
Eterna muerte, y eterno paraciſmo.

III,

III.

Lava tus culpas oy arrepentido;
Sigue en exemplo a ſantos peccadores,
Quando echáron ſus guſtos en olvido,
Deſaziendo con llanto ſus errores:
Se Dios buſca, y abraça almas perdido,
A Dios te llega, abraça ſus favores,
Nó te auſentes ingrato a la ventura,
Quando un Dios vida eterna te aſſegura.

IV.

Ruega a Dios purifique tu conſciencia,
Confeſſando las culpas cometidas,
Pues de la confeſſion es la excelencia
Dexar puras las almas, y las vidas:
Llegate humilde, y rinde la obediencia
En contricion de lagrimas vertidas,
Y pues miras a Dios a ti inclinado,
Buelve a ſu gracia con mudar de eſtado.

V.

Nó recuſes el bien, que te procura,
Y quiere darte Dios divinamente;
Y ſi del Cielo miras la hermoſura,
Del ſuelo renuncia lo aparente:
Si Dios es bien, que eternamente dura,
Nó amar a ſu deidad toda la gente,
Es un yerro, que llega a ſer inſulto,
Dando al abiſmo, y al demonio el culto.

VI.

VI.

El Pan divino, que baxó del Cielo,
Sea comida de tu gusto grato,
Y gustando la vida en tal disvelo
Já más tu paladar le sea ingrato:
Siendo manso Cordero, en blanco velo
El se transforma en ti con dulce trato;
Y si llegas a ser quasi divino,
Que hagas culpas humano, es desatino.

VII.

Prepara el alma, pues los peccadores
Tambien los busca Dios como perdidos;
Siempre llegan a tiempo sus favores
Dando-se todo a todos convertidos:
Huyan de ti, si le amas, los temores,
Que el te llebanta oyendo tus gemidos;
Y quien busca la oveja desgarrada,
Tambien te busca a ti, porque le agrada.

VIII.

Yá pues, ó peccador, dexa las iras
En los sintômas, que te trahe la quexa,
Que si miras a Dios, y en el respiras,
Essa angustia mortal de ti se alexa:
Si del mal, que padeces, tu te admiras,
Mayor mal a tu mal a ti se anexa,
Y assi será mejor a Dios llamando
Poner en Dios tu coraçon llorando.

IX.

Como eres paſſagero en eſte mundo,
Ajuſta bien las cuentas de tu vida,
Huyendo a los horrores del profundo
En la primera, y ultima ſalida:
Si á qual tranze fatal llegas immundo,
Ay de ti miſerable, que perdida
Tu alma ſe hallará con la mudança,
Para con Dios yá muerta la eſperança.

X.

Mira la ley de Dios, que es infalible
La verdad, que te enſeña ſu dictamen,
Y ſi perdido vás, caſo terrible!
Penas ſeran las que tu pecho inflamen:
Ajuſta el teſtamento en lo poſſible,
Tan juſto, que de injuſto nó te aclamen,
Porque la ley de Dios todo lo ordena,
Quando en juſticia dá la eterna pena.

XI.

Si ſabes yá las coſas, que convienen,
Y del Cielo executas los precetos,
Oh quan dichoſo tu, pues te pervienen
Alabanças los juſtos, y diletos:
Los bienes, que hazes, más doblados vienen,
Y los del Cielo a ti tienes ſugetos;
Porque es la caridad la que desfruta
Ciento por uno, y más tal vez tributa.

XII.

Lo que deves,por bien de la justicia,
A quien toca, lo dexa sin contienda;
Ni te mueva el affecto, ó la caricia
Para alienar aun parte de tu hazienda:
La prudencia tambien será propicia
Al que quedar en ella, porque atienda
Al soccorro, que deve sin engaño,
Con pervencion moral huyendo al daño.

XIII.

El tiempo, el Angel, y á la muerte miras,
Todos te lleban, y te aguardan todos;
(Con el Angel al Cielo te retiras,)
Y te combaten por diversos modos:
No te dexa la muerte, aun que te admiras,
El tiempo si con alas en sus codos,
Porque mires por ti en los instantes,
Que te concede, porque aciertes antes.

XIV.

Se tu yá bien dispuesto te adelantas,
Nó temas nó desdichas en tu estado,
Que a la divina gracia tu le cantas
Mil canciones de espirito abrazado:
Mas oh que gusto aqui de glorias tantas
Ha de alentar tu pecho reclinado,
Si con el Angel advertido miras
Glorias del Cielo, quando las suspiras!

XV.

XV.

La guardia pura, que del Cielo vino,
El Angel digo, que comtigo existe
Te muestra en Christo luz, vida, y camino,
Te enseña en la oracion lo que consiste:
Si Christo Dios amandote previno
Remedio a las maldades, que emprendiste,
No dexes el camino de la vida,
Pues te conduze a la immortal salida.

XVI.

La caridad, la fé, y la esperança
Te prometen de Dios eternos bienes;
Nó se entristece nó quien los alcança
Gozando eternos, dulces parabienes:
Y si el justo con Dios siempre descança,
Como sin hir a Dios aun te detienes?
Mas si le buscas resignado en ello,
Serás un sol con esplendor más bello.

XVII.

La extremauncion vivificante debe
Tu pecho recibir con alma atenta,
Pues se la dexa pura como niebe,
Por sacramento, que salud augmenta:
Dissolver tanto bien nada se atrebe,
Antes recrea quando más te alienta,
Pues siendo sacramento, ha de ser fuerte,
Ultimo en vida, y unico a la muerte.

XVIII.

El ſiervo ſabio, juſto, y verdadero
En nada teme la eſtacion poſtrera,
Yanhelando el morir es el primero,
Que yá ſuſpira al termino, que eſpera:
No dobla en algo el coraçon ſincéro;
Lo proſpero, y adverſo nó le altera;
De lo malo ſe aparta ſolamente,
Con rectitud, con coraçon prudente.

XIX.

Si te tienta el demonio enfurecido,
Conſtante le reſiſte, porque es dado;
Que a ſus fuerças tu ſeas combatido,
Porque lo dexes a tus pies poſtrado:
Si el tentador de Chriſto fue vencido,
Quando allá en el dezierto fue tentado,
Chriſto te ayudará, ſê tu conſtante
Recogiendote a Dios, ſiendo ſu amante.

XX.

Si el demonio nó dexa ſu porfia,
No dexes tu tambien la reſiſtencia,
Armate de oracion en noche, y dia,
Dandote a Dios con mucha reverencia:
Y ſi el maligno eſpirito porfia,
Ni por eſſo deſmaye tu paciencia,
Que el nó puede vencerte denodado
Si le reſiſtes de conſtancia armado.

XXI.

Aun que sean tus culpas sin medida,
No desesperes, porque Dios nó cessa
De perdonar al alma arrepentida,
Quando las culpas con verdad confiessa:
Si el demonio en los passos de tu vida
Hazerte confuzion alguna empieça,
Nó le creyas tambien, que la fé pura
En Dios solo descança, y se assegura.

XXII.

Nó pienses nó tambien, que de justicia
Te deve Dios el Cielo prometido;
Porque aun que viviesses sin malicia,
La soberbia deshaze lo adquirido:
Se tu vida fue justa, y te acaricia,
Sabe, que amar a Dios siempre es devido;
Assi de la sobervia, y vanagloria
Huye, si quieres alcançar victória.

XXIII.

Mira al dragon, que tanto más persigue
En la hora fatal de la partida,
Y sus combates más aqui dirige,
Imaginando el alma enflaquecida:
Con subtilezas te combate, y sigue;
Más como es su maldad tan conocida,
Claro se vê lo vences desde aora
Echandole al abismo, en donde mora.

XXIV.

Christo murió, passando este tormiento
Con la muerte afrentosa a sua innocencia;
Tu tambien morirás, porque tu aliento
Tiene en el ser de humano esta obediencia:
Si ha de venir, la espere tu contento,
Sin que la estrañes, ni hagas resistencia;
Porque la voluntad de Dios ordena
A los mortales de morir la pena.

XXV.

En remedios humanos nó confies,
Mas los admite en quanto vida tienes;
De los del alma nunca te desvies,
Porque dan vida, y immortales bienes:
En amor transitorio nó porfies,
Pues desengaños a tu vida tienes;
Que se te hallas en braços de la muerte,
Buscando al Cielo, nó podrás perderte.

XXVI.

Christo camina por llevarte al Cielo,
Buelve a su Cruz, y sigue tu camino,
Que si la abraças con mayor disvelo,
Ella tu salvacion feliz previno:
A la vista de Dios te vás del suelo,
Gozale allá con más feliz destino,
Que nó puede dexar de darte gloria,
Si tu llevas por palma esta victoria.

OITAVAS

a diversos assumptos.

Conselho.

OITAVA.

SE tu sabes, mortal, que acaba a vida,
Se conheces, que a culpa te condena,
Se tu no inferno vês taõ sem medida,
Que contra ti tal fogo alli se ordena:
Como qués contra ti ser homicida,
Procurando o rigor da eterna pena?
Deixa, deixa os teus erros miseravel,
Foge, foge a hum tormento inexplicavel.

Si nó miras a la muerte, te habla una calabera.

OCTAVA.

DE quanto me adorné enmascarada,
Quãdo admirava el mũdo mi grãdeza,
Si cayó como flor (pompa soñada)
En tumulo de horror mi gentileza:
Yá no clabel, ni rosa soy mirada,
Y solo lo que soy, es tu belleza;
Y porque tu serás presto conmigo,
Que mires por tu vida, es lo que digo.

Ponderação.

OITAVA.

QUem do nada formou a creatura? (no?
Quẽ deo alma immortal ao ser huma-
Quem esmaltou dos Ceos a formosura?
Quem deo luz, quẽ deo tempo ao mũdo in-
Quem deo fructificada a terra dura? (sano?
Quem nos dá morte a nós sem ser tyranna?
Quẽ, senaõ Deos, q̃ he pay de gloria eterna,
Pelo qual Ceo, e terra se governa.

A Christo nuestro Señor.

OCTAVA.

YA' te busco mi Dios, y Jesus mio,
Clavado en essa Cruz, Christo adorado,
Y pues que por amor yá en ti confio,
El tuyo aora atienda a mi cuidado:
Si perdió tu atencion mi desvario,
La pretendo desde oy más desvelado,
Que essa Cruz, en que amor tanto blazona,
Con perdon de mis culpas se corona.

Al Sacramento Santissimo.

OCTAVA.

OH que sabroso pan! Oh que delicia!
Que ternura! Que gusto! Que portẽto!
Sustento de la Angelica milicia!
Tu solo puedes darme tanto aliento:
Más que el Maná tu gusto me acaricia,
Porque el se corrompia al blando viento,
(Si representacion fue tal comida)
Tu dás gusto, dás alma, y dás la vida.

Saudades da alma amante de Deos.

In lectulo meo per noctes quæsivi quem diligit anima mea. Cant. 3.

OITAVA.

BUsqueite em noite, e dia, e naõ te achei
Amado Esposo meu, todo o meu bem,
E depois naõ te achando me tornei
A sentir o meu mal mais que ninguem:
Só por te amar, Senhor, tudo deixei,
E o naõ verte a ti morta me tem,
Pois a minha saudade, oh Deos, he tal,
Que igualalla naõ póde o mayor mal.

OI-

OITAVA.

NO Paraiſo a gloria ſublimada
Dos coraçoens mais puros poſſuida,
He o centro da alma deſterrada
No tranſitorio termo deſta vida:
Tudo o de cá he ſombra, he vento, he nada
A'viſta deſta gloria taõ ſubida,
Porque he Ceo, Paraiſo, e patria pura,
Onde ſe tem ſem fim toda a ventura.

ROMANCES.

ROMANCE I.

SEnhor, Senhor, eſta hora,
Que aqui proſtrado fluctua
Hum coraçaõ macilento
Deſta vida mal ſegura.
Eſte corpo taõ ingrato,
Que tanto á alma deslustra,
Quaſi ſem formar palavra,
Por andar morto na culpa.
Eſte enorme, torpe, e cego
Entre toda a creatura,
Que deixou de ver o Sol
Por fazer a viſta bruta.
Eſte que deixando o Ceo,
Que o bautiſmo lhe aſſegura,
Poz em ſi, ſendo já claro,
Manchas, que ao alvo desluſtra:
Eſte que deixando a graça,
(Que conduz vida mais pura)
Se deixou cahir no lodo
Da vida, que aqui caduca.

Eſte

Este Pigmeo entre os homens,
Este nónada, em que dura
O peccado por costume,
O delirio no que adulla.
Este ingrato rebelado
Contra vós, bondade summa,
(Que sendo nada) do nada
Fez gala sempre da culpa.
Este, que só sendo terra,
E sendo de terra impura,
Deo para o mal muitas horas,
E para o seu bem nenhuma.
Este bruto, incauto, e torpe,
Que quebrou a ley mais pura,
Fugindo de vós, meu Deos,
Para as cavernas profundas.
Este sou, eu sou o mesmo,
Que sendo humilde creatura,
De monte a monte as offensas
Augmentei por minhas culpas.
Eu sou, Senhor, (ay de mim!)
Aquelle, que a desventura
Levou peccando ao inferno
Fazendo a alma defunta.
Eu sou aquelle, que ingrato
Atropelei com a culpa
A graça, que vós me destes,
Sem vos mercer cousa algũa.

Eu

Eu sou quem contra vós fuy,
E quem já em vós procura
Achar remedio a meus males
No perdaõ, que o peito busca.
Perdoaime vós Senhor,
Pois minha alma está segura,
Vendo que a naõ desprezais,
Quando o pezar articula.

A Christo crucificado.

ROMANCE II.

SEnhor, lembraivos de mim,
Que ando no mundo esquecido
De executar quanto vós
Nos ensinastes benigno.
Naõ deixeis, Senhor, que corra
Minha alma mayor perigo,
Pois a livrastes de tantos,
Depois de a teres remido.
Vede com clemencia vossa
O mal, que obrou meu delirio;
Naõ desprezeis quem conhece,
Que ha contra vós delinquido.
Vedeme amante Jesus,
Vedeme Deos infinito,
Que se olhares para mim
Já mais serei confundido.

Naõ

Naõ seja a justiça agora
A que examine os delictos,
Mas seja a vossa clemencia,
Para vos ver compassivo.
Bem sey, que minhas torpezas
Me fazem de vós indigno;
Porém de outra parte vejo,
Que fuy já por vós remido.
Possa mais, Senhor, o vervos,
(Pois em vervos tenho alivio,)
Que o mal, que tanto estimei
Quando de vós inimigo.
Prostrado, Senhor, vos peço,
Pois venho humilde a pedirvos,
Que vejais minha miseria,
Pois sou das culpas cativo.
Só vós me livrai Senhor
Da confusaõ deste abismo,
Naõ me deixeis nos horrores
Como demonio perdido.
Mas ay, meu Deos, quanto tremo
Do mal só em referillo;
Pois nelle me vejo ingrato,
Já contra vós inimigo!
Como naõ morro de pasmo!
Como naõ vivo sentido!
Pois vos offendi meu Deos,
Sendo eu da terra limo.

Mas

Mas oh, que vejo nos brutos
Se portaõ com mais inſtinto,
Naõ tendo hum pay, que os eſtime
Como a mim hum Deos benigno.
Vós me amais, (eu o confeſſo,)
E com hum amor taõ fino,
Que os Anjos paſmaõ em ver,
Que ſois mal correſpondido.
Meu Deos, oh quem vos amára
Com hum amor nunca viſto!
Quem ſe parecera amando
Com hum Serafim do Empyrio!
Mas ay, como aſſim ſe atreve
A falarvos hum bichinho;
Depois de tantas offenſas,
Depois de tantos delitos!
Porém, como ſois clemente,
Para falarvos me animo,
Como o Prodigo a ſeu pay,
E como a pay qualquer filho.
Falará minha alma amante
Clamando entre meus ſuſpiros:
Ay triſte de mim, que tenho
A meu Deos muito offendido!
Senhor, Senhor, nunca eu chore
Lagrimas de cocodrilo;
Sejaõ meus lamentos veras,
Sayaõ de meus olhos rios.

Eſte peito, e o coraçaõ,
Eſtes olhos, e os ſentidos
Só em vós meu Deos ſe empreguem,
Só em vós Deos infinito.
Naõ haja couſa que deixe
De offerecervos meu alivio;
Pois ſois tudo para todos,
Tudo vos ſeja offerecido.
Todas as almas ditoſas,
Que aſſiſtem no voſſo Empyrio
Por mim ſe offereçaõ amantes
Nas aras, nos ſacrificios.
O Sol, a Lua, as eſtrellas,
O mar, a terra, e ſeus rios
Vos clamem, Senhor, que eu fique
Sem macula de delitos.
Mais que tudo voſſa Mãy,
Meu Jeſus, meu Deos benigno,
Seja a oradora que alcance
O perdaõ, porque ſuſpiro.
Que ſerá de mim Senhor,
Senaõ chego convertido,
Como S. Pedro chorando
De amor, e na dor contrito!
Senhor, já amante conheço
No que fuy deſconhecido,
E corrido a vós reccorro,
Para fugir a meus vicios.

Per-

Perdoai Senhor a hũa alma,
Por quem vós amante fino
Obraſtes o grande extremo
De unir o humano ao divino.
Jeſu, vida de minha alma,
Amante Deos compaſſivo,
Day vida a quem vola pede
Das culpas arrependido.
Valhaõ-me as chagas profundas
Deſſas maõs, e pés divinos,
Para libertar minha alma,
Para desfazer meus vicios.
Senhor, eu feito de barro,
E pó antes de naſcido
Vos peço perdaõ geral
Dos males, que fiz delitos.
Sem o temor de offendervos
Fuy nas culpas ſumergido,
Porém vós para ſalvarme
Baxaſtes do Ceo Empyrio.
Mil graças vos dou meu Deos
Pelas mercés, com que vivo,
Porém vos peço Senhor
Naõ entreis comigo em juizo.
Mal poſſo eu, ó meu Deos,
Achar deſculpa a meus vicios;
Calarei, pois nada ſou,
Serei mudo comprehendido,

Mas pedirvos misericordia
A vós, será meu alivio,
Quando sey naõ desprezais
Qualquer coraçaõ contrito.

Acto de contriçaõ, o qual sendo verdadeiro, como nelle se requer, poẽ ao peccador logo na graça de Deos.

Deos, e homem verdadeiro,
Senhor, e meu Jesu Christo:
Só por serdes vós quem sois
He que vos amo, e estimo.
Porque sois summa bondade,
De perfeiçoens infinito,
Me peza, Senhor, das culpas,
Com que vos tenho offendido.
E como vos amo muito
Sobre tudo, Deos benigno,
Vos peço me perdoeis
Minhas culpas, meus delitos.
Com vossa graça proponho
Naõ peccar, e em vós confio
A salvaçaõ de minha alma,
Pois sou por vós redemido.

Acto de attriçaõ, que poẽ em graça junto com a confissaõ.

Pezame Deos, e Senhor
De vos ter eu offendido,
Pois temo perder a gloria
Que tendes no vosso Empyrio.
Pezame, porque receyo
Ser no inferno sumergido,
E temo tanto estas penas,
Quanto já sinto os delitos.

Per-

Pertendo com vossa graça
Ter o perdaõ, que suspiro,
Pois choro feyo o peccado,
E estou delle arrependido.

A Christo crucificado.

ROMANCE III.

MEu Deos, meu amor, meu bem,
Meu Rey, meu pay, meu alivio;
Meu Jesus, meu Redemptor,
Da alma Esposo, meu querido.
Porém como assim Senhor
Na Cruz vos vejo ferido,
Sinto mais minhas maldades,
Por serem disso o motivo.
Ay meu Deos, ay meu Jesus,
Quem chorára de contino
Por vos ver taõ maltratado
Nos tormentos sem alivio.
Se formára de meus olhos
Com lagrimas muitos rios,
Pouco fizera, pois mares
Devo chorar convertido.
Foy taõ enorme o meu erro,
E taõ fero o meu delirio,
Que peccava por costume,
Fazendo disso capricho.

Mas ay meu Deos, meu Senhor,
Quantas culpas naõ refiro,
Por serem tantas, que excedem
O numero do algarismo!
Muitos foraõ meus peccados,
Mas que muitos, Deos benigno,
Se vós podeis perdoar
Mais peccados do que eu digo!
O rio entrando no mar
Logo deixa de ser rio;
Assim eu no mar das culpas
Deixei de ser vosso filho.
Em mar de culpas me vejo,
Pois em mar de culpas lido,
Em cada onda buscando
O meu fatal precipicio.
Corro já desarvorado,
Das tormentas opprimido;
Mas oh que já chego ao porto
Do meu doce Crucifixo.
Sayo já do mar das culpas
Depois de alijar meus vicios,
Chorando a fera tormenta
De meus feros desatinos.
Quem tal carga naõ tivera!
Oh que me corro, e me admiro,
Que quizesse eu mesmo ser
De mim proprio precipicio!

Corri ſem temor, nem pejo;
Mas que digo! Se os delitos
Eraõ idolos, que adorava,
Louco, e cego ſem diſtinto!
Que importa, Senhor, que importa
Ser no mundo deſperdicio,
Se para a gloria, que eſpero,
Aſſim ſe perde o caminho!
Que importa dar largos paſſos,
Se de cada paſſo tiro
Hum Etna, que me atormenta
Com mil tormentos do abiſmo!
Meu Deos já fujo de offenſas,
E deſprezo já meus vicios;
Só porque ſaõ contra vós,
Porque vos amo, e eſtimo.
Naõ quero mais que adorarvos,
Nem quero mais que ſervirvos;
Com dor ſó chorar pertendo
Quanto vos tenho offendido.
Aſſim meu Deos, meu Senhor,
Achevos hoje benigno
Hum filho voſſo, que errando
Já vos buſca arrependido.

Para con Dios.

ROMANCE IV.

Tierno amante Dios benigno
No me desempares nó:
Muebante lagrimas mias,
Pedaços del coraçon.
Mirame dueño del alma,
Pues llego a offrecerte oy
Todo postrado el affecto,
Pidiendo del mal perdon.
No vea mayor castigo
El error que te ultrajó,
Basta ver tu rostro ayrado
Un tan flaco, y peccador.
Por el peccado te pierdo,
Como es possible Señor,
Que se pierda lo infinito
Por un gusto que boló!
Mas ay de mi, dueño amado,
Si no oyes mi clamor,
Onde iré que más te obligue,
Si aora pido el perdon?
Oye Señor mis suspiros,
Perdona a un Judas traidor,
No me dexes en tinieblas,
Pues eres desta alma el Sol.

Dá luz Señor a mi sombra,
Pues menos, que sombra soy
En dexar lo que era de antes,
Por el peccado, que error!
Que será de aquesta oveja?
Ay de mi! amante Dios,
Si la dexas sin albergue
Siendo tu el buen Pastor.
Aora Señor que lloro,
Oyga el brado de tu voz,
Para seguir los precetos,
Que traen vida mejor.
Habla Señor a mi pecho,
Que lexos vive al dolor;
Pues mal podrá siendo bronze
Obrar sin la espiracion.
Di Señor, que el siervo oye;
Manda piedoso Señor,
Que a todo quanto mandares
Se offrece mi coraçon.
No dexaré de adorarte
Mi Dios, mi vida, mi amor;
Ni tu dexes de quererme,
Pues sin ti me pierdo yo.
Mandame yá como a siervo
Moviendome lo interior,
Que llore (pues he cahido)
En triste lamentacion.

Salgan mares de mis ojos,
Y en ólas tal compuncion,
Que ſe hagan fuego las aguas
Para abrazarme de amor.
Siendo tu del alma eſpoſo,
Yo amante te la doy;
No permitas que ſe pierda
Alma, que es tuya Señor.

Soledad del alma, haziendo memoria de la Aſcencion de Chriſto nueſtro Señor.

ROMANCE V.

AY mi Dios, ay mi Señor,
Que es eſto! Porque te auſentas?
Quando la gloria del Cielo
La tenia en tu preſencia?
Es poſſible que a los Cielos
Vás ſubiendo oy de la tierra,
Dexando en ſoledad triſte
Mi alma en dolor deſecha?
Es poſſible dueño amado,
Que me dexes en auſencias,
Sepultado en un abiſmo,
Todo en dolores, y penas?

Como

Como assi me dexas triste?
Oh luz más clara, y más bella,
Dexando al mundo confuso
Con la noche de tu ausencia!
Mas ay, como te retiras
De quien tu amor alimenta;
Si sabes que en ausentarte
Mas tierna el alma se quexa!
Ay mi bien todo adorado,
Como assi de mi te alexas?
Buelva, buelva dueño mio
A mirarme tu clemencia.
Nó huyas, Señor, nó huyas
De un alma triste, y sedienta
De mirar de amor rubies
En tus llagas siempre abiertas.
Si se rasgaron por mi,
Dexame esconder en ellas,
Porque assi vivo contento
Con la gloria de tus penas.
Si amante baxaste al mundo
Solo por pagar mis deudas,
Dexa que te pague el alma
En sacrificio essa offrenda.
Si muero en la soledad,
Llevame, que es justo vea,
Que tu me llevas el alma,
Quando en distancias me dexas.

Na saudade da alma para com Deos.

ROMANCE VI.

NA grossaria de hum corpo
Feito para saudades
Choro ao divino hũa ausencia,
Sinto o rigor de meus males.
Meus olhos em duas fontes
Sahem formando dous mares
Mostrando os olhos no pranto
Do sentimento os quilates.
Sinto, porém sinto pouco
Em taõ grande saudade,
Pois na ausencia deste bem
Minha alma devo mandarlhe.
Mas oh meu bem infinito
Quanto has de dilatarte?
Vem, pois me déixas penando
Só porque tu te ausentaste.
Ay meu bem, ay meu querido,
Eterna immensa bondade,
Naõ fujas a quem te busca
Taõ amante, inda que tarde!
Que he isto meu bem, que he isto,
Como assim de mim te partes,
Vendo que o naõ verte he morte,
Vendo que he morte o deixarme!

Mas

Mas ay, que acharte naõ posso,
Sem que tu queiras buscarme;
Pois só quando tu me buscas
Entaõ só chego a alcançarte.
Que hey de acharte fino amante
Hum fino amor me persuade;
E por isso com suspiros
Te busco por toda a parte.
Oh meu bem, ó meu amor,
Meu Senhor, meu Deos amante,
Quando voltarás a verme,
Se he meu desterro taõ grande.
Vem Senhor, naõ te detenhas,
Pois morro na saudade;
E se eu morro só por verte,
Morrendo quero alcançarte.

Colloquio ao Minino Deos feito para huma Religiosa irmã do Autor.

ROMANCE VII.

SEjais bem vindo meu Deos
Do Ceo á terra este dia
A ser nos braços da Aurora
Divino Sol de justiça.

Se-

Sejais meu mano bem vindo,
Minha doce companhia
Pois vos fizestes humano,
Vendo que isto nos convinha.
Sejais mil vezes bem vindo,
Amante Deos, glória minha;
Pois por vós o humano ser
Já da morte resuscita.
Vinde cá para meus braços,
Andai, que sois vida minha,
A qual pela vossa ausencia
Jáestava desfalecida.
Chegàivos bem a meu peito
Minha prenda mais querida,
E tomai posse desta alma,
Que he mais vossa, do que minha.
He possivel, que quereis
Descansar nessa lapinha,
E naõ em meu coraçaõ,
Que mais vos ama, e estima?
Doce Esposo de minha alma,
Bem vejo que naõ sou digna
De vos ter dentro em meu peito
Por ser creatura finita.
Mas Senhor vossa bondade
He tal, que me certifica,
Que se vos amar de veras,
Vós me fareis companhia.

De-

De veras Senhor vos amo,
Nem quero ter outra vida
Mais do que ſómente amarvos,
Pois ſó iſſo he gloria minha.

Alegre-ſe o mundo todo
Com a gloria deſte dia,
Pois vem a ſalvar o mundo
O promettido Meſſias.

Já por vós morro de amores
Meu Minino, minha vida,
E quanto obrar cuidadoſa
O meu amor vos dedica.

Naõ haja couſa em meu peito,
Que a vós Senhor vos naõ ſirva,
Pois meu coraçaõ vos ama
Com fé mais ſanta, e mais viva.

Aqui proſtrada me offreço
Como ſerva, eſpoſa, e filha,
Quando em livrarme da morte
Vindes à perder a vida.

Se eſtais por mim neſſe feno
Ao rigor da noite fria,
Hoje o incendio, que me alenta
De abrigo amante vos ſirva.

Se na clauſura, em que vivo,
Ha quem vos ame mais fina,
Ao menos eu entre as ſervas
Tenho a clauſura por dita.

Eſta

Esta escrava attendei hoje,
Pois busca em vossas caricias
Todo o bem da vossa graça,
Toda a gloria em ser cativa.
Se agora as lagrimas vossas
Choraõ as offensas minhas,
Bem posso entender que tenho
Nesse choro toda a dita.
Mas naõ choreis tenro Infante,
Pois vos vejo compassiva,
De que sendo hum Deos immenso,
Tomeis pezar nessa vida.
Mas oh meu Deos, quanto devo
A' misericordia divina,
Pois vos humilha ao patibulo,
Só porque eu na gloria viva.
Graças vos dou meu minino,
Pois humano vos envia
Vossa mesma divindade
A morrer por culpa minha.
Mas oh, se eu posso pagarvos,
Amor já me sacrifica
Para naõ deixar de amar
A quem por amor se humilha.
Tende cuidado desta alma,
Desta esposa, e desta filha,
Pois clausulada vos busca,
Toda vossa, e nada minha.

PA-

PAPA LA MISMA HERMANA del Autor.

EN COLOQUIO.

Buena dicha al Niño Jesus en su natividad.

ENDECHAS.

OY mi tierno Infante
Oy mi sacro niño
Os rindo las gracias
Por averos visto.
Mucho en ora buena
Seais bien venido
Alumbrar el mundo
Como Sol divino.
Nó vengais llorando,
Aun que desnudito;
Porque assi lo quiere
Vuestro Padre mismo.
Una gitanilla
Soy, que del Egypto
Vengo a saludaros,
Porque haveis nascido.

Oy

Oy la buena dicha
Tengo de deziros
Entre los assombros
De mis vaticinios.
Mostradme la mano,
Mi Dios, y mi niño:
Mas ay, que en sus rayas
Noto mil prodigios.
Flores encarnadas
Vuestras palmas miro,
Porque Dios, y hombre
Sea conocido.
Tambien flor el cuerpo
Miro que ha nascido;
Porque el cuerpo fuesse
Flor de los martirios.
Ay, mi lindo Infante!
Otra señal miro,
Que buscais la muerte
Para redimirnos.
Inhumano el hombre
Contra vós se ha visto,
Pues siendo el culpado,
Os lleva al suplicio.
En Belen nasciendo
Huireis a Egypto,
Porque nó conviene
Que acabeis tan niño.

Volvereis deſpues;
Jeſus, que prodigio!
Enſeñando al mundo,
Que ſois de Dios hijo.
Vueſtra Madre miſma
Os avrá perdido,
Quando yá del Cielo
Moſtreis el camino.
Mucho a padecer
Venis, amor mio,
Siendo vueſtra carga
Los peccados mios.
Yá deſpues de prezo
Os echaran grillos;
Vendando-os el roſtro
Hombres atrevidos.
Cinco mil açotes
Ay, Jeſus! Que digo?
En vueſtras eſpaldas
Dará braço impío.
Vueſtra bella frente,
En que el Cielo admiro,
La herirá diadema
De muchos eſpinos.
Vueſtro cuerpo todo
Sera tan herido,
Que al dolor la ſangre
Dará muchos rios.

Un madero a cuestas
Será gran martirio,
Quando en vuestros hombros
Descargar el tiro.
Las manos clavadas,
Y los pies divinos
Para un mar de sangre
Daran quatro Nilos.
Yá crucificado
Os veo, Dios mio,
Señal prodigioso,
Que me abre el Empyrio.
Más en vuestro lado
Un ciego atrevido
Ha de abrir la fuente,
Con que me redimo.
Muchos más señales
Hallo en vos, mi niño,
Pues todos los muestra
Vuestro amor más fino.
Yá la buena dicha,
Mi bien, os he dicho,
Siendo que a mi sola
Buena dicha digo.
Vuestras penas vienen
Yá para mi alivio;
Dichas, que me esperan,
Glorias, a que aspiro.

Colloquio ao naſcimento do Minino Deos, recitado por huma Recolhida no Recolhimento da Miſericordia, a qual hia para Freira para o Convento do Salvador.

ROMANCE VIII.

VInde, vinde meus amores,
Chegai, chegai meu Minino,
Pois que nos braços da Aurora
Vos vejo em glorias naſcido.
Toda a gloria deſſes Ceos
Meu Jeſu, meu Sol divino,
Vejo que deſceo comvoſco,
Vejo que hoje eſtá comigo.
Sendo vós os meus amores,
E o meu divino feitiço,
Com amores, e holocauſtos
Louvarvos hoje he preciſo.
Meu peito todo em amores
Vos quer dar mais doce abrigo,
Pois na lapinha, e no feno
Vejo que tremeis de frio.
Se por entre nuvens hoje
Os Anjos vos cantaõ Hymnos,
Por Deos tambem vos confeſſo,
Por Salvador vos eſtimo.

Toda a fortuna,que eu busco,
Meu bem, em vós a decifro,
Pois nos vindes tirar hoje
Do cáos terrivel do abismo.
Se Maria vossa Mãy
Vos estima como a filho,
O Padre Eterno vos ama,
Verbo encarnado, e divino.
Esse Esposo de Maria,
Que he vosso Pay putativo,
Já vos adora prostrado,
Vos chama Deos infinito.
E se tudo a vós se humilha,
Eu que tambem vos estimo,
Vos dou culto, e vos adoro,
Meu bem, meu Deos, meu Minino.
Eu, que tambem neste claustro
A vós meu bem me dedico,
Já vos amo como a Esposo,
Já vos busco no retiro.
A misericordia agora
Brilha mais o beneficio
A'dorarvos mais constante,
Vendo-vos hoje nascido.
A vós, que vindes ao mundo,
Para perdoar delictos,
Vos rendem culto os affectos,
Vos entrego os meus sentidos.

A

A vós, que a gloria trazeis,
Porque sois Deos infinito,
Vos busca amante meu peito,
Porque vos quer ter comsigo.
Vinde, que o meu coraçaõ
Vos póde servir de arrimo,
Para que esses vossos passos
Me dem a gloria, a que aspiro.
Acabem-se estas distancias,
Fazeime prompto o caminho,
Feneçaõ difficuldades,
Atropelem-se desvios.
Levaime já meu bem todo
A' clausura de outro sitio,
Pois que só quero em custodia
Darme a vós meu Deos, meu brinco.
E pois he certa a esperança,
Com que alento meus suspiros,
Chegue o Salvador, que eubusco,
A que já me sacrifico.
Se sois vós quem por mim chama,
Amante tambem vos sigo,
E toda a gloria, que eu quero,
He sómente a de servirvos.
Chegai, chegai a meu peito
Vós meu divino feitiço,
Que hum Salvador só procuro,
A hum Salvador me dedico.

Mas quando meu bem chegarem
De vós tantos beneficios,
Só no goſto de ſer voſſa
Terei prazer infinito.

A Chriſto crucificado.

ENDEXAS.

MEu Deos, e Senhor,
Triſte já minha alma
Sente a minha vida,
Por ſer eſtragada.
Hoje a vós recorre
Minha alma em deſgraça,
Já chorando culpas,
Já ſentindo magoas.
Já Senhor me peza,
Já Senhor me enfada
O offendervos tanto,
Sendo vós minha alma.
Já naõ quero vida,
Nem já quero nada,
Mais que vida nova,
Nova pela graça.
Alcançoume a morte
Das culpas formada,
Para ſepultarme
Na mayor deſgraça.

Senhor, já meus olhos
Chóraõ rios de agua,
E bem he que chore
Quem taõ mal vos trata.
Só por vós me peza,
Só por vós tomara
Nunca ver das culpas
A maldita entrada.
Oh se minha mãy
Nunca me gerara,
Naõ vos offendera
Vida taõ ingrata!
Porém já Senhor
Na vida passada
Naõ ha mais remedio
Senaõ só choralla.
Chorem bem meus olhos,
Sinta bem minha alma
Hũa dor taõ grande,
Com a qual se parta.
Senhor, naõ só temo
Do inferno as chãmas,
Mas sómente sinto
Serem por vós dadas.
Que eu vos offendesse!
Oh Deos de minha alma,
He o que mais sinto,
He o que me mata.

Sinto minhas culpas,
Pois me fazem carga;
Soccorreime agora,
Pois já ſinto a magoa.
Venhaõ as correntes
Deſſas maõs raſgadas;
Lave o voſſo ſangue
Culpas na deſgraça.
Ay Senhor, que he iſto?
Como tanto tarda
A dor mais intenſa,
Quando o mal me aparta?
Daime hũa dor grande,
Pois pertendo achalla,
Como aos voſſos pés
Entregar minha alma.
Naõ deixeis a ovelha,
Que vos cuſtou cara
Meu doce Jeſus
Só em reſtauralla.
Vinde já Senhor,
Venha voſſa graça,
Dando vida nova
A' mais deſgraçada.
Ay Senhor que choro,
Ay Senhor que clama
Eſta creatura
De barro formada.

Subaõ meus ſuſpiros,
Ouvi minhas ancias
Neſſas miſericordias
Nunca numeradas.
Neſſes pés, e maõs
Tendes muitas chagas,
Com minhas offenſas
Sempre renovadas.
Na croa de eſpinhos
Que aſſim vos maltrata,
Eu com minhas culpas
A fiz mais pezada.
Neſſe peito amante,
Que deo ſangue, e agua
Eu mais torpe, e cego
Dupliquei a chaga.
Ay Senhor que torpe,
Ay Senhor que errada
Foy a minha vida,
Sendo vós minha alma.
Sem temor, nem pejo
Eu na culpa eſtava,
Dandome ao demonio,
Pois lhe dava entrada.
Mas que digo agora
Quando ſó choradas
Devem ſer as culpas
Pois vos ſaõ contrarias?

Huma dor quizera,
Que immensa se achára,
Pois huma dor grande
Toda a culpa lava.
Daima vós meu Deos,
Que a creatura fraca
Mal póde ter dor
Sem ser por vós dada.
Mas oh, que já sinto
Huma dor taõ alta,
Que me dá huma vida,
E outra vida mata.
Morra para o mundo
Vida taõ ingrata,
Pois com Deos vivendo
Melhor vida se acha.

Em louvor da Virgem N. Senhora.

ROMANCE IX.

Para louvar a Maria
Meu amor invoca as plantas,
Porque só no mez de Abril
He que estaõ mais engraçadas.
Neste mez a terra em frutos,
(Qual esmeralda animada)
Dá flores á Primavera,
Dá á Primavera as galas.

Esta

Eſta ſe veſte rizonha
  Taõ viſtoſa, e taõ galharda,
  Que he cada planta hum portento
  Para dar a Deos mil graças.
Porém a Maria agora,
  (Em que meu amor ſe exalta)
  Quer louvar meu coraçaõ
  Só por contentar minha alma.
O'alegre Primavera,
  Que eſtas já poſta em campanha,
  Entra a louvar a Maria,
  A Maria Mãy da graça.
Toca por clarins de flores
  Com extremos de eſmeraldas,
  E dize: Viva Maria
  Em huma, e outra alvorada.
Repitaõ montes, e valles,
  Boſques, ſelvas em voz alta
  Os vivas da Primavera
  A Maria Aurora ſacra.
Naõ fique alcaçar no mundo,
  Nem terreno quanto abraça
  Deſde hum a outro polo
  Onde a Primavera ſe acha:
Que naõ cante em alegrias
  Com vozes multiplicadas
  Por quantas, que anima flores,
  Glorias a Maria ſacra.

Su-

Subaõ á vaga regiaõ
As vozes articuladas,
Mais doces que a flor vistosa,
E sejaõ tudo cantatas.
A Maria louve o mundo,
A Maria louve a gala,
Que só veste de cores
A Primavera esmaltada.
E tu ó palma graciosa,
Que nunca ao pezo te abrandas,
Sem mancha louva a Maria,
Pois comtigo he comparada.
Do Libano desça o cedro,
Onde vistoso se exalta,
E com perpetuos louvores
Festeje a Maria intacta.
De Jericó venha a rosa,
E das folhas encarnadas
Sayaõ letras em louvor
De Maria, flor da graça.
O platano sempre alegre,
E viçoso junto da agua
Venha louvar a Maria
Dos Ceos Rainha acclamada.
A fructifera oliveira
Venha com paz duplicada,
Clamando: Viva Maria,
Que aos homens amante ampara.

O ci-

O cipreſte de Siaõ
Como planta das mais altas
Se proſtre aos pés de Maria
Como a Rainha ſagrada.

O balſamo, e cinamomo,
Que ſuave cheiro exala,
Venha nas chãmas do culto
Louvando a Maria em áras.

Eſte paſmo, eſte prodigio,
Eſta Mãy de toda a graça
Louvo, e juntamente amo,
Pois he refugio á minha alma.

AVISOS IMPORTANTES a qualquer alma devota.

I.

NAõ ſe alcança dos Ceos a feliz ſorte,
Sem que ſe buſque a Deos na vida, e (morte.

II.

Trabalha, e lida, alcançarás victoria;
Mas nunca faças nada por vangloria.

III.

Sê humilde com todos, porque he certo
Acha a boa humildade o Ceo aberto.

IV.

Naõ contemples com os homens no que he (injuſto,
Contempla ſó com Deos, naõ tenhas ſuſto.

V.

Nenhum reſpeito humano a ti te obriga,
Quando a cauſa he Deos, a Deos ſe ſiga.

VI.

Toda a gloria do mundo he vento, he nada,
Só a gloria de Deos he eternizada.

VII.

Faze ſempre o que he juſto para a morte,
Porque entaõ has de achar boa, ou má ſorte.

VIII.

VIII.

Tudo nas obras se acha, até a ventura
Deste mundo no bem mais se assegura.

IX.

Naõ busques gloria tua em cousa alguma,
Naõ faças mal a nada em tua vida,
A Deos serve sómente convertida,
E falle o mundo embora o que costuma.

X.

Duas cousas nos esperaõ
Ambas com hum ser eterno,
Que he huma, ir para a gloria,
A outra, para o inferno.

Considera nos teus novissimos sempre,
E já mais peccarás eternamente.

Gloria sit Patri,
Virgini atque Matri.

VIsto estar conforme com o original, póde correr. Lisboa Occidental 12. de Junho de 1736.

Fr. R. de Lancastro. Teixeira. Silva. Cabedo. Soares. Abreu.

VIsto estar conforme com o original, póde correr. Lisboa Occidental 12. de Junho de 1736.

Gouvea.

TAxaõ este livro em papel em 60. reis, para que possa correr. Lisboa Occidental 14. de Junho de 1736.

Pereira. Teixeira. Rego.